



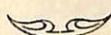
APOLÔNIA PINTO E SEU TEMPO

POR

JOSE JANSEN

*"Pois com esforço, e leais
Serviços forão ganhados
Com êstes, e outros tais
Devem de ser conservados"*

(Na Casa de Sintra, em Portugal, estão os brasões portuguêsos,
por baixo da aba do fôrro do teto, onde se lêem êstes quatro
versos, nos quatro lados das paredes, em letras de ouro.)



927
PIN
JAN
17.1
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1953

[35967] 193768

BIBLIOTECA

S. N. Te.

Reg. 2.674
Em 17.3.61

José Jansen Ferreira, descendente de tradicional família maranhense, nasceu em São Luiz do Maranhão a 17 de setembro de 1904. Na sua cidade natal colaborou em diferentes jornais, tendo fundado e dirigido com o poeta Antônio Vasconcelos a revista «Marabá», da qual, além de diretor, era colaborador e ilustrador.

Funcionário federal, tem servido em vários gabinetes; advogado em direito, advogou por muitos anos no Distrito Federal; jornalista, tem colaborado em diversos jornais e revistas, escrevendo contos, crônicas, história e crítica teatral.

A convite de Abadie Faria Rosa, quando este teatrólogo era diretor do Serviço Nacional de Teatro, pronunciou uma conferência sobre «Generalidades sobre a Expressão Teatral» no Instituto de Ciência Política, trabalho que foi divulgado mais tarde pela revista daquele órgão de estudos.

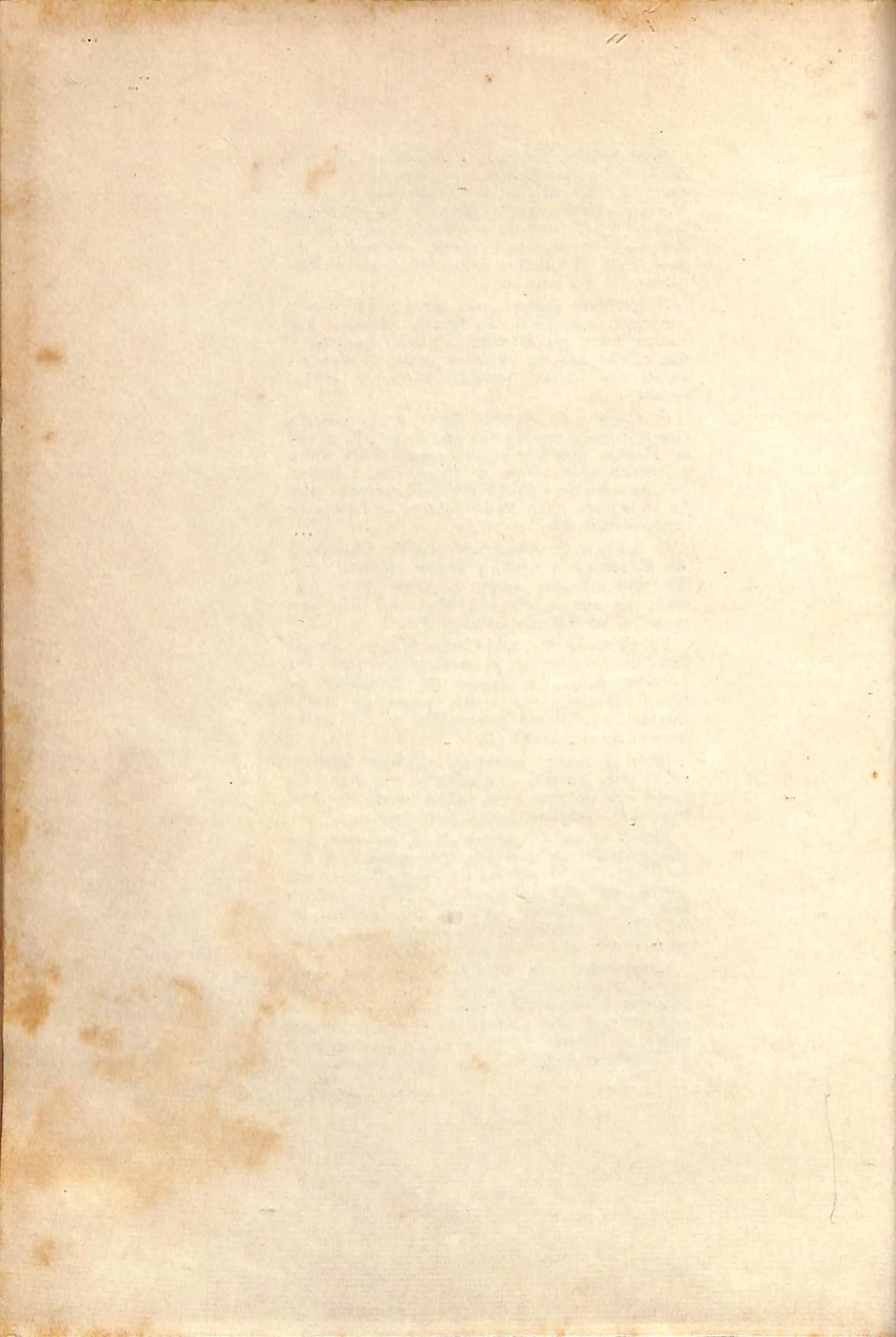
O Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura dando início a uma das suas coleções, editou recentemente o trabalho de sua autoria intitulado «A Máscara no culto, no teatro e na tradição».

Substituindo Paschoal Carlos Magno, quando este se encontrava a serviço do país em Londres, dirigiu o Teatro do Estudante do Brasil, fazendo representar peças do teatro clássico em língua portuguesa e do teatro francês do século XVIII.

Para o teatro escreveu: «Amiga Íntima», «Zizi quer casar», «Eutanásia» e a peça infantil «A menina e a fada», tendo também traduzido algumas peças estrangeiras.

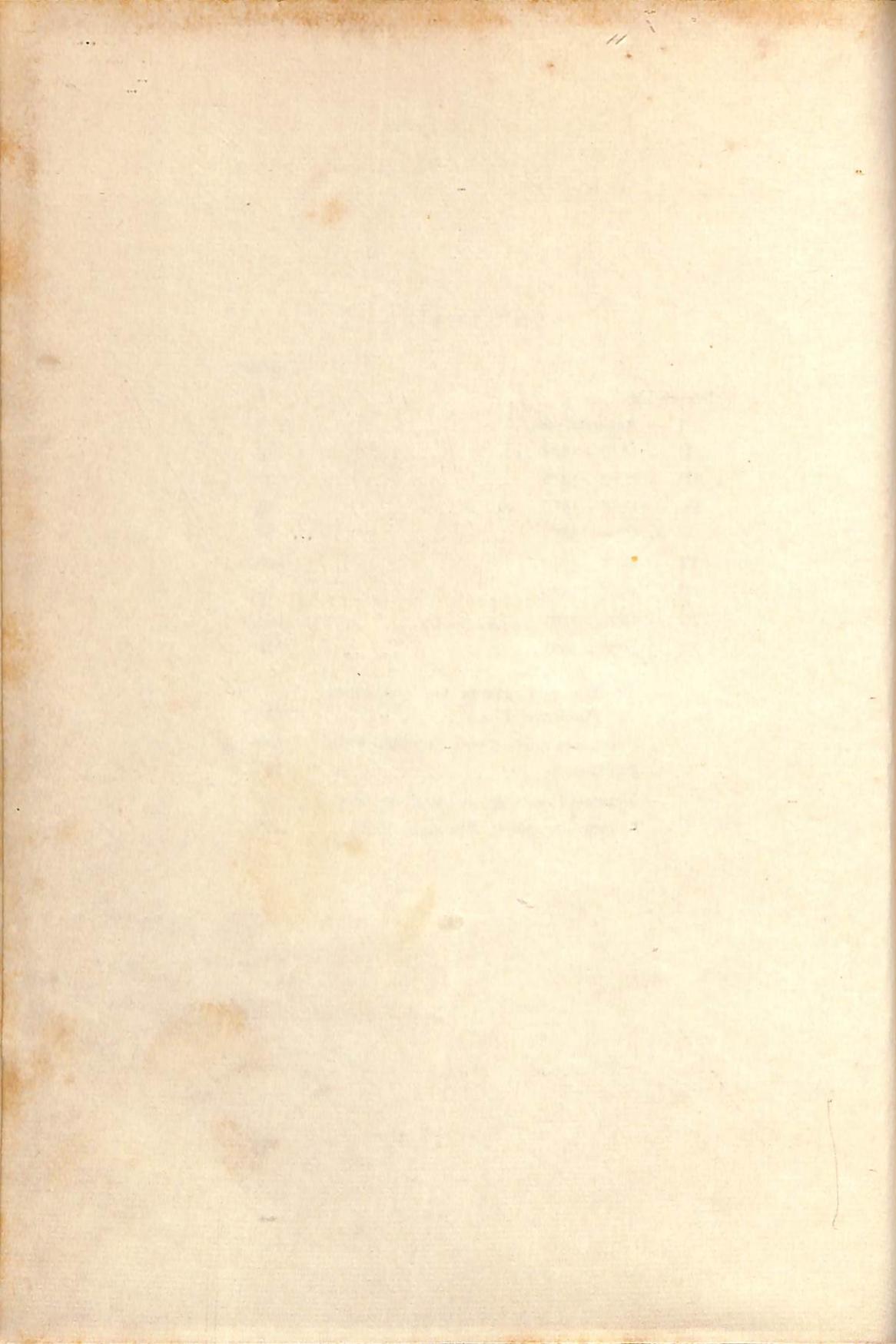
Dedicando-se à caracterização, lecionou esta especialidade no Seminário Dramático T.E.B., no Teatro de Amadores de Pernambuco e em outras entidades do gênero. Criou a cadeira sobre a matéria no antigo Curso Prático do S.N.T. e atualmente é professor da mesma no Conservatório Nacional de Teatro.

Compondo uma infinidade de tipos marcantes, é responsável pelas caracterizações de algumas centenas de espetáculos, dentre as quais cumpre destacar as do Festival Shakespeare, no Teatro Fênix, e as de apresentação do Teatro Indiano.

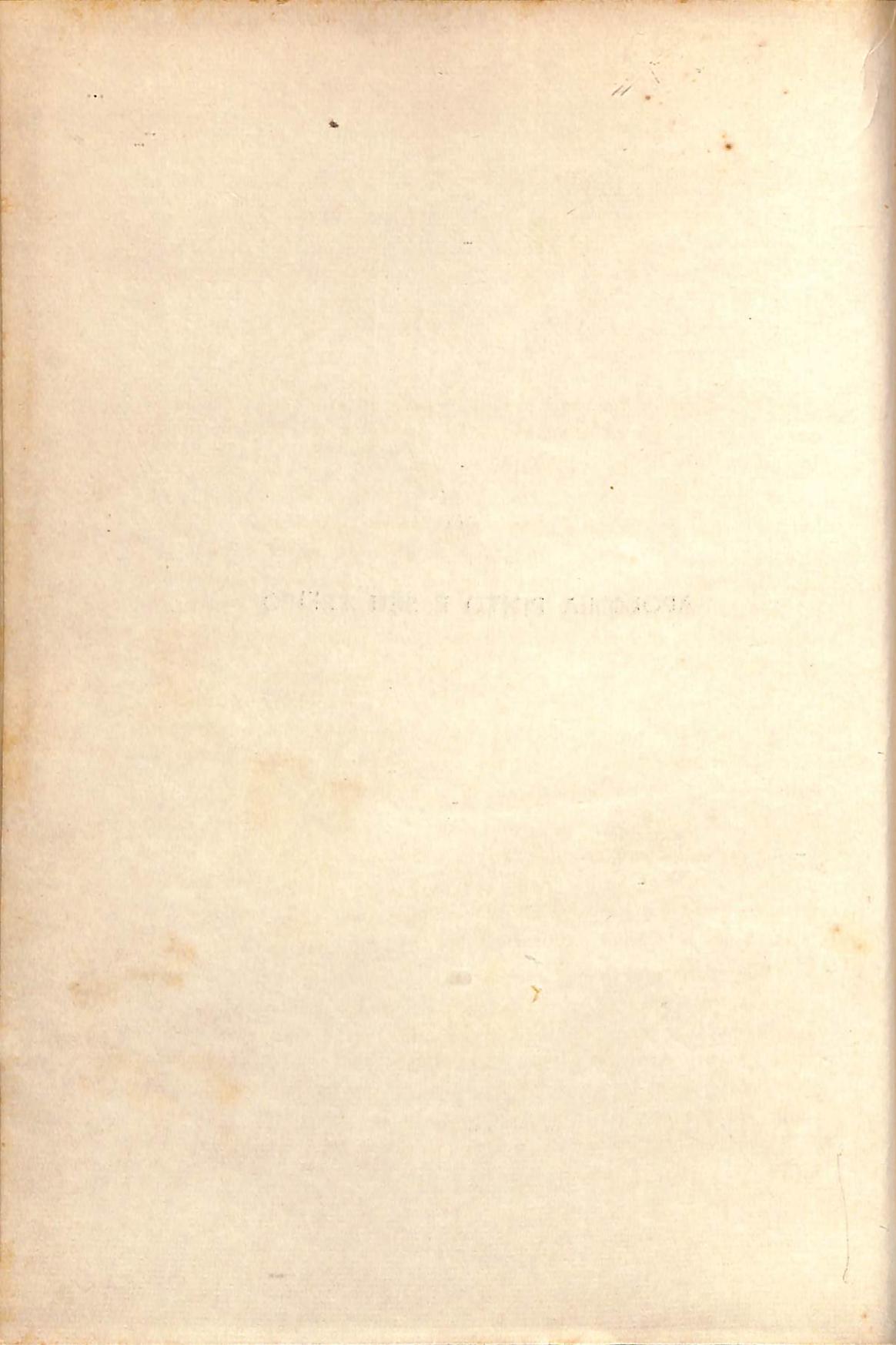


Í N D I C E

	Págs.
Introdução	7
I — Antecedentes	9
II — 1870 - 1871	17
III — 1872 - 1875	29
IV — 1875 - 1876	43
V — 1876 - 1877	57
VI — 1878 - 1879	65
VII — 1881 - 1889	73
VIII — 1890 - 1899	103
XI — 1900 - 1937	127
— Teatros e empréas em que atuou Apolônia Pinto	183
— Peças nas quais atuou Apolônia Pinto	185
— Bibliografia	195
— Momento da vida de Apolônia Pinto	197
— Iconografia sôbre Apolônia Pinto ..	199



APOLÔNIA PINTO E SEU TEMPO



INTRODUÇÃO

De princípio, não houve projeto para fazer este livro, mas a grande quantidade de documentação, que o acaso foi reunindo, animou-me a ampliar o material.

Por simples curiosidade comecei a indagar da própria Apolônia Pinto e de contemporâneos seus. Depois, desejando ver comprovadas as informações colhidas, procurei pesquisar e fui organizando, fragmento a fragmento, um arquivo que já então merecia ser conservado para não se dispersar no espaço e no tempo, relegando ao esquecimento, como outras, uma figura tão interessante do nosso teatro.

Para amenizar a citação seca e rígida da simples documentação, procurei dar à seqüência dos fatos a forma de narrativa, como se folheássemos um velho álbum com retratos de amigos e parentes, sem a intenção de produzir obra literária.

Todos os fatos narrados são devidamente comprovados, porque uma biografia, quer seja ela de Apolônia Pinto, de um mandarim ou faraó, não pode ser uma obra de imaginação; tem de ser fundamentada em acontecimentos passados, sob pena de falhar à sua qualidade biográfica.

Por vezes os fatos a que se alude neste volume são como os tacos de uma colcha de retalhos. Cada qual, separadamente, faz imaginar o que teria sido a peça de onde tenha provindo, e seria então matéria para um estudo especial no qual se teria de abordar o ambiente, as origens determinantes, as consequências e, finalmente, os pormenores decorrentes de uma observação minuciosa e ... talvez indiscreta. E' tarefa que deixo para quem melhor o faça.

É mais fácil deixarmos a nuvem diáfana que envolve certas passagens e mais justo respeitarmos o segredo daqueles que tiveram o cuidado de turibular, para envolver no fumo perfumado das conjecturas, acontecimentos íntimos que não desejariam viessem à luz da publicidade.

Todo o meu desejo é que o leitor sinta, através dos elementos apresentados, a significação dessa figura singular de nossa arte teatral.

I

No velho Portugal, comêço do século XIX, o Rossio começava a escurecer. No botequim do Nicola, do qual foi freqüentador assíduo o poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage, a graciosa Rosa Adelaide, filha do dono do estabelecimento, acendia as luzes, cantarolando uma quadra popular.

Horas depois começavam a chegar os primeiros boêmios; alguns poetas, prosadores e simples cavaqueadores que procuravam matar o tempo enquanto saboreavam o bom vinho ali servido à fre-guesia.

Noites memoráveis aquelas. Muitos versos, hoje célebres, ali foram compostos. Quantas frases de espirito, quanto improviso feliz ali surgiu e ficou...

É a êsse botequim que se refere uma das quadras mais populares do imortal Bocage.

Foi ao sair dali que uma noite o poeta esbarrou, na rua, com uma patrulha, que, apontando-lhe as pistolas engatilhadas, fêz a clássica pergunta :

— “Quem é, de onde vem e para onde vai ?” Ao que êle respondeu prontamente:

— “*Eu sou Bocage,
Venho do Nicola
E vou pro outro mundo
Se dispara a pistola*”. (1)

(1) Nicola era avô de Apolônia, aparentado do célebre cantor italiano Luigi Marchezy, foi amigo de Bocage, o grande poeta português que o imortalizou nos seus versos.

*
* *

Rosa Adelaide, que iniciou carreira artística no velho Teatro Salitre, onde se representavam trabalhos de Bocage e Garret, foi para o D. Maria, onde estreou com a comédia "Um par de luvas".

Pouco depois casava-se com o ator Feliciano da Silva Pinto e em companhia dêle foi trabalhar no Teatro D. Fernando, de Lisboa, onde estreou fazendo o papel de Serafina em "Trabalhos em vão", de Duarte de Sá. (2)

*
* *

Uma noite, a 21 de junho de 1854, na capital do Maranhão, o Teatro São Luís regurgitava todo iluminado. Nas frisas, nos camarotes e nas poltronas os dândis da época assestavam os binóculos para as senhoritas que correspondiam com furtivos olhares, evitando uma advertência da mamãe atenta e severa. Jóias faiscavam, as cabeleiras frisadas e o fru-fru das pesadas sêdas de saias balão, tudo isso dava ao velho teatro um encanto que nós não conhecemos.

As volumosas saias, para as quais dez metros de fazenda ainda era pouco pano, faziam realçar a esbelteza das cinturas que as damas espartilhadas primavam em usar inconcebivelmente finas.

Havia senhoras que vestiam autênticas criações francesas, e se podiam ver, em suas casas, caixas com as famosas etiquêtas — "Rue de la Paix". É que o maranhense abastado mais facilmente viajava, a passeio, para a Europa que para o Rio de Janeiro.

Pairava no ambiente uma fragrância de perfumes misturados; aqui se acentuavam as evoluções de água de colônia, ali sentia-se mais o cheiro de pomadas de cabelo ou de flores machucadas que as mulheres traziam no seio, sob o decote.

As mocinhas usavam vestidos claros: rosa, azul, verde e outras cores tão frescas e alegres como sua cútis; as senhoras preferiam os tons escuros ou neutros: preto, azul, lilás ou cinza.

(2) Grande mestre do teatro português e foi diretor do Conservatório.

Representava-se um drama em cinco atos da autoria de J. da Silva Mendes Junior, intitulado "O tributo das cem donzelas", no qual fazia o papel de ingênuia a atriz Rosa Adelaide Marchezy Pinto, que, por sua vida recatada e honesta, vencendo os ríjos preconceitos daquele tempo, em relação a artistas de teatro, tinha conquistado no seio da sociedade muitas simpatias e amizades. O Vice-Presidente da Província, Antônio Cândido da Cruz, depois Visconde do Sérro Frio, ocupava a "tribuna", em companhia de alguns amigos; na platéia estava o que a cidade tinha de mais elegante, e nas "torrinhas" o zé-povinho se acotovelava atento à espera do levantar do pano.

O espetáculo, porém, não podia continuar; fôra interrompido entre o segundo e o terceiro ato; Rosa Adelaide havia sentido sintomas da maternidade. É preciso notar que isso se passava em plena voga da saia balão, única maneira de se compreender estar uma gestante fazendo o papel de ingênuia.

Pouco depois, no camarim nº 1, que ocupava a atriz, rompiam os vagidos de uma menina, nascida como por predestinação numa terra de poetas e prosadores, numa casa de arte e filha de dois artistas !

Nascendo no tempo da crinolina, da saia balão, que empresava à mulher um ar irreal de boneca, no tempo em que os homens, pelas imposições da moda, eram obrigados a amar à distância, aquela menina viria a ser, um dia, a mais deliciosa ingênuia da cena brasileira.

Uma ilustre dama da sociedade maranhense, a Sra. D. Apolonia Fragoso, espôsa do Sr. Augusto Fragoso, teve para com a família de artistas tão cativantes manifestações de carinho, que convidaram-na para madrinha da menina, a quem deram o seu nome; e ficou combinado que os seus primeiros anos a criança havia-os de passar no Maranhão, em sua companhia. Fêz-se mesmo um vago projeto de orientar aquela vida que começava em outro sentido que não fosse o teatro: faria seus estudos em casa ou em um dos bons colégios para meninas existentes no Maranhão; estudaria desenho com algum dos bons pintores da terra, aprenderia as habilidades que convinham a uma moça da socie-

dade e poderia fazer um casamento burgês, teria filhos e seria feliz. Não lhe convinha seguir aquela vida nômade de viagens contínuas, sem pouso, sem lar, quase sem teto.

Alguns anos depois, uma tarde, D. Apollonia Fragoso, tentando escolher uma jóia e um chapéu para presente de aniversário da afilhada, mandou o moleque de recados à casa de Antônio Santos Júnior, na mesma rua em que morava, número 38, para levar um palanquim de dois lugares, a fim de conduzi-la com Apolônia à joalheria de Félix Girardot, na rua Grande, 27. Quando chegou a cadeirinha de arruar, D. Apollonia Fragoso, sentando-se com a afilhada em frente, mandou passar primeiro na padaria do número 45, na mesma rua Formosa, e depois de fazer as suas recomendações ao dono do estabelecimento, sem saltar, foram para a rua Grande.

Dentre as jóias mostradas por Girardot, nada correspondeu ao que desejava a senhora que resolveu ir a outra casa do gênero. Assim, dirigiu-se mesmo a pé ao número 11 da rua Grande, onde Amâncio José da Paixão Cearense tinha sua casa de jóias. Depois, sentando-se novamente na cadeirinha, se fêz conduzir ao estabelecimento de modas de Mme. Ory, no Largo do Carmo. Feitas as compras, voltaram para casa, na cadeirinha carregada por dois possantes negros escravos.

*
* *

Mais tarde, os pais de Apolônia, de volta de Portugal onde estiveram trabalhando no "D. Fernando" de Lisboa, choraram de alegria ao rever a filha então com seis anos de idade, mas já demonstrando inteligência curiosa, tudo perguntando e querendo saber.

Feliciano da Silva Pinto era um homem bem apessoado, com certo ar distinto, fisionomia regular, cabelos e olhos negros, voz agradável. Sabia fazer bom círculo de relações, e dentre as suas amizades contava a estima de Gonçalves Dias, com quem empreendera muitas viagens pelo sertão e o qual muitas vêzes trouxe ao colo aquela que um dia havia de ser a grande Apolônia Pinto.

Depois de uma série de espetáculos, a companhia se dispersou e Feliciano da Silva Pinto passou a trabalhar em outras atividades, fora de sua profissão, a fim de poder suprir as necessidades da família, enquanto, em casa, Rosa Adelaide fazia trabalhos manuais, costuras finas, sacos de aniagem e tudo o mais que pudesse dar algum dinheiro. Passavam-se os anos e de tempos em tempos a companhia se reorganizava para dar nova série de espetáculos e dispersar novamente. Feliciano, que era Grão Mestre da Maçonaria, grau 33, via a filha crescer e progredir nos estudos, demonstrando uma inteligência que muito prometia. Ao cair da tarde, de volta do colégio, Apolônia ajudava a mãe nas costuras e cuidados caseiros; fazia a limpeza e arrumação da sala, cuidadosamente dissimulada, onde funcionava a loja maçônica e, levada por sua natural curiosidade e pelo hábito de leitura que o pai lhe inculcara, para que lendo em voz alta aprendesse articular bem as palavras, lia e sabia de cor todos os ritos maçônicos.

Apolônia cursava o Colégio Sant'Ana, na rua Formosa, n. 1, dirigido por D. Maria Sant'Ana Tiago Franco de Sá e suas sobrinhas Dona Ana de Sant'Iago Franco de Sá, Antônia Virgínia, Maria da Conceição e Filomena Franco de Sá. Ali, aprendeu a ler, escrever, a fazer as quatro operações, civilidade, moral, gramática, exercício de memória, costura, marca, bordado, a fazer flores de cera, papel, sêda, lã e canutilho. Teve como professor de desenho o notável pintor maranhense Francisco Peixoto Franco de Sá, e, por tudo isto, se pagava vinte e cinco mil réis de mensalidade.

No colégio, a "menina Pinto", como a chamavam, fazia progressos nos estudos, mas era vigiada pelo comportamento. Os pitos não conseguiam modificá-la, porque suas travessuras eram diárias. Cada vez que a punham de castigo ela, com carinha de santa, prometia emendar-se, mas logo no dia seguinte fazia novas estrepolias.

Era uma dessas crianças que agradam a todos. Alegre, de uma alegria contagiosa, gostava de contar histórias e casos imaginários. Para o fazer, tomava as atitudes e maneiras de falar de cada um dos personagens da narração. Inventava casos e os descrevia com tais minúcias que acabava por julgá-los reais. Muitas

vêzes metia-se nas vestimentas dos pais e representava para suas bonecas como se já sentisse o prenúncio de suas inclinações futuras. Gostava de imitar pessoas das relações da família, embora essas brincadeiras lhe tivessem feito passar maus pedaços. Contava casos ocorridos no Maranhão, imitava pessoas das relações da madrinha; fazia como Madame Ory, a modista francesa que em São Luís era procurada pela elite da cidade. Outras vêzes imitava homens respeitáveis, e, para o fazer, mudava a voz, os gestos e carregava o semblante. Dêsse modo, praticava a mímica sem o saber.

Começaram então as primeiras manifestações teatrais; pequenas poesias, trechos de cenas com os senões naturais da idade mas revelando o que viria ela a ser. Assistindo aos ensaios, sem o sentir tomava lições de arte dramática, que não esquecia mais.

Quando terminou o curso do Colégio Sant'Ana, no dia do encerramento das aulas, Apolônia trajava um gracioso vestidinho branco de faixa azul, que sua mãe compusera com carinho nas noites de serão. À hora da entrega do diploma, que lhe foi conferido "nemine discrepante", a "menina Pinto" apareceu com o rosto e o vestido sujos de terra; tinha sido mais uma traquinada, e a vigilante do colégio, para evitar novas travessuras, prendeu-a na sala, a que davam o significativo nome de "penitenciária". Embora a "mestra" não lhe louvasse a conduta, não deixou, no entanto, de premiar o seu aproveitamento, dando-lhe um dedal... de ouro, que, no dia seguinte, servia para costurar sacos de anagam...

*

* * *

Pode-se dizer que o gôsto pelo teatro apareceu nela quando surgiu a função de pensar. O convívio e a observação diária do meio em que nasceu e cresceu muito concorreram para uma adaptação precoce. Foi, portanto, um fenômeno de formação natural e, por isso mesmo, de bases sólidas. Efeito de uma causa perfeitamente compreensível e explicável.

O contacto diário com atores, atrizes e ensaios, aquela convivência de caixa de teatro era um encanto para Apolônia, cuja

vocação logo se manifestou. Todo seu tempo vago ela passava observando os mais experimentados. Bastava assistir a dois ou três ensaios para saber o papel na ponta da língua, e o que aprendia jamais seria esquecido. Assim, ficou conhecendo todo o repertório da companhia.

Foi por êsse motivo que, na emprêsa de Vicente Pontes de Oliveira e Manuela Lucy, precisamente no dia em que completava doze anos de idade, pelo mesmo motivo da suspensão do espetáculo, quando de seu nascimento, todos se lembraram dela para substituir a atriz impossibilitada de trabalhar. E foi assim, em São Luís do Maranhão, com o drama "As ciganas de Paris", o seu primeiro contacto com o público. Cedo se acendia a áscua sagrada que deveria iluminar a sua senda pela vida. A verossimilhança com que encarnava o personagem, a voz suave que parecia sensibilizar a própria alma das cousas, a naturalidade e desembraço do seu desempenho foram de tal ordem que Manuela Lucy decidiu conservá-la, visto como o personagem lhe ia a calhar e deu-lhe ainda, posteriormente, outros papéis fáceis.

Os pais, artistas do palco, apaixonados pela profissão, malgrado as incertezas do futuro, não acharam inconveniente em deixá-la seguir a mesma carreira.

Dêsse prelúdio alvissareiro podia-se dizer como na juventude de Goethe e Napoleão: cada qual pressente que há alguma cousa oculta, mas ninguém sabe explicar.

*

* * *

Tinha mais encantos que beleza e, sem intenção de o fazer, subjugava aquêles que dela se acercavam.

Do pai herdara o nariz e os olhos expressivos dos peninsulares; de sua mãe ganhara a voz agrádavel e rica de modulações gratas ao ouvido. O sangue italiano do avô materno teve também com a neta uma continuidade.

Daya livre curso à sua alegria natural; sentindo-se feliz, ria, brincava com todos e em sua expansão infantil cantava canções em voga:

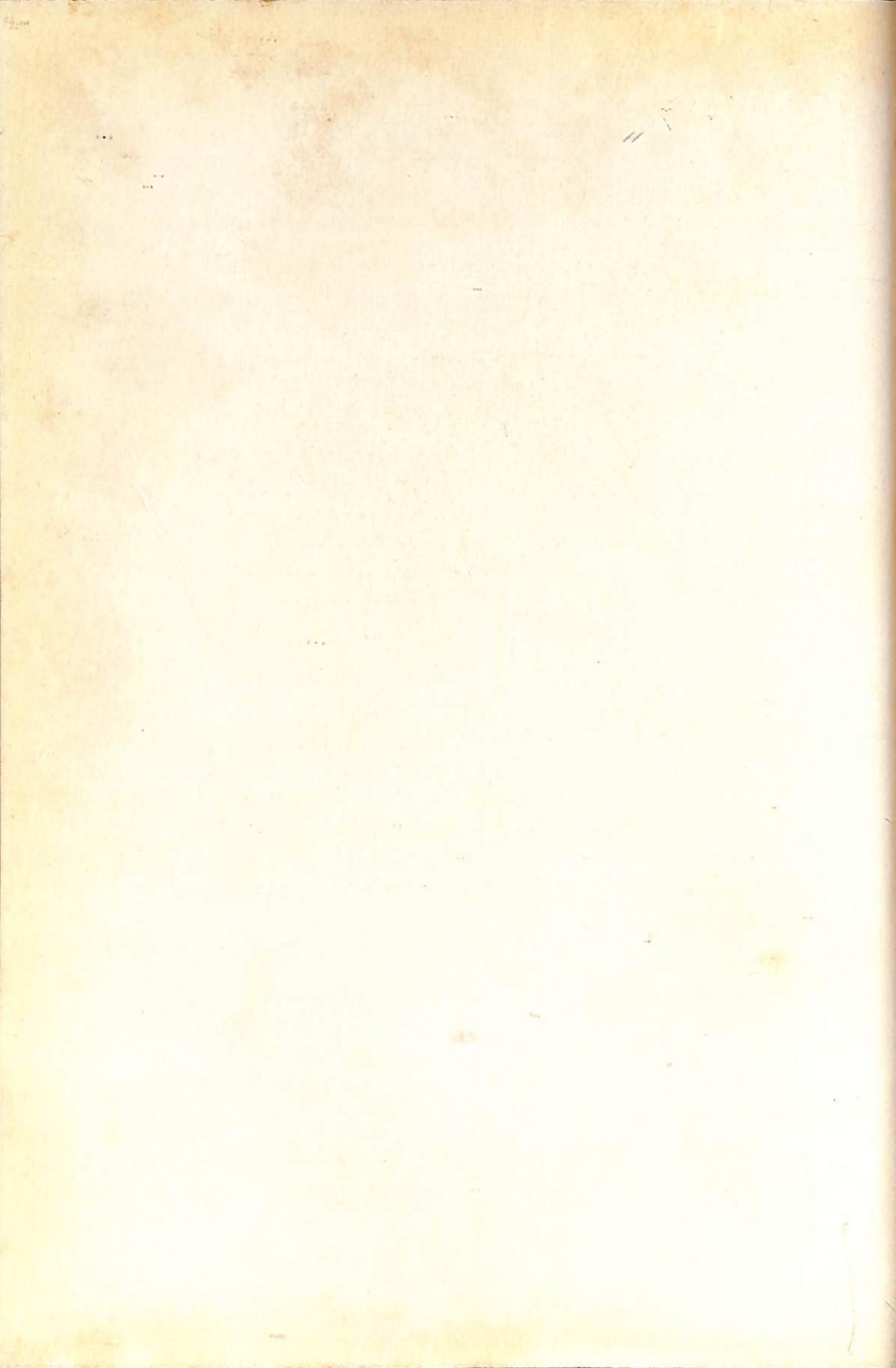
*"A menina vai ao baile
Leva saia de balão
Brinquem, todos, todos, todos,
Brinquem todos quanto 'stão.*

*O balão desta menina
E' como a roda dum carro
Arreda, janota, afasta,
Que o balão já vai quebrado*

*Estas meninas dagora
São como o sino a dobrar:
Choram por todos os vivos
Co' o balão a dar a dar..."*



Apolônia Pinto — (1870)



II

1870 — 1871

Recebido o batismo nas cenas do Norte, a jovem artista tinha agora o ardente desejo de se apresentar na Corte, onde, no teatro, brilhavam grandes artistas e na política se destacavam vultos notáveis: o Visconde do Rio Branco, João Alfredo, o velho Nabuco, Cotelipe, Silveira Martins, Afonso Celso, mais tarde Visconde do Ouro-Prêto, Zacarias, Visconde de Niterói, e... quantos mais.

Aportou à Guanabara numa dessas tardes magníficas em que a baía nos mostra todo o seu esplendor. Parecia que a própria natureza se engalanava para recebê-la, como num presságio alvis-sareiro.

Quando Apolônia chegou ao Rio, já se tinha casado com o ator José Maria Jordani; trazia, além de um esplêndido talento que desabrochava, os ensinamentos de Manuela Lucy e Vicente Pontes de Oliveira, artistas de muito mérito e valor teatral.

A esse tempo, o gênero alegre tinha pôsto completamente de parte a tragédia e abalado um pouco o drama, com o advento do famoso Alcazar. No entanto, ainda surgiam boas companhias dramáticas, que logravam êxito.

Apesar da pouca idade, tinha deixado de ser uma simples promessa, já se tornara uma dama ingênua de apreciáveis qualidades. Nela tudo concorria para ser assim: leve, esbelta, insinuante, voz rica de inflexões e gesticulação apropriada. Desenhava-se bem em cena, vestia com gôsto e possuía o talento de exteriorizar o personagem.

O seu primeiro dia na Capital foi cheio de perspectivas e interrogações.

— Seria feliz ali, onde se viam tantas atrizes ilustres?

Assim se interrogava, encostada à janela, de onde via com olhos de pássaro assustado o movimento da rua ao anoitecer, já quando se acendiam a pouco e pouco os bicos de gás.

Passa uma negra, escrava de casa rica, com seus colares e largas pulseiras de ouro, metida em vestido tão decotado que, caído de um lado, deixando ver o ombro nu, mostrava a renda da camisa. Caminhando equilibrada nas chinelas, onde mal cabiam as pontas dos pés, carregava uma bandeja de doces, certamente para presente de aniversário.

Numa transição rápida como só as tem o pensamento, lembrou-se da negra escrava que em casa da madrinha, em São Luís do Maranhão, lhe servia o delicioso arroz de cuixá, o peixe frito, o sarrabulho à portuguêsa e veio-lhe então à memória a cidade de onde guardava ainda vivas recordações. Como lhe pareciam presentes aquêles sobradões revestidos de azulejos, as ladeiras, as ruas estreitas, a igreja de Santo Antônio, onde iam fazer a novena do mês de Maria, o Largo de Nossa Senhora do Carmo, com sua igreja, cujas escadarias laterais era um prazer subir e descer correndo e, nas vizinhanças do teatro em que nascera, o pelourinho que lhe infundia terror pelas histórias contadas a respeito dêle.

Lembrava-se também da casa de uma amiga da madrinha, a baronesa, onde havia, à entrada, um vasto corredor no qual ficava o palanquim, pintado de côres vivas; em cima, na sala de visitas, o teto era alto e com decorações pintadas a óleo; nas portas, pendados reposteiros de damasco vermelho, e sobre o grande tapete ia-se até às poltronas estufadas de veludo franjadas de cordões de sêda. Cristais faiscavam sobre consoles de madeira lavrada, e nas almofadas, bordadas com miçanga, coroas de barão.

Tudo aquilo passava desordenadamente pela sua memória como num "écran" onde as imagens se sobrepõem.

Estava assim esquecida do mundo, triste, num silêncio mole de quem não quer despertar de um sonho bom, quando a voz da

mucama lhe transmitiu o recado do senhor Furtado Coelho: (3) Que viria buscá-la essa noite para irem ao teatro, em companhia de outros amigos, conforme haviam combinado.

A' hora aprazada, fazia um intenso calor de verão sem chuva. Vieram avisá-la da chegada de Furtado que esperava à porta. Ligeira, apanhou as "mitaines" de renda e desprendendo suave perfume de pó de arroz e água de colônia, numa nuvem de fendas leves, desceu as escadas rapidamente.

Pelo trajeto a fraca iluminação deixava ver as pessoas que transitavam. Cruzavam-se no caminho carros de aluguel e outros mais luxuosos, que eram de uso particular. Por vêzes, a claridade de um café ou de um quiosque reluzia, e um pregão mais alto chamava a atenção.

Ia conhecer o teatro na Corte!

Ao chegarem, Apolônia sentiu-se maravilhada com a abundância da iluminação, o auditório refinadamente elegante e muitos outros detalhes que não podia ter nos teatros das províncias. Pensou consigo mesma: Havia de conquistar aquela gente, tôda, havia de fazer novos admiradores, todos haviam de amá-la e seriam subjugados por meio da sugestão de sua voz, de sua arte que os faria rir e chorar. Sentia a sensação de uma energia nova, para empreender a luta audaciosa que se impunha.

Furtado Coelho, que fazia cerca de quinze anos estava no Brasil e já firmara o seu prestígio, conheceu-a pessoalmente no Norte e tinha conhecimento da plasticidade do seu talento. Apreciando-lhe a candidez da imagem, a naturalidade no dizer e a riqueza de inflexões, contratou-a para ingênuo do elenco com o qual iria estrear no teatro "São Luís", que anteriormente tinha o nome de Ginásio.

Não custou ao empresário-ator a confirmação daquela inteligência privilegiada que começava a evoluir e a planar em vôo largo. Utilizando um zélo de estatuário inspirado, passou a apo-

(3) Furtado Coelho chegou ao Brasil, conforme depoimento de sua esposa em seu livro de memórias, entre 1857 e 1858 e, segundo Pires de Almeida, aportou ao Rio de Janeiro a 3 de março de 1856.

legar aquèle barro plasmável que viria a ser uma obra-prima da arte cênica.

*
* *

Foi no primeiro dia do ano de 1870 que pela primeira vez o público carioca aplaudiu Apolônia Pinto, então uma artistazinha de dezesseis anos apenas. Ao lado de Furtado Coelho e de Ismênia dos Santos, que estava no esplendor dos seus trinta anos, gozando o prestígio de ser a primeira atriz dramática da Capital do Império.

Representou-se a "Morgadinha do Val Flor", de Pinheiro Chagas, e a jovem atriz apareceu no papel de Mariquinhas, agradando em cheio.

O público já não apreciava as longas tiradas ditas em tom declamatório e enfático. Apolônia, tendo-se iniciado sob a orientação de dois artistas que em Portugal já haviam sentido a influência de Emilio Doux, (4) não se encontrou deslocada junto aos colegas da Corte, que já haviam adotado, desde muito, as inovações prenunciadoras da escola naturalista, trazidas por Gonçalves de Magalhães e Pôrto Alegre.

Não obstante ser muito jovem e de gênio folgazão, tinha a paciência de passar horas a estudar e a meditar uma cena, mas impacientava-se com a moda dos vestidos complicados, cheios de tuhos e arregaços, rendas e fofos, confeccionados na "Notre Dame", no "Palais Royal", na "Casa de Adèle" e da Caslain.

Acompanharam-na à Capital do Império, além do marido que pouco depois falecia, sua mãe já viúva e idosa, o irmão e uma irmã inválida. Ao chegarem, Rosa Adelaide tentara ainda trabalhar, tomando parte em alguns elencos, mas a idade e a saúde combalida não lhe permitiram continuar. Era Apolônia quem mantinha a casa, onde nada faltava.

(4) Emilio Doux, ensaiador francês, de grandes qualidades, exerceu influência sobre o teatro de Portugal e depois do Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro em 1876.

Pouco se preocupava com sua própria pessoa; ao contrário de suas companheiras, que para irem aos ensaios usavam vestidos trabalhosos e caros, era sóbria no vestir, e, em suas exigências pessoais, a graça inata não necessitava recorrer aos artifícios. Tinha um único desperdício: o de sua alegria de viver. Estava sempre soridente e bem humorada.

O público fêz-lhe a melhor das acolhidas. Não se tinha memória de ingênua tão amorável nem de olhos tão meigos que tanto podiam traduzir ingenuidade, malícia e gravidade. E o sorriso, como lhe aflorava aos lábios !... Uma das características de sua fisionomia era a bôca, talvez grande demais, segundo o tipo clássico, mas extraordinariamente expressiva e móbil. A sua disposição de espírito era sadiamente folgazã; tinha sempre uma frase feliz e cheia de ironia. Sempre pronta aos ditos facetos e às brincadeiras, conservava, ainda, muito da criança que havia pouco deixara de ser.

Tudo nela tinha vida e movimento, parecia não poder estar quieta.

Aos que consideravam insensatez essa disposição de espírito, ela dizia :

— A vida é uma gargalhada.

Para ela era bem assim. Não se dava o mesmo, porém, com aquêles que tinham atitudes solenes e só com esforço logravam prescrutar as sutilezas da arte de Talia. Apolônia, porém, que não descuidava de conhecer todos os segredos do palco, não sentia a necessidade de se mostrar circumspecta, e não o fazia por não ser do seu temperamento.

Sorria porque mesmo sorrindo se aprimorava tanto ou melhor que êles. Sorria, ainda, de vê-los incomodados por não ser ela também circumspecta e ficarem desnorteados ao vê-la, não obstante, progredindo.

Ouvia-se amiúde a sua risada que ressoava como guizos de ouro.

Era, deveras, uma criaturinha encantadora a viúva Jordani, com seu delicioso ar de criança maliciosa. Tão fina e tão frágil, tinha, no entanto, talento e coragem. A todos aquêles homens

que pela aparência física esperavam encontrar nela uma tolinha inexperiente, supreendia com sua tática de mulher e firmeza de atriz. Isso, numa época em que as filhas de Eva se deixavam orientar pelos homens e aceitavam suas opiniões como coisa indiscutível.

A sua pequenina pessoa era mesmo um encanto, com tôda aquela graça envolvente. Tinha na expressão uma tal espiritualidade, que parecia ganhar logo a simpatia de quantos a conheciam.

Os olhos, êsses olhos que vieram a inspirar páginas de poesia e música, eram de uma expressão indescritível de ternura; as pestanas negras e ligeiramente arqueadas realçavam-se sob o traço escuro das sobrancelhas, e o moreno pálido da epiderme fazia lembrar as pétalas de certas flôres.

* * *

Subiu à cena a comédia "Os solteirões" de Vitorien Sardou, com a Ismênia no papel de Antonieta e Apolônia no de Rebeca. Em fevereiro, durante o impedimento de Ismênia, o papel de Antonieta, confiado a Apolônia, foi muito elogiado pela crítica, em geral.

Um jornal da época, apreciando-lhe o trabalho na peça de Sardou, quando se anunciava a de Pinheiro Chagas, em reapresentação, diz: "... O nome da Sra. Apolônia vale por si só uma recomendação. O público que a viu interpretar em "Os solteirões" dois papéis de gênero diverso, ambos difíceis e importantes, com a mesma habilidade e graça, demonstrando talento não vulgar e sobretudo muita aplicação, por certo não perderá a ocasião que se lhe oferece para ainda uma vez admirá-la e aplaudi-la na "Morgadinho do Val Flor".

* * *

O assunto palpitante era a terminação da guerra com o Paraguai. Todos os teatros organizavam noites de gala; espetáculos em homenagem aos heróis que voltavam, e Furtado Coelho também preparou para o "São Luís" uma linda festa com a presença da nobreza, autoridades civis e militares. O Imperador chegou com sua augusta família às nove horas, achando-se presentes o bri-

gadeiro Rocha Faria, os comandantes dos batalhões da Bahia e Minas e crescido número de oficiais quando rompeu o hino nacional. Em seguida Furtado Coelho, com tôda a companhia em cena, recitou uma bela poesia, alusiva ao momento, e, apontando para as bandeiras dos três corpos desfraldadas nos camarotes dos comandantes, disse:

*Olhai os panos rasgados,
Partidos em várias partes,
Desses nobres estandartes
Que enobrecem a Nação:
Em cada mancha que vêde,
Em cada tira que pende
Uma vitória se prende
Escrita em cada rasgão*” (5)

Terminado o recitativo, o Brigadeiro Rocha Faria, levantando-se, ergueu vivas a S. M. o Imperador, a S. A. o Conde D'Eu, como representantes do Exército e da Armada, e ao sempre hospitaleiro povo fluminense.

Principiou, então, a representação do drama “A Morgadinha do Val Flor”, e os artistas, certamente estimulados pelo ardor patriótico que dominava a todos, desempenharam admiravelmente os seus papéis.

Nessa mesma temporada, foi a seguir, levada à cena pela primeira vez, “O Jôgo de Libras”, drama em quatro atos, cuja ação se passava no Rio, um ano antes, e o tema versava sobre as especulações com libras, durante a guerra com o Paraguai.

Como de costume, haviam-se formado “partidos” entre os espectadores que freqüentavam o “São Luís”. As facções eram perfeitamente definidas; uns eram partidários da Apolônia e os outros da Ismênia. A luta era sem tréguas e consistia em proclamar, de cada lado, os predicados daquela à qual dedicavam o seu entusiasmo. As discussões exaltavam-se e as opiniões divergiam.

(5) É provável que estes versos, publicados no “Jornal do Comércio”, sejam da autoria do próprio Furtado que além de notável ensaiador foi poeta e publicou livros de versos.

Em abril, surgiu pela imprensa uma polêmica, que muito interessou aos meios teatrais; de um lado os admiradores da Apolônia, do outro os da Ismênia, uns e outros procuravam provar que o seu ídolo era a maior figura do elenco. Dois eram a princípio os articulista, figuras representativos nos meios artísticos e assinavam com os pseudônimos "Extra-proscenium" e "Proscenium-Extra". Depois, no calor do entusiasmo, surgiram outros contendores. A altercação já se tornava um pouco áspera quando amigos intervieram junto a "Proscenium-Extra", entusiasta da Apolônia, a fim de que desse por terminado o assunto.

Ismênia não recebeu com a devida serenidade o êxito de Apolônia no seu papel. Fêz aquilo que costumam fazer as atrizes que sentem ameaçado o brilho da sua estréla. Protestou, imprecou, irritou-se, blasfemou contra a jovem atriz e o próprio empresário sobre o qual tinha ascendência e de quem exigiu o afastamento da rival. De tal modo o fez que fora do teatro muito se comentou esse acontecimento lamentável:

".....

Não sabemos que papel representa o senhor Furtado Coelho no teatro de sua propriedade.

Quer em cena, quer no *foyer*, a senhora Ismênia é tudo; a sua perniciosa influência faz-se sentir ainda nas questões mais insignificantes.

O teatro "São Luís" nunca poderá prosperar, enquanto a senhora Ismênia continuar com seus desmandos a entorpecer-lhe a marcha, despedindo sob sua responsabilidade os artistas que revelam algum talento e desejo de agradar.

Não podendo negar à senhora Apolônia talento e vocação, tomou a deliberação desastrada de afastá-la e, para consegui-lo, não hesitou diante dos meios mais reprováveis e inconfessáveis.

Nessas críticas circunstâncias, a senhora Apolônia procedeu com muito acerto, retirando-se do "São Luís" onde muitos e importantes serviços poderia prestar".

Cedo começou ela a sentir os espinhos da vida artística.

Desgostosa com êsses acontecimentos, Apolônia deixou a emprêsa, no dia mesmo para o qual estava marcado o seu benefício.

* * *

Vitor Meireles expunha, numa galeria pública, o retrato em corpo inteiro de Anna Néri, a abnegada enfermeira que na guerra do Paraguai tão relevantes serviços prestara aos soldados do Brasil. Um belo painel, em cujo fundo se via a igreja da Fortaleza de Humaitá, tendo em primeiro plano algumas figuras secundárias, alegóricas à missão da admirável heroína da bondade.

Apolônia apreciava, em companhia de Visconde Coaracy, essa obra de arte que era também uma página de nossa história, quando se aproximaram mais alguns amigos que logo compartilharam dos comentários aos méritos do artista. Ao despedirem-se ficou combinado que nessa noite iriam todos ao espetáculo do "Fênix Dramática" (6), onde estava a emprêsa Heller.

Antes de começar, lá estavam os amigos novamente reunidos a palrar alegremente, quando apareceu o empresário muito aflito e pediu a Apolônia para falar-lhe em particular.

Faltara uma atriz e, tendo sabido de sua presença no teatro, pedia-lhe que o tirasse do embaraço em que se achava, fazendo o papel da atriz ausente. A artista procurou esquivar-se. Inda estava bem lembrada dos dissabores que havia pouco tinha passado, mas o Heller insistiu de tal sorte que não houve outro recurso senão atendê-lo.

Apolônia tomou emprestada a roupa de uma mulher do povo, um tipo popular das ruas, tal como devia aparecer, e assim vestida, depois de passar uma vista pelo papel, representou como se já o tivesse ensaiado.

Houve quem reprovasse ter aparecido com as vestes de uma alcoviteira conhecida.

(6) "Fênix Dramática" era o antigo Teatro Jardim da Flora, na antiga rua da Ajuda.

— Apresentar-se em cena assim, trazer para diante do público um figura imoral, e ademais conhecidíssima!... Não seria um desrespeito ao público?

Mas não, o tipo a encarnar era aquêle, estava humano, real e magistralmente composto, tanto que o êxito alcançado levou o empresário a contratá-la.

A seguir, entre outras peças, apareceu em "Vaz, Teles & Cia.", adaptação de "Gravoud, Minard & Cie." de Sardou, traduzida por Augusto de Castro, peça em que fazia o papel de Pureza, a filha do Vaz. A êsse trabalho dava ela um cunho de graça infantil misturada de travessura e malícia, sem malignidade. Depois, "As entrevistas noturnas", "O Poder do Ouro" e, em junho, "Orfeu na Roça", paródia do Vasques na qual Apolônia fazia, em *travesti*, o Quinquim, depois, "Ninhada do meu Sôgro" e "Rainha Crinolini". Como se vê, o repertório tinha, ao lado do teatro de declamação, também o musicado, e a todos se amoldava o talento da atriz.

Sua voz, naquele tempo sem microfone, era de pouco volume, mas agradava, levada pela habilidade de maestros como Henrique de Mesquita e Ciríaco Cardoso, que faziam cantar os atores. Vasques, Matos, Lisboa e Guilherme de Aguiar, que também não eram cantores.

O físico gracioso e os primores de sua arte, ajudavam-na a agradar em qualquer dos gêneros que eram explorados.

Desejava era ambiente e público para dar mais expansão ao seu pendor artístico. Furtado Coelho deu-lhe a oportunidade, e ela então pôde mostrar as suas possibilidades porque temperamento e inteligência não lhe faltavam, e êsses dotes, ajudados pela envolvente simpatia, completaram a obra de sua vitória artística, tornando-a uma figura singular no teatro do Rio de Janeiro.

A animação decorrente do favorável acolhimento e calor com que foi recebida na Corte, ao mesmo tempo que lhe fazia sentir uma responsabilidade crescente, dava-lhe maior confiança em si própria.

A admiração dos outros para uma mulher é sempre um grande estímulo; sobretudo quando essa mulher é uma atriz adolescente. Esse incentivo deu-lhe disposição para arrojar-se aos papéis importantes e difíceis que lhe eram confiados, com aquela certeza do estrategista diante de uma batalha arriscada, mas que a coragem decidida leva à vitória.

As incertezas da chegada à primeira cidade do País haviam cedido lugar à convicção de ter atingido os seus sonhos de quando, pequenina, se julgava fadada a um destino igual ao da grande atriz Raquel.

Transformara-se por completo; não era mais a tímida menina. A recepção que lhe fizera a platéia da Corte não deixava dúvida quanto à vitória, desde que o seu lema daí para diante fosse — "Progredir sempre".

Revelou-se a sua verdadeira personalidade que aparentemente tímida era, no entanto, forte e talhada para os maiores empreendimentos. Esse traço característico se revela em sua própria caligrafia. Uma letra nervosa, impaciente, mas firme e impetuosa.

Consciente de seu valor, não perdia e buscava mesmo as oportunidades de pôr à prova sua capacidade.

* * *

O jornalista Visconde Coaracy e Cardoso de Menezes cantaram seus pequenos pés em música e em versos que tiveram popularidade. (7)

O escritor, de longas barbas, gostava de sua convivência e ela, na companhia daquele homem culto e paciente, falava continuamente fazendo mil perguntas, às quais ele respondia minuciosamente, sorrindo às suas observações espirituosas. Lia-se-lhe no olhar certa vaidade em se mostrar com aquela companhia, por todos reconhecida e apontada com um sorriso de simpatia.

(7) "O Binóculo", dezembro de 1881. Visconti Coaracy, jornalista e poeta, traduziu Paulo de Mantegazza; Cardoso de Menezes, maestro de grandes recursos e muito popular no seu tempo. Outros atribuem essa música a H. de Mesquita, também maestro de muita popularidade.

Os primeiros triunfos de Apolônia no Rio de Janeiro não foram conseqüência, apenas, da mocidade radiosa, porque, quer contracenesasse com a grande Ismênia, quer com o inimitável Vasques, ou Furtado Coelho, todos mais velhos e de reputação formada, ela, simples ingênua, não ficava apagada e, no dia seguinte, tinha sempre pela imprensa elogios especiais.

Os que a viram nessa fase dizem que era a ingênua de ar mais acentuadamente ingênuo, por isso que um gesto ou um simples olhar muitas vezes lhe valeram aplausos.

Cedo formou sua corte de admiradores, composta de homens de espírito, cuja convivência lhe foi muito proveitosa à formação intelectual.

Quando tinha um novo papel, meditava muito os efeitos que poderia obter com a interpretação. Observava pormenores e, pela imaginação, como que via antecipadamente a cena e o resultado em conjunto.

ANNO 5.

SSABADO 15 DE JUNHO DE 1872

N. 233

VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

12 - sobrado 32

CORTE

Trimestre
Semiestre
Anno

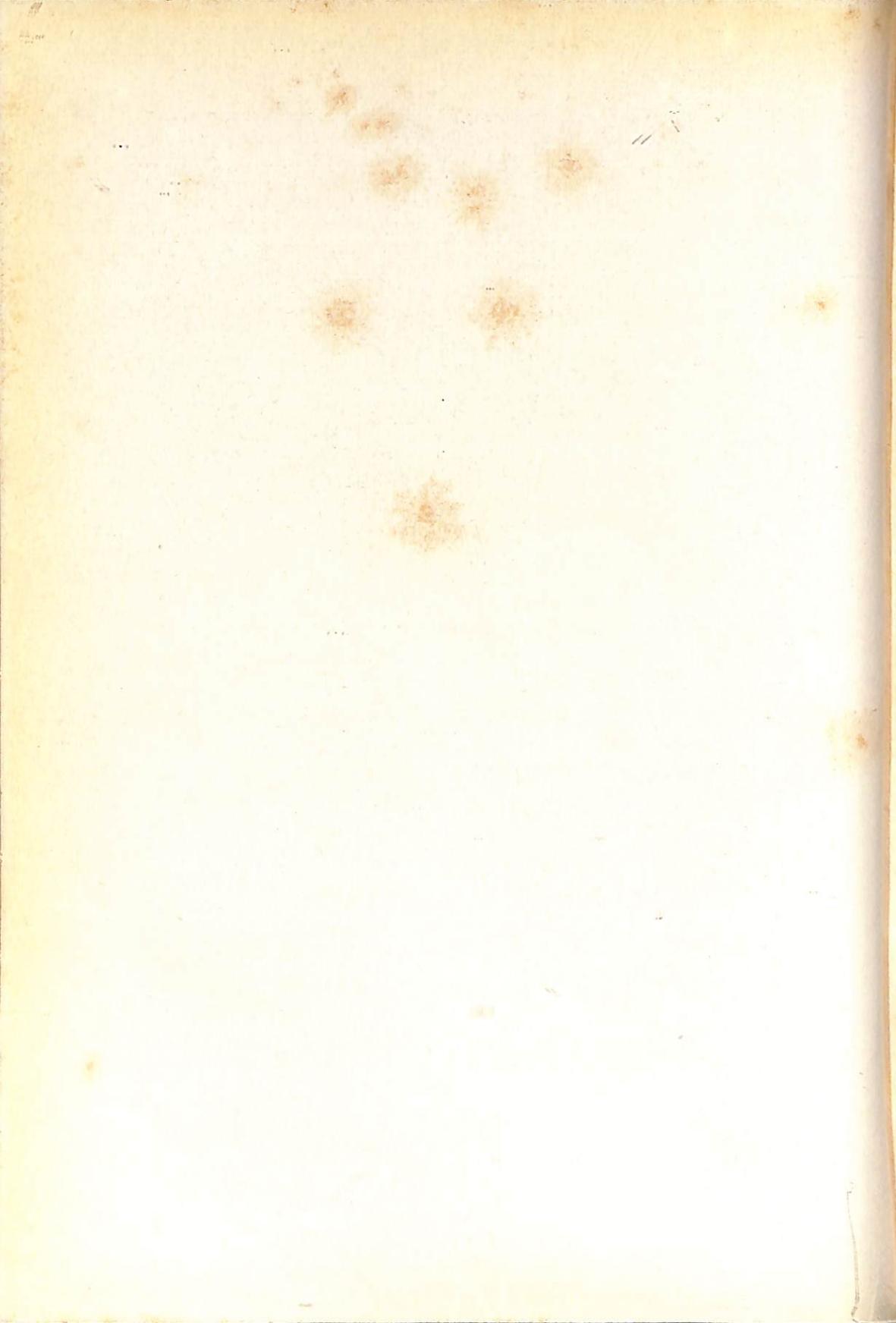
PROVÍNCIAS

35000	Semestre	15000
105000	Ano	210000
295000	Avalo	150000



A actriz Apolônia

Capa da Revista "Vida Fluminense", número de 15 de junho de 1872, vendendo-se Apolônia Pinto com o medalhão que foi do poeta Bocage, oferecido a Rosa Adelaide, mãe de Apolônia, por uma irmã do poeta



III

1872 — 1875

Como todos os predestinados, parecia ter pressentido a glória.

Pequenina ainda, ouvia falar de Raquel, e as passagens lendárias da vida daquela insigne trágica francesa enchiam-lhe a imaginação infantil. Ficava a considerar-se comentada e apontada como figura máxima dos palcos; o seu cérebro não parava, os projetos se sucediam.

— O seu nome havia de atravessar o oceano e as fronteiras.

Nesse ideal, nessa quase obsessão, estudava, observava, corrigia-se e, já lançada ao conhecimento do público, na Capital do Império, compreendeu a responsabilidade do nome que formava, e, tendo o seu ideal assim estimulado, procurava melhorar ainda mais. Sabia que tudo dependia do aprimoramento que alcançasse, pois no firmamento teatral luziam nomes de real valor.

Por êsse tempo, estava muito em voga o teatro musicado e fizera-se muitas traduções e paródias inspiradas em peças dêsse gênero, que obtinham êxito na Europa: "A Bela Helena", "Orfeu nos Infernos", "A Grã Duquesa", "Barba Azul", de Offenbach; "Filhas de Madame Angot", "Giroflê-Giroflá", de Lecocq, que deram origem a "Orfeu na Roça" e "Orfeu na Cidade", pelo Vasques; "Filhas de Maria Angu", por Artur Azevedo e outras. Tudo que Paris produzia no gênero, naqueles últimos anos, foi representado e cantado em nossos teatros, através de traduções dos autores já citados e mais Eduardo Garrido, Joaquim Serra (8)

(8) Joaquim Serra, escritor maranhense, foi grande amigo do teatro e não poucas peças escreveu. Foi um dos co-autores do famoso drama "O re-

e tantos outros. Com essa moda do gênero musicado, muitos artistas foram prejudicados, outros, porém, nada sofreram e dentre êstes estava Apolônia, que, além de sua fácil adaptação aos vários gêneros de teatro, dispunha, como ficou dito, de um fiozinho de voz cristalina, da qual sabia usar sem abusar.

Rosa Adelaide, sempre doente, não podia trabalhar. Apolônia continuava arcando sózinha com as responsabilidades da família e, não raro, se vira assoberbada com dívidas e preocupações, razão pela qual em muitas ocasiões se sentira na contingência de aceitar o primeiro contrato que lhe aparecesse, como aconteceu na emprêsa Germano de Oliveira, com quem trabalhou no São Pedro de Alcântara e onde muitas vezes, por motivos sentimentais e particulares, a faziam aparecer em papéis que não correspondiam ao seu valor. E sobre êsse assunto se manifestou a imprensa da época: "Aproveitando o ensejo, perguntamos ao Sr. Germano, para que gênero contratou a Sra. Apolônia, para dama galã ou ingênuia? Ainda a não vimos nos seus papéis, o que muito nos tem admirado... A Sra. Apolônia tem talento e boa vontade, e poderá ser de muita utilidade ao Sr. Germano se lhe der a importância e consideração que lhe é devida e que tem gozado nos teatros em que tem estado. Cremos que a Sra. Apolônia, no "São Luís" ou no "Ginásio", não veria os seus papéis feitos por outras artistas de muito inferior mérito que o seu e nem estaria exposta a fazer papéis como o que lhe deram na "Saloia". A prova do que levamos dito tivemos nós no drama "Susana", onde o Sr. Germano confiou o papel de Susana, que é importante, a uma comparsa do "Fénix". Aconselhamos a Sra. Apolônia que tome o seu verdadeiro lugar, ou que se mude para outro teatro, onde a apreciem melhor como merece".

Estavam as cousas nessa altura quando um dia, novamente procurada por Furtado Coelho, Apolônia voltou a trabalhar no "São Luís", onde se viam também, dentre outros, Eduardo Brazão,

"morsso vivo". Escreveu ainda "Coisas da moda", comédia em dois atos, "Quem tem bôca vai a Roma", opereta em um ato, "Rei morto, rei pôsto", "Traga môscas", paródia. Fêz várias traduções e adaptações dentre as quais se contam "O jógo de libras", "Inauditas proezas de uma pomba sem fel", "As mulheres do mercado", e outras.

Emília Adelaide e, mais tarde, o Vale. Ali, naquele conjunto de artistas de valor, realizou uma série de trabalhos importantes em "Estátua de Carne", "Mocidade de Figaro", "Pecadora e Mãe", etc.

Nesse tempo os preços, comparados com os de hoje, eram irrisórios: os camarotes de primeira custavam 15\$000; os de segunda, 12\$000; os de terceira, 8\$000; cadeiras de braço, 3\$000; cadeiras, 2\$000; galerias, 1\$000.

Desde cedo a memória de Apolônia lhe facilitou o desenlace de situações que seriam bem embaraçosas para outros. Passando-se para o teatro Ginásio, ali estreou com uma peça que era também do repertório do eminentíssimo ator italiano Ernesto Rossi, e sobre o seu trabalho assim se manifestou a crítica: "... Glória à atriz dona Apolônia, que em três dias estudou o papel da comédia "Filha Única" e desempenhou com muita maestria; hoje o público a recompensará dos seus esforços, e o empresário lucrará uma bela enchente".

Chamada novamente por Furtado Coelho, no "São Luís" fez "A pêra de Satanás", ao lado do Vale, Tôrres, J. Augusto Paiva, Leolinda e outros. Nesta mágica, musicada por Furtado Coelho, Apolônia fazia a Castanheta. O vestuário era feito por Mme. Bertrand e pelo Sr. Vieira, os adereços eram de Francisco Fernandes.

Compunha-se a peça de 22 quadros e era de autoria da parceria Eduardo Garrido — Furtado Coelho. A montagem fantástica dividia-se em quadros assim intitulados: O reino das campainhas — jardim fantástico do Rei Caramba; Sonho de amor — fundo de um jardim deixando ver um templo aéreo; Cousas do Arco-da-Velha — uma praça do reino das campainhas; O Palácio Maravilhoso — praça do Palácio Fantástico de ouro e prata; A pêra de Satanás — uma oficina de pintor; O incêndio; A côrte da Fada Buena-Dicha — sala régia do reino das cartas; A concha de prata — vista de praia; A ilha da Harmonia — jardim fantástico do reino da Harmonia; A tôrre de Bronze — uma praia; O Inferno — vista do Inferno; A gruta azul — uma gruta de estalactites; A fada Esmeralda — (Abre-se o fundo da gruta e apa-

rece a Fada Esmeralda rodeada de ninfas num fundo fantástico); A procura do talismã — uma floresta negra à noite; A pata da cabra — um bosque fechado; Os piratas — sitio agreste; A Fada Nísio — uma câmara; O palacio das metáforas — um palácio em ruínas, visto de noite; Na China — jardim fantástico do Imperador Tichim-Fá; Os noivos — uma câmara; O reino das delícias — lago fantástico de ouro e prata.

Tal montagem de sonho e esplendor era a moldura resplandescente dentro da qual se movia a figura grácil da artista.

Deslumbrado e no entusiasmo de adolescente, o futuro príncipe dos poetas brasileiros, Alberto de Oliveira, que começava a versejar, compôs em louvor da artista um soneto que se ainda não constituía uma obra-prima de arte poética como havia de os fazer mais tarde, já era, no entanto, uma amostra de sua imaginação ardente :

*"Ouvindo o peito popular que estoura,
O bravo, o aplauso, o ruído, os murmurinhos,
Palmas e palmas em redemoinhos,
Saúdo-te, oh! mulher encantadora.*

*Parece-me que vejo, entre os caminhos
Do mar, que a luz da Grécia antiga doura
Anfítrite, de pé, na concha loura,
Arrebatada por dragões marinhos.*

*Surgem tritões que aos monstros voadores
Tomam da rédea, em turbilhões de flôres
Brota a espuma que bufa o sorvedouro;*

*Roda o carro nas águas, e a formosa
Deusa sorri na pompa majestosa,
Impondo às ondas o seu cetro de ouro".*

Não eram só dos admiradores de casaca as flôres que recebia; muitas vezes, ao fim dos atos, caíam-lhe também aos pés modestos ramos jogados das galerias.

A classe caixeiral e os estudantes, com freqüência na sua admiração, demonstravam de mil maneiras o carinho que lhe dedicavam. De uma feita, especialmente, esse entusiasmo sensibilizou

a jovem artista : quando, depois do espetáculo, os artistas se retiravam para suas casas, Apolônia, ao sair, deparou com a rapaziada em alas para aplaudi-la à passagem, e ali, de uma maneira diferente da que ocorria comumente no palco, oferecer-lhe flôres.

Da classe caixeiral era composta a maioria entusiástica do público. No seu seio, os "partidos" que chegavam a usar distintivos promoviam manifestações, por vêzes ruidosas, aos seus artistas queridos.

Convém notar-se que a essa classe laboriosa muito devem as letras nacionais; de lá surgiram muitos de nossos escritores e cientistas.

Filinto de Almeida, poeta e prosador, do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, nos relata uma dessas bernardas (9) :

"... Aconteceu certa vez e soube-se cá fora que durante as representações do "Fausto" a atriz Apolônia Pinto, quase menina, com muito talento e muito riso na cara redondinha e fresca, tinha brigado com o truculento ator Galvão, que representava, com um prestígio de discípulo amado de João Caetano, o papel de Mefistófeles. E logo se formaram dois partidos entre os freqüentadores dos domingos. Eu, com uma estupidez de menor impúbere, pôsto achasse linda a Margarida, filiei-me ao partido do Diabo. Ora, certa tarde, à saída do espetáculo, os espectadores dos dois partidos atracaram-se a bengaladas, no corredor externo do teatro. Tratava eu de fugir do rôlo, quando me vi cercado por uma escolta de guardas urbanos, que me prendeu e mais cinco ou seis rapazelhos e nos levou das ruas da Ajuda e de Santo Antônio até a estação do Largo da Carioca, onde nos trancafiou no xadrez. Foi nesse curto trajeto que o Vale me viu entre os mantenedores da desordem pública, como por aquêles escusos tempos a irreverente crítica qualificava os guardas urbanos. Enquanto nenhum

(9) Episódio publicado no livro de Filinto de Almeida — "Colunas da Noite".

conhecido me viu, caminhava eu triste mas resignado, com a consciência limpa de qualquer delito. Mas quando vi o Vale, o grande artista, ao meu lado, a perguntar-me porque fôra eu preso, chorei de vergonha. Havia uma testemunha da minha ignomínia; estava perdido e ficaria talvez encarcerado a vida toda. A' meia-noite chegou o subdelegado e depois de uma tremenda falação admoestatória — que ainda me fêz lembrar o Mefistófeles do teatro — pôs-nos a todos na rua, onde me esperava outro martírio: o de vagar tonto de fome e transido de frio até de manhã. Quando esta alfin chegou e eu pude entrar ressabiado do escândalo e da nova reprimenda que me esperava na loja severa, logo entrou também o Vale, para dizer aos meus patrões como eu fôra preso sem culpa, levado no arrastão da polícia medrosa, que só prendera crianças e deixando soltos os grandes que tinham feito o rôlo".

Os personagens dos dramas já não eram, como até bem pouco, a virtude em pessoa ou refinados patifes; criaturas que podiam trazer sobre a fronte a auréola de santidade ou tinham estampado no rosto os estigmas da maldade, do pecado, do crime. A dramaticidade já era mais natural e Apolônia pertencia ao grupo dos artistas que não exageravam a mímica.

Começava apenas a aparecer na Corte e sua carreira era logo coroada pelo êxito que outros gastavam longo tempo a conquistar. Tudo porque para dar relêvo ao seu trabalho tinha qualidades próprias, não era indispensável a colaboração do ensaiador de grandes méritos, pois o seu talento irradiava luz própria e não era daqueles que para brilhar são como o lume das forjas que carece do sôpro estranho.

Quão humanas as figuras que compunha !

Quanta ternura no olhar, quanta tristeza na voz... Como sabia sofrer, chorar ou sorrir. E como sabia transmitir essas emoções !...



*Apolônia Pinto no papel de Margarida
de "O Fausto"*



Em cena fêz brilhar lágrimas em milhões de olhos, como fêz iluminarem-se fisionomias endurecidas cujos lábios havia muito não se separavam para sorrir.

Era assim aquela artistazinha no tempo do Rio de Janeiro sem luz elétrica, sem táxis, nem cinemas, nem arranha-céus, mas, de outro lado, com muitos teatros em funcionamento e dotados de bons conjuntos.

*

* * *

“O Fausto” prosseguia a carreira sensacional, o público da Côrte lhe consagrava diariamente intermináveis ovações e a empresa já se preparava para festejar o centenário da peça. Apolônia, fazendo a Margarida, ganhara mais uma consagração da imprensa e do público. De uma feita, o seu conterrâneo, o poeta Adelino Fontoura, que foi ao camarim cumprimentá-la, disse, entusiasmado:

— É incrível, é inacreditável como um companheiro meu, que veio ver-te, chora com o desenrolar do drama.

— Não admira, respondeu ela, outros começam a chorar em casa desde que as espôsas lhes pedem que comprem os ingressos.

Uma noite, ao chegar ao teatro, recebeu lindo ramo de flôres e, preso à fita que o atava, pequeno embrulho com um cartão dizendo o seguinte: “Para Apolônia Pinto, a deliciosa Margarida, um admirador”. Curiosa, abriu o embrulhinho. Era um vidro de “Kananga do Japão”, de Rigaud, — o perfume da moda. A discrição daquele amável admirador despertou a curiosidade da artista. Quem seria essa criatura que, ao contrário dos outros, não vinha importuná-la convidando para ceias e festas, esforçando-se para mostrar espirito e se fazer notar? Alguém lhe falou de certo jovem de família ilustre, destinado à diplomacia e às letras. Tôdas as informações, porém, eram imprecisas e Apolônia não cuidou mais do caso.

Numa época em que para tudo a mulher tinha uma norma convencional de proceder, ela era natural em pensamento e

ações. No entanto, achava que não a ela, mas a ele, competia se manifestar.

*
* *

Não compartilhava do elogio mútuo. Só os falhados apreciam êsses agrupamentos onde se ensopam de vaidade infundada e buscam-se em camarilha amontoando-se para fazer barreira procurando inútilmente impedir o caudal do sucesso alheio. Mas a argamassa que os une é uma só e muito frágil; sentimento de inferioridade, e por ser precária se rompe à menor pressão, como acontece, pelo curso impetuoso das águas de um rio, romper-se a débil barragem destinada a obstruir-lhe a passagem.

Poderiam perdoar à mulher uma conquista, mas à atriz o ter dado passo à frente, adiantando-se das fileiras, isso não !

No entanto, aos seus encantos de menina e moça, que as luzes da ribalta realçavam, se rendia uma corte de admiradores enfeitiçados e atraídos como abelhas a voear em torno de uma flor.

O que levou Furtado Coelho a contratá-la ainda uma criança, para em sua emprêsa arcar com grandes responsabilidades, não foi a ânsia do lapidário em tomar o diamante, quase ainda envolto na ganga bruta, para o transformar em gema preciosa e faiscante, porque Apolônia já era uma artista conhecida pelo Norte e o seu nome já havia repercutido na Corte. O que induziu esse convedor de teatro foi a certeza de uma grande aquisição e, sendo um especialista em assuntos de teatro, não se enganou porque os fatos confirmaram.

Preocupava-a encontrar um meio de assistir, no Teatro São Luís com a peça "Os Filhos", à estréia de Lucinda Simões, a insinuante filha do ator Simões.

A brilhante atriz portuguêsa, que na mesma noite de sua chegada ao Brasil fizera empenho de vê-la representar, em Portugal já tinha notícia do talento da jovem atriz brasileira, com quem logo fez amizade duradoura. Muitos anos depois, quando a comedianta portuguêsa estêve no Brasil, pela ultima vez, contou

ao jornalista que a entrevistou para a "Revista da Semana" êsse episódio, e assim descreveu a sua colega brasileira :

— "Apolônia Pinto estava então na primeira mocidade, leve de estatura, poética de falas e de maneiras, respirando e irradiando doçura, cativava o sentimento como deleitava o espírito de quantos a viam representar. O que ali estava era angélico e absolutamente natural. Apolônia sentia assim, vivia assim, era assim: A ingênuo ideal!"

— E quer que lhe diga mais? Nem no teatro, nem fora dêle, encontrei jamais beleza de olhos, comparável magia de olhar". (10)

*
* *

Também Adelino Fontoura, ator e renomado poeta, não se furtou aos impulsos do estro, dedicando a Apolônia Pinto um poema ditado pelo fascínio da mulher e incitado pelo encantamento artístico da sua musa. De então data êste soneto de Adelino:

*"Escravo dessa angélica meiguice
Por uma lei fatal como um castigo
Não abrigara tanta dor comigo
Se êste afeto que sinto, não sentisse.*

*Que te não doa, entanto, isto que digo
Nem as magoadas falas que te disse;
Não tas disserra nunca se não visse
Que por dizê-las minha dor mitigo*

*Longe de ti, sereno e resoluto,
Irei morrer misérrimo, esquecido
Mas hei de amar-te sempre, anjo impoluto.*

*És para mim o fruto proibido,
Não pousarei meus lábios nesse fruto,
Não morrerei sem nunca ter vivido!*

(10) De uma entrevista publicada na "Revista da Semana" e depois reproduzida no livro "Assim Falou Polidoro", de João Luso.

*
* *

Depois do benefício de Apolônia com "O Fausto", a peça continuou em cartaz, embora já se anunciasse, desde muito, "O Telégrafo elétrico", comédia em três atos com música de A. Carlos Gomes, ensaiada pelo maestro da companhia, H. de Mesquita.

Muito fatigada e a conselho médico, Apolônia desligou-se da emprêsa para repousar algum tempo. O empresário, porém, não desejava retirar de cena a peça que tanto sucesso vinha alcançando, e na impossibilidade de tê-la como protagonista, procurou uma atriz capaz de a substituir.

Contou-nos Isolina Monclar, uma colega sua, discípula de Emilia das Neves, célebre atriz portuguêsa, que, procurada pelo empresário do Teatro Fênix, para tomar o papel de Margarida, a isso se recusou, alegando não ter aquela candidez do olhar nem a voz e o ar adorável que Apolônia emprestava à heroína.

Para o repouso aconselhado pelo médico, seguiu Apolônia rumo a uma fazenda no Estado do Rio. Ali, levava uma vida simples, e quase primitiva; forçada a dormir logo depois do escurecer, acordava cedo e se metia pela mata adentro. Gostava de ficar bem longe de qualquer indício de civilização, no mais íntimo contacto com a natureza, sentindo um verdadeiro estado de euforia. Ela que sempre estivera no meio de paisagens e matas artificiais, sentia-se bem ali, sorvendo o ar puro e sentindo a fragrância da folhagem nova e orvalhada.

Certa manhã recebeu uma carta; era o empresário que lhe pedia que voltasse. E mais uma vez, atendendo às solicitações feitas à emprêsa, foi à cena "O Fausto". Apolônia, já restabelecida, continuou a viver a romântica heroína do drama.

Com uma leve pontinha de vaidade, diante do espelho de três faces, olhava-se por todos os ângulos e sentia-se feliz a observar como aquêles dias no campo lhe avivaram os encantos. Os braços bem torneados, a cintura e o busto que o vestido acen-tuava em curvas harmoniosas eram muito do seu agrado.

Ajudava-a a se vestir a negra Sebastiana — escrava que havia muito tomava de aluguel para êsse mister. Forte e boa, a mucama já tinha para Apolônia a dedicação característica de sua raça, para com aquêles de quem recebem algum benefício.

Contou-lhe a prêta que o mesmo moço das flôres e o frasquinho de perfume, sem dizer o nome, tinha vindo muitas vêzes para vê-la.

Depois dêsses espetáculos, foi para o "Teatro Ginásio" como primeira dama ingênua, contratada pelo ator português Vale. Ali fêz "Nossas aliadas", "Santinha do Pau Carunchoso", e o Vale, para poder realizar com grande montagem "O Urso Azul", de E. Garrido, com música de Ciríaco Cardoso, passou a dar espetáculos no "São Pedro de Alcântara", apresentando a peça com cenários de Giacomo Micheli, adereços de Moura, figurinos de Agapito e encenação sua. Depois de outras peças, Apolônia fêz o seu benefício com o "Urso Azul", a "Espadelada", de Costa Lima e duas cançonetas francesas : "C'est dans le nez que ça me chatuille" e "Le train qui passe", cantadas gentilmente pela cantora excêntrica Mlle. Suzane Castere.

Na primeira quinzena de março, no Ginásio, com a emprêsa F. C. Brício, em "Os homens que riem", razia a Viscondessa de Paraguaçu, e, depois, em "Eva", a protagonista, secundada por Ana Costa, Fani, Silveira, Leopoldo, Rodrigues, Caetano e Ferreira, programa êsse que era completado com "Mestre Francisco". O cartaz seguinte foi uma peça de costumes, em cinco atos, original de França Júnior (11), intitulada "Duas pragas". Nela Apolônia fazia a Helena, uma carioca de nariz arrebitado; os outros papéis foram distribuídos a Júlia Golbert, Ana Costa, Maria Silva e Fani. O Vasques que dedicava a Apolônia cordial amizade, quando ela, nesta emprêsa, deu o seu benefício, fêz, em atenção à beneficiada, a sua famosa cena dramática "História de um marinheiro".

Muito concorrida foi a sua festa de benefício. Quando, no intervalo, os freqüentadores da caixa do teatro e gentis colegas lhe foram oferecer flôres, Apolônia radiante e feliz trazia a todos

(11) Foi um ilustre comediógrafo nacional. Espírito observador dos nossos costumes, das nossas coisas que trasladava com chiste para a cena.

em constante hilaridade, contando anedotas e fazendo blague com aquela graça tôda pessoal que trazia enfeitiçados os rapazes e babosos os velhos, atraídos pela sua deliciosa feminilidade.

Logo depois dessa festa artística, um dos primeiros atos de Apolônia foi tratar da alforria da Sebastiana, a mucama que tinha a seu serviço.

Dentre os poetas apaixonados que lhe dedicavam poemas estava, como vimos, Adelino Fontoura que parece ter sido um dos mais afortunados.

Coetâneo e procedente da mesma província que Apolônia, o jovem Adelino também era um fascinado pelo teatro, tendo-se feito ator sem abandonar o trato das rimas.

*

* * *

A "Vida Fluminense", falando de sua atuação em "As Mexicanas", peça aliás de pouco valor literário, expressou-se dêste modo: "... Valha-nos ao menos a veia cômica do Vale, Silva Pereira e Apolônia, que teve artes para dar brilhante colorido a uma produção incolor... Sob qualquer ponto de vista". Mais uma vez soube levantar o mérito do papel que lhe foi confiado.

Voltando ao São Luís, na emprêsa Vitorino Rosa, ao lado da Ismênia, que era a dama galâ, fazia, como ingênuas, "Estátua de Carne", "Condessa Sanercey", e "Mel e Fel", em que era protagonista. Depois, "Senhora Aubert", drama em quatro atos de Edouard Plouvier, em tradução de Visconde Coaracy e, a seguir, "Batalha das damas", "Os amôres de Paris", "O mudo" em que aparecia em *travesti* à Luís XV, "Os íntimos", drama de Sardou em tradução de Mário Pena, fazendo, também em *travesti*, o Raphael, ao lado da De Vichi.

Em janeiro de 1874 estêve no Rio a famosa trágica Ristori, que, no "Pedro II", apresentou "Soror Teresa", "Medéia", "Maria Antonieta", etc.

Apolônia, que estava no "Fênix Dramática" com o Heller, representava "O poder do Ouro", fazendo Margarida, mas quando lhe era possível assistir ao trabalho da célebre trágica italiana, não perdia a oportunidade. Nesta última emprêsa, o seu

benefício foi com o drama original do Vasques "Honra de um taverneiro", ao lado do autor, do Guilherme, Areias, Galvão, Adelaide, Rosa Pinto e outros.

Depois, na emprêsa do ator Martins, "O amor e o Diabo", fazendo o gênio do amor, "Uma mulher por duas horas", "Otelo, o trocador de realejo", "Um rei feito a fôrça", em que fazia o cavalheiro Truilly, seguindo-se "O armário diabólico", "O novo Orfeu no inferno", ópera mitológica e mágica, em quatro atos, doze quadros e apoteose em tradução de E. Garrido, onde fazia a Opinião Pública. A seguir, "Inglêsas na costa", de França Junior, em que fazia o Félix, um jovem estudante. A emprêsa dava, também, alternadamente, espetáculos no São Pedro de Alcântara, onde apresentaram "A moura encantada", "O casamento do Descasca-Milho", em que ela fazia a Luísa Leiteira.

Ainda em fins de janeiro chegou ao Rio, de passagem para o sul, a companhia de Manuela Lucy e Vicente Pontes de Oliveira, trazendo Xisto Bahia como primeira figura masculina e João Colás, que começava a fazer nome. Esta emprêsa ocupou o "São Pedro de Alcântara", e a companhia em que estava Apolônia dava espetáculo ora no "São Pedro", ora no "Vaudeville". Teve assim ensejo de rever os seus primeiros empresários.

Anunciava-se o benefício de Apolônia e a artista recebeu muitas cartas pedindo que o fizesse com "O Fausto". Atendendo às solicitações, foi essa a peça escolhida, fazendo Mlle. Marguerite Iglesias, pela primeira e última vez, o papel de Mefistófeles; o ator Galvão recusara-se a fazer o papel que antes era de sua interpretação. Completava o programa "Une soirée de carnaval" cantada por Marguerite e Apolônia, esta em *travesti*.

Novamente com o Vale, no Pedro II, na mágica "A Princesa dos cabelos de ouro" fazendo o Belfogar II, rei dos infernos, depois em "Cartouche ou o rei dos ladrões", drama musicado de E. Garrido, cuja ação se passava em 1721, em Paris. Fazia a Jeanette, vendedora de frutas. Os acessórios e mobiliário eram a caráter ou da época, como diríamos hoje; o guarda-roupa, de Mme. Victorine Pezano. Em um dos quadros que se intitulava "As núpcias de Jeanette" Apolônia mostrava-se inexcedível de graça e arte.

IV

1875 — 1876

Vencida a primeira etapa na Corte, isto é, passadas as dificuldades preliminares para criar nome e fazer público, a artista sentia agora a necessidade imperiosa de evoluir. Já não era sua única preocupação agradar, como ocorreria a qualquer atriz, mas seguir em progressão, galgando cada vez situação melhor, sem desmerecer da marcha vitoriosa que vinha sendo sua carreira e, não querendo ser sobrepujada, esforçava-se mais ainda.

Quando não estava trabalhando, aproveitava o tempo em estudos; procurava conhecer os mestres da difícil arte de representar, lia muito, mas não o fazia arbitrariamente; pedia conselhos a Joaquim Serra, Joaquim Augusto (12), Artur Azevedo, França Júnior, ao empresário amigo Furtado Coelho e a outros homens cultos com os quais conviveu.

Sabia, por clarividência, que o seu prestígio era decorrente de feitos notáveis e que sómente outros feitos notáveis poderiam manter acesa a chama sagrada do conceito público.

Uma perfeição ou um conhecimento ganho era mais um elemento que se acrescentava aos já adquiridos anteriormente, para serem utilizados nas suas interpretações que iam em aprimoramento progressivo, valorizando as suas qualidades de atriz e de-

(12) Joaquim Augusto foi discípulo de João Caetano, aperfeiçoou-se com Emílio Doux e nessa circunstância foi, depois do seu grande mestre, o primeiro ator do Brasil. Diz-se ter sido ele o primeiro grande ator nacional que adotou a escola realista e também um animador da literatura dramática brasileira, dando-lhe preferência aos originais estrangeiros.

senvolvendo as aptidões cênicas que, assim aprestadas, de muito lhe valeram quando mais tarde se fêz também ensaiadora.

Tornou-se capaz de discernir com propriedade, conhecer as intenções do autor e ter a exata observância na composição dos caracteres, porque dispunha dos elementos necessários para planejar a composição. Sabia que o trabalho de uma atriz não é só ir para o palco com o papel na ponta da língua e recitá-lo com alguma gesticulação. Avançava de observação em observação, até possuir todos os elementos necessários para exteriorizar a própria alma que o autor imaginasse para seu personagem.

Chegou a êsse resultado pelo esforço e estudo permanente, única norma capaz de dar boa dose de conhecimentos psicológicos que eram acrescidos de outros colhidos através de constante observação na vida real.

Essa compreensão da necessidade e importância do estudo e das responsabilidades de uma atriz que o público consagra, não logrou alterar, por um só momento, a graça nela tão natural e própria como a folhagem às flôres.

A simpatia, êsse ímã da vida, era talvez a sua maior beleza; o olhar, seu maior encanto; e o timbre meigo da voz, o meio certo para comover o coração de quantos a ouviam.

Analizando-se tôdas essas circunstâncias, afigura-se-nos que ao seu nascimento se congregou o Olimpo, e Apolo, de quem lhe proveio o nome, parece ter encarregado a pitonisa de Delfos de arranjar um oráculo feliz para a recém-nascida, sem esquecer de recomendá-la também à inspiração das musas, que a favoreceram com seus predicados.

Visconde Coaracy, escritor apreciado e dos admiradores mais fervorosos, dá-nos em páginas de síntese leve e graciosa, das quais transcreveremos trechos, o seu retrato nessa quadra da vida:... “Um poeta e um músico já lhe cantaram os pés... Ali é tudo arte e engenho... No entanto ainda é criança... Em crescendo, e tomando siso, há de ser uma grande artista... Talento não lhe falta, o que lhe falta é tamanho... Aquêles olhos... aquêles olhos...”

Ao segrêdo extremo de sua graça fundia uma arte inata para abrir as desejadas portas da glória.

Para nós, que a conhecemos numa outra fase da vida, quando de prata se lhe cobria a cabeça veneranda, é quase impossível reconstituir a beleza da ingênuia de meio século antes. É, portanto, como dissemos, indispensável, de quando em quando, dar a palavra aos seus contemporâneos de mocidade como o fizemos, há pouco, com Lucinda Simões, Visconde Coaracy e o faremos com outros.

* *

Os vestidos eram complicados; cheios de armações, rendas, flôres e tecidos custosos. As saias, escorridas na parte anterior, para trás eram cheias de apanhados, flôres, fitas e rendas. Os chapéus, inconcebivelmente pequenos, eram ornados de frutos, plumas, flôres e fitas pendentes.

O uso das anáguas não era sómente ditado pela necessidade de impedir a transparência das saias, evitando as indiscrições de transeuntes menos educados, mas, também, para produzir o encantador fru-fru, tão desejado pelas elegantes d'antanho. Muitas usavam-nas de tafetá, outras preferiam engomadas e ornadas de folhos, para obterem o rodado, que constituía o paradigma na elegância das nossas bisavós, que, algumas vêzes, não julgando suficiente uma só dessas peças, usavam duas e três.

Apolônia tinha dessa elegância que, não abusando do arrebiante, era um pouco negligente, e a ela, numa aplicação feminina, se adapta a indicação de Brumel: — a verdadeira elegância consiste em não se fazer notar.

Conhecia o segredo feminino que nos faz grato às mulheres que souberam encantar nossos olhos, com essa ciência do detalhe, dentro de uma sobriedade bem dosada, cuja habilidade não é vulgar em tôdas as filhas de Eva. No seu arranjo pessoal, sem ser amaneirada, ela não incorreria nesses pequenos delitos, aparentemente insignificantes, mas que prejudicam uma mulher, principalmente quando ela é uma atriz.

É voz corrente que o encanto da moda está em ser fugitiva, mas quem não sente irresistivelmente a graça dos retratos de Apolônia moça ?

Os seus contemporâneos são acordes em lhe decantar graça e beleza. A graça, principalmente, mais encantadora ainda que a beleza.

Sobretudo, o tom pessoal de sua maneira de vestir, com aquela nota de despreocupação que lhe dava atrativo singular. Andar na moda nem sempre é ser elegante; muitas vezes uma dama vestida pelo último figurino está *gougré*. A moda pode ser para todos, a elegância, porém, é pessoal e inata. Apolônia vestia com gôsto e sobriedade, encontrando sempre uma nota pela qual se traduzisse sua propria personalidade.

Não gostava de côres vivas, de ostentação barata e vulgar, muito apreciava a harmonia do conjunto, o que demonstrava certo apuro de gôsto.

Sabia dos seus encantos e por isso nada de muitos enfeites.

Pintura, usava o indispensável para realçar a beleza natural, apenas para corrigir alguma irregularidade ou para se adaptar melhor ao personagem a encarnar, atendendo às exigências do palco. Esse também foi um dos muitos motivos para justificar sua rápida popularidade, porque, já no dizer de Beauhlaire : — "As mulheres que se pintam, quando o fazem com perfeição, tornam-se obras de arte que se devem respeitar. A mulher que se corrige, que se burila, que cria em si uma beleza nova, tem direito à nossa admiração".

Era esbelta, graciosa, brilhante e primeira atriz ainda adolescente. Os olhos irrequietos estavam sempre prontos a sorrir antes dos lábios e também a encherem-se de lágrimas, em transições notáveis. Tôdas essas habilidades eram aproveitadas pela atriz, que delas tirava os melhores proveitos para sua arte.

Aquela mocidade ainda não de todo desabrochada era essencialmente feminina; não dessa feminilidade em que se sente o cálculo ardiloso da mulher preocupada de se mostrar, mas com uma nota espontânea, qualidade que a tornava mais provocante, sobretudo quando realçava a flexibilidade das formas do corpo e a beleza das mãos. Esse era o encanto que hoje se torna difícil precisar numa descrição, mas que dêle dizem bem os contemporâneos que o sentiram e ainda o recordam.

As já famosas qualidades de artista, aliava o fascínio de um físico encantador, que, se lhe proporcionava momentos agradáveis à vaidade feminina, também era causa de dissabores, principalmente entre colegas.

Representava-se "O aventureiro ou o Monte do Diabo", que o Vale havia montado a capricho, e Apolônia no papel de Fiel, o pajem da duquesa, estava linda como uma figurinha de *biscuit*, no seu traje medieval.

Na caixa do teatro, falava-se, à bôca pequena, dos seus amôres com o jornalista de vistosa barba e porte desempenado, com o qual estêve a ponto de casar-se.

João Bernardes, um repórter indiscreto, surpreendeu entre os dois um diálogo que não vacilou levar a público, pelas colunas de uma revista da época :

— Por que não casa? perguntou a travessa atriz.
— É para ficar solteiro.
— Não gosta do casamento?
— Gosto e muito, e tanto que não me caso para estar no caso de casar-me sempre.

— Esse caso é acusativo, acudiu o Eduardo Garrido, não deixando passar o ensejo para um trocadilho.

De outra feita, havia acabado a *toilette* matutina e desprendia o suave perfume de sândalo que embalsamava o ar do aposento molemente recostada a um sofá. Na mão que pendia, quase a desprender-se-lhe, um jornal em que sobre o espectáculo da véspera lera a crítica, pouco lisonjeira, ao empresário e aos seus colegas de elenco, mas que fazia exceção ao seu trabalho. Sentia-se feliz por ter escapado ao desagrado do crítico, e a última frase lida inda lhe ressoava no espírito, como um estímulo: "... A Sra. Apolônia disse bem o seu papel, e melhor di-lo-ia se a ajudasse o Sr. Ferreira, o Renzo, envenenador célebre; e tão célebre que chegou a envenenar a representação do drama..." (13)

(13) "A Vida Fluminense" de 2-XII-1875.

Apolônia, meio dormitando, ainda fatigada do último ensaio que se prolongara até pela madrugada, deixou-se ficar por algum tempo sem nada fazer nem pensar. Estava nesse abandono, quando despertou, ouvindo alguém que a chamava, aproximando-se a passos rápidos. Era sua velha mãe, que trazia jubilosa o último número da revista "Vida Fluminense" e, dobrando-a ao meio, passou a ler em voz alta os versos que lhe eram dedicados :

APOLÔNIA

*O teu nome é uma estrofe
Que me arrebata e seduz!
Me faz lembrar a Polônia
Levando ao Calvário a Cruz!*

*Mas nunca curvando a fronte
Sob o trono do Czar!
Sempre valente na pugna
Sempre cativa a chorar*

*O teu nome, linda artista,
E' um nome de magia!
E' uma estréla que brilha
Sobre um céu de poesia!*

*E se a Polônia gravado
Tem o seu nome na História
O teu, no templo da Arte
Será d'eternal memória!*

(a) *P. Rôças* (14)

O renome crescente, longe de a entontecer de vaidade, intimidava-a, fazendo sentir cada vez maior a necessidade do estudo para manter a glória alcançada.

Procurando conhecer tudo que se relacionasse à profissão, sua curiosidade de saber era insaciável, porque a cada terreno desbravado correspondia novo horizonte desvendado e mais aumentava a consciência de quanto é complexa e difícil a arte teatral.

(14) "A Vida Fluminense" de 11-XII-1875.

Havia melhorado muito a dição e, sabendo o que dizia, separava as palavras com a pausa e a inflexão exata, evitando tôda obscuridade na articulação. Os gestos acompanhavam com justezas a fala e, dêsse modo, a palavra tinha a devida ação exterior feita com arte e elegância.

Desenvolvera muito a exteriorização dos feitos anímicos que sabia expressar com a mobilidade fisionômica, pondo em jôgo os músculos da face.

Usava, nas cenas culminantes, todos os recursos possíveis; atitude correta, expressão fisionômica, *nuances* de voz e tudo mais que estudava para mostrar, físico e moral, o personagem que encarnava.

A glória à qual estava fadada Apolônia se efetivava e consistia principalmente em manter as suas interpretações num nível de realidade, tanto quanto por aquêles tempos e na sua idade se podia fazer no teatro; nem arrebatado, nem inexpressivo, nem sublime, nem banal. Era ainda muito jovem e convinha não se exceder, não havia de faltar oportunidade para se mostrar cada vez mais artista.

Muitas vêzes, pelas exigências do texto, era forçada a intensificar a dramaticidade e então o fazia com moderação num calor crescente, conduzindo a sensibilidade do público até o ponto desejado.

O seu amor à conquista de um lugar sempre melhor trouxe-lhe muitas antipatias, causadas pelo despeito, êsse vurmo deletério das paixões humanas e, de outro lado, proporcionou-lhe muitas afeições valiosas. Dentre estas a especial estima que lhe dedicavam o Vasques e o Furtado Coelho, com os quais teve mais uma associação de espíritos que de corações.

A Companhia Lírica Italiana, nesse ano, no "Pedro II", dava espetáculos alternadamente com a emprêsa na qual Apolônia estava escriturada e assim, nas noites em que não trabalhava, pôde assistir às representações de "Barbieri de Seviglia", "Ruy Blas", "Sonâmbula", "Julietta e Romeu", "Ernani", "Norma" e "Favorita", travando conhecimento com a música de Rossini, Verdi,

Donizeti e outros compositores, pelas vozes da Biancholini, Morelli, Cotezi, do Lelmi, Spalozzi e outros.

Nessa temporada, o Vale levou à cena "A Mocidade do Rei Henrique", adaptação teatral do romance de Ponson du Terrail, feita por Mendonça Ferreira, com música de Ciríaco Cardoso, dividida em sete quadro assim intitulados: 1º — Taverna de Malican; 2º — A Câmara de Paola; 3º — O Jôgo do Rei; 4º — O batizado e a caçada; 5º — O Laboratório de Renée; 6º — A Ponte de São Miguel; 7º — A Sala do Trono, do Louvre.

Tão rigorosamente realista era a montagem que na cena da caçada punham no palco cavalos e cachorros. Apolônia fazia Paola, e a crítica muito louvou o seu trabalho, embora se mostrasse pouco entusiasmada com o Vale, que fazia o Rei e era um grande ator.

Depois veio "Estréla do Norte" ou "D. Pedro Imperador da Rússia", comédia-drama militar em três atos, ornados de bailados, música de Ciríaco Cardoso. Apolônia fazia a Catarina, uma vivandeira do ano de 1690. Nesta peça havia no primeiro ato um terceto entre Catarina, Kalmuff, o cossaco, interpretado pelo Faria, e Bertha, a camponesa, que fazia Inês Gomes, e no segundo ato o "Côro das Vivandeiras" em que Apolônia cantava em solo a canção de Catarina, secundada pelos outros. Esses dois números eram muito apreciados pelo equilíbrio de vozes e música. Completava o programa a comédia em um ato "Enguli um camundongo", interpretada pelo Vale, Faria, Rangel, Colás, Pereira e Apolônia.

Em "O Aventureiro ou o Monte do Diabo", drama cuja ação se passava na Martinica, ano 1694, aparecia num *travesti* que lhe dava certo ar de efebo de pintura clássica, fazendo o pajem da duquesa.

Voltando ao teatro "Fênix Dramática", ali reapareceu em "O Fausto", que antes já lhe valera grande sucesso e alcançara mais de duzentas representações.

Chegado o Carnaval, foram suspensos os espetáculos, para dar lugar aos bailes que iriam ser realizados no teatro.

Apolônia, num dominó côr de rosa, foi aos bailes em companhia daquele jovem que lhe mandara o perfume e que acabou aproximando-se. Ambos, formando um casal de dominós, sob a proteção das máscaras, divertiram-se a valer.

A orquestra regida pelo maestro Mesquita trazia o público em constante animação, ao som das quadrilhas, polcas e valsas.

Um amigo do jovem admirador, depois de muito insistir com este, foi apresentado à artista e com ela dançou uma valsa.

— Costuma vir sempre aos bailes? perguntou ela.

— Sim, gosto muito de dançar, respondeu êle.

— Pois se gosta, valeria a pena aprender..., retrucou Apolônia já com os pés bastante machucados pelo cavalheiro que dançava mal.

No dia seguinte, continuaram os folguedos no "Teatro Pedro II". O alarido era grande, o tilintar dos copos e das taças, o farfalhar das sêdas, as fantasias guizalhantes faiscando de lanterjoulas, tôda aquela balbúrdia de côres concorria para excitar o ambiente e o ânimo da folia. Todos cantavam e dançavam as musicas saltitantes e ao ritmo de *schottishs* e galopes, pulavam e gritavam jogando confete. Os grupos de foliões estavam animadíssimos: Democráticos, Fenianos e Estudantes de Heydelberg eram os clubes famosos. Cada grupo, mais animado que o outro, fazia maior alarido em animação ruidosa.

No botequim campestre, ao ar livre, a algazarra atingia o máximo.

Os bicos de gás ácesos em profusão concorriam para a alegria reinante; garrafas de champanhe espoucavam e o líquido capitoso espumava nas taças.

Todos se divertiam a valer e os artistas de teatro eram os mais animados. Talvez porque a condição dêstes fôsse muito precária, procuravam êles viver da melhor maneira, pois o futuro era muito incerto. Sem as garantias que oferecem hoje as leis trabalhistas, viam-se de repente sem recursos, na mais negra miséria, passando as maiores necessidades e, não raro, atingidos pela tísica e outros males facilmente adquiridos pelas más condições de vida,

por quem não tem uma subsistência muito farta. Assim, por exemplo, aconteceu com o ator Caminha, que morreu paupérrimo, deixando à viúva e à filha títulos de crédito relativos a dinheiros que lhe deviam os empresários e, nos seus últimos dias, para comprar remédios, precisou empenhar as jóiazinhas da criança.

* * *

Perguntará o leitor: — Que procedimento era o de Apolônia? teria sido ela uma doidivanas?

Pondo de parte as circunstâncias e outras particularidades decorrentes da profissão, consideremo-la como mulher precocemente posta em face das realidades da vida e, por isso mesmo, parecendo propensa aos prazeres fáceis. Quando, porém, levarmos em conta o seu procedimento em circunstâncias deveras dignas de observação, ela se nos afigura por outro prisma.

O que porém está fora de dúvida é que tinha um objetivo: queria ser uma artista e soube consegui-lo, a despeito de tôdas as vicissitudes.

Sem perder o seu feitio despretensioso, mesmo nos momentos de verdadeira culminância, em várias etapas de sua vida, soube se portar como mulher côncia de seu valor, digna e sóbria, sem o aparato de uma vaidosa vulgar.

Não foi destituída de princípios; muito pelo contrário, conhecia a justa proporção do respeito humano, dosada pela influência da criação em casa da madrinha que foi senhora de costumes austeros e pelos corretivos de D. Antônia Franco, disciplinadora do feitio antigo, e ainda, como se essas circunstâncias não bastassem, as advertências do pai, homem probo, como se pode concluir pelo quilate das amizades que teve. Foram êsses os moldes que mais profundamente formaram o seu caráter.

Era muito expansiva, é verdade, mas o que poderia haver de mal naquela exuberância e naquela prodigalidade de sorrisos?

Sem ser uma vulgar intemperante, Apolônia sabia viver o momento presente, porque ao artista de teatro não era dado certeza no futuro. Tratava de estar alegre enquanto para si a vida era

um verão de sol radioso. O inverno, sabia ela, havia de vir e com ele aquêle calor vital havia de arrefecer e, então, a melancolia de recordar poderia ter passagens gratas à memória.

O seu objetivo na vida era ser atriz, e êsse ela o conseguiu fora da vulgaridade. Mas, como ser atriz era não ter um amanhã certo, essa convicção muito influiu na sua conduta. Era preciso viver o momento presente.

Estava Apolônia como primeira atriz do teatro "Fênix Dramática" e, a propósito da peça "Risos e prantos" de Augusto de Castro, assim se manifestou a crítica : ".....

No desempenho, que está sendo, após as primeiras representações, geralmente regular, desde a primeira noite revelou a Sra. Apolônia que, além do gênero das ingênuas, em que foi sempre a primeira, ter aptidões e talento superior para bem interpretar os papéis de galã dramática.

No terceiro e quarto atos, da peça, durante cujas representações é sempre aplaudida, a inteligente atriz imprime com verdade o colorido ao seu papel que ali avulta e enche-se de dificuldades, que só podem ser vencidas por um talento de escolha como é o seu.

Sem gritos, nem declamações errôneas, mas com mobilidade do semblante, com o acerto do gesto, com bem calculadas inflexões, ela conduz o papel com firmeza que revela o estudo com que foi tratado.

Quando porventura tenha motivos para não estar satisfeita com o desempenho das demais partes da sua comédia, o autor deve estar lisonjeado com o trabalho da atriz, que o soube compreender e entender, criando conscientiosa e brilhantemente aquêle papel..." (15).

Contava ela vinte e duas primaveras e era uma artista festejada pelo público e consagrada pela imprensa. Premiavam dêsse modo o seu esforço e estudo constante no sentido do aprimoramento da arte.

(15) "Revista Ilustrada", janeiro de 1876.

Cumpria o destino que a Providência lhe deu, fazendo-a nascer e viver onde devia brilhar : no palco.

Por vêzes parecia-lhe que um poder sobrenatural lhe esclarecia a inteligência, mostrando a beleza que encerra o estudo de um novo personagem, ensinando-lhe a penetrar, completamente, na vida que cada um trazia palpitante, fazendo-a comover-se e comover até às lagrimas ou sacudindo-a na febre das emoções. Esse poder estranho que lhe vinha por uma espécie de vidência agia sempre que dêle necessitava, proporcionando-lhe criar personagens tão grandes e belos como os que sabia admirar, ou tão abjetos e detestáveis como os que desprezava.

Um exemplo da cuidadosa meticulosidade com a qual analisava os papéis que lhe eram confiados, mesmo quando êstes não fôssem os principais, têmo-lo em uma crítica publicada quando da apresentação de "Maria Angu": "Em uma das últimas representações desta peça, foi um dos papéis secundários desempenhado pela atriz Apolônia.

Indo fazer a parte da Chica Pitada, que no original corresponde à de Amaranhe, a inteligente artista deu-lhe o colorido próprio quer nas inflexões, quer no característico.

Entendeu bem que a Chica Pitada, sendo uma das mães adotivas de Clarinha Angu e moradora da fábrica quando a mãe de Clarinha ainda ali existia, e portanto antes de ter tido a filha, não podia deixar de ser uma mulher já madura, e não hesitou ao incumbir-se do papel, embora para desempenhá-lo uma só noite, em sacrificar a frescura de seu rosto a algumas rugas aparentes, apresentando-se assim, desfigurada e grisalha. E' a isso que se chama consciênciia artística, e, desde que a tem, faz-se o artista digno de elogios". (16).

Punha completamente de parte sua própria individualidade para assumir a do personagem que lhe tocava interpretar. E para o bom resultado revestia-se do temperamento, da índole, do caráter, da inteligência, da sensibilidade, dos sentimentos, das paixões do personagem, e, de tal modo o fazia que ao espectador parecia

(16) "Revista Ilustrada", julho de 1876.

obedecer sómente aos impulsos da natureza que encarnava. Tudo isso feito com naturalidade, manifestando as sensações como seria suscetível de sentir, se, na vida, ela fosse aquelle ente trazido para a ribalta.

No prazer, na dor, na doença e até na própria agonia ela estudava tôdas as minúcias que um novo papel exigisse. Mesmo por um dia, como no caso da Chica Pitada, ela o fazia e exprimia como o faria o próprio personagem, transparecendo pela palavra, pelo gesto ou mesmo na imobilidade e no silêncio. Todos os seus esforços convergiam para um mesmo fim: dar ao público a idéia exata da realidade, e de tal modo se integrava naquele desdobramento, verdadeiro avatar de personalidade, que se alheava inteiramente da presença do público, ocupando-se únicamente com a ação da cena.

V

1876 — 1877

Corriam as coisas nesse ritmo.

Trabalhava muito, é verdade, mas a consagração da crítica e do público eram compensações que muito a estimulavam.

Apolônia foi ainda muito aplaudida em "União Ibérica", "Os três chapéus", "Casadinha de fresco", "Lágrimas de Maria" e "Ali-Babá", adaptação teatral dos contos de Mil e Uma Noites, que já vinha dando mais de cento e cinqüenta representações. Acertar com uma peça capaz de cair no agrado do público é tudo quanto mais desejam os artistas de teatro.

Os meios teatrais, aqui, como em tôdas as metrópoles, tinham os seus habituais freqüentadores, que acabam por se tornar conhecidos.

Quem costumasse freqüentar os teatros naquele tempo, no Rio de Janeiro, certamente conhecia um belo rapaz de farta beleira, bem cuidada barba e profunda ruga na testa, e saberia que não era outro senão o jovem Rodolfo Bernardeli, assíduo nos meios artísticos, onde era muito apreciado pelo seu violino que mais tarde havia de trocar pelos apetrechos de escultor.

Novamente o público e os críticos provocaram um incidente que muito deu a falar e no qual eram motivo e causa, ainda uma vez, as duas primeiras atrizes contratadas pelo Vale: Apolônia e Ismênia.

Para uma idéia exata dêsses acontecimentos, daremos a palavra aos contemporâneos, através de diferentes órgãos da imprensa: "Teatro São Luís

Isto sucede no teatro onde se está representando em grande parte devido aos esforços dos artistas incumbidos do seu desempenho.

Entre êles cabe mais particularmente menção às senhoras Ismênia e Apolônia, a quem foram distribuídos os papéis das duas principais personagens, Henriqueta e Laura, as duas órfãs.

À Sra. Ismênia, que desde as primeiras representações desempenhou a parte de Henriqueta, se continuam a prodigalizar os aplausos que mereceu. Ao lado dela representava então outra artista, a quem o público dispensou aplausos de animação no papel de Laura.

Está dêsse papel encarregada atualmente a Sra. Apolônia, o que importa dizer que outro brilho, fase nova, outra vida ganhou o personagem, tratado por ela.

Com efeito, a Sra. Apolônia compreendeu que aquêle papel não era posição secundária e, como bem se disse já, dando relêvo a tôdas as suas suaves delicadezas, colorindo-o como um dos dois principais papéis da peça, senão como o primeiro.

Bem caracterizada, fazendo valer, com acertado emprêgo e afinados tons a sua voz grata ao ouvido, já na meiga resignação, já nos queixumes aflitos, e mesmo na expansão do contentamento, sóbria e expressiva nos gestos, justa no moto, justa nos movimentos da fisionomia, representou estética e plásticamente a personagem cujo desempenho justificadamente se lhe confiou.

É conseqüentemente o papel de Laura, no drama "As duas Órfãs", uma nova criação da talentosa atriz. Cada uma das suas cenas seria na tela do pintor um belo quadro, no mármore do estatuário uma primorosa estátua, e os sons da sua voz, na dição pura, na inflexão verdadeira, exprimindo as sensações diversas do mimoso papel em que ela soube artísticamente encarnar-se, dariam uma suave melodia, um cântico melindroso como os de Gluck, repassados de sentimento e de verdade, como Gotschalck" (17).

Outro jornal, com uma nota característica, também registra suas impressões: ".....

(17) "O Figaro", de janeiro de 1877, assinado J.

No "São Luís" continua o drama "As duas Órfãs", petisquinho apimentado ao sabor dos apreciadores das atrizes Ismênia e Apolônia, que aproveitam êste terreno para fazerem as suas comparações entre os merecimentos físicos e artísticos das duas atrizes" (18).

Em "As duas Órfãs", quer no papel de Henriqueta, quer no de Laura, era perfeita, pois ambos ela os interpretou em ocasiões diversas. No de Henriqueta era notável nas cenas do Asilo de São Lázaro, perseguida pela poderosa família do noivo. Sobretudo ao despertar do narcótico, em que, voltando a si e procurando livrar-se do seu raptor, encontra, no generoso barão Vaudry, um defensor até o momento em que, por sua vez, êste também se torna um adorador apaixonado. Como era tocante no quarto ato, o quadro em que a pobre ceguinha cantando pelas ruas a esmolar a caridade pública, forçada pela megera que a recolhera, a pretexto de a amparar e proteger mas que, na verdade, só tinha em mira explorar a beleza e a enfermidade da donzela.

Na "Doida de Montmayour", estava Ismênia no papel de Maria Aubert e Apolônia no de Mimi. O trabalho de ambas foi apreciadíssimo e, como já acontecera anteriormente, discutiu-se muito porque, mais uma vez, estavam juntas num mesmo elenco duas notáveis atrizes, sobre as quais muito já se dissera e discutira.

Ismênia, que já passava dos trinta anos, um pouco nutrida demais, conservava em suas interpretações os gestos largos, o que ainda contava farto número de apreciadores, resistentes à tendência de sobriedade no falar e no gesticular cênico.

Apolônia, apenas saída da casa dos vinte anos, era graciosa, esbelta, maleável para a adaptação de vários personagens, servida de uma voz suave e rica em modalidades emotivas que, utilizada numa maneira natural de representar, fazia prever o lugar que lhe estava reservado no teatro nacional.

Ainda uma vez a imprensa fez paralelo entre as duas atrizes que ocupavam a opinião pública. O "Jornal do Comércio", na-

(18) "O F"garo", abril do mesmo ano.

queles tempos o "leader" em assuntos de teatro, também não foi desfavorável à jovem atriz :

"A Doida de Montmayour" tem ultimamente ocupado a atenção do público fluminense.

A boa sociedade, a elite da literatura, têm concorrido ao São Luís, pela legítima fama de suas artistas.

Apolônia será um gênio se estudar seriamente.

Quem como nós a viu em "Morgadinha do Val Flor", há de concordar que o público brasileiro se orgulhará um dia de possuí-la.

O São Luís oferece hoje momentos felizes de distração e a verdade de uma escola dramática, ouvindo-se a Ismênia, a Apolônia, Dias Braga, Vale, Medeiros." (19).

De contemporâneos autorizados a emitir opinião ouvi não ser aceitável a possibilidade de paralelo, alegando êles que ambas dispunham de processos diferentes.

Ainda uma vez as duas estréias, como astros de um mesmo sistema planetário, se cruzam na órbita teatral brasileira e, como antes havia acontecido, o instante raro em que se defrontam num eclipse mútuo é motivo de comentários. O público e a imprensa tomam posição para melhor apreciar êsse momento, e cada facção exalta o seu ídolo ! . . .

Ismênia, como estréia absoluta, não podendo tolerar concorrência ao seu fulgor, passou-se para outra emprêsa, ficando Apolônia com o Vale, que, sendo notável ator cômico, para descansar o público daquele repertório sediço de dramalhões, resolveu fazer uma série de peças mais leves. Seguiu-se então "Cósimo, o príncipe caiador", em que Apolônia fazia Ângela, e "Mané Côco", peças essas de dois e um ato, completando-se os espetáculos com os ocarinistas Caceres, Oliveira e Dailhulty, que executavam variações, trechos de óperas e músicas ligeiras. Desde muito vinha a emprêsa preparando a capricho uma peça de grande montagem e apresentou "Joana do Arco", ópera burlesca, com letra de Alfredo Ataíde e partitura de G. Cardini. Essa peça vinha precedida de

(19) "Jornal do Comércio" de 18-1-1877, assinado Omega.

muita fama, pois havia logrado retumbante sucesso no Pôrto e em Lisboa, não desmentindo também no Rio, onde o agrado foi o mesmo. Tanto mais por ter sido ensaiada pelo próprio autor da partitura. Coube a Apolônia o papel principal da peça, que se dividia em três atos intitulados: 1º — O Rei chegou; 2º — Xeqne ao Rei; 3º — Reina-São.

Os números de música se sucediam numa seqüência que impressionava muito bem os espectadores. Eram assim intitulados:

1º ato — 1ª *ouverture*; 2º côro de abertura e coplas do doutor; 3º côro e marcha (entrada do rei e da rainha na sua corte); 4º coplas de Joana e côro (estas galas que trajamos); 5º côro (manda El Rei); 6º coplas do rei (terceto com Saladin e o arquiteto); 7º final concertante; 2º ato — 8º — imediato; 9º côro de caçadores; 10º romanza de Joana (na humildade nasci); 11º dueto de Saladin e o doutor (história da língua); 12º Arietta e Lindobim; 13º sexteto, coros, tangos e final primo (El Rei); 14º final 2º (Partir a galope); 3º ato — 15º imediato; 16º côro das cortesãs e ária do arquiteto com côro (extremo embrulho); 17º dueto burlesco do arquiteto e a rainha (Ai que em boa estou metido); 18º romanza de Joana (Lindobim se tu soubesses); 19º côro dos cortesãos (Vamos ver se há despautério); 20.º dueto do rei e Saladin (Há chiliques, cheques, cheques); 21º côro (decreto do rei) e final.

Não só pela música mas também pelo desempenho, a peça agradou. A montagem rica e caprichosa foi complemento de grande importância para êxito.

Como era muito comum, depois de uma peça musicada veio uma dramática. Foi à cena "A estrangeira", o célebre drama de Dumas Filho que no ano anterior a "Comédia Francesa" havia lançado com uma distribuição notável, e o difícil papel de Catarina, Duquesa de Septmonts, foi desempenhado por Apolônia, então primeira atriz do elenco. Aqui, como de outras vêzes, a crítica em geral, embora não se mostrasse plenamente satisfeita com a montagem e algumas interpretações, abriu exceção ao trabalho de Apolônia: "Se o sr. Vale pondo em cena "A Estrangeira" esperava dela um sorriso, ela porém, a elegante, a adorável, conservou-se na altura do seu mérito. Difícil de interpretar-se como uma verdadei-

ra filha de Dumas. O sr. Vale não a entendeu e zangou-se. De raiva quase a mata. Coitadinho! Por espírito de imitação, o mesmo deu-se com os demais artistas.

Excetua-se a atriz Apolônia, para quem "A Estrangeira" sorriu. Daí o desempenho que deu ao seu papel. E' que uma comprehendeu a outra.

Questão de interpretação e talento apenas..." (a) Luciano David. (20) Foi, portanto, um sucesso pessoal da atriz.

Novamente em cartaz "A Pêra de Satanás" e os críticos referiam que mais acertadamente se deveria dizer que o público freqüentador do "São Luiis" lá ia menos pela Pêra que pela Castanheta, que para ali chamava a concorrência.

Quando subiu à cena "Os apóstolos do bem", constituiu uma nova glorificação à risonha atriz, que sabia ficar séria e emocionar nos momentos dramáticos.

"O não fácil papel de Lina, a espôsa adúltera do Santo pastor, é cheio de sutilezas que a inteligente atriz com discernimento e artístico critério soube compreender e fazer sobressair dando-lhe relêvo, graça, o mimo de que só os talentos escolhidos como o seu possuem o segredo de reproduzir." (21)

Esses êxitos constantes Apolônia devia ao fato de saber ajustar-se ao personagem, encarnando por assim dizer uma alma que não era sua, isto completado por todos os seus atos, gestos e palavras, que se harmonizavam na metamorfose, a ponto de dar a perfeita ilusão do real.

Há contemporâneos seus que alegam ter sido ela muito mundana, como se isso pudesse prejudicar a artista que soube ser. Muito mais extravagantes foram outras, mais velhas e de renome mais antigo e que se entregavam a orgias, nas quais eram banhadas com champanhe e outras esquisitices maiores...

Não era do seu feitio fazer amizades de interesse, valendo-se da coqueterie e da lisonja. Se teve muitas relações que foram

(20) "Comédia Popular", agosto de 1877.

(21) "O Figaro", 31-VIII-1877.

úteis à sua formação espiritual, essas nasceram da convivência a que a sua própria profissão favorecia e ela com inteligência aproveitava naturalmente. Se, pelo contrário, tivesse segundas intenções, não lhe teriam faltado oportunidades de prender aos seus encantos homens ricos e dêles tirar proveito como outras o teriam feito.

Nos seus transes difíceis, não perdia a calma e com ela conservava o equilíbrio necessário que ajudava a vencer. Punha em ordem as forças e as faculdades pessoais para, no silêncio das horas de recolhimento, poder orientar-se. Uma vez deliberada a orientação a tomar, sabia realizar o que calculava e se uma oportunidade melhor surgia, de improviso, então, adotava-a e para ela convergia toda sua atenção. Era talvez essa maneira de agir o segredo de suas interpretações, onde se sentia, em linhas gerais, a mesma diretriz.

VI

1878 — 1879

Furtado Coelho, sempre que se lhe oferecia oportunidade, tinha Apolônia no seu elenco e, agora, no "Teatro Cassino", juntamente com sua espôsa, a eminente atriz portuguêsa Lucinda Simões.

As duas davam-se às mil maravilhas. Ambas eram primeiras atrizes do elenco, mas trabalhando juntas, como duas artistas de raça, conscientes do mérito próprio, não tiveram as desavenças comuns oriundas da rivalidade. Estavam certas do valor individual e sabiam que o trabalho de uma não ofuscaria o da outra. Essa cordialidade entre elas durou, pode-se dizer, toda a vida e veio desmentir a injusta fama de orgulhosa que atribuíam a Lucinda.

Costumavam trocar opiniões sobre detalhes cênicos, e Lucinda, mais velha e mais experimentada, observando o trabalho da companheira, dizia-lhe sempre :

— Tu hás de ser uma grande atriz, a maior do Brasil ! . . .

O tempo não desmentiu o acerto dessa afirmação da eminente atriz portuguêsa. Confirmou-a porque Apolônia prosseguiu de sucesso em sucesso, conquistando sempre o entusiasmo do público, que via nela um valor da cena nacional.

Mais uma vez Apolônia viu seu nome servindo de motivo para polêmicas. Desta, porém, não se tratava de comparar e discutir entre o seu valor e o da Ismênia. Agora, era Emília Ade-

laide, e como de outras vêzes daremos a palavra aos próprios articulistas :

“Dizem-nos que, ao ler o elogio que a “Gazeta de Notícias” fêz à atriz Apolônia, pelo excelente desempenho no papel de Laura, na “Morgadinha”, a sra. Emilia Adelaide empalideceu.

— Também a “Gazeta”! murmurou ela, mordendo com mais força o beiço.

Ah! a loira atriz há de chegar a convencer-se de que por muito loira que esteja, é uma espiga que já se vai tornando difícil de engolir.

Que quer ?

A atriz Apolônia não estacionou, não se fêz empresária, não fêz da arte únicamente um meio de vida; tem estudado, tem-se dedicado de alma e coração, e dêste modo é atualmente uma sacerdotisa da arte.

Há seis anos que a sra. Emilia Adelaide não passa da “Morgadinha”; nesse tempo a sra. Apolônia cresceu moralmente; era Mariquinhas, hoje é a Laura.

Resigne-se, pois, a sra. Emilia, e não estranhe o sincero e justo procedimento da “Gazeta”. (22)

*
* *

“Depois do “Correio de Lion” veio o “Correio do Czar”; caminhando sempre, a emprêsa ia obtendo boas casas.

“Alternam-se ali as peças e os artistas; ora entra em cena a sra. Apolônia, e a sra. Lucinda vai ver do camarote... ora representa a sra. Lucinda, e descansa a sra. Apolônia.

Montam guarda como bons soldados; e não entram as duas em cena.

— Porque o Furtado não quer eclipse, diz o Areias. (23)

(22) “Lanterna”, junho de 1878.

(23) “Revista Ilustrada”, de 8-II-1879.

Por êsse meio hábil de bom psicólogo, o empresário evitava um choque de estrélas tão perigoso para a emprêsa como a colisão de corpos celestes para a boa harmonia do sistema sideral.

Contam que um carteiro entregou a Apolônia uma carta assim endereçada: "À maior atriz do São Luís". Esta, sem abrir, enviou-a à Lucinda e finalmente esta devolveu à Apolônia, que era realmente a verdadeira destinatária.

*

* * *

Por essa mesma época Apolônia teve oportunidade de apresentar mais um notável trabalho no papel de Ana Damby, um dos sucessos de Sarah Bernhardt, em "Keam" de Alexandre Dumas. Tôda a gente sabe quanto são difíceis, pela complexidade e sutilezas, os caracteres nascidos da imaginação de Dumas, sobretudo quando êstes são figuras de primeiro plano. A atriz patrícia, porém, venceu tôdas essas dificuldades, porque tinha capacidade para o fazer galhardamente, colhendo novos louros.

A seguir foi apresentado por Furtado Coelho "Viagem à volta do Mundo em oitenta dias", peça de Julio Verne e Demnery, extraída do famoso livro do primeiro. Apolônia fazia o papel de Nemea, irmã de Dinah, que era Lucinda. Esta peça, como tôdas as que despertavam o interesse de Furtado Coelho, teve montagem deslumbrante, especialmente a cena que representava a necrópole dos rajás, que no seu luxo asiático era rica e ofuscante. Também a cena do Canal de Suez era muito bem pintada e mereceu os encômios da imprensa. Os acessórios, rigorosamente apropriados, davam ao bem combinado movimento das marchas o colorido realista que mais convinha para sugestionar o espectador, empolgado ainda pelo acompanhamento musical com a marcha da "Aida".

Note-se, porém, que a mesma peça era levada, simultaneamente, também no "São Pedro de Alcântara", pela emprêsa Guilherme da Silveira, onde logo saiu do cartaz.

A apresentação de Furtado era muito superior em todos os pontos de vista; intérpretes, montagem e direção. Tudo muito

mais apurado. O público não recusa sua preferência quando encontra aquilo que procura.

Nos intervalos, pelos corredores do teatro e nos bastidores, falava-se muito a respeito de uns documentos encontrados em excavações no Morro do Castelo, e os jornais abriam colunas comentando o assunto.

Lucinda, em véspera de dar à luz, foi forçada a recolher-se à vida privada. Apolônia passou a substituí-la nas peças em que a ela tocavam os primeiros papéis. Ficavam a seu cargo tôdas as protagonistas do repertório da emprêsa que, até então, eram alternadas.

Finalmente, a dois de abril, nasceram os gêmeos, um menino e uma menina que veio a ser a grande atriz Lucília Simões. Aqui, como em São Luís do Maranhão, mais uma vez os fados indicavam, de maneira insofismável, o destino de uma mulher. Lucília, que era filha de uma atriz, foi também recebida por outra artista do palco; foi Apolônia a primeira pessoa que a teve ao colo.

Dezoito dias depois, fazia Lucinda a sua reentrada com "Demi-Monde".

A dez do mês seguinte, Apolônia realizava o seu benefício com "O bom anjo da meia-noite", peça com a qual, desempenhando o papel de protagonista, já tinha ganho muitos lauréis.

No dia seguinte foi a apresentação de "Os Lazaristas". A crítica não foi favorável ao trabalho de Furtado. Dizia-se que ele não se adaptara ao papel. Apolônia, no entanto, ainda uma vez, teve o seu trabalho celebrado quando se criticava o de um grande mestre. Aquilo que acontecera com o Vale se reproduzia com o Furtado.

Preparava-se já, havia muito tempo, "O primo Basílio", uma adaptação do célebre romance de Eça de Queiroz, feita por Cardoso de Menezes. Apolônia teve oportunidade de criar um interessante personagem, fazendo a Luisinha, que a crítica elogiou bastante.

Sucedeu a peça tirada do romance de Eça "O saltimbanco", de Antônio Ennes, e nesta Apolônia viveu o papel de Alice. Era

uma peça fatigante e fastidiosa, não podia ser uma oportunidade para qualquer artista. Apolônia fazia um dos mais trabalhosos papéis, e teve ocasião de ler nos jornais frases como esta: "A sra. Apolônia vai bem, muito bem mesmo no seu fatigante papel". (24).

Em setembro, Apolônia desligando-se da emprêsa do Furtado passa um mês em preparativos, para seguir em novembro como empresária, em excursão, à cidade do Recife.

* * *

Quem desejar conhecer a vida artística, no Rio antigo, não deixe de folhear os números de "O Mequetrefe", nos quais encontrará interessantes aspectos da metrópole brasileira.

O último número de 1879 registra a despedida de Apolônia, no "Teatro Fênix", descrevendo as manifestações de aprêço pelos seus admiradores.

Muitos aplausos, flôres, discursos, inúmeras chamadas à cena e sonetos expressamente compostos para aquêle ato, por Alberto de Oliveira, Luís de Albuquerque, Gomes de Abreu e Múcio Teixeira.

Dessas poesias vamos dar aqui um soneto de Afonso Celso e um de Luís de Albuquerque :

"Vai tarde e mal traçada a minha humilde oferta
Nas leis da impolidez incuso estou, confesso;
E antes, pois, de traçar a saudação incerta,
Joelho em terra, perdão, minha senhora, eu peço...

Mas sinto que a etiquêta a inspiração me aperta
Ao tu familiar vou dar portanto ingresso
Para tratar-te: "Artista, o teu condão desperta
Sempre as palmas febris de um colossal sucesso!"

Sortiste de desdém?... os versos são mesquinhos?
Pois rasga-os entre as mãos sacode os pedacinhos
E dispersa-os no ar, dos dedos através ...

Verás que apesar disso em mil volteios lentos //
— *Burbujetas de neve — a mêmô os fragmentos,*
Girando, irão lambar-te os pequeninos pés!...

Depois de Afonso Celso, então um ardoroso moço, falou Luis de Albuquerque que trazia consigo os sinais da campanha do Paraguai :

*"Com licença... eu também entendo do riscado
De fazer a uma artista um cumprimento chique;
Não temo o riso da moça e do debique
E sei levar discurso adrede preparado,*

*Conservo certo aplomb. Não vou todo curvado
Assim como um burguês, c'ronel do Chique-chique;
E se não me acredita é bom que verifique,
O' deusa do talento, à luz sempre voltada !*

*Da nova geração a plêiade valente
Encorpora-se e vem, esplêndida, imponente,
Saudá-la à luz da rampa, ao palco iluminado...*

*Eu, que me invalidei ao silvo da bombarda,
Venho, não muito à frente, um pouco à retaguarda,
A render-lhe, desculpe, um preito de soldado !*

Apolônia, embora afeita a essas explosões de entusiasmo pelo seu talento, não deixou de sentir deslizar-lhe na face uma lágrima de emoção, umedecendo os lábios que sorriam.

*

* * *

Na capital pernambucana, que era um dos principais centros culturais do País, o seu camarim passou a ser ponto de reunião de intelectuais. Apolônia recebia tôdas as noites e constituíam essas reuniões um dos encantos na vida daquela gente afeiçoada às coisas do espírito.

As ruas guardavam muito do seu aspecto primitivo, que tornam parecidas as cidades antigas do Norte e vendo-as, muitas

vêzes, a artista recordava-se de sua infância em São Luís, em Belém, e das primeiras excursões quando só percorria as praças do Norte.

A feitura arquitetônica do Recife guardava muito do colonial português. Os sobrados geralmente de dois a três andares só muito raramente tinham quatro pavimentos, ostentando balcões de pedra, varandas de gradinha e rótulas de xadrez que eram remanescentes dos tempos do domínio português.

Passeando de carro, reviu os bairros conhecidos. O da Boa Viagem era o preferido pela burguesia que ali tinha suas chácaras plantadas de jardins, hortas e, no centro, confortáveis vivendas. Onde, porém, se demorava o olhar da artista era nas igrejas que freqüentemente visitava, não sómente pelo espirito religioso como também para admirar a talharia dourada a que em outros tempos a sua observação infantil não dera o devido aprêço.

Inda se viam nas esquinas os nichos e lampiões de parede que em épocas remotas constituiam a única iluminação pública, à noite.

Os nomes das ruas tinham o sabor pitoresco que hoje se vai apagando com o progresso: Rua da Cadeia, Rua do Trapiche Novo, Rua do Vigário, Rua do Corpo Santo, Rua da Senzala Velha e outros assim.

Logo ao chegar, tendo a companhia de reajustar a peça de estréia, e cuidar de outros preparativos, ficava no teatro até tarde, só se retirando quando já raiava o dia. Pelas ruas, cruzavam-se os negros escravos carregando balaios com legumes e frutas, pelas esquinas viam-se moleques assobiando quadrilhas, e sobracaçando tabuleiros de doces e cuscuz, rumo ao mercado.

Fechado o teatro, saíram todos para descansar, quando alguém propôs:

— Vamos ao mercado?

— Vamos ao mercado, concordaram todos.

Lá se foi o grupo cansado do trabalho para comer qualquer coisa, antes de dormir.

Chegados que foram, tiveram a impressão característica. Parecia o reino dos negros. Havia-os de tôdas as naturezas: da Guiné, da Costa, cabindas, bantos, jalofos ou mandingas com os acentuados característicos do cruzamento berbere-etiópico e que, confirmando a fama dos feiticeiros dessas raças, vendiam figas, beberagens, preservativos contra malefícios e amuletos para o esconjuro. Uns carregavam tabuleiros, outros traziam grandes cestos ou caixões e todos apresentavam em profusão iguarias que Apolônia já conhecia, mas desde muito não tinha oportunidade de apreciar.

Não se demoraram os artistas e empregados do teatro, mas voltaram carregados de embrulhos e cestinhos. Por tôdas as ruas onde passavam espalhava-se o ruído dos pregões que anunciamavam o peixe frito exposto em tabuleiros às portas de rés do chão.

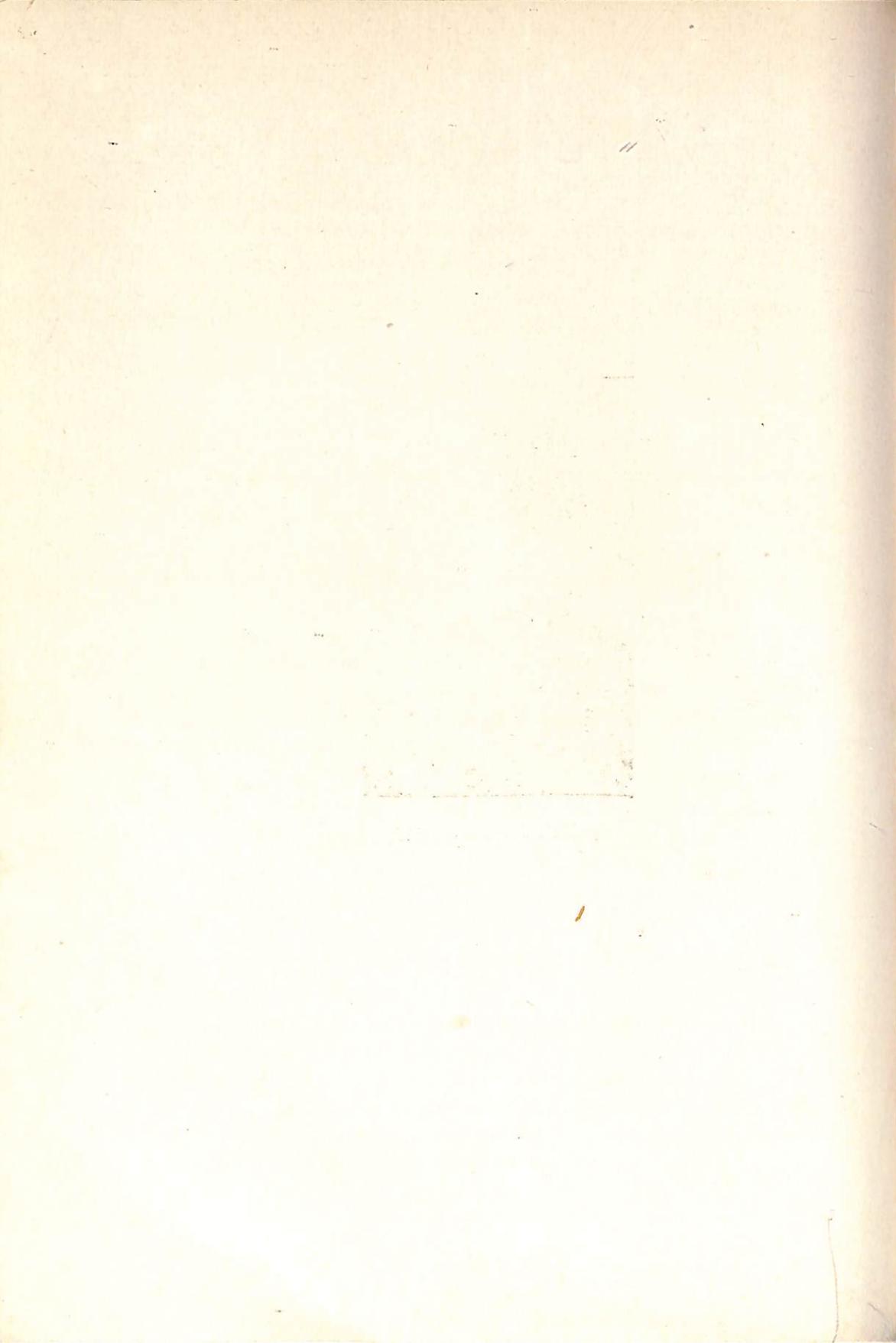
A estréia foi um acontecimento na cidade acadêmica. Lá estava representado o que Recife tinha de mais apurado: a sinhazinha com ar espantadiço de pássaro pouco habituado ao ar livre, a matrona austera e respeitável, os estudantes e, também, aquelas de quem, à bôca pequena, se diziam cousas...

Sinhazinha, que além da missa tinha no espetáculo teatral uma das raras oportunidades de se mostrar, havia passado duas horas na frente do espelho iluminado por bicos de gás, preparando a *toilette* e, desde pela manhã, ao acordar, cantava pela casa dando expansão à sua alegria enquanto cuidava dos últimos retoques nos babados do vestido.

Um jovem antigo conhecido de Apolônia que, pela morte do pai, cedo se vira senhor de engenho, tomou-se de amôres pela jovem atriz, que então era uma moreninha realmente encantadora, a quem o prestígio do nome e as luzes da ribalta faziam realçar os encantos. Uma das muitas gentilezas do Romeu pernambucano foi, num gesto de cavalherismo, pôr à disposição da atriz o seu *coupée*, onde havia sempre um ramo de frescas rosas.



Apolônia Pinto — (1885)



VII

1881 — 1889

Voltando da excursão ao Norte, o seu reaparecimento, em janeiro, foi uma restituição que o público da capital já esperava com impaciência. Depois de um ano passado fora do Rio, Apolônia apareceu novamente à platéia carioca no "Teatro Príncipe Imperial", na rua da Constituição, nº 3, fazendo o papel de Nhô-Nhô, na comédia do mesmo nome, de Henrique Najac, traduzida por Arthur Azevedo.

Ao surgir no palco, foi acolhida com grandes demonstrações de aprêço, recebendo prolongada salva de palmas e muitas flôres. Aconteceu até que um dos ramos jogados ao palco, amarrado por grande laço de fitas, caindo justamente sobre um dos bicos de gás da ribalta, por pouco não provocou um incêndio.

A comédia era uma série ininterrupta de situações cômicas. O teatro estava completamente cheio. E aquela gente não regateou mostras do seu agrado pelo trabalho da protagonista.

Apolônia, em esplêndido *travesti*, evidenciou todo o espírito do seu papel, interpretando às mil maravilhas um rapazola endiabrado.

O espetáculo foi uma risada em três atos ou uma gargalhada com duas pausas.

No dia imediato, a querida atriz, precisando dar prova de um vestido e fazer compras na Rua do Ouvidor, saiu em companhia de uma colega. Almoçaram no Café do Amorim, próximo ao Bêco das Cancelas, e depois tomaram o bonde par ir à costureira. Começava a entardecer quando para ali se dirigiram, e a condução completamente lotada deslizava sobre os

trilhos, puxada pelos burros. Os passageiros sobravam embrulhos, publicações diárias e revistas. Uns levavam o "Jornal do Comércio", outros a "Gazeta de Notícias", a "Fôlha Nova", o "Diário do Rio" e a "Gazeta da Tarde". Outros ainda a "Revista Ilustrada" ou "O Mequetrefe". Conversava-se e lia-se quando um conhecido da atriz lhe mostrou uma crônica da "Gazeta de Notícias" onde se lia, a seu respeito, o seguinte:

".....

A Sra. Apolônia é vista com uma elegância e chique pouco comum em atrizes habituadas ao gênero *travesti*, sentindo-se inteiramente à vontade nas suas calças de casimira e no seu *croissé*; disse e representou o seu papel com naturalidade, sem deixar na sombra o que convinha pôr à luz". (25)

Em abril, novamente ao lado da Ismênia no "S. Luís", fazia a vingativa Virgínia Paisan do romance "L'Assommoir" de Emile Zola, tradução portuguêsa de Ferreira dos Anjos, sob o título "A Taberna", correspondente à adaptação teatral feita em Paris por Busnach, grande amigo de Zola, e Gastineau.

Apolônia, que imprimia tanta candidez ao papel de Margarida em "O Fausto", aqui era a maldade em pessoa. Foi extraordinária, principalmente no ato em que a Virgínia, sem se condoer das misérias de Gervaise que Ismênia interpretava, acabrunhando-a cruelmente com injúrias e impropérios, é assassinada por seu marido ultrajado, exatamente quando a adúlera se vangloriava das humilhações de Gervaise.

Depois de "Uma causa célebre", de Demnery, traduzida por Pinheiro Chagas, veio "O Filho da Noite"; a ação do prólogo se passava no ano de 1500, e o enredo da peça propriamente dita, vinte anos depois. Ainda uma vez Apolônia aparecia em *travesti*, fazendo Glebel, o guarda da capela.

(25) "Gazeta de Notícias" de 23-I-1881.

Sucederam-se outras peças em que as duas grandes atrizes já haviam trabalhado juntas e, por várias vezes, os espetáculos foram honrados com a assistência da Família Imperial.

No dia 29 de julho a cidade amanheceu em regozijo. Comemorava-se o aniversário da Princesa Imperial e, dentre os festejos que se realizariam naquele dia, estava marcada uma grande corrida de cavalos, no Prado Fluminense, onde ia ser disputado o grande prêmio de seis contos de réis.

À tarde, a multidão elegante, aficionada do turfe, movimentava-se no prado. As apostas se faziam animadamente, porque todos consideravam muito grande aquêle prêmio, o maior até então disputado.

A intérprete de Margarida não podia escapar ao entusiasmo geral e num carro, puxado por bela parelha de cavalos de raça, lá estêve também; fez a sua aposta mas perdeu.

No "Fênix Dramática", onde era a primeira figura feminina em "Raça Maldita", desempenhou dois papéis: Clara e Zoé.

Nesse ano visitou o Rio uma Companhia Lírica Italiana como raramente se poderá organizar igual. Do elenco faziam parte Borelli, Rambelli, Giochini, Tamagno, Batistini e outros. A nossa querida atriz do "Fênix Dramática", que apreciava o gênero lírico, por mais que desejasse ouvir todo o repertório dessa companhia, estava presa aos seus compromissos e só pôde assistir à ópera "A Fôrça do Destino".

O público de Apolônia havia muito esperava revê-la numa das suas adoráveis figuras de romance, cheias de amor e ternura, que ela sabia fazer melhor que ninguém. Veio então "Paulo e Virgínia", drama extraído do livro de Bernardin de Saint Pierre, em que ela fazia a Virgínia, e o Tôrres, o Paulo.

A peça, montada a capricho, trazia à cena escravos, soldados, pescadores, operários, povo etc.; ação em 1734.

Ensaizada pelo Amoedo, tinha encenação do Müniz, com acompanhamento musical do Maestro Cavalliere, cenários de E. Rossi e F. Barros e o vestuário a cargo de Maria Lima.

Apolônia atravessava uma fase que se poderia dizer feliz. Tinha bons papéis e as coisas lhe corriam bem. Vivia contente e

alegrava os outros. Nos intervalos de ensaios, sentava-se ao piano e executava trechos de música que cantava com os colegas. Andando com falta de apetite, a conselho do seu médico, e sempre que podia, tomava banhos de mar com roupas até os joelhos, como era o figurino do tempo.

Começou o ano de 1883 sob um calor senegalesco. Só os donos dos quiosques andavam satisfeitos e não tinham mãos a medir no preparo de refrescos. O pessoal de teatro, porém, não era do mesmo pensar; o público fugia dos recintos fechados e buscava o ar livre, deixando vazias as salas de espetáculos. Iniciam então as emprêsas as debandadas, excursionando por melhores plagas.

Apolônia e o ator Muniz organizaram uma companhia e foram a São Paulo.

Em outubro, já no Rio com sua emprêsa no S. Luís, anunciou "Um Drama em alto mar", com cenas de muito efeito obtidas pela maquinaria. Depois, passou em revisão o repertório ao gôsto do público: "As duas órfãs", "Os vagabundos de Paris", "O matricida". Esta peça, de cenas violentas e grandes efeitos dramáticos em que Apolônia encarnava a apaixonada Pulquéria foi substituída por "Helena", de Pinheiro Chagas.

Apolônia revelava-se ao público como ensaiadora, e nesse mister mostrava o mesmo zêlo meticoloso das interpretações. Aliás, diga-se de passagem, Apolônia apreendia rápidamente assuntos que pouco antes lhe eram estranhos, o que não se dava neste caso, pois sempre viveu para o teatro.

Tinha a atenção voltada para tudo, todos os pormenores: observava com cuidado, evitando contra-sensos e incoerências. Tudo conduzia no sentido de manter a harmonia da encenação, evitando contradições com a idéia que se pudesse formar do lugar, da época, dos costumes, das atitudes dos personagens e conseguia plenamente êsse objetivo por ter profundo conhecimento de teatro. Notando, de relance, a menor falha, observava as minúcias indispensáveis para conseguir a ilusão mais perfeita possível, porque o público vai ao teatro para ser iludido mas... com verossimilhança.

Sabendo que as platéias se compõem de massa heterogênea, onde tanto pode estar um indiferente como um observador, um analfabeto como um erudito, o ensaiador tem necessariamente de ser um mestre em teatro e um ilustrado; do contrário, não passará de simples diretor de marcação e assim falhará no seu intento, jogando para o porão dos teatros tôdas as peças que lhe forem confiadas, por melhores que sejam.

Mulher inteligente e de fácil percepção, Apolônia, como ensaiadora, colaborava com os autores. Orientava o artista na composição do personagem, corrigia-lhes os excessos no sentido de manter o equilíbrio do conjunto. E, para chegar a um resultado positivo, trocava idéias com todo o pessoal do serviço, porque o trabalho no teatro é de cooperação geral. Cenógrafos, maquinistas, contra-regras, comparsas, autores, atores e ensaiadores, todos concorrem para o bom êxito da peça e com um único interesse: agradar ao público.

As peças do repertório eram preparadas sob sua orientação e, para ela, ensaiar não era sómente dispor móveis e movimentar personagens, mas também completar nos artistas um gesto que faltasse para exprimir aquilo que o autor não escreveu mas certamente sentiu. Para os que não dispunham de conhecimento, ela esclarecia tôdas as sutilezas dos caracteres. Esse era um dos segredos da arte de representar, do qual sabia o valor como só o compreendem os artistas de talento.

Nesse tempo, para imitar o barulho do trovão, fazia-se rolar no proscênio um carro carregado de pedras e ferros velhos a que chamavam "o carro dos trovões". O fragor das metralhas conseguiam batendo com bengalas ôcas e rachadas em colchões cheios de crina; o ruído assim obtido parecia fuzilaria e se completava por detonações de pistolas e pancadas sobre o bombo. Obtinha-se os sopapos com uma matraca manejada pelo próprio esbofeador.

Senhora de um nome suficientemente prestigiado podia usar a autoridade necessária para reclamar dos seus artistas a perfeição que possuía.

Vivendo no teatro desde os mais verdes anos, podia falar como um especializado tanto ao maquista como ao cenógrafo ou a outro qualquer dos que têm atividade num teatro. Foi desse modo que na disciplina orientou muitos neófitos da arte teatral e deu conhecimentos que frutificaram.

No dia 25 de outubro, à noite, no teatro como na cidade, o assunto sensacional era o assassinio de Apulcro de Castro, o redator responsável de "O Corsário".

A vítima tinha ido pedir proteção ao desembargador Chefe de Polícia. Depois de algumas providências, Apulcro saiu da Chefatura acompanhado pelo Capitão Ávila; tomaram ambos um carro de praça e quando se dirigiram à Rua do Resende, a alguns passos da polícia, foram cercados por grande número de indivíduos que agrediram o jornalista com punhais, estoque e tiros de revólver. O Capitão tentou defendê-lo, mas não o pôde, tantos eram os agressores; saiu ferido, enquanto a Apulcro tombava sem vida.

No mês seguinte, Apolônia, tendo sabido que a família de Apulcro, ao desamparo, passava privações, teve um gesto de humanitária bondade: realizou um espetáculo em benefício daqueles infelizes, que assim tiveram minorada sua penúria.

O pessoal do teatro, conhecendo as circunstâncias do ocorrido com o desdito jornalista, foi todo solidário com Apolônia; atores, contra-regra e maquinistas, todos abriram mão de sua fôlha e, assim, sem despesa de pessoal, pôde ser apurada importância considerável.

Gestos como esse repetiram-se muitas vêzes na vida de Apolônia e, como a sua simplicidade, certamente muito concorreram para a popularidade que sempre gozou.

A empresa do "S. Luís" prosseguia com franco êxito, e a "Revista Ilustrada" noticiou a marcha dos espetáculos:

"No "S. Luís" continua o sucesso contando-se por espetáculos.

A inteligente e simpática empresária tem sido alvo de grandes manifestações e provas de aprêço por parte dos seus admiradores, que são todos os que vêm vê-la.

E é justo. O repertório é grande, as peças são bem ensaiadas e representadas.

— E ouve-se falar português, observara alguém. O que vai sendo raro nos teatros do Rio de Janeiro". (26)

Daniel J. (26)

Nesta mesma temporada, foi também levada à cena "Os Herdeiros de Caim", de Demnery, ação em Paris, atualidade. No segundo ato, que se passava no *foyer* da Ópera em noite de carnaval, nada faltou, nem mesmo o *can-can*; a encenação de Apolônia foi completa.

Aos primeiros dias de dezembro, os teatros tiveram que permanecer fechados. As chuvas torrenciais eram diárias e quase sem tréguas.

*

* *

O ano de 1885, que se iniciava, devia ser para a inteligente atriz um ano de desgôsto e muito trabalho, mas também de novos triunfos.

Sua velha mãe veio a falecer aos setenta anos, depois de lhe ter sido a grande amiga de todos os momentos. Apolônia, que era filha extremosa e amantíssima, ficou muito abalada com a perda sofrida.

E, de sua dor, nasceram êstes versos :

.....
Parte, que os anjos te honrarão, na altura,
E o próprio Deus te acolherá, sorrindo,
No Império Augusto, que é de luz, que é lindo"

Os compromissos, porém, eram grandes e não lhe permitiam ficasse inerte, entregue ao seu pesar. Urgia fazer face às obrigações contraídas, que pesavam sobre o seu nome, e, mais uma

vez, se fêz empresária. Organizou companhia para o "Teatro Lucinda" e estreou com a "Casta Susana", desempenhando o papel da protagonista.

Quem não estivesse prevenido não diria que o seu coração estava enlutado. Aquela alegria, todo aquêle estouvamento que parecia natural no palco, ocultava os verdadeiros sentimentos de seu íntimo. Era a atriz suplantando a mulher.

Veio, depois, o drama de Jules Verne e Demnery "Os Filhos do Capitão Grant". "A Semana", de Valentin Magalhães, fazendo a crítica, teve frases como esta: "... notáveis as cenas que impressionaram vivamente a platéia, fazendo rebentar as lágrimas de muitos marmanjos de bigodes". Ainda nessa mesma revista, que fêz época, vamos encontrar outras referências ao trabalho de Apolônia: "... há sempre um toque de delicadeza auxiliado por uma boa gesticulação sempre correta e precisa". (27)

Um episódio dessa fase revela e confirma não ter sido a mulher menos digna que a atriz.

Para relatar, vamos dar a palavra a Múcio da Paixão, que o testemunhou e mais tarde contou:

"Durante a enfermidade de Peregrino (o ator Peregrino de Menezes) que foi longa e penosa, a Apolônia, que nesse tempo tinha uma emprêsa no teatro Lucinda, se lembrou de um generoso movimento em favor de seu digno colega enférmo, o qual, embora não se tivesse completado, todavia demonstrava nobreza de alma de que o lembrou. Impulsionada pelo seu belo coração de mulher e de artista, Apolônia havia resolvido separar em tôdas as noites de espetáculo, da sua emprêsa, certa quantia que tôdas as segundas-feiras aumentada, quando houvesse aumento de receita, seria entregue ao ilustre ator doente... havia imposto uma única exclusiva condição: que nem Peregrino nem sua infortunada família soubessem de onde partia". (28)

Depois Apolônia, em outros espetáculos, apresentou ainda "Sogra... nem pintada", "Cadastro da Polícia" etc..

(27) "Semana Ilustrada", de Valentin Magalhães.

(28) "Alguns aspectos do teatro carioca" de Múcio da Paixão.



Apolônia Pinto em "Os Mistérios do Convento", em 1887

A emprêsa transferiu-se para o "Teatro Príncipe Imperial", porque o "Lucinda" ia ser ocupado pela companhia de Furtado Coelho, que voltava do Norte. Neste novo teatro fêz-se a estréia com a peça "Noite da Índia", de Demnery, a qual antes já tinha valido brilhante sucesso para a atriz.

O enrêdo, que se desenvolve em torno do domínio inglês na Índia, é cheio de lances dramáticos e situações imprevistas, das quais a empresária não perdeu uma só parcela na apresentação que fêz. Os cenários vistosos completavam-se com guarda-roupa esplêndido. Os recursos teatrais de maquinaria eram perfeitos; desmoronamentos, o incêndio, o mar, o navio, foram efeitos em que a emprêsa não poupou tempo nem habilidade.

Presenciou-se, no Rio de Janeiro, uma dessas manifestações de solidariedade humana que tanto caracteriza o espírito brasileiro. A Espanha fôra flagelada por horrível terremoto. Para angariar donativos em favor das vítimas de tão lamentável quanto triste ocorrência, as sociedades carnavalescas, apoiadas pelo povo, organizaram um prêstito tão grande, que já a comissão de imprensa entrava no largo de São Francisco de Paula, o séquito se alongava por toda a extensão das Ruas do Ouvidor, Direita e Alfândega, e vinham os últimos carros saindo do Campo de Sant'Ana. Foi uma oportunidade rara de se encontrarem em terreno comum as associações rivais nos desfiles carnavalescos.

Tudo quanto viesse da França era bem recebido e, por isso, era sua intenção levar à cena "Fedora", de Vitorien Sardou que três anos antes havia sido criada em Paris com grande sucesso por Sarah Bernhardt, mas a dificuldade em obter uma boa tradução, à altura de tão bem feita peça, fê-la desistir do intento.

As artes, em suas várias modalidades, interessavam à sociedade fluminense, e um exemplo expressivo foi um concerto de benefício organizado pela Princesa Isabel no "Cassino-Fluminense", em meados de novembro de 1885. Sabendo das dificuldades financeiras em que se encontrava na Itália o maestro Carlos Gomes para concluir sua ópera "Lo Schiavo", a Princesa tomou essa iniciativa, cujos proveitos eram destinados a auxiliá-lo. Foi

organizado um programa no qual se fariam ouvir os nossos mais distintos amadores e aplaudidos artistas.

O concerto foi sob os auspícios da S.A. a Princesa Imperial, Condessa d'Eu, honrado com a augusta presença de SS. MM. e AA. Imperiais.

A direção estêve a cargo do maestro José White, constando o programa do seguinte:

I PARTE

1 — Ouverture de "Salvator Rosa" (para grande orquestra), de Carlos Gomes.

2 — "Salvator Rosa" (ária para baixo), de C. Gomes, por Harold Hime.

b) Dolores (romance para soprano) de Mauzochi, por D. Carolina de Figueiredo Hime.

3 — Fantasia Apassionata (para violino, com acompanhamento de orquestra) de H. Vieuxtemps, por José White.

4 — Romance de Laura, da "Gioconda", de Ponchiele, por D. Carlota de Toledo Dodsworth.

5 — "Fantasia Russa" (para flauta), de Popp, pelo Sr. Duque Estrada Meyer.

6 — Soli sôrano (para soprano e contralto) de Guercia, por D. Rita de Cassia Nabuco de Gouvêa e D. Maria Carolina Nabuco e Araujo.

II PARTE

"3^a Sinfonia", de Mendelssohn.

- a) Andante com moto alegro um pouco agitado;
- b) Vivaci non tropo;
- c) Adagio;
- d) Alegro vivaci;
- e) Alegro maestoso.

III PARTE

1 — Ouverture de "Oberon", (para grande orquestra) de Weber.

2 — Trema o vil (para soprano e contralto) de Arditi, por D. Maria Antonieta de Saldanha da Gama.

3 — "Il libro santo" (para meio soprano, com acompanhamento de violino), de Pinsuti, por D. Maria de Mesquita Nunes e o Sr. Vicenzo Cernichiaro.

4 — "Hino a Camões" (para grande orquestra e banda militar), por C. Gomes.

*
* *

No Teatro Lucinda constituiu um acontecimento a festa artística de Apolônia. Representou-se pela primeira vez no Rio "O Cadastro da Polícia" de Leon Goslan; cinco atos traduzidos por Pedro Vidoeira, uma peça cheia de situações comoventes. Em relação a Apolônia já se dava o que acontece com os artistas de sucesso; o público vai mais pelo intérprete, quase não se importando com a peça.

"O teatro, tanto por dentro como por fora, todo embandeirado e alegremente ornado, apresentava um aspecto brilhante e pitoresco. Desde a rua até a platéia, era um verdadeiro jardim, iluminado a *giorno*..."

A Sra. Apolônia, que, ocupada com os misteres de empreária, não tinha podido passar os seus camarotes, teve entretanto a satisfação de ver brilhantemente repleto todo o teatro.

A platéia vitoriou-a com entusiasmo durante todo o espetáculo e os seus mais afeiçoados cobriram-na de flores e ofereceram-lhe mimos preciosos". (29)

Ao organizar sua empreesa, havia feito um programa de comédias, mas considerando a tendência da época, resolveu levar "Os Salteadores de Paris" — drama de lances fortes, e "A Semana Ilustrada" comentou assim o fato: "... A platéia flumi-

(29) "Revista Ilustrada" de 24-III-1885.

nense tem em geral o coração sensível e a lágrima fácil: em não chorando, não está contente.

E é preciso, para atraí-la e satisfazer, agir sobre as suas glândulas lacrimais, nunca porém desopilar-lhe o baço e o fígado" — (as.) D.J. (30)

A seguir, deu o forte drama "Palhaço", do repertório de João Caetano, e a "Revista Ilustrada", o "O Mequetrefe", a "Gazeta de Notícias" e outras publicações consagraram essa apresentação.

Um acontecimento inesperado veio completar no coração de Apolônia um pouco do vazio que se fizera com o falecimento recente de seus entes queridos.

Para cumprir o que nos determinamos, transcreveremos o modo pelo qual "O Mequetrefe" noticiou o fato :

"Apolônia — Dizem que tem passado dissabores na vida. A ser verdade, tem ela a coragem estoica da resignação, para não dar a entender a ninguém. E' sempre afável e boa, uma milionária de sorrisos.

Tem um belo talento e um belíssimo coração. Uma noite, uma mãe desnaturada enjeitando uma filha, não a foi levar à roda; depositou-a à porta de Apolônia. A inteligente atriz recolheu-a com carinho e trata dela com solicitude de mãe". (31)

A essa criaturinha, que veio encher um lugar vazio na existência daquela mulher, tão requestrada mas de coração vazio, foi dado o nome de Conceição.

Convém notar que êsse entezinho entrou para a vida da artista justamente numa ocasião em que mais ela sentia sem objetivo a sua capacidade afetiva e quando, como se os dissabores recentes por que passara não bastassem, teve interrompida a afeição pelo admirador que seria um diplomata. Este, obrigado a seguir para a Europa, onde devia assumir o posto de cônsul do Brasil, partiu sem que ao menos pudesse despedir-se da querida

(30) "Revista Ilustrada" de 21-II-1885.

(31) "O Mequetrefe" de 25-X-1881.

atriz, porque os seus afazeres de empresária, tendo-a longe do Rio, exigiam mais êsse sacrifício à mulher. Assim findou um dos mais queridos episódios sentimentais de sua vida.

Neste ano estêve no Rio a Companhia Rossi-Duse-Checi, e Apolônia, como sempre que apareciam no Rio artistas de fama universal, desejou assistir a alguns espetáculos; isso lhe era difícil por estar também trabalhando, e assim só assistiu a duas peças daquele repertório.

Depois de "Os filhos do Capitão Grant", apresentou "Noites da Índia". Finalmente, muito fatigada, dissolveu a companhia e foi descansar dois meses no Hotel Vista Alegre, em Santa Teresa. Ali, o tempo era dividido entre a leitura e a pequenina filha adotiva. Foram umas férias bem merecidas. Em setembro desceu para a cidade, justamente no dia em que Joaquim Nabuco chegava ao Rio aclamadíssimo, após haver viajado em um navio movido a máquina e a vela.

Depois do falecimento de Rosa Adelaide, Apolônia teve por fim alguma trégua nas atividades artísticas e aproveitou o ensejo para pôr em ordem uma porção de coisas, principalmente as que tinham pertencido a sua mãe. As roupas e objetos de uso íntimo deu a Sebastiana; o resto foi cuidadosamente preservado, para não ser tocado tão cedo, pois tencionava entrar em longo período de trabalho.

*
* *

A campanha abolicionista estava em plena efervescência, fatos importantes para a vida da nação se sucediam e a "Revista Ilustrada", acompanhando o entusiasmo geral, abriu subscrição para a compra de uma pena de ouro a ser oferecida à Princesa Isabel, para assinar a lei áurea, e Apolônia não fêz esperar sua contribuição.

Os acontecimentos haviam chegado em uma fase empolgante e a propósito de tudo se distribuíam cartas de alforria; nos casamentos, nos batizados, nos aniversários, em regozijo pelos restabelecimentos de saúde, festas de formatura, benefícios teatrais etc.

O Imperador, na Europa, procurava restabelecer a saúde abalada, enquanto no Brasil a Princesa Imperial se encontrava diante do magno problema da abolição e da política fervilhante do momento.

Cai o Gabinete Cotelipe. João Alfredo é encarregado de organizar o novo. Os nomes de Quintino Bocayuva e Patrocínio são repetidos insistenteamente pelos comentadores. Os caricaturistas e ilustradores, tendo à frente Ângelo Agostini, desenvolvem grande atividade, explorando os assuntos políticos.

Morre, em novembro, Joaquim Serra, e Apolônia perde mais um grande e velho amigo.

Depois de muita propaganda e grande agitação social, os acontecimentos culminam, no dia 13 de maio, com a assinatura da mais bela das leis, assinada pela simpática e querida Princesa Isabel, que passou à história com o merecido título de "Redentora". A imprensa organizou um grande préstimo, para festejar a data inesquecível, e o povo comemorou calorosamente.

Outro acontecimento histórico de grande importância para a país veio quase a seguir, transformando completamente o cenário político.

Pouco depois da famosa Lei Áurea, D. Pedro II assumiu o governo e no dia 15 de novembro seguinte, logo após o último baile da corte, realizado na Ilha Fiscal, foi deposto por um movimento militar que tinha à frente o Marechal Deodoro da Fonseca e como inspirador, entre outros, Benjamin Constant Botelho Magalhães.

A Família Imperial que até pouco tempo era alvo das homenagens oficiais foi aprisionada e remetida para a Europa na calada da noite, assumindo a Presidência o Marechal Deodoro com um Govêrno Provisório.

*
* *

Em companhia de Artur Azevedo, Apolônia assistiu numa apresentação da emprêsa Heller à peça "Escola de Maridos" de Molière, em tradução daquele seu amigo e conterrâneo. Estava

em plena moda a decantada "cintura de vespa", as mulheres apertavam-se e usavam grandes tufo de fazenda como se fôssem insetos.

Nessa altura, tem Apolônia uma das suas criações mais comentadas, no papel de Luísa Praxedes em "As Doutoras" de França Júnior. Logo espalhou-se a notícia quando preparava essa notável criação e a expectativa se transformou em verdadeiro triunfo, fazendo a peça uma bela carreira. Quem a visse naquele papel diria que era assim na vida real; com que requinte de minúcias soubera adotar as maneiras, o andar, as vestes e tudo o mais conveniente àquele personagem. Quanta psicologia naquele descuido da *toilette*, de quem se veste por simples dever impôsto pelos lugares que freqüenta e não por prazer, mas desinteressadamente. Finalmente, como trazia em excitação constante o espectador, com sua energia nervosa e suas intenções, ninguém ousava falar nem mover-se, estavam todos interessados pela ação da cena. A multidão parecia um bloco homogêneo, preso ao seu trabalho, e essa é a suprema aspiração do artista.

A tradicional festa de Nossa Senhora da Penha teve nesse ano desusado movimento e inédito aspecto, com os negros recém-liberados em expansão.

Contam que nesta altura uma atriz despeitada com o sucesso de Apolônia no papel de Luísa que desejava para si, não tendo mais que dizer para desgostar a gloriosa intérprete saiu-se com esta:

— Eu, no teatro, sempre trabalhei pela arte, ao passo que tu o fazes pelo dinheiro.

Apolônia, como sempre sucedia, retrucou prontamente com malícia :

— Está claro, cada qual luta pelo que lhe falta...

Apolônia, considerada uma grande atriz dramática, tinha mais um grande sucesso na comédia, gênero no qual atingiria as raias do sublime.

Em agosto a emprêsa do Dias Braga, comemorando o meio centenário de representações de "As Doutoras" organizou um es-

petáculo especial. À entrada do teatro, iluminada a capriço, destacava-se em letras multicores o título da comédia; a banda de música feminina do "Grêmio Sacerdotisas de Euterpe" executou trechos do seu repertório composto de músicas nacionais. Quando chegou o autor da peça, foi recebido por toda a Companhia que o aplaudiu entusiasticamente enquanto uma girândola fazia explodir nos ares infinidade de foguetes, e às famílias que ocupavam os camarotes foram oferecidos delicados brindes, como lembrança daquela noite.

Dias depois, no São Pedro de Alcântara, realizou-se a festa artística de sua amiga, a maestrina Francisca Gonzaga, e como não tivesse trabalho naquela noite Apolônia, levando uma braçada de rosas, lá estêve, para assistir ao lindo programa e aplaudir com entusiasmo a maestrina brasileira que regeu as suas composições.

Chegando o dia consagrado ao Bom Jesus dos Navegantes, o seu santo padroeiro, Apolônia foi à igreja próxima.

Era grande o número de fiéis e a artista orava alheada, sob a luz trêmula dos círios com a cabeça coberta pela mantilha espanhola, de sêda prêta. Um cheiro de cera queimada se espalhava pelo ambiente misturado ao perfume das flores que começavam a murchar.

A todo o momento se ouviam os passos de leves vultos que caminhavam nas pontas do pés, para não perturbar a contrição dos que rezavam.

Acabada sua prece e depois de deitar um óbulo na bandeja das esmolas, Apolônia saiu do templo.

Na rua, os grupos se dispersavam para todos os rumos. Meninhas airoas e velhas que caminhavam com dificuldade, cada uma tomava a direção de suas casas enquanto os rapazes estacionavam pela vizinhança acompanhando com o olhar as suas eleitas.

Apolônia trazia um vestido de sêda prêta que lhe acentuava as linhas do corpo, tinha o rosto moreno-mate emoldurado pela renda da mantilha que fazia realçar os olhos ao mesmo tempo brilhantes e sombrios.



Apolônia Pinto — (1888)

*

* *

Os cronistas sentiam-se à vontade para escrever com entusiasmos sobre ela. Poetas e prosadores lhe dedicavam sempre páginas consagradoras como nenhum outro artista nacional tivera antes.

Em um número de "Vida Fluminense", o poeta Oscar Pederneiras terminava uma página de poesia, sobre Apolônia, com êstes versos:

*"Ao vê-la em cena entusiasmo sinto
E todo o mundo sente e vê
A justiça com que
As glórias de Apolônia pinto".*

No dia 8 de dezembro a temperatura atingira 39º à sombra, e o carioca, atormentado pelo calor, ainda tinha sobre si o fantasma da febre amarela que dizimava diariamente centenas de pessoas. Terminado o ano de 1889, Apolônia continuava como primeira atriz da Companhia Dias Braga e nas horas que passava fora do teatro ocupava-se de Conceição por quem se afeiçoava cada vez mais.

Ainda uma vez Furtado Coelho contratou-a para sua companhia, no "Teatro Lucinda", e ali, onde também era primeira atriz, fêz a sua estréia em "Espôso e Juiz".

Na forma habitual, a imprensa fêz côro em elogiar o seu trabalho: "Apolônia pouco tem que dizer no seu papel, mas desde o primeiro até o último ato são tão violentas as situações dramáticas por que passa o personagem que ela representa, que o papel se torna difícil e até mesmo dificílimo.

A nossa atriz, que é uma das mais robustas inteligências que temos em cena, deu grande valor ao seu papel que, interpretado por uma mediocridade, seria absolutamente intolerável..." (32)

...

*

* *

Depois da partida, para tão longe, daquele admirador que demonstrava amizade diferente do interesse dos outros, ela sentia

(32) "Jornal do Comércio" de 13-II-1890.

falta de alguém para votar afeição que não fosse a que dedicava à pequena Conceição. Na sua vida afetiva faltava alguma cousa que os admiradores mais ou menos passageiros não podiam dar.

Apolônia sentia também que, absorvida pelas cogitações artísticas, não se podia preocupar com os seus problemas materiais. Tôda a energia e atenção deviam estar voltadas para as emoções artísticas. Nada mais devia ocupar seriamente sua inteligência; era necessário abandonar completamente os assuntos e as preocupações diárias.

A intensidade dos processos anímicos, nela como em todos os indivíduos de nível superior, era fundamental e um atributo inseparável da personalidade. A riqueza considerável e a variedade de emoções espirituais que imprimia às suas interpretações careciam de uma permanente observação de caracteres, exigindo uma captação incessante para servir à inspiração. Por isso, as exigências de ordem prática, da vida, dificilmente se podiam harmonizar com os fins artísticos a que se devotava.

Muitas vezes aborrecia-se, sentindo tolhida sua fantasia, não podendo divorciar-se desses problemas para se absorver livremente na criação artística, porque era indispensável uma série de cogitações puramente práticas. Além disso, precisava lembrar-se da menina e de que os anos se passavam e era forçoso orientar melhor os seus haveres, para assegurar, senão uma velhice abastada, pelo menos confortável.

Viver constantemente caracteres contrastantes, de inclinações opostas, era fatigante para quem tinha de se imiscuir com êsses problemas de ordem material.

O artista de teatro, quando é um intérprete consciente dos seus papéis, é um verdadeiro caracterólogo, e só possuindo amplo conhecimento dos caractéres pode encarná-los tão diversos. Apolônia, sabedora dessa verdade, não gostava de interpretar personagens criados exclusivamente pela imaginação; por isso, em suas interpretações havia sempre um grande sentido humano. Portanto, era necessário observar e meditar completamente alheada.

Quando o espetáculo estivesse sob sua direção era de ver-se com que cuidado se ocupava dêle, e essa consciência profissional

era conhecida da gente de teatro. Por isso, um crítico disse algures: "Apolônia é uma enciclopédia — sabe tudo, consegue tudo, dispõe tudo, faz tudo, decora tudo, vê tudo e sente tudo".

No "Lucinda" representou "A Doutora", "A Faisca", "O Crime do Padre Amaro" e "Mistérios do Convento", peça em que fazia admiravelmente o papel de uma freira autoritária, majestosa e apaixonada.

Logo depois, foi trabalhar com o Heller, no "Sant'Ana" e ali apareceu em um gênero que, se não era o seu, não deixou de ser mais uma demonstração de suas possibilidades cênicas: "Um sucesso de *vaudeville* é o dos "Melros Brancos", engracada *pochade* com música de Chivot e Duru, traduzida há 20 anos por Joaquim Serra com o título "Inauditas Proezas de uma pomba sem fel".

A emprêsa do "Sant'Ana" fêz em boa hora a *reprise* desta peça, em que estreou a distintíssima atriz Apolônia, no buliçoso e divertido papel de Castagnetti.

A aplaudida artista achava-se visivelmente deslocada, como está sempre que se afasta do gênero sério, drama ou comédia, em que é indiscutivelmente a primeira; mas como quem tem o seu mérito nunca faz figura menos airosa, ela soube conduzir o seu papel de modo a merecer os muitos aplausos que lhe foram dispensados....". (33)

*
* *

Apolônia se tornava mais mulher. O corpinho frágil de adolescente tomara formas acentuadas, uma carnação rija de curvas elegantes lhe envolvia a ossatura. Não era mais a mocinha que aparecia algumas vêzes em *travesti*; agora os papéis de *coquette* e dama galã lhe assentavam melhor. Como não fôsse uma atriz feita em conservatório, mas resultante de tendências imperiosas que encontraram meio favorável para se desenvolver, não teve dificuldade em se dedicar ao novo tipo de personagem.

(33) "Revista Ilustrada", outubro de 1890.

Mais do que nunca era digna de admiração geral. O público e a imprensa, em voz uníssona, jamais lhe regatearam os aplausos, e disso lhe vinha o ânimo para não descorçoar com as injustiças a que ninguém e nada se evade nas realizações humanas. Buscando nesses dois setores o estímulo para atear o fogo sagrado da inspiração, ela não sentia o dardo maledicente do despeito que a maldade humana lhe jogava, e continuava dando mostra dos primores do seu gênio criador, imune à crítica solerte, fácil e por isso mesmo apagadiça da inveja, porque sabia que essa crítica provinha dos que se sentiam impossibilitados de concorrer contra o seu nome de artista.

O seu domínio cênico provinha de não se deixar empolgar inteiramente pela sensibilidade, mas confiar completamente ao estudo prèviamente feito. Nesse cuidado estava a origem e o segredo da constante elevação de suas interpretações, que eram fundamentadas em atenta observação da natureza humana.

O seu trabalho era subjetivo, inteligente e perfeito, como é indispensável que seja o de um comediante de raça.

O artista de teatro tem sobre si a responsabilidade de exercer uma modalidade mestra da arte, por ser o intérprete da palavra, pois, sendo a arte primordialmente *espaço* e *tempo*, isto é luz e verbo, o teatro que utiliza êsses dois agentes comporta várias modalidades subseqüentes da Arte.

Sabemos que a pintura, a escultura e a arquitetura têm no espaço o seu limite, que a poesia e a música se subordinam ao tempo. Ora, se estão nesta compreendidas as leis do tempo, na cenografia, onde a luz e a arquitetura são utilizadas como base, observam-se as leis do espaço, por ser a luz um agente do visível e a palavra um agente do invisível, isto é, do espírito. É a palavra pelo pensamento, que nos leva a penetrar no mundo das idéias e, por isso, cabe ao ator conduzir-nos, a nós espectadores, gradativa e convenientemente a êsses mundos de emoções.

É pois pela luz, e conseqüentemente pela cõr que à nossa inteligência se apresenta, no teatro, o mundo visível, porque o mundo invisível e tôdas as grandiosidades da alma nós sentimos pela voz

do artista; e é da justa medida na utilização dêsses meios que se confirma o bom e o mau artista de teatro.

Essas observações tôdas, das quais tinha o senso, demonstravam nela a mulher visceralmente comedianta.

De muito lhe valeu a convivência com os pais, Manuela Lucy, depois com Furtado Coelho, Vasques, Artur Azevedo, Adelino Fontoura, Visconde Coaracy e tantos outros que, embora sejam valores diferentes, em grau e espécie, por isso mesmo colaboraram individualmente, como parcelas, na formação de sua magnífica organização artística, porque ela escolheu e captou dêles as melhores qualidades.

Todos os sentimentos inerentes à mulher ela sentiu e fêz intensamente sentir, pela sinceridade de sua Arte, fazendo o espectador compartilhar das emoções que se desenrolavam no palco. Sabia ir do amor ao ódio, da indiferença ao êxtase e, na sêde insatisfeita dos iluminados da Arte, encontrando minúcias que no conjunto tomavam um valor inda não previsto.

No sentido de melhorar, sempre, nada negligenciava: a maneira de machucar um lenço, numa cena de ciúme, era para ela objeto de cogitações sutis. Esses e outros pormenores, todos tão bem utilizados, não eram como simples efeitos ou acessórios dispensáveis que ela ajuntasse à composição interpretativa, pois uma vez vistos em harmonia, na sucessão dêles, se tornavam indispensáveis.

Fazendo uma grande dama, sabia ter a elegância e dar o cunho característico a êsse gênero de personagem. Do mesmo modo, interpretando uma mulher de baixa esfera, sabia mostrar-se como se assim o fôsse. Nessa sucessão de caracteres, de personagem em personagem, ia compondo uma galeria numerosa de tipos que lamentavelmente se apagaram com o tempo, porque outrora não era, como hoje, muito fácil encher-se uma revista ou jornal profusamente de gravuras e fotografias.

Evidentemente não teria sido uma atriz de mérito pelo simples fato de haver sido filha de dois artistas de teatro. Outro teria sido o seu destino se, em vez de reconduzida ao meio em que nasceu, tivesse permanecido em companhia da madrinha. As condições

psíquicas existiam nela, as forças espirituais recebidas da natureza estavam latentes em seu íntimo; no entanto permaneceriam adormecidas se não houvessem encontrado ambiente favorável ao seu desenvolvimento, e as suas possibilidades permaneceriam talvez ignoradas.

É claro que o elemento hereditário deve ter influido na sua formação profissional. Decisivas foram, porém, as condições em que passou a viver, justamente quando nela se manifestava o raciocínio consciente, vindo então o meio contribuir para reforçar o desenvolvimento das aptidões tendenciais.

Contam velhos amigos e admiradores que era maravilhoso vê-la exprimir rápida ou gradativamente a gama dos sentimentos humanos, na efervescência da paixão ou no crescendo do ódio ir a pouco e pouco transfigurando-se até explodir em queixas ou imprecações, interpretando as predileções, as fobias, os receios, as intenções, os sentimentos mais íntimos de um caráter que não era o seu, mas que ela encarnava com verdade. Outras vezes quando se tratava de índole mais suave, fazia-o em gestos discretos, mostrava-se de uma meiguice adorável e com um simples olhar traduzia um mundo de sentimentos.

Quando se apresentou fazendo a "Douda de Montmayour", os admiradores da Ismênia, para contrariarem os entusiastas da Apolônia, diziam que esta imitava aquela. Defende-a, porém, Filito de Almeida, um contemporâneo seu, conhecedor de teatro:

— Apolônia não precisava de usar recursos alheios para apresentar um grande trabalho em qualquer papel. Muito embora não fosse um expediente reprovável valer-se desse meio para o aprimoramento da própria Arte, não seria isso que iria afetar-lhe a inconfundível personalidade.

Na verdade, Apolônia tinha recursos próprios para as grandes interpretações. Tanto mais que nela se operava uma evolução naturalíssima pelo desenvolvimento técnico resultante dos seus próprios esforços.

Nesse processo interpretativo, verdadeiro repassar de sensações colhidas e utilizadas na composição artística, ela adquirira uma acuidade que o artista só pode atingir depois de grande soma de

experiências vividas. Essa circunstância explica a sua capacidade de formalização ao compor tipos cênicos e a impressão que dava ao espectador de estar vendo na cena um episódio natural e lógico.

Parecia que dela se apossava uma fôrça específica que talvez não pudesse ser explicada, mas apenas sentida, no momento da criação.

Quando interpretava, concomitantemente se arregimentavam tôdas as possibilidades criadoras, e então era como se fôsse tocada de um estado de graça libertando-se das contingências pessoais para só vibrar à criação artística.

Dêsses fatos que acabamos de observar decorria a pureza de sua arte que parecia despida de artificialismo, depurada de têda excrescência espúria. Era natural como um dêsses períodos simples na construção, saídos da pena de um clássico que ao desavisado parecem de uma simplicidade banal mas a que só podem atingir a experiência e o estudo.

Interpretando ingênuas, primeiro, e pouco depois fazendo os papéis de dama galã, pôs em evidência condições nada comuns para o naturalismo cênico que de resto era a tendência já agora generalizada, imperante com a fôrça de um dogma.

Ao perceber que a França era o meridiano cultural dominante, resolveu aprender o idioma de Racine para ler no original as obras francesas, principalmente sobre teatro.

O fato de enriquecer seus conhecimentos pela cultura daquele país, não seria um elemento desnacionalizante para sua arte, porque ela procurava aclimatar ao nosso ambiente os ensinamentos que adquiria como se constatará sempre.

*
* *

Apolônio, por tendência, sentiu que não estava destinada a uma vida burguesa e reagiu a tempo, evitando um desajustamento que talvez lhe proporcionasse uma existência tão melancólica quanto a dessas aves nascidas para o espaço livre das florestas e que são levadas em gaiolas de luxo para enfeitar o jardim de inverno do argentário. O poder da sua imaginação necessitava pos-

sibilidade de expansão, e o teatro era campo inesgotável para se desdobrar em mil caracteres.

Já agora era uma artista mais experimentada, o hábito de se defrontar com as platéias lhe ensinara que o indivíduo é menos tradicionalista que a coletividade e uma atriz compõe tipos para o grande público. Por conseguinte, deve procurar ferir a corda mais sensível, capaz de fazer vibrar de acordo com a intenção interpretativa. O seu trabalho, porém, que já possuía acentuadas características nacionais, não perdia em valor artístico universal.

Vendo-a no palco, um forasteiro vibrava por sua arte e, como prova, basta lembrar o entusiasmo da grande Lucinda Simões e, mais tarde, dos críticos portuguêses e portenhos, para não aludir a outros exemplos individuais que não são raros em sua vida artística.

Ao caso de Apolônia não se ajusta o do homem que permanecia impassível assistindo a um sermão que fazia toda a assistência chorar e que, ao perguntarem-lhe porque não chorava também, respondeu não ser da paróquia.

Fazendo-se o estudo de sua vida ao encanecer, sentiremos como se processou a evolução, dos vestígios do convencionalismo romântico que ainda alcançou, para o realismo e o naturalismo, em tonalidades esbatidas, quase sem limitações mas evoluindo lógicamente como se obedecesse a um processo de cristalização artística.

A linha mestra que contorna os tipos criados por essa ilustre atriz brasileira, revela aspectos característicos nossos, e essa qualidade se torna mais notável quando se leva em conta que no início de sua carreira as interpretações estavam quase adstritas a determinados gestos, correspondendo às situações ou sentimentos.

Desenvolvia a sua tendência naturalista, e o segredo das admiráveis criações futuras, sob essa feição interpretativa, estava na acuidade da penetração crítica adquirida que entrosava com a força criadora, dando em resultado tipos inesquecíveis, repassados da doçura e beleza da alma brasileira.

É certo que a sua formação artística foi a sedimentação de muitas influências, porém o estilo de profundo tom humano que se

notava despido do hermetismo desnaturador de certos cânones que caracterizam os processos por demais acadêmicos.

Sua técnica havia atingido a segurança que garante ao artista o êxito de qualquer interpretação. Se nessa fase o nosso teatro houvesse tendido para nível mais elevado, Apolônia teria podido mostrar mais um pouco do seu talento; se o grande público proporcionasse condições para a apresentação de personagens como Fedra, Atalia, Macbeth e outras dessas figuras clássicas, eternas no alto teatro dramático; se as emprêses não ficassem sómente nas comédias de costumes ou nos dramas românticos, ela teria sido talvez a maior atriz da América.

Por vêzes Apolônia desejou interpretar essas figuras sublimadas pelos autores imortais, porém era forçoso atender às justas razões das emprêses que preferiam peças mais ao alcance do grande público. Capacidade para os empreendimentos que desejava não lhe faltava, e tanto assim que certa vez a grande intérprete que foi Lucinda Simões, em conversa com um intelectual brasileiro, lamentou não se aproveitassem melhor as raras qualidades de Apolônia, e muito mais tarde, já idosa, Apolônia teve oportunidade de interpretar personagem da tragédia grega.

Habituara-se aos papéis em que pudesse desdobrar sua fibra de artista no desenvolvimento da composição e gostava de encontrar campo próprio para as largas expansões da fantasia criadora. Então era de ver-se com que delicada sutileza ela fazia vibrar o sentimento alheio. Era como êsses raros violinistas que descobrem e ferem a nota interior dos sentidos mais delicados e fazem o ouvinte vibrar no mais recôndito da alma.

A sua imaginação era fértil ao desabrochar, para se multiplicar em emoções fortes ou suaves, mas sempre de um poder emocional incomum que dominava as platéias.

Para chegar a êsse resultado, a artista se impunha um labor martirizante por vêzes, dominando estados de alma ou indisposições físicas. E, por isso, o personagem que mostrava em cena não sofria a influência da vida real da atriz.

Nesse esforço, às vêzes sobre-humano, gasta-se a vida do artista. Não há organismo nem nervos que agüentem incólumes

essa tensão aniquiladora durante muitos anos. É superior à resistência humana. Por isso, é difícil que um artista seja absolutamente sâo.

*
* *

Não lhe restava mais nem um parente: o pai falecera no Pará, vitimado pela febre amarela, poucos anos antes de sua chegada à Capital do Império; já no Rio perdera o marido, a irmã inválida e logo a seguir o irmão; a mãe, sua companheira de todos os momentos, falecera quando Apolônia organizava sua segunda emprêsa.

Estava sózinha, sem um ente amigo para confortá-la nas horas amargas e partilhar com ela os momentos felizes.

Dizem que o artista fixa na obra de arte a emoção que o anima. Essa opinião talvez tenha uma justificação diante das criações de Apolônia. Tantas vezes foi irmã, espôsa e amante, tantas vezes sacudida pelas emoções afetivas, que essa circunstância deve ter-lhe estimulado o desejo de um amor de tôdas as horas, de todos os momentos.

Essas amorosas que viveu no palco e tanta glória lhe deram, ter-lhe-iam proporcionado por momentos a existência desejada.

Para os que a consideravam à distância, era uma mulher extremamente feliz. Apreciada como atriz, contava-se em torno do seu nome e de sua pessoa uma infinidade de histórias mais ou menos verdadeiras. Todos julgavam que, sendo a atriz um triunfo, a mulher devia amar, ser feliz e amada.

Não era assim, no entanto, porque prôdiga e mesquinha lhe era a vida; se de um lado todos consagravam a comediante, faltava à mulher quem lhe enchesse o coração.

Os admiradores de sua arte não constituíam tudo de que precisava. Todos nós temos reservas de afeto para prodigalizar a alguém, e quando êsse alguém singular é substituído por uma multidão, o afeto não se pode dar, fica conosco.

Dir-se-ia que, tendo-se feito atriz, tinha que renunciar aos anseios naturais do coração mas, nas horas de repouso, longe do

público, exaltada pelas desilusões naturais em tôdas as profissões, ela sentia o vazio do seu coração. Faltava-lhe uma palavra amiga e as carícias de mãos dedicadas, um sincero e constante afeto que lhe desse forças para prosseguir. A pequena Conceição não bastava para suprir essa falta.

Dedicava-se à arte e, entregue à emoção que a empolgava, conseguia esquecer um pouco, para depois, longe da ribalta, recair em tristeza.

Tinha desejos de dar o seu carinho e a sua dedicação a alguém de quem gostasse de fato; não podia por mais tempo recalcar seus anseios de mulher. Precisava de alguém que dedicado a ela pudesse e soubesse evitar-lhe os dissabores quotidianos.

Quando se casou com o ator Jordani era quase uma criança, não tinha ainda consciência do que fosse amor nem dessa necessidade de um ente querido para compartilhar das horas de isolamento. Teve depois a amizade daquele jornalista de longas barbas com o qual se teria casado, mas ainda esta ligação não foi consolidada, pois ela própria desfizera o compromisso.

O idilio com o jovem admirador que lhe mandava flôres também não chegou ao ajuste final, e, ao que parece, o sentimento que o animava não era tão forte porque se assim fosse ela não teria tido o raciocínio lógico de que, para ambos, seria uma infelicidade aquela união, visto como um dos dois teria de renunciar à carreira que amava.

Sentia agora a necessidade de uma ligação mais forte do que tôdas as outras. Necessitava ligar o seu *eu* a um outro *eu*, confundidos pela mesma sorte.

Estava hipocondríaca, os grandes silêncios e as meditações tomavam freqüentemente os seus momentos de solidão. Diante das grandes amorosas que vivia no palco, apaixonadamente amadas e intensamente amantes, a sua vida afetiva parecia inexpressiva e a sua imaginação era assaltada por um forte anseio.

Quando as circunstâncias a obrigavam a tomar atitudes enérgicas, embora aparentemente o fizesse com energia, era sob grande reação sobre si mesma, porque, no fundo, Apolônia era muito fe-

mínina; tôda ternura e dedicação, como lhe ensinou a ser aquela bondosa dama que lhe guiou os primeiros passos na existência.

Dois caracteres coexistiam nela, e essa dualidade explica determinados fatos de sua vida: o primeiro justifica o seu desejo de ter um companheiro amigo, prole e um lar; no segundo se tem a razão do seu poder criador como intérprete.

A artista foi produto do atavismo e das condições favoráveis em que viveu depois da primeira infância; a mulher afetiva foi resultante da criação e orientação dos primeiros anos de entendimento, em casa da madrinha, no Colégio Sant'Ana e, por ter isso acontecido num período de gênese caracterológica, ficou sempre no subconsciente, mesmo quando a comediante estava em franca exuberância artística.

Vivia Apolônia desse modo, quando um acontecimento transformou tal estado de cousas.

Foi uma noite de festa artística; o seu camarim recendia a flôres frescas que lhe tinham sido oferecidas pelos admiradores. Junto ao espelho, num vaso de cristal estavam lindas rosas brancas que lhe ofereceram os empregados do teatro. Apolônia tirou dali uma flor e, enquanto conversava, brincava com ela, como se acariciasse as pétalas.

Anunciaram visitas; eram amigos e colegas que vinham cumprimentá-la; com êles um rapagão alto, espadaúdo, insinuante, com sua bonita cabeça de farta cabeleira meio encaracolada.

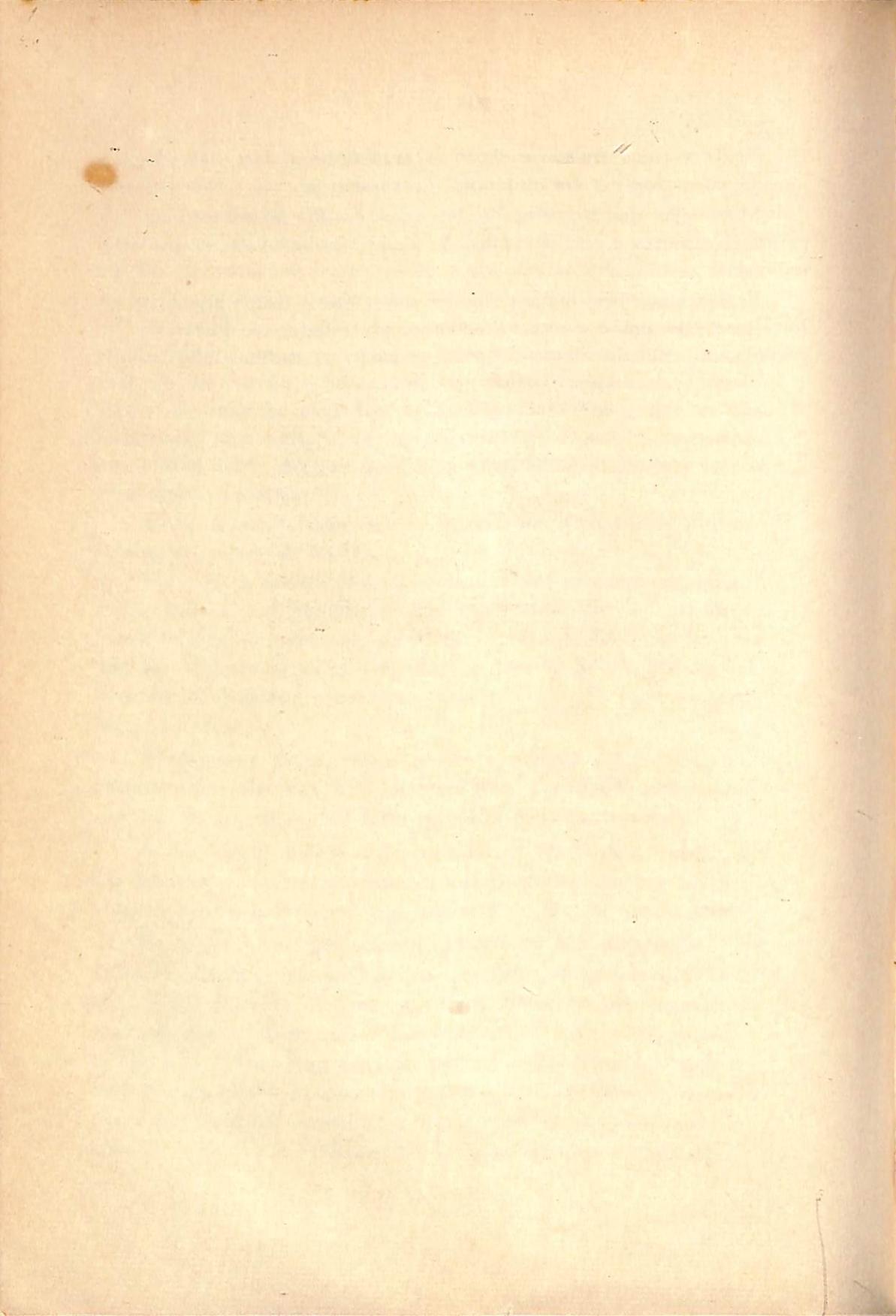
A flor que Apolônia tinha na mão deixou de ser o centro de sua atenção. Conversando com os que chegaram, tinha o interesse voltado para o belo rapaz, que acabava de lhe ser apresentado.

Germano Alves, por sua vez, parecia ter sentido o mesmo impulso de simpatia pela mulher que momentos antes aplaudira como atriz; e um pretexto qualquer justificou marcarem um encontro no dia seguinte. Aquêle rapaz lhe interessava e chegava mesmo a perturbá-la. Ficou surpreendida, depois, ao constatar que suas relações progrediam e tomavam rumo quase inesperado. Aquela agradável simpatia embalava-a numa ventura despreocupada e calma, como não se lembrava de haver achado noutro homem.

Tudo se transformava e ela, que tanto tinha vivido e amado, parecia encontrar um encanto novo na existência.

Mais velha que êle cerca de dez anos, era-lhe no entanto superior em espírito e essa diferença de idade não havia de ser prejudicial.

Estava ainda bem longe de poder supor que o tempo havia de fortalecer essa união e que na companhia de Germano havia de encontrar o estímulo necessário para os piores momentos futuros.





*Apolónia Pinto quando primeira dama
da Companhia Dias Braga — (1893)*

VIII

1890 — 1899

Na representação de "Dalila", comédia dramática de Octave Feuillet, incluída no repertório da "Comédia Francesa", a novidade foi Apolônia no papel de Princesa Falconieri, ao lado do Dias Braga que fazia o conselheiro Carnioli. Depois em "Kean", de Alexandre Dumas Filho, peça representada em Paris, no "Teatro Odeon" com Sarah Bernhardt e Carlos Berton, fazia a Condessa Kaefelde; a seguir, "Os Enjeitados", interpretando o difícil papel da Viscondessa; depois, ainda "A Morgadinha do Val Flor", "As duas órfãs", "O Castelo do Diabo" e "Estátua de Carne" dramas que eram e continuavam sendo sucesso garantido.

Augusto Fábregas acabava de lançar, editada pela casa Buschman & Guimarães, a barcarola de sua autoria "O Gondoleiro do Amor" e ofereceu um exemplar a Apolônia com expressiva dedicatória.

Os espetáculos no "Recreio Dramático" continuavam a ter a preferência do público, e como os poetas eram em grande quantidade os anúncios se faziam às vêzes em verso como êstes publicados n'O País :

"Quem fôr capaz que resista
Ao programa belo, cheio,
Que hoje o Teatro Recreio
Aos de bom gôsto promete.

Dá-se o "Castelo do Diabo",
Um drama de bons conceitos,
Quem fôr tarde... adeus bilhete". (34)

(34) "O País", 26-7-1891.

Volta à cena "Pedro Sem, que já teve e agora não tem", trazendo à emprêsa grandes lucros.

Animado com o sucesso e as receitas que vinham logrando as peças em repetição, o empresário apresentou novamente "A Douda de Montmayour" com Apolônia no papel de Maria Aubert, e os lucros corresponderam às esperanças, confirmado o gôsto pelas peças de intensa dramaticidade.

Em casa, Apolônia fazia projetos para quando Conceição crescesse. Havia de torná-la uma grande artista e não consentiria que se sujeitasse às exigências dos empresários que atentam mais às recentas que aos ideais artísticos.

Em outubro, o Dias Braga montou "A Avó", de Demnery cuja ação é passada em França, época de Luís XV, fazendo êle o papel do duque, e Apolônia, a duquesa, secundados por Aurélia Delorme, Elisa Castro, Adelaide Coutinho, Deolinda e outros. Mudou o cartaz quando veio à cena "O Gran Galeoto", de Echевrey, em tradução de Valentim Magalhães e Filinto de Almeida.

Depois a nossa artista teve uma notável criação em "O Olho do Gato", drama policial de Xavier de Montepin e Jules Darnay, em tradução de Figueiredo Coimbra, trabalho que ela escolheu para sua festa artística realizada quando se dava a vigésima oitava representação, e o "Jornal do Comércio" registrou o fato em termos elogiosos, como veremos:

"A atriz Apolônia Pinto deu ontem um espetáculo em seu benefício no Teatro Recreio Dramático. A inteligente artista, uma das poucas que por entre as desastres da nossa arte dramática não perderam a coragem estudando e trabalhando sempre sem distrair-se com as modinhas e os fadinhos, escolheu para a noite de sua festa artística o interessante drama policial "O Olho do Gato", em que teve o excelente e trabalhoso papel da agente de polícia..."

O teatro estêve concorrido...

A beneficiada interpretou muitíssimo bem o seu papel, sendo freqüentemente alvo de bravos espontâneos;

recebeu muitos mimos de seus amigos e admiradores que a estimam e respeitam." (35).

Quando se retirou para casa com o Germano, levava o carro forrado de flôres que eram o prêmio efêmero das glórias do palco.

A época, como de vez enquando acontecia, se estava tornando desfavorável ao teatro dramático; as melhores casas eram ocupadas com zarzuelas, mágicas, *vaudevilles*, óperas cômicas e outros programas do teatro ligeiro. O Dias Braga, que insistia em manter o caráter artístico de sua companhia, precisava, no entanto, ceder um pouco às necessidades do orçamento: resolveu intercalar os gêneros de seus espetáculos. E assim foi feito.

Ora tinha em cena a mágica "Pif-Paf", com a Bellegrande, ora o drama "Estátua de Carré", com Apolônia nos dois importantes papéis de Maria e Noêmia Keller, cujos caracteres inteiramente inversos eram admiravelmente apresentados.

O empresário era antes de tudo um artista e não se conformava em ceder completamente ao gênero ligeiro. Procurava conciliar os interesses com o ideal, acomodando as cousas dêste modo.

Resolveu levar à cena "O drama do povo", de Pinheiro Chagas, cuja ação se passa em 1808 e o cenário do epílogo representa o Castelo São Jorge cujas portas acabam cedendo ao impulso dos populares, deixando ver ao fundo o panorama de Lisboa. Eugenio Magalhães, grande artista do tempo, contracenava com Apolônia, fazendo o galã, enquanto Dias Braga fazia o centro nobre.

Em abril foi a inauguração do "Stadt München", o restaurante que havia de tornar-se uma tradição na história da vida noturna da cidade.

Apolônia, em companhia do seu empresário, Germano e alguns amigos, festejou ali o terceiro centenário de "O Conde de Monte Cristo".

(35) "Jornal do Comércio", 20-I-1892.

Tinha agora muito trabalho que lhe tomava todo o tempo e tôda a atenção. À noite os espetáculos, depois os ensaios e, durante o dia, no pouco tempo que lhe sobrava, estava sempre ocupada com o ajustamento e estudo de novas peças e preparativos para completar a montagem.

Mal chegava a casa, vencida pelo cansaço, dormia profundamente até à hora do almoço para depois sair apressadamente. Quase não tinha tempo para trocar idéias com o Germano que, por sua vez, procurando encher o tempo percorria outros teatros em busca de conhecido para conversar.

Uma das companhias que ele preferia era a atriz Berta Celestini que com uma verve adorável sabia contar anedotas picantes, repassadas de muita malícia. E o Germano acabou por ficar de cabeça virada.

Apolônia logo percebeu que uma influência estranha tinha modificado o rapaz. Ocupada porém como andava, não podia no entanto dar maior atenção àquilo que considerava um passatempo inconsequente.

Algumas semanas depois, quando voltava do teatro, ao chegar a casa mais cedo que de costume, não encontrou o Germano que, tendo-lhe dito sentir-se adoentado, não havia ido buscá-la como de hábito.

Estranhou não estivesse deitado, mas calculou que houvesse saído em busca de algum remédio.

Já se preparava para deitar-se quando notou sobre o seu travesseiro uns fios de cabelos de mulher, mais claros que os seus. Examinando melhor, encontrou ainda, sobre o tapete, um pequeno laço de fita vermelha e, no pente que estava sobre sua mesa de pentear, também fios dos mesmos cabelos. Diante desses vestígios a suspeita se armou num momento:

— Havia estado ali uma mulher loira, durante a sua ausência, e outra não era senão a Celestini.

A sua chegada inesperada tinha confirmado aquilo de que desde muito suspeitava.

Ferida no seu amor-próprio e levada pelo primeiro impulso, tomou duas maletas de viagem e nelas arrumou algumas peças de roupa indispensáveis para ela e a pequena Conceição que dormia em um quarto vizinho ao seu com a ama.

No dia seguinte pela manhã chamou um tilburi; levando a criança e as maletas, foi ter com um casal de portuguêses, conhecidos seus que sublocavam parte da casa em que moravam, na rua Riachuelo. Ali, uma interessante menina filha do casal tornou-se sua amiguinha e conseguia distraí-la, com a pequena Conceição.

Germano desapontado com o sucedido e sem estar bem certo do motivo que tinha determinado aquela resolução de Apolônia, ficou meio parado até que resolveu procurá-la no teatro onde, não se sabe como, a notícia se divulgou, causando pesar aos que com ela trabalhavam desde vários anos e lhe dedicavam amizade.

Apolônia o recebeu com aparente serenidade dizendo estar absolutamente a par de seu procedimento; por isso, não voltaria para sua companhia e não queria mais nada do que ficara onde moravam em comum, declarando ainda que não desejava mais vê-lo.

Ele, então, compreendendo todo o alcance do êrro cometido, percebeu que não devia insistir; tinha culpa e não encontrava uma justificativa.

Voltou para casa e, ali chegando, sózinho, sem saber como agir, começou a passear o olhar pelos objetos do quarto que fôra dos dois. Tudo evocava pequenos acontecimentos da vida em comum, à qual já estava acostumado e cada coisa avivava uma recordação.

Abrindo o guarda-vestido, tirou de lá uma braçada de fazendas de tôdas as côres e matizes e, num gesto de amor e arrependimento, mergulhou o rosto nêles. Um perfume muito seu conhecido deu-lhe por momentos a ilusão de que tudo aquilo tinha sido um mau sonho.

Lançou um olhar para o lado da penteadeira como se fôsse vê-la ali, mas só avistou objetos inertes. Em cada uma daquelas escôvias, em cada frasco de cristal, estava uma lembrança. Em-

hora soubesse estar sózinho, queria ter a ilusão de que a qualquer momento havia de vê-la entrar na alcova abandonada.

Passavam-se os dias e ela esforçava-se por se conservar firme na resolução tomada, mas já começava a sentir também a falta do companheiro.

Às vezes, num sentimento de amor-próprio reavivado, tinha ímpetos de nunca mais voltar a vê-lo. Vinha depois o desejo de sentir-se protegida e a necessidade, já conhecida, de alguém que a confortasse nas horas de desânimo.

Parecia, no primeiro instante, haver perdido toda a energia. Ele vinha sendo o seu animador nos momentos de cansaço, o amigo amoroso da intimidade e, aos poucos, foi adquirindo para ela como que o poder de um exorcismo para fastar os abatimentos morais.

Quando teve conhecimento daquela ignomínia, o primeiro ímpeto foi de cólera, empolgou-a o despeito, trazendo a idéia do rompimento. Agora, porém, começava a sentir que o seu ódio era vencido.

Um ou outro amigo procurava intervir para harmonizar, mas sem resultado, até Alves da Silva, irmão de Germano, depois de muitas idas e vindas conseguir convencê-los de que ambos necessitavam um do outro.

Apolônia, depois de muito chorar, reconsiderando os fatos, reconheceu que em parte tivera culpa; não podia ser de outro modo, pois havia muito negligenciara dêle, ocupada como andava com seu trabalho.

As rivais que contavam vê-la abatida ficavam desapontadas diante de sua altivez aparente. Vendo-a falar com êle, como se nada de extraordinário se tivesse passado, sentiam-se desconcertadas, porque Apolônia tinha uma atitude de quem não dava aprêço ao sucedido.

Havia resolvido perdoar-lhe, mas só o fazia sob a condição de que, dali por diante, viveriam juntos, apenas como dois amigos. Embora seja difícil acreditar, cumpriu essa resolução.

A arte é assim mesmo; pelo que dá em prazer espiritual, exige dos seus eleitos juros muitas vezes equivalentes ao sacrifício,

porque em geral consome os próprios valores vitais. O criador de arte que ao grande público parece um diletante da vida é, na realidade, um torturado pela tensão obstinada sobre si mesmo e que dêle se apossa no ato sublime de criar, a ponto de fazê-lo esquecer-se de si próprio.

Germano, por seu lado, tendo compreendido toda a extensão do erro cometido, sentiu que da companheira vinha tudo de bom quanto a vida lhe dava. Nenhuma das mulheres que conheceu tinha exercido tão profunda e avassaladora influência em sua vida. Em todos os seus atos, então, parecia sentir a personalidade dela projetando-se numa ação benéfica.

Aceitaria, sem relutância, todas as condições que lhe fôssem impostas, contanto que não a perdesse.

Daí por diante parece que Apolônia se entregou à sua arte como nunca, como se o fizesse para não pensar naquele desgôsto.

* * *

Em 16 de outubro, estreou uma jovem artista com aptidão para se tornar uma ingênua encantadora. Teresinha Pereira da Costa apareceu no drama "O Engraxate", de Soares de Souza Júnior.

O Dias Braga preparava uma peça italiana precedida de grande fama, em tradução de Filinto de Almeida, "A Cavalaria Rusticana", de G. Verga, proporcionando uma nova criação para Apolônia que no papel de ardente Santuza logrou brilhante sucesso.

Mais ou menos nesta fase conheceu-a Eduardo Vitorino, que se tornou entre nós um dos homens de teatro mais capazes, e teve ocasião de expender sua opinião a respeito da nossa grande atriz: ".... Apolônia vivia os seus personagens sem buscar colocar-se num plano diferente e superior àquele onde devia situar a figura que desempenhava. É que, como atriz disciplinada, consciente do seu estudo, conchedora do respeito devido à arte, não saía da linha traçada pelo autor e pelo ensaiador.... Apolônia foi uma atriz curiosa e apreciadíssima. Não era necessário pedir-lhe

que se transformasse, que se caracterizasse diuersamente, que mudasse de vestiário, que contrafizesse os gestos, que modificasse a expressão, finalmente, que fizesse um tipo diferente dos demais; não, ela era sempre a Apolônia verdadeira, natural, singela no dizer, com um sabor pitoresco nas características, com uma infinita ternura nas centrais amoráveis, e nobre veemente e forte nos lances dramáticos" (41).

Talvez aborrecido com os gêneros de peças em voga no Rio, o empresário, pela primeira vez, resolveu viajar com sua companhia e seguiu para São Paulo, onde ocupou o "Politeama Nacional".

Apolônia, que tinha juntado algum dinheiro, pensava construir sua casa e estava para comprar um espaçoso terreno em Laranjeiras pela quantia de dois contos de réis; entretanto, devido à viagem, resolveu adiar mais uma vez a realização desse velho sonho.

Na capital bandeirante, a estréia foi com "O Gran Galeoto" que alcançou sucesso. Sobretudo, agradou muito a cena do terceiro ato, jogada entre Ernesto e Teodora que era a personagem de Apolônia.

Quando tudo parecia correr-lhe bem, sucede um fato deplorável. A pequena Conceição adoece súbitamente e não resiste, morrendo nos braços de Apolônia, não obstante todo o desvôlo de sua mãe adotiva.

A morte daquela criança a quem amava como filha abalara-a profundamente. Era mais uma vez o destino ferindo-a e negando-lhe as afeições mais íntimas.

*
* *

Desligando-se da emprêsa de Dias Braga, onde por tanto tempo vinha sendo a primeira figura feminina, voltou ao Rio, mas logo depois se deu a revolta da Marinha, lançando uma rajada de terror. E o pânico foi geral. Não sómente o comércio, o povo

(41) "Atores e Atrizes", Eduardo Vitorino, Editôra "A Noite".

e a política mas também os teatros sofriam as consequências do constante estado de alarme. O movimento das ruas era quase nulo; os boatos, inúmeros; tudo concorria para trazer a população em constante tensão nervosa.

Apolônia, como era natural, também estava receosa e resolveu viajar, sair do Rio. Para isso aliciou alguns artistas disponíveis, organizou companhia, arrumou precipitadamente os seus móveis e objetos de estimação, dentre os quais cartas e versos de Bocage e Gonçalves Dias que foram, o primeiro, amigo de seu avô e o segundo, de seu pai. Encerrou tudo em um quarto que ficou sob a guarda de velha criada e quando tudo ficou resolvido embarcou para a Bahia, levando os artistas mais necessários.

Ali chegando, completou sua companhia, apurou os ensaios e iniciou no Politeama os espetáculos.

Apolônia esforçava-se por fazer do Germano um artista aceitável mas faltavam a ele qualidades indispensáveis. A voz tonitroante e a gesticulação inexpressiva prejudicavam a boa impressão que a bela figura pudesse causar.

Amava-o sinceramente e tudo fazia para que ele se sentisse satisfeito. De vez em quando passeavam pelos lugares pitorescos e tradicionais da velha cidade e, no seu contentamento, ela chegava a esquecer a diferença de idade e o grande desengano que os separava.

*

* * *

Em Salvador, foi procurada por dois rapazes, co-autores de uma peça que desejavam ver montada, como de resto Apolônia já havia feito ali, anteriormente com autores novos de real valor. Mas desta vez o trabalho não lhe pareceu digno de aprêço. Aquêles jovens porém, não conformados, desencadearam uma campanha contra a empresária que esperavam desprestigiar tentando com pequeno grupo uma pateada. Mas o grande público e a imprensa não deram importância ao libelo desarrazoado que eles tiveram a deselegância de distribuir, esquecidos de que havia naquela cidade

muita gente que sabia apreciar Apolônia e havia de fazer justiça ao seu valor artístico.

Contando demorar-se muito pelo Norte, Apolônia escreveu à criada que no Rio estava encarregada de zelar por suas cousas guardadas, dizendo-lhe que vendesse os móveis pelo que dessem e fôsse ao seu encontro, levando os objetos de estimação que caberiam em uma só mala.

Da Bahia foram a Pernambuco, e na cidade do Recife, onde Apolônia tinha grande número de admiradores, a temporada obteve sucesso marcante como já tinha ocorrido anteriormente. As mesmas discussões ditirâmbicas do público entusiasmado, muitos versos, muitas flôres e crônicas demonstravam o interesse que sua arte inspirava sempre.

No Pará, informada de que em São José dos Matões, no Maranhão, um pobre mulher falecera ao dar à luz seis meninas gêmeas, deixando na orfandade seis outras crianças nascidas bigêmeas, a simpática atriz, por intermédio de uma amiga de infância, em S. Luís, mandou uma importância para os pequeninos órfãos.

Após os espetáculos, no amplo camarim que Apolônia ocupava no "Teatro da Paz", reuniam-se artistas, jornalistas e amigos para uma pequena ceia e discutir assuntos de arte, fatos do momento e sobretudo a revolta que estava ocorrendo no Rio Grande do Sul.

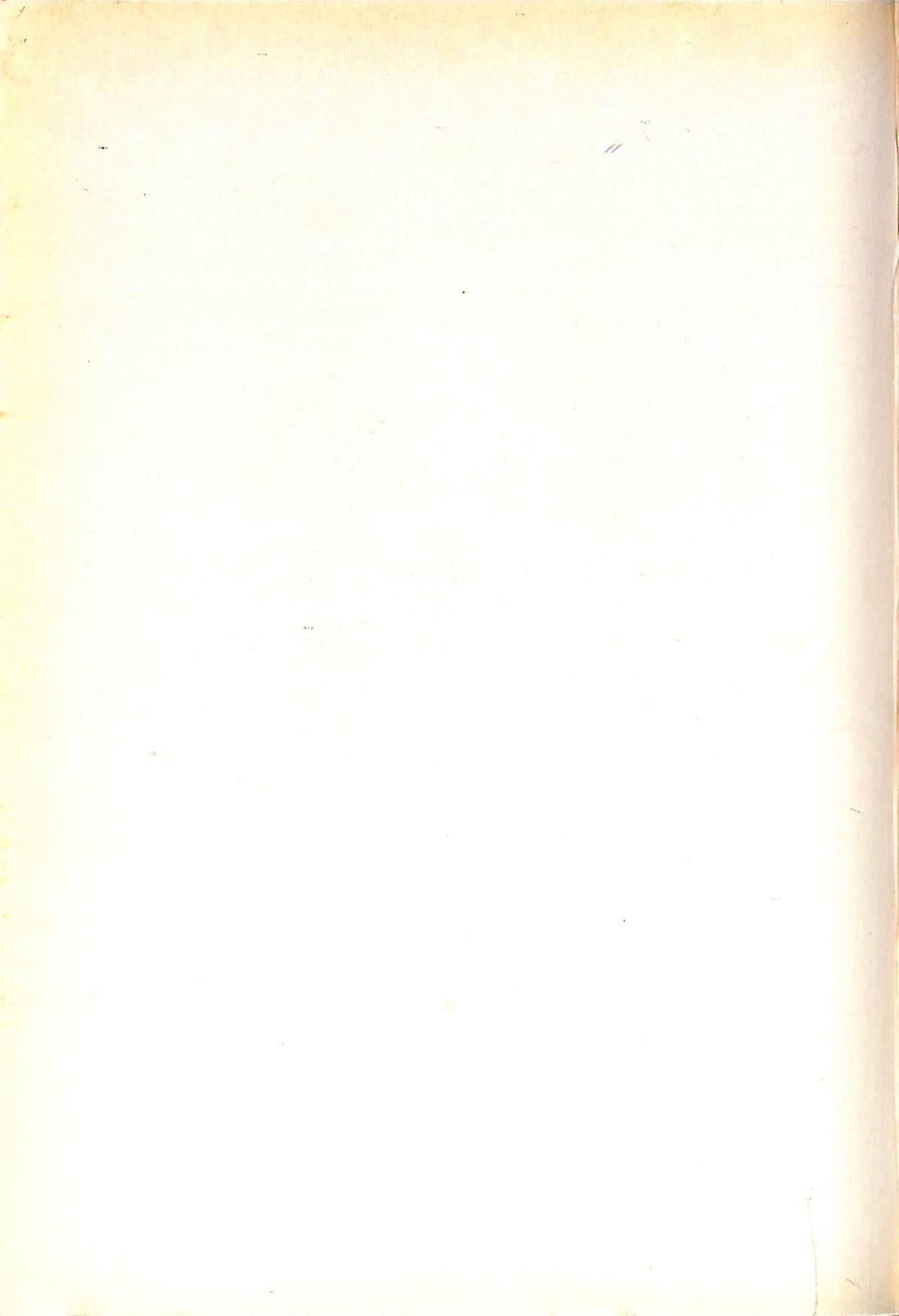
Em janeiro, pela primeira vez a orquestra daquele teatro apresentou um *pot-pourri* da ópera "Solar dos Barrigas", do maestro Ciríaco Cardoso, orquestrada pelo regente Roberto Barros e a seguir a encenação de "Mariana, vivandeira do 32", drama de Anicet Bourgeois, traduzido por Furtado Coelho.

Nessa excursão, Apolônia apresentou como artista de sua companhia uma amadora com raras qualidades para o teatro e deu-lhe muitas oportunidades, fazendo-a dama ingênua do conjunto.

Por esse tempo conheceu um rapaz muito vivo, apaixonado pelo teatro. Era o jovem Rêgo Barros que, diante dos pedidos endereçados à emprêsa, se ofereceu para escrever enquanto Apolônia ditava de memória o texto da peça "Pedro Sem que já teve e agora não tem". Essa peça, embora não fizesse parte do reper-



*Apolônia Pinto, no Rio Grande do Sul,
em 1895*



tório, foi muito solicitada à companhia, à vista do sucesso obtido no Rio.

Quando terminava a temporada em Belém do Pará, chegou do Rio a criada que esperava. Ao receber os objetos que tinham sido excluídos da venda, Apolônia deu por falta de um grande tubo de fôlha de flandres contendo cartas de amigos e notabilidades, inclusive os autógrafos de Bocage e Gonçalves Dias. Soube então com tristeza que fôra esquecido em um guarda-roupas e era impossível ser recuperado.

Dentre os teatros que encontrava, o que então estava ocupando era dos mais confortáveis. E' fácil avaliar-se a falta de conforto que havia na época. Raros eram os que dispunham de instalações convenientes. Os camarins eram quase sempre espaçosos, mas as instalações sanitárias eram as mais rudimentares.

Continuando pelas capitais do litoral brasileiro, a companhia estava para chegar a Pôrto Alegre, nos últimos dias de 1895.

No Teatro São Pedro, o melhor da cidade, trabalhava uma coripanhia de operetas, emprêsa de Ismenia dos Santos, e com a próxima chegada de Apolônia surgiram polêmicas pelos jornais. Discutia-se qual a companhia que devia ocupar o teatro. Alguns achavam que a companhia de espetáculos musicados devia permanecer, outros eram de opinião que Apolônia merecia a honra de ocupar o melhor teatro pôrto-alegrense. Tôda essa discussão terminou quando ficou decidido que, por direito de contrato, cabia a Apolônia o teatro disputado pois a companhia de espetáculos musicados, antes de ir para ali, sabia do compromisso anteriormente firmado com sua colega e teve que retirar-se sem concluir as récitas de assinatura a que se havia obrigado.

Apolônia, vindo de Pelotas, chega a Pôrto Alegre numa atmosfera carregada. A imprensa continuava ocupando-se do caso e a "Gazeta da Tarde" publicou o seguinte:

"Convido a nossa digna polícia a tomar conhecimento das presentes linhas destinadas a porem as autoridades de sobreaviso com um fato que pesquei nas conversas de café.

É que tendo triunfado o direito na questão das duas companhias teatrais e como a que sai tinha compromissos que não pôde satisfazer qual seja o das quinze récitas de assinatura cuja importância já recebeu e não pode devolver por falta de *quorum*, premedita por meio de vaias tornar impossível a estadia da Companhia Apolônia, no S. Pedro" (36).

Apolônia, diante do ambiente que se formava e já habituada com as exaltações do público, pediu providência à polícia no sentido de evitar alguma ocorrência lamentável.

No dia seguinte um jornal que a defendia, referindo-se a outra fôlha que era partidária da Ismênia, publicou êstes versos:

*"Em rixas de bastidores,
A cheirar rabos de saias,
Certo jornal, meus senhores,
Engrossa também as vaias.
....." (37)*

Depois do último espetáculo da emprêsa Ismenia os admiradores das suas artistas foram levá-las até o hotel, onde se ouviram muitos discursos que tinham sempre o fim de atear fogo contra a emprêsa que as desalojara.

Todo êsse barulho concorreu para excitar a curiosidade do público, e a estréia de Apolônia teve o teatro completamente cheio. Ao entrar em cena Apolônia recebeu frenética salva de palmas, e os pateadores tiveram sua reação abafada pela maioria que, segundo rezam as crônicas, ovacionou "por mais de três quartos de hora a grande atriz brasileira e sua companhia que recebeu o testemunho do mais caloroso entusiasmo".

Acalmados os ânimos, representou-se "A Mártil", drama de Demnery, e Apolônia no papel de Condessa de Morey impres-

(36) "Gazeta da Tarde", de Pôrto Alegre, 20-12-1895.

(37) "Gazeta da Tarde", de Pôrto Alegre, 21-12-1895.

sionou vivamente pelo caráter profundamente sugestivo do seu desempenho, secundada por Clementina, Alves da Silva e outros.

O trabalho de Apolônia e a figura insinuante de Alves da Silva que tinha sido lançado em teatro por influência da atriz brasileira, conseguiram consolidar o entusiasmo dos que preferiam o gênero dramático e eram seus partidários.

A propósito do insucesso da projetada pateada, foram publicados êstes versos, com o pseudônimo de Bonifácio :

*"A pateada sem aponta
Deu em água de barrela
Teve Apolônia ovadela
Vai Apolônia na ponta". (38)*

Depois a emprêsa apresentou ainda "A Doida de Montmâyour" e "O paralítico".

Os que projetaram a desordem, porém, não haviam desanimado do seu intento; assim, aproveitando a ausência do Coronel Tomaz Tompson Flôres, estabeleceram no teatro um tumulto que o major Rosário e o Tnt. Leite, subdelegado da polícia, não conseguiram conter.

O major, indignado com o que presenciava, dirigiu-se aos rapazes que promoviam a pateada advertindo-os sobre a indignidade do que faziam. Otávio Giaconuzzi, cidadão italiano, chefe de família trabalhador e honesto, ouvindo o que dizia o militar, voltou-se para élle, de pé, batendo palmas:

— Muito bem, Sr. major, apoiado, contenha êsses moços !

Apenas o major se tinha ausentado, dois rapazes desfecharam sobre Giaconuzzi tremenda cacetada, ferindo-o na cabeça. O ofendido toma de uma cadeira para se defender e nesse momento outro desordeiro desfecha-lhe nova cacetada que o prosta sem sentidos, vindo a vítima a falecer.

A grande desordem pôs o público em debandada.

Apolônia, ao saber do falecimento de Giaconuzzi, prontificou-se a custear as despesas dos funerais e a dar um espetáculo

(38) "Gazeta da Tarde", de Pôrto Alegre, 23-12-1895.

em benefício dos órfãos. Ao enterramento da vítima compareceu a colônia italiana e Apolônia com toda a companhia. (39)

O espetáculo de benefício foi com a peça de estréia e teve uma enchente absoluta, recebendo Apolônia uma das maiores consagrações de sua vida.

No ano seguinte publicou-se o "Almanaque dos Teatros", e como texto de um retrato dela desenhado por Amaral havia uma legenda na qual em poucas linhas o autor soube sintetizar as qualidades da atriz :

"Entre atrizes brasileiras tem esta nossa patrícia um lugar primeiro; entre as de língua portuguêsa tem um lugar distinto.

.....

Apolônia Pinto, seja dito de passagem, possui cultivo e preparo bem raros de encontrar em atrizes de nosso meio, é uma artista no sentido mais lato da palavra.

Em cena sabe o que faz e o que diz, e mais, sabe o que está dizendo: cá fora, é uma prosa divertida e cheia de verve. ..

G. de Algerana.

Essas poucas palavras dão uma idéia do lugar privilegiado que Apolônia ocupava no teatro brasileiro.

Quando voltou para o Rio, havia-se reunido um grupo de artistas para ouvir a leitura de uma comédia recentemente lançada em Paris que tinha sido traduzida e o autor da tradução andava ansioso por ver o seu nome no cartaz.

(39) "Gazeta da Tarde", de Pôrto Alegre, 30-12-1895.

(40) "Almanaque dos Teatros", Rio, 1896.

Depois da leitura e dos comentários, favoráveis e desfavoráveis, a conversa desviou-se para a morte recente de Carlos Gomes em Belém do Pará e alguém disse:

— Se ele não tivesse ido à Itália, nunca seria o artista que foi. Aqui não há possibilidade para se formar um grande temperamento.

Apolônia, que tinha lido todo o noticiário relativo ao grande maestro e compositor brasileiro, pelo qual nutria grande entusiasmo e conhecendo-lhe a vida, retrucou:

— Você, certamente, não sabe que ao embarcar para a Europa ele já era autor de ópera.

— Bem, mas a sua grande classe ele adquiriu lá.

— Pois saiba que Lauro Rossi, seu professor na Itália, assistindo a um ensaio da ópera "O Guarani", emocionou-se até às lagrimas e, abraçando Carlos Gomes, disse-lhe que o único sentimento de sua vida artística era não ter sido seu mestre, desde o *bê-a-bá musical*.

— Mas Rossi foi um grande orientador, para ele.

— Pois saiba ainda que o próprio Rossi respondeu ter sido para ele apenas um guia em terra estranha, um companheiro e nada mais. Pois quando o maestro chegou a Milão já levava o certificado do seu talento e tinha o gênio consagrado pelo aplauso de todos.

Outros entraram na conversa e foram invocados vários casos de formação artística nacional, dentre os quais o de João Caetano.

* * *

Depois de longo período em que parecia estar pondo à prova suas energias, Apolônia estava cansadíssima e aborrecida com o sofrimento de ouvidos, ao qual no comêço não deu importância mas que já lhe inspirava maior cuidado.

Necessitando de tratamento especializado e como havia conseguido juntar algum dinheiro, destinado à compra de uma casa,

resolveu com o Germano empreender uma viagem à Europa. Tencionava ir a Portugal e de lá talvez à França onde consultaria alguma sumidade médica, para tratamento dos ouvidos.

Chegando a Portugal foi muito festejada pelos seus colegas e conhecidos de além-mar. Logo lhe propuseram contrato para fazer parte de um elenco, mas o seu propósito não era êsse. E recusou delicadamente.

Germano, satisfeito de rever a terra, promovia passeios dos quais ela muito gostava. Encantavam-na as paisagens cheias de poesia bucólica, nas aldeias, o pitoresco dos costumes e, sobretudo, a acolhida que encontrava em tôda a parte. Por êsses fatos, a viagem à França era sempre adiada.

O tempo que andou percorrendo as zonas rurais foi para ela um derivativo reparador que muito lhe distraiu a atenção das preocupações que a afigiam. O convívio com a natureza e os costumes daquela terra foram como um bálsamo para sua alma.

Aspirando com prazer o aroma dos fenos, deixava o olhar repousar no verde suave das hortas e pomares, sentindo a alma em repouso. Lá, na estrada batida, passa uma moleira tôda embranquecida pelo pó do trigo, enquanto ao longe um homem amanhava a terra, sob a luz de um sol de ouro.

Novamente em Lisboa, ali procurou um grande médico, mas sem obter maiores resultados.

Pensavam já em voltar e por isso tratou de rever velhas amizades; colegas que conhecera no Brasil e cumulavam-na de gentilezas e de presentes.

Assim, depois de longa e sedativa permanência na aldeia, um curto e agitado período em Lisboa e no Pôrto, resolveu voltar. Mais animada porém desesperançada de uma cura que buscava ansiosamente, Apolônia torrou a atravessar o Atlântico, em busca do céu azul e do sol brilhante do seu País.

*

* *

Antônio Ramos que foi um dos mais finos galãs do nosso teatro na última década do século XIX e comêço do atual. fa-

lando-me sobre Apolônia, disse que ela foi a atriz mais culta de seu tempo e, por isso, compunha mais artisticamente suas interpretações que outras de temperamento mais forte, ao gôsto do tempo.

A sua arte era conhecida nos quatro cantos do Brasil quando se agravaram os distúrbios auditivos de que vinha sofrendo.

Aos íntimos parecia caminhar para completa surdez.

Os poucos que sabiam realmente do seu estado julgavam-na prestes a perder-se inteiramente para a arte, e os que a estimavam não podiam conter um sentimento de lástima, por saberem que a artista não se podia conformar em ver desaparecer na penumbra do esquecimento o fulgor que o seu nome trazia.

Descorçoada, descontrolada, por vêzes sem saber o que fazer, não se deixava, no entanto, abater pelo sofrimento. Não seria o seu espírito forte e decidido capaz de aceitar a renúncia sem luta. Não queria, não podia e não devia renunciar, havia de lutar com tôdas as suas energias e utilizar todos os recursos para não se deixar socobrar no silêncio.

Era enorme a sua angústia, sem querer que os estranhos percebessem o mal, não desejava perder a convivência do meio. Sabia como é vário o público e como esquece facilmente amanhã o artista que é seu ídolo hoje.

Ceder ao mal que a atormentava seria renunciar ao seu sonho de criança, quando se idealizava uma segunda Raquel; primeira atriz, recebendo flôres e aplausos.

Dotada de uma mentalidade fundamentalmente dirigida para a vida teatral, como pois viver afastada do seu *habitat*?

Usando uma velha figura de retórica, poderíamos dizer que Apolônia se sentia esmagada pela própria grandeza do seu nome de artista. Depois de, em *performances* inéditas no Brasil, haver alcançado o melhor conceito e uma bela carreira artística, parecia condenada à decadência e ao esquecimento.

As restrições que havia de encontrar, o desfavor do público, por parecer impossível manter-se no primeiro plano, se lhe afiguravam intoleráveis.

Era necessário encontrar ela própria a solução, uma vez que à medicina era impossível remediar o mal. Estava disposta a superar-se a si própria. Mas como, perguntava, como adquirir nova técnica capaz de mantê-la no lugar conquistado sem ser relegada a segundo plano, sempre no pôsto de primeira atriz certa do sucesso com aquela precisão de relógio de grande classe?

Era-lhe indispensável encontrar a solução buscada. A fôrça criadora de sua imaginação não lhe daria tranquilidade para uma vida pacata, tinha a intensidade característica das mentalidades do tipo superior e não lhe seria possível encontrar a unidade harmônica para suportar a vida pacata a que se sentia condenada.

Mais uma vez as suas rivais formulavam perguntas sobre o que iria ela fazer depois de ter alcançado o pleno fastígio de sua arte:

— Renunciaria às glórias conquistadas, para ter uma existência obscura e morrer esquecida?

— Continuaria?

— Loucura!

— Não poderia mais representar, sem perder a "deixa".

— Como acompanhar o desenvolver da cena?

Essas as conjecturas que formulavam e ficavam sem resposta.

Ela porém parecia não se alterar, ocultando das indiscrições estranhas a sua tragédia interior.

Alguns amigos mais chegados compreendiam o sofrimento que a dominava e, por todos os meios, procuravam animá-la.

Sentia a impressão de haver ruído o seu mundo interior como linda tórra sem alicerces, depois de um terremoto. A idéia de abandonar o palco era-lhe pior, mil vêzes pior que a própria morte. As rivais que em outros tempos lhe tinham inveja, passariam a ter compaixão dela e teriam mal dissimulado prazer de vingança que lhe seria mortificante, mas a sua fôrça de vontade e uma imaginação fértil continuavam procurando, sem cessar, uma solução.



Apolônia Pinto (1896) — Retrato publicado no Almanaque dos Teatros

Dotada pela natureza com uma memória por todos admirada, resolveu que estudaria todos os papéis de cada peça, e no desenrolar das cenas dispensaria o auxílio do ponto.

Ela talvez houvesse sucumbido como artista, não fosse o estímulo oportuno encontrado no companheiro que, compreendendo o alcance do drama desencadeado no seu ser, soube encontrar palavras capazes de não a deixar esmorecer.

Em sua reação contra a fatalidade tremenda ultrapassou o vulgar das pessoas dotadas de vontade. O dilema entre uma luta titânica ou o aniquilamento, colocou-a na contingência de um esforço que uma vez realizado seria um autêntico milagre da arte sobre a natureza adversa.

A princípio, esse esforço sobre-humano deixava-a extenuada, mas dentro em breve já se havia de habituar, e aquilo que para os outros seria motivo de desânimo, para ela foi um estímulo, no desenvolver das qualidades necessárias.

Ao seu talento sucedeu o mesmo que a certas ervas aromáticas; quanto mais esmagadas, mais perfumam, porque Apolônia passou a cuidar maismeticulosamente em dar expressão e enriquecer de detalhes o seu trabalho.

Foi com uma coragem que não admitia derrota que tomou a resolução firme de lutar contra a ordem natural das cousas, para não se deixar aniquilar.

Num altivo gesto de cabeça, como teriam as Valquírias ao empunharem seus escudos, iniciou uma nova e brilhante fase de sua carreira.

Só encontrava a verdadeira felicidade na arte que tinha abraçado, só para a arte e pela arte era sua ânsia de viver. E foi esse ideal o inspirador de uma capacidade de reação invulgar, quando todos a julgavam perdida. Utilizando as possibilidades de uma memória prodigiosa, passou a usar processos intepretativos que davam às suas criações a naturalidade aparentemente fácil mas sublimada como os símbolos.

Beethoven, o gênio de uma arte para a qual o ouvido é um órgão indispensável, conseguiu, depois de surdo, compor a maravilha musical que é a "Nona sinfonia", Ela que possuía absoluto

domínio cênico e dispunha de admirável memória, havia de continuar brilhantemente sua carreira por mais de um quarto de século, alcançando novos e memoráveis triunfos.

Os exemplos dêsses heroísmos da arte sobre a fatalidade não são vulgares, é verdade, mas ilustres; talvez pequenos em número, porém superiores em espécie.

*
* *

O velho Antônio Conselheiro, que se dizia o novo emissário de Cristo, centralizava a atenção nacional. Repudiava as moedas da República de tal sorte que, quando as apanhava, reduzia-as a cinza; lançou, excomunhão sobre o Papa e o falecido Bispo da Bahia, porque reconheceram necessária a República.

Os transportes de guerra chegavam à capital baiana carregados de tropas, e novos batalhões patrióticos eram organizados.

Os correspondentes enchiam os jornais de notícias contando a crueza da guerra.

Em outubro, todos se admiravam como os sitiados custavam a render-se, cinco dias sem água, debaixo de um fogo cerrado e sofrendo grandes perdas.

O General Artur Rocha tratava de cortar a retaguarda de Antônio Vila Nova que se achava fora, em Caipã, com gente cujo número era ignorado. Em casa dêle encontraram um canhão Krupp $7\frac{1}{2}$, 35, lanternas, um aparelho cirúrgico, uma caneta e munições que pertenceram à expedição Moreira César.

Quando foi morto José Calixto Nascimento, comandante da "guarda católica" de Antônio Conselheiro, os inimigos, desesperados, procuraram fugir, mas não puderam fazê-lo porque as fôrças legais mantinham um sítio ativamente vigilante.

Serenadas aquelas hostilidades bélicas, um fato sensacional agitou a opinião pública, no Rio de Janeiro.

No arsenal de guerra foi assassinado o General Carlos Machado Bitencourt, justamente quando tinha ido pessoalmente cum-

primentar o general Silva Barbosa e dois batalhões que voltavam da campanha de Canudos.

Os fatos, ocorridos durante a vida de Apolônia, apreciados hoje, em face do espaço e do tempo, tomaram um colorido novo e suave que lhes empresta a diáfana beleza espiritualizada pela nossa imaginação, mas nem sempre êles foram destituídos de muita inquietação, decepções e desgôsto, enfim.

Os dias que se foram nos parecem belos porque já são passados, e em recordá-los há sempre uma predisposição de fazer abstração do que tiveram de tristes e maus. É como alguém que, retirasse os espinhos de uma linda rosa para apreciar melhor a beleza e o perfume.

Há fatos, porém, aparentemente pueris mas que têm grande significação, sobretudo quando se trata de uma mulher e artista. Os estigmas do tempo, por exemplo, se para qualquer um constituem fato inexorável, para uma atriz tomam proporções muito mais graves.

Para Apolônia a *toilette* da manhã era agora feita com maismeticulosidade; sabia que os anos não passam sem marcar os seus sulcos e, quando descobriu na sua cabeleira os primeiros fios brancos, sentiu aquela emoção que se apodera de tôdas as mulheres na mesma circunstância.

Aquêles fios que alvejavam, no meio dos seus cabelos côn de acaju, foram como uma advertência do tempo. Passou a observar então mais atentamente o rosto. A pele e o olhar conservavam ainda uma frescura e brilho que contrastavam com a realidade revelada pelo espelho.

No primeiro instante, assaltou-a irreprimível sentimento de melancolia mas, desde que o rosto e o corpo não denunciavam declínio, tomou a resolução de eliminar ou rejuvenescer aquêles impertinentes fios de prata e assim adiaria por mais algum tempo a velhice que vinha chegando.

No dia do seu aniversário encontrou no teatro uma variedade de caixas com presentes dos amigos e colegas, e uma multidão de flores dava ao aposento uma fragânciade jardim.

domínio cênico e dispunha de admirável memória, havia de continuar brilhantemente sua carreira por mais de um quarto de século, alçançando novos e memoráveis triunfos.

Os exemplos dêsses heroísmos da arte sôbre a fatalidade não são vulgares, é verdade, mas ilustres; talvez pequenos em número, porém superiores em espécie.

*

* * *

O velho Antônio Conselheiro, que se dizia o novo emissário de Cristo, centralizava a atenção nacional. Repudiava as moedas da República de tal sorte que, quando as apanhava, reduzia-as a cinza; lançou, excomunhão sôbre o Papa e o falecido Bispo da Bahia, porque reconheceram necessária a República.

Os transportes de guerra chegavam à capital baiana carregados de tropas, e novos batalhões patrióticos eram organizados.

Os correspondentes enchiam os jornais de notícias contando a crueza da guerra.

Em outubro, todos se admiravam como os sitiados custavam a render-se, cinco dias sem água, debaixo de um fogo cerrado e sofrendo grandes perdas.

O General Artur Rocha tratava de cortar a retaguarda de Antônio Vila Nova que se achava fora, em Caipã, com gente cujo número era ignorado. Em casa dêle encontraram um canhão Krupp $7\frac{1}{2}$, 35, lanternas, um aparelho cirúrgico, uma caneta e munições que pertenceram à expedição Moreira César.

Quando foi morto José Calixto Nascimento, comandante da "guarda católica" de Antônio Conselheiro, os inimigos, desesperados, procuraram fugir, mas não puderam fazê-lo porque as forças legais mantinham um sítio ativamente vigilante.

Serenadas aquelas hostilidades bélicas, um fato sensacional agitou a opinião pública, no Rio de Janeiro.

No arsenal de guerra foi assassinado o General Carlos Machado Bitencourt, justamente quando tinha ido pessoalmente cum-

primentar o general Silva Barbosa e dois batalhões que voltavam da campanha de Canudos.

Os fatos, ocorridos durante a vida de Apolônia, apreciados hoje, em face do espaço e do tempo, tomaram um colorido novo e suave que lhes empresta a diáfana beleza espiritualizada pela nossa imaginação, mas nem sempre êles foram destituídos de muita inquietação, decepções e desgôsto, enfim.

Os dias que se foram nos parecem belos porque já são passados, e em recordá-los há sempre uma predisposição de fazer abstração do que tiveram de tristes e maus. É como alguém que, retirasse os espinhos de uma linda rosa para apreciar melhor a beleza e o perfume.

Há fatos, porém, aparentemente pueris mas que têm grande significação, sobretudo quando se trata de uma mulher e artista. Os estigmas do tempo, por exemplo, se para qualquer um constituem fato inexorável, para uma atriz tomam proporções muito mais graves.

Para Apolônia a *toilette* da manhã era agora feita com mais meticulosidade; sabia que os anos não passam sem marcar os seus sulcos e, quando descobriu na sua cabeleira os primeiros fios brancos, sentiu aquela emoção que se apodera de tôdas as mulheres na mesma circunstância.

Aquêles fios que alvejavam, no meio dos seus cabelos côr de acaju, foram como uma advertência do tempo. Passou a observar então mais atentamente o rosto. A pele e o olhar conservavam ainda uma frescura e brilho que contrastavam com a realidade revelada pelo espelho.

No primeiro instante, assaltou-a irreprimível sentimento de melancolia mas, desde que o rosto e o corpo não denunciavam declínio, tomou a resolução de eliminar ou rejuvenescer aquêles impertinentes fios de prata e assim adiaria por mais algum tempo a velhice que vinha chegando.

No dia do seu aniversário encontrou no teatro uma variedade de caixas com presentes dos amigos e colegas, e uma multidão de flores dava ao aposento uma fragância de jardim.

Completava quarenta e cinco anos e não estava longe o dia em que devia despedir-se do gênero de personagens que até ali vinha interpretando; em breve os papéis de mulheres jovens lhe estariam vedados. É verdade que o palco, com suas luzes e pinturas, guardada a devida distância do público, permitia a uma atriz de teatro conseguir, em idade avançada, dar a ilusão de uma mocidade criada pela arte, mas Apolônia não desejava decepcionar o público que tantas provas de carinho sempre lhe dava. Havia de saber conquistar aplausos fazendo os papéis de mulher idosa, como soubera tê-los na mocidade, e quando a hora chegasse não havia de encontrá-la desprevenida porque já se vinha preparando para essa transição.

Tais eram as reflexões que então ocupavam o seu pensamento, freqüentemente.

A sua carreira, se vinha sendo brilhante, não estava no entanto ao abrigo dos espíritos propensos à injúria e a negar o valor alheio, muito embora os fatos inofismáveis demonstrassem o lugar privilegiado que ela desfrutava na cena brasileira.

Há certas personalidades que, por muito se avultarem, não são compreendidas mas, no entanto, são inatingíveis.

Molière, que tanto sofreu no seu tempo, continuará a ser para o mundo o modelo eterno de sua arte, enquanto daqueles que assacaram perfídias contra seu nome nem as cinzas ficaram lembradas. Também La Harpe classificou o "Barbeiro de Sevilha" de imoralidade asquerosa; Geofrey disse que o "Casamento de Fígaro" era uma farsa ignobil; Lamartine, levianamente, que Lafontaine não era poeta; até Mme. Sevigné cometeu sua heresia, dizendo que Racine havia de passar como o café. No entanto "Fígaro", "A cigarra e a formiga" e "Fedora" serão, para os séculos futuros, imortais como até agora.

Assim, para as gerações vindouras o nome de Apolônia Pinto será um símbolo no teatro nacional porque a sua grandeza foi atingida por direito de conquista, e será um exemplo porque não conheceu decadência. Sua arte apagou-se, muitos anos depois, como o sol, na apoteose das luzes, na beleza das cores. Lembrada, mesmo quando no seu poente quieto de Jacarepaguá.

Apolônia gozou de uma popularidade pouco comum aos talentos no Brasil; mesmo assim, ainda muito aquém do seu valor.

Num país em que a língua fôsse mais universalizada, certas singularidades de sua vida seriam contadas e comentadas como se faz em torno de Mrs. Siddons, Mademoiselle Mars, Sarah Bernhardt, Duse, Maria Guerrero e tantas outras deusas da ribalta.

No âmbito teatral Apolônia fêz pela nossa cultura tanto quanto os melhores escritores e diplomatas.

Durante sessenta e quatro anos, em todo o Brasil, além do Atlântico e de nossas fronteiras, fazendo-se aplaudir, ela demonstrou que temos artistas e escritores teatrais capazes, muito embora sejamos um povo históricamente novo.

Recapitulando os seus êxitos, como o fizemos agora, melhor compreendemos a razão da sobrevivência do seu nome que ficará na História do Teatro Nacional como um facho simbólico.

*

* * *

O século XIX aproximava-se do fim, e o início de outra centúria trazia a todos novas esperanças de melhores dias.

Ninguém podia prever a transformação social que se esboçava. Fatos diversos haviam de influir sobre os homens e êstes, por sua vez haviam de procurar uma nova mentalidade para sua própria adaptação aos princípios sociais que iam surgir.

Apagavam-se as últimas luzes de um século que foi, ao mesmo tempo, heróico e romântico.

O calendário encerrava um período de riso, fecundidade, promessas e sonhos.

Nunca a ciência tivera tanto incremento, jamais havia sido dada tamanha importância à técnica nem houve tanta riqueza e preocupação de justiça, deixando um rastro de influência renovadora e progressista.

Extinguia-se o século dos grandes tribunos, das memoráveis polêmicas e das grandes modificações nos regimes administrativos.

Era de guerreiros famosos, dos diplomatas históricos e dos grandes problemas sociais; desde Owen a Marx. Século de Fulton que legou à humanidade a máquina, de Pasteur, de Koch e Roentgen, do casal Curie e, como se todos êsses nomes ilustres no campo da ciência não fôssem bastantes, muitos e muitos outros legaram ao mundo civilizado o fruto de suas inteligências privilegiadas.

Estava próximo o limiar de novo período histórico como continuador daquele que despertou uma nova vida social, demarcando novas concepções; melhores preceitos de higiene, democratização do ensino, vulgarização da leitura e dos esportes.

Foi incontestavelmente rico em grandes conquistas humanas, feitos e episódios decisivos. Não sómente sob o ponto de vista da ciência pura e da sociologia mas das artes que também tiveram seus grandes cultores, legando às gerações vindouras diretrizes e ensinamentos preciosos.

Nuvens que se agrupavam sobre a humanidade pareciam dissipar-se, sob o sol de novas esperanças que projetavam nova luz pela senda do futuro.

IX

1900 — 1937

Ao iniciar-se o novo século, Apolônia Pinto contava quarenta e seis anos. Conservando as formas elegantes do corpo, ia-se porém distanciando cada vez mais da figurinha juvenil de outrora, do tipo ingênuo, quando representava a Margarida de "O Fausto" e os personagens em *travesti*. Ficavam-lhe agora melhor os tipos de *coquette* e experimentadas.

Quando interpretava mulheres sedutoras, já necessitava cuidar com mais apuro da *toilette*, atendendo mais para o corte das roupas e os requintes: tecidos, adornos, jóias. Em vestido de noite, a cintura adelgaçada pelo espartilho, a saia de longa cauda e o decote amplo deixando à mostra o colo bonito, sem ossos aparentes, emprestavam ao seu porte um ar fidalgo e distinto, ainda com certo encanto.

Em virtude do êxito que vinham obtendo os espetáculos do gênero ligeiro, as companhias dramáticas não encontravam no Rio um clima favorável. As raras que se deixavam ficar na Capital tinham diminuto movimento de bilheteria e a maioria andava em excursão.

Procurando dar uma idéia de tal estado de cousas, vamos transcrever uns versos de Arthur Azevedo, publicados em "O País" :

*"Em coisas de arte pouco penso agora;
Porém não posso ver a sangue frio
O Moulin Rouge cheio a deitar fora
E o São Pedro de Alcântara vazio". (42)*

(42) "O País", 10-IX-1901.

De volta do Norte, Apolônia reorganizou a companhia e continuou pelos estados, encenando muitas peças em que no Rio já se tinha apresentado e juntando ao repertório mais algumas. Não lhe foi difícil alcançar novos aplausos.

Do Rio e aos poucos do Brasil inteiro, ia desaparecendo inteiramente o perigo da febre amarela que afugentava o estrangeiro. Osvaldo Cruz tinha conseguido vencer a tremenda batalha empreendida contra o mosquito «stegomia fasciata», responsável pela inoculação que contaminava e matava milhares de vítimas.

*
* *

Muitos são os fatos da vida de Apolônia Pinto que se podem relatar valendo como preciosos ensinamentos aos novos. Ainda que no teatro alguns sejam banais, encerram verdadeiras regras da arte de representar e norma profissional.

Certa vez, com a paciência e compreensão que tinha com os inexperientes, ensaiando uma atriz estreante que devia representar o papel de uma jovem cortejada, ao entrar num salão onde estavam vários admiradores, Apolônia, notando-lhe frieza na interpretação, observou:

— É preciso ser mais *coquette*, sorrir, cumprimentar...

A atrizinha, procurando justificar-se, respondeu:

— Sem outros artistas... sózinha?

— Minha filha, disse Apolônia, se você não fizer sózinha tão bem quanto o faria acompanhada, não será uma atriz!

E, confirmando aquilo que acabava de dizer, fez para a neófita como devia ser.

De outra feita, conversando com alguns jornalistas, como êstes se mostrassem admirados por sua prodigiosa memória, Apolônia respondeu-lhes:

— Um ator ou atriz que não educa sua memória é como um cirurgião que se descuida de seus ferros precisos para qualquer

acidente. Para nós, artistas do palco, a memória tem tanta importância quanto os ferros para o cirurgião.

Uma ocasião, Apolônia representava o papel de uma adultera a quem o marido, cheio de ciúme, ia matar. No momento em que o ator aproximava-se com o punhal assassino, escorregou em um prego, deixado por descuido no palco e feriu-a realmente com a lâmina que trazia, causando escoriações. Apolônia, como se nada de extraordinário houvesse ocorrido, continuou a cena, e só quando o velário baixou se veio a saber do acidente que lhe produziu uma pequena cicatriz indelével.

Iguais a êstes, valendo como exemplos de uma consciência artística, existem muitos casos na carreira de Apolônia Pinto.

* * *

A arte dramática é essencialmente protética. O ator que hoje encarna um temperamento moderado, amanhã deve estar apto a interpretar um caráter violento e, muitas vezes, até em um mesmo espetáculo, ser o intérprete de personagens antagônicos. Para estar em condições de o fazer é necessário dispor de conhecimentos variados; ter noções de psicologia e caracterologia, bem como dispor de muita observação própria para um verdadeiro processo de taxinomia de caracteres.

Apolônia, mesmo depois de tantos anos no exercício de sua carreira, não cessava de observar e estudar com o mesmo interesse. À medida que amadurecia o talento artístico, ia apresentando a vida em toda a sua complexidade e fazia sentir em todas as graduações os sentimentos humanos, os mistérios das paixões mais diversas tornando o espírito criador flexível, correspondendo melhor à sua sensibilidade dúctil. E toda essa experiência ela transmitia com simplicidade aos jovens que não raro lhe pediam conselhos.

No seu modo de encarar a profissão, o artista não deve ser fâmulo que acerta por mero equilíbrio ou pelo acaso, mas sim um indivíduo consciente do que faz, certo de estar dando quanto dêle espera o público, porque agindo assim sabe de antemão o valor

do seu papel e quiçá, muitas vêzes, percebendo ardente mente o sucesso que êste lhe poderá proporcionar. Dêsses modo, se explica a despretensiosidade com a qual recebia Apolônia as homenagens tributadas ao seu talento.

Não porenjava vaidade e até parecia fugir às grandes manifestações públicas que não raro lhe eram dirigidas. Parecia não sofrer da vaidade tão comum àqueles cujos sucessos estão sujeitos à imediata consagração popular. Nada disso, no entanto, afetava o brilho de sua arte, e êsse fato está dito em um sonêto do poeta Inácio Raposo :

“.....”

*Apolônia surgiu de excelso encantamento
E, às nuvens da modéstia erguidas em pleno azul,
Não souberam cobrir o sol do seu talento,
Que, assombrando o país, brilhou de Norte a Sul...*”

*
* * *

Os processos nos trabalhos teatrais sofrem variações de gêsto e forma, através do tempo, semelhantes à semântica com relação ao idioma. O significado da expressão mímica, como os próprios vocábulos e as formas estéticas, sofrem alteração com a época.

São várias as causas capazes de influir para tais fatos e, à guisa de exemplo, citaremos apenas dois casos: o predomínio burguês, a partir da Revolução Francesa, condicionando o romanticismo; o desenvolvimento industrial e o progresso vertiginoso de corrente, originando o realismo e depois o naturalismo.

Tais fenômenos se faziam sentir também entre nós, nação ávida de evoluir rapidamente para ombrear-se com os povos mais cultos, assimilando a essência dos fenômenos sociais que para outros tinham custado longa e amarga soma de experiências vividas.

As tendências no teatro eram para a aproximação do natural, sem no entanto faltar o elemento artístico identificador da manifestação de arte.

Em 1905, voltou a Portugal, como primeira dama da companhia do ator Vale, exibindo-se no Pôrto e em Lisboa. Na terra lusa a sua arte foi muito apreciada e o prestígio de seu renome confirmado, servindo ainda a viagem para rever suas amizades de além-mar e formar novas relações.

Desta vez a sua demora em Portugal foi mais longa que da anterior, sem deixar de fazer os apreciados passeios pelas províncias onde permaneceu por muito tempo, tomando parte na vida simples da aldeia, juntamente com Germano e os seus.

* * *

Depois de voltar ao Brasil, formou o plano artístico de excursionar pelos estados, de Norte a Sul, com um repertório eclético, dando início a uma longa série de viagens.

* * *

Percorreu o país em todos os sentidos com repertório constituído das suas interpretações e mais algumas peças apresentadas por outras emprêsas. No fim de outubro de 1910, chegou a Pôrto Alegre, pelo vapor "Itapema", com a Companhia Germano Alves & Joaquim Oliveira, da qual era ela a diretora artística.

Ocuparam o "El-Dourado", apresentando "A Lagartixa", um engraçado *vaudeville* de George Fedéau, cuja distribuição foi a seguinte: Lagartixa, a atriz riograndense Guilhermina Rocha, que um ano depois havia de fazer o mesmo papel, no Rio, com a Cia. Cristiano de Souza; Gabriela Petipon, Apolônia Pinto; Elvira Vidaubin, Clotilde Duarte; Madame Subprefeito, Antonieta Oliveira; Dr. Petipon, Germano Alves; General Petipon, Henrique Machado; Dr. Mongicourt, Joaquim Oliveira; o Duque, Oscar Duarte; Capitão Moreira, Ribeiro Cancela; O cura, Cancela; Tenente Carrigan, Furtado Medeiros; Varlin, Antônio Tavares.

Na capital gaúcha Apolônia teve notícia do desaparecimento do seu antigo empresário Dias Braga, causando-lhe o fato justo pesar.

A segunda peça apresentada foi «A vivandeira do 32».

A seguir, "A casa de Orates"; "Criançola"; "Mulher e Mãe", do escritor riograndense Eudoro Berlink; "Pescador de Baleias"; «Amor e Ovos»; um *vaudeville* de Gastão Tojeiro; «Amor e Ódio»; ainda "A Doida de Montmayour" e "As Duas Órfãs"; "Fidalgos e Operários"; "A Mão Negra", um drama policial ao qual não faltavam as características dos dramas de fazer tremer paredes: heranças extraordinárias arrebatadas a órfãs de boa fé, reivindicações misteriosas, juramentos sinistros sobre frias lâminas de punhais cruzados, desabamentos, dinamite, raptos, abnegações, lances de amor.

Muito preocupava o povo gaúcho — diga-se de passagem — as nuvens de gafanhoto que devastavam campos e lavouras, e cada qual sugeria um meio de extermínio. O fenômeno, como era natural, despertou grande curiosidade em Apolônia que procurou conhecê-lo de perto.

Foi apresentado nessa temporada o *vaudeville* de Eduardo Garrido "As Alegrias do Lar". Por iniciativa de um grupo de intelectuais, Apolônia levou o drama socialista "Amanhã", em homenagem à escritora espanhola Belém Sarragu que foi saudada por Carlos Cavaco e que respondeu, agradecendo. Umas tantas peças já antigas gozavam da predileção das platéias e, dentre elas, "A Morgadinha do Val Flor" em cuja apresentação o papel de Morgadinha foi distribuído a Antonieta Oliveira, fazendo Apolônia o papel da Morgada.

Por fim, "A revolta do Minas Gerais", um episódio cômico de Carlos Cavaco, no Benefício do ator Henrique Machado.

Depois do último espetáculo em Pôrto Alegre, a companhia rumou, no dia de Natal, para Rio Pardo, prosseguindo sua excursão.

* * *

Atingidos os sessenta anos, Apolônia passou a interpretar quase exclusivamente os papéis de mãe e avó, nas peças de costumes que constituíam o teatro mais representado.

As suas criações não ficavam em simples esboços, não havia um ponto morto, um minuto vazio; tudo era arte e para têdas as

situações tinha um detalhe valioso. A simples maneira de sentar-se, era objeto de observação e estudo. Sua movimentação não era arbitrária; escondida naquela gabada naturalidade havia um estudo meticuloso, e os efeitos cênicos, aparentemente casuais, ajustavam e completavam o conjunto como claro-escuro no desenho.

Ninguém que a tenha visto em "Terra Natal" poderá esquecer aquela modesta fazendeira, ao levantar o pano, sentada no chão, entre a cesta de ovos e um ninho para arrumar. Cada ovo que saía da cesta, acompanhava a mão, no sinal da cruz, e quando o moleque palrador a interrompia, punha de lado o ovo, porque se fôsse ao ninho havia de gorar.

Só quem conhece êsses costumes da roça pode apreciar e saber de um detalhe como êsse, porque ela os fazia tal qual são na realidade.

Apolônia Pinto, não tendo sido atriz de um só gênero pois em vários se apresentou como primeira, é, por isso mesmo, figura excepcional em nosso teatro. Há atrizes dramáticas extraordinárias que falham na comédia e vice-versa, mas Apolônia era um talento assombrosamente maleável.

As interpretações de então encerravam todo o pitoresco da vida quotidiana mostrada com naturalidade mas repassada de uma poesia que o espectador se admirava de nunca ter suspeitado.

Nos personagens que agora compunha se via e sentia a alma maternal do Brasil, nos mais ternos flagrantes, em tôda sua sublimidade.

Muitas vêzes, como é comum acontecer nas comédias, o papel de dama central é todo em tons esbatidos, como essas figuras de segundo plano que nos desenhos são traçadas a esfuminho, só em sombras. Era então quando mais se podia sentir seu gênio criador porque, em cena, sem sair do espírito de seu papel, se tornava o centro da atenção e das emoções do espectador.

Em um gênero de possibilidades restritas, tal a comédia de costumes, conseguiu ser uma grande artista, como já havia sido no drama e sê-lo-ia em breve na própria tragédia.

Além disso, Apolônia era agora artista que todos olhavam com respeito.

*
* *

Alexandre Azevedo, Cristiano de Souza e Luís Galhardo encabeçavam um movimento artístico de grandes proporções que poderia ter sido de imprevisível alcance, não fôssem as chuvas torrenciais e quase constantes, a ponto de impedir o seu prosseguimento.

Anunciou-se a próxima estréia do "Teatro da Natureza", para o qual foram contratados alguns artistas capazes de colaborar numa reconstituição do antigo teatro grego, ao ar livre, no Campo de Sant'Ana. Do elenco faziam parte Itália Fausta, Maria Falcão, Apolônia Pinto, Adelaide Coutinho, Ema de Souza, Judite Rodrigues e, no naipe masculino, Alexandre Azevedo, Ferreira de Souza, João Barbosa, Jorge Alberto, Luís Soares e Pedro Augusto. Contava ainda o Teatro de Natureza com uma orquestra de sessenta professôres, sob a direção dos maestros Luís Moreira e Francisco Nunes.

Uma revista, tecendo longo comentário sobre o empreendimento, diz: "... Imagine-se pois o que não seria essa inovação artística se todos os artistas fôssem na altura do teatro que se imagina. Bastava que junto de Itália Fausta, Apolônia Pinto, Alexandre Azevedo e Ferreira de Souza outros artistas da mesma mentalidade estivessem congregados para a grande arte do teatro trágico, mormente na circunstância especial de ser êste teatro exibido em um jardim onde tôda a gente que dispõe de uma insignificante quantia pode penetrar..." (44).

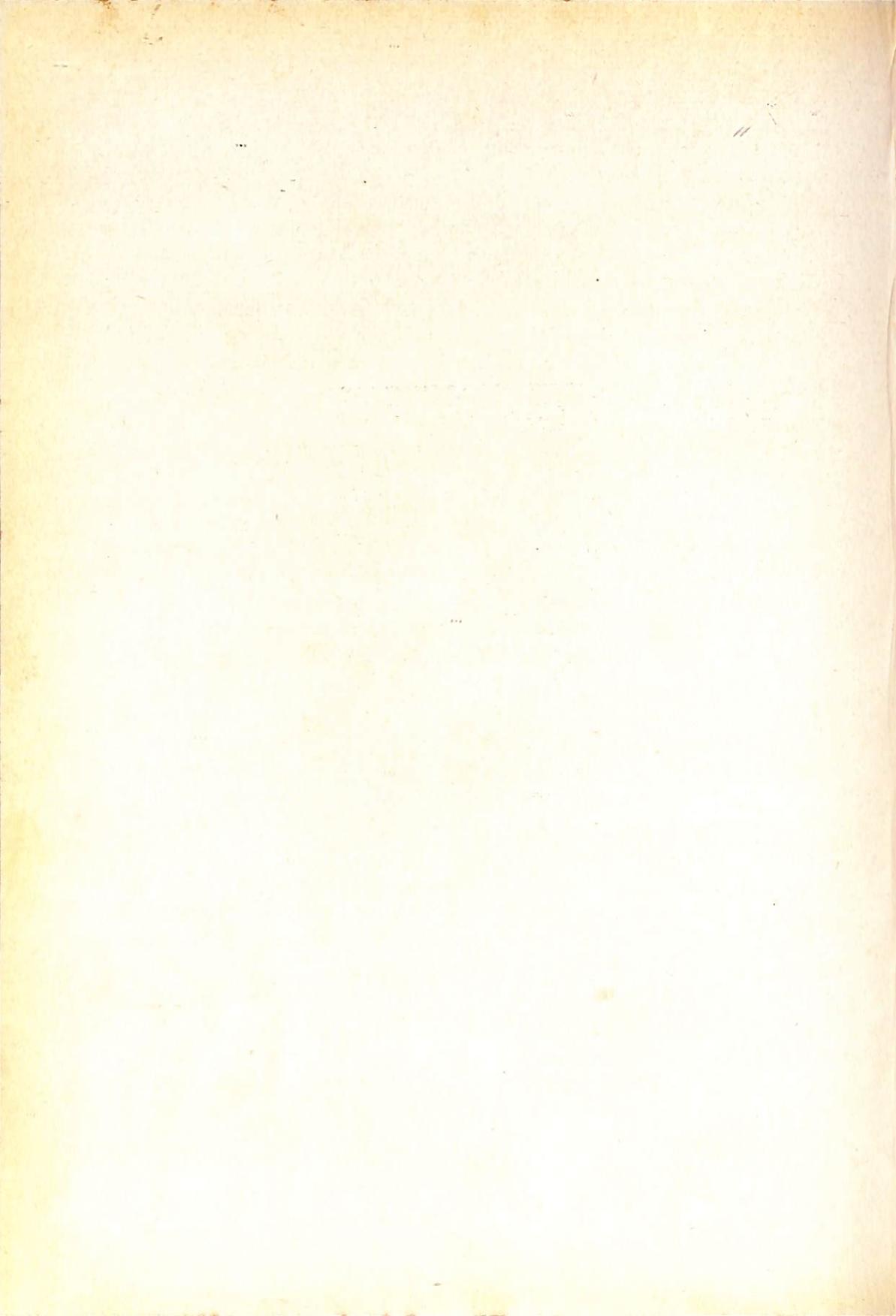
A estréia se deu com "Orestes" e a distribuição foi a seguinte: Electra, Itália Fausta; Corifeu, Ema de Souza; Clitemnestra, Apolônia Pinto; Gilisse, Judite de Rodrigues; Orestes, Alexandre Azevedo; Pélades, Luís Soares; Egisto, Ferreira de Souza; um escravo, Jorge Alberto; Porteiro, Francisco Marzulo.

Depois de "Orestes", foi apresentada a "Cavalaria Rusticana", com outro elenco enquanto o primeiro preparava «Antígona» mas tudo acontecia sob ameaça constante do temporal que

(44) "Teatro & Sport", Rio, 29-I-1916.



*Apolônia Pinto — Ao tempo da
Empreza Viriato, Vigiani & Cia.,
no Trianon*



deu causa a vários adiamentos e alterações, até prejudicar inteiramente a iniciativa.

«Em «Antígona», foi protagonista Itália Fausta; Ismênia, Ema de Souza; Eurídice, Apolônia Pinto; Hemon, Alexandre Azevedo; Tirésias, Jorge Alberto; Guarda, Mário Arozo; mensageiro, Pedro Augusto; Escravo, Arouca. Havia um côro de cem figuras; carpideiras, rapsodos, velhos, tebanos, soldados, mulheres do povo, portadoras de ânforas.

Apolônia, no meio de um conjunto de artistas no pleno vigor de suas faculdades profissionais, encontrou em sua arte os recursos para entusiasmar a platéia.

* * *

Apolônia iniciou no "Trianon", ao lado de Leopoldo Frôes, uma das mais apreciadas fases de sua vida de atriz. Nessa casa de espetáculos havia de ter um sem-número de sucessos, em criações nas quais atingiria a mais completa plenitude e teria a maior criação de sua última fase com "Flôres de Sombra", a delicada comédia do acadêmico Cláudio de Souza que veio depois de "O Delicioso Casamento", de Sacha Guitry.

Muito embora Leopoldo Frôes tivesse anunciado no comêço da temporada que as suas comédias seriam substituídas cada semana, "Flôres de Sombra" já tinha mais de cem representações quando foi substituída por "Nelly Rossier". Vários críticos disseram que a peça poderia francamente atingir segundo centenário, tal o interesse do público.

Apolônia representava com seu longo casacão de rendas o tipo de uma fazendeira, tôda bondade, carinho e indulgência, tendo com Amália Capitani cenas inesquecíveis, para quantos assistiram ao espetáculo.

Os jornais e revistas andavam cheios de comentários encomiásticos à última criação de Apolônia, e a comemoração do centenário da peça fêz recrudescer o noticiário, derramando-se nova onda de elogios: "A maior novidade teatral da semana ou a mais agradável nota teatral..... foi a festa do "Trianon", pelo centenário da peça "Flôres de Sombra", em homenagem à distinta atriz

brasileira Apolônia Pinto. É uma delicada, afetuosa e merecida distinção que os artistas do "Trianon" prestam a essa velha atriz, glória do nosso teatro, embranquecida na cena; emoldurada hoje na majestade de seus cabelos brancos — e que é ainda nos momentos em que a situação requer a mesma artista vibrante, cheia de vida, enternecedora e suave... Dessa peça; foi ela a alma e a vida, seu trabalho admirável impôs à admiração de todos nós à figura cheia de bondade criada pelo doutor Cláudio de Souza". (45)

Na mesma temporada, ocupava o "Fênix" uma companhia italiana que, dado o sucesso da peça no "Trianon", resolveu levar a mesma comédia, em tradução, para confronto, mas o fracasso foi autêntico.

Nesse tempo, o Fróes mudava as estréias do seu elenco com facilidade espantosa. Talvez mais por ditames de Vênus que de Talia.

Uma revista, estampando o retrato de Apolônia, com o título "Via Látea das Estréias", publicou êstes versos:

*"E' reliquia do teatro brasileiro
A grande maranhense, a excelsa atriz...
Desde jovem de espírito altaneiro
Tem no palco segura diretriz!"*

*Doze anos apenas! E o primeiro
Papel interpretou, e foi feliz!
Aplaudiu-a o povo lisonjeiro
Na mais linda "Cigana de Paris"!*

*Anos depois, artista e empresária,
Meio século de luta temerária,
Triunfos alcançou desassombrada!*

*Por tôda parte sempre a preferida
Veterana do palco, é a mais querida
Dentre tôdas as mais glorificada" (46)*

(45) "Comédia", Rio, 12-V-1917.

(46) "Teatro & Sport", Rio, 18-VIII-1917.

Outra publicação, na sua "Galeria de Celebridades", estampando também um retrato de Apolônia, apresentava, à guisa de legenda, outros versos, parodiando Camões:

*"Cessa tudo que a antiga musa canta"
Que cesse o riso, a graça e a pilharia;
"Outro valor mais alto se levanta"
Ao lado dessa artista grande e séria !*

*Julgavam-na já velha. Ei-la suplanta
O esquecimento! A luz da cena fere-a
Com forte e novo brilho e glória tanta,
Que a subtrai da sombra à paz funérea !*

*Não é de agora que essa atriz correta
Mercece as palmas de um soneto pobre
Nem o aplauso em que a crítica se expande !*

*Se foi em tempo a estréla predileta,
Hoje de glórias o seu nome cobre,
E ainda é grande como já foi grande! (47)*

Mais ou menos na mesma data, numa fase em que a revista "Dom Quixote" era uma das mais apreciadas publicações do Rio, havia nela uma seção de teatro na qual freqüentemente se liam referências a Apolônia Pinto; e de uma feita, em que se faziam em versos alusões às grandes atrizes do momento, foi publicada esta quadra :

*«A grande Apolônia Pinto,
Cabe o primeiro lugar...
Como atriz — digo o que sinto —
Dela não há que falar». (48)*

* * *

Ia longe o tempo em que Adelino Fontoura e outras poetas notáveis lhe dedicavam versos, estava cada vez mais distante a

(47) "Comédia", 9-VI-1917.

(48) "Dom Quixote", Rio, 8-VIII-1917.

época dos "partidos" que nos teatros provocavam algazarra, exaltando as qualidades das artistas preferidas.

Apolônia havia atingido na cena brasileira um lugar à parte. Bastava figurar o seu nome em um elenco para se saber que havia de apresentar trabalho consciente e de grande expressão. Não se pensava mais em estabelecer paralelos e, por conseguinte, cessaram os distúrbios dessa natureza com seu nome em causa.

Raros eram os espectadores que se lembravam das desordens, dos aplausos frenéticos, das revoadas de pombos pelo teatro, das chuvas de flores sobre as tábuas do palco, e das cartas de alforria distribuídas, na juventude de Apolônia.

As suas competidoras de outrora que ainda viviam eram agora simpáticas anciãs que se referiam àqueles fatos com um sorriso.

Ismênia dos Santos, que tantas vezes com Apolônia se viram causa de disputas, eram amigas serenas que se visitavam, recordando o passado.

Muitos artistas que se iniciavam, testemunhando sua admiração, convidavam-na para madrinha, na profissão que abravam.

Raramente uma atriz, na idade em que estava Apolônia, tem desfrutado tamanha popularidade. Velhos e moços, todos os freqüentadores do teatro lhe conheciam o nome e admiravam-lhe a arte insuperável.

Público, críticos e pessoal do teatro eram reverentes para com ela e respeitavam sua pessoa que constituía símbolo da profissão e de uma época passada e gloriosa confirmando-se no presente.

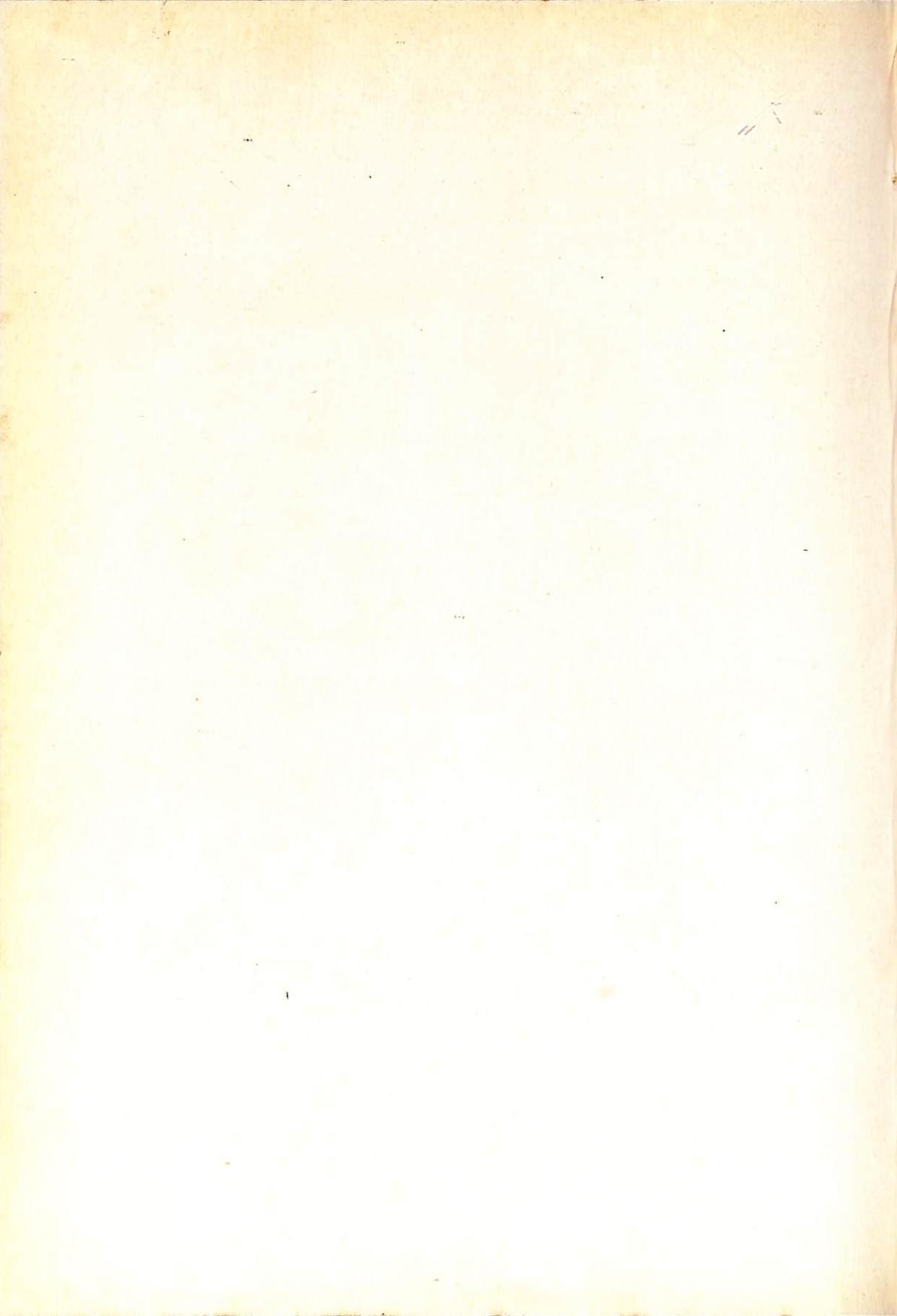
Pelo meio do ano apresentou-se uma nova montagem de "As Doutoras", fazendo Belmira de Almeida o papel que havia sido criado por Apolônia, quando trabalhou na emprêsa Dias Braga.

Em dezembro, os freqüentadores do "Trianon" depararam com um novo e original programa, anunciando o festival de Apolônia Pinto.

Para esse espetáculo surgiu uma idéia comovedoramente interessante. Dos velhos e áureos tempos do nosso teatro, eram autênti-



*Apolônia Pinto — Caricatura de
Raul Pederneiras*



ticas remanescentes as atrizes Helena Cavalier, Ismênia dos Santos e a beneficiada, que seriam intérpretes de "A Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas. Apolônia, como era natural, ofereceu às suas velhas colegas e amigas a escolha dos seus papéis.

Além desta, mais duas peças em um ato completavam o programa.

Vamos dar a uma publicação da época o comentário do benefício de Apolônia.

"Em festival da conceituada e distinta atriz Apolônia Pinto foi o programa do "Trianon" mudado completamente na noite de terça-feira. Além da *reprise* de «Punhado de Rosas» e da «Ceia dos Cardeais», em *travesti*, fazendo a beneficiada o cardeal francês e tendo-se incumbido dos cardeais espanhol e português as atrizes Helena Cavalier e Ismênia dos Santos, que se saíram admiravelmente como artistas de escol que tôdas são, deu-nos a emprêsa do Trianon a primeira da comédia "As Velhinhas", original de Oscar Guanabarino, o velho crítico teatral.

Essa comédia foi um a propósito para reunir três relíquias do teatro brasileiro, relembrando passadas épocas de glórias e triunfos. E Ismênia, Helena Cavalier e Apolônia foram da maior e mais convincente naturalidade.

Leopoldo Fróes deu-nos um velho gaiteiro encantador, Belmária, uma jovem moderna e Emídio Campos, um galã apaixonado... (49).

*

* *

Por esta época conheci Apolônia. Menino ainda, acabava de chegar ao Rio, vindo do Maranhão onde pouco antes havia perdido minha avó que era o tipo da matrona brasileira, sem atavio além do seu longo casacão de rendas.

Fui assistir a «Flôres de sombra» e é fácil calcular-se a minha emoção, ao ver entrar Apolônia em cena com seu casacão de rendas e a sua enorme semelhança com minha avó, cuja idade

(49) "Teatro & Sport", Rio, 15-XII-1917.

regulava a mesma. Mais que qualquer outro espectador, naquela noite, senti os efeitos da grande naturalidade, na arte de Apolônia.

Quando, ao fim do ano, se fêz a revisão do movimento teatral de 1918, "Flôres de Sombra" foi considerada original brasileiro de maior sucesso, não sómente pela delicadeza e poesia do texto como pela interpretação admirável de Apolônia que, embora houvesse representado ainda com êxito outras peças, teve nesta, sem dúvida, a maior criação da fase final de sua carreira.

A consagração de Apolônia foi unânime, os freqüentadores do Trianon comentavam nos seus mínimos detalhes o trabalho da veneranda e querida atriz.

Depois da bela peça do Sr. Claudio de Souza que por várias vezes deveria ser retomada pela grande artista, esta conquistou novos e brilhantes aplausos em «Adeus, Mocidade», juntamente com Belmira de Almeida, Leopoldo Frôes, Emídio Campos e Carmen de Azevedo, uma das últimas afilhadas de Apolônia.

A seguir, a emprêsa do "Trianon", que mudava de peça com a mesma freqüência das estréias, apresentou "Amor e Ovos", "A Bisbilhoteira", "Beijo nas Trevas", e, em março, "O Simpático Jeremias", de Gastão Tojeiro, uma das melhores criações de Leopoldo Frôes e cujo centenário a companhia comemorou festivamente como veremos :

"A festa íntima realizada no Silvestre, em comemoração do centenário do "Simpático Jeremias" e à qual compareceram os artistas todos do Trianon, vários jornalistas e o autor da afortunada peça, a nota predominante foi a consagração feita à distinta atriz Apolônia Pinto, numa tocante e significativa homenagem de beija-mão, à preclara relíquia do teatro nacional. A festa que correu animada e bastante alegre, com essa homenagem à eminente atriz brasileira, terá inapagável recordação". (50)

Depois da peça de Gastão Tojeiro, o cartaz do Trianon apresentou "No Tempo antigo", de Antônio Guimarães, comédia na qual Apolônia dava relêvo ao papel da velha marquesa, ao lado do Frôes, Amália Capitani, Átila de Moraes, Plácido Ferreira e

(50) "Teatro & Sport", Rio, 20-IV-1918.

Cordélia Barros que depois, casando-se com o seu colega Plácido, veio a ser Cordélia Ferreira.

Ainda do autor de «Flôres de Sombra» foi encenada a peça «Eu Arranjo Tudo» e, de Gastão Tojeiro, «O Jovem Presentino».

Em fins de 1918, a gripe espanhola grassava no Rio como de resto no mundo inteiro, e o seu cortejo de mortes por atacado não foi menor na Capital brasileira. Dizia-se mesmo que, nos caminhões saídos dos hospitais para os cemitérios, ia até gente viva para ser enterrada.

Em junho, faleceu em Niterói a Ismênia dos Santos, e quatro meses depois no Municipal da Capital fluminense realizou-se um festival no qual Apolônia tomou parte, a fim de angariar fundos para o mausoléu da grande atriz falecida.

O Trianon tendo a maioria de seus artistas doentes, com influenza, ficou na contingência de fechar as portas.

As últimas a se restabelecerem foram Apolônia Pinto e Belmira de Almeida. Tão pronto se refizeram, recomeçaram as atividades do teatro com a peça «Nas Águas...», de Carlos Bitten-court e Luís Palmerim, depois: «Genro de Muitas Sogras», de Artur Azevedo e M. Sampaio, «Mulheres Nervosas», «Nelly Rosier», «Rivais de George Walsh», «Um Filho da América», «Véspera de Reis», «Tipos de Atualidade», uma comédia de França Júnior que serviu para o reaparecimento do velho e popularíssimo ator Brandão.

Recomeçando suas apresentações, a emprêsa lançou um novo autor que se apresentava sob as melhores condições. Abadie Faria Rosa ocupou o cartaz do «Trianon» com «Nossa Terra» depois da qual veio à cena «O Marido de Minha Noiva», uma peça espanhola. A seguir, nova peça de Abadie apareceu no teatrinho da Avenida, «Longe dos Olhos», comédia em que Apolônia fazia do papel de uma avôzinha, um verdadeiro poema de ternura.

Começava então sua carreira um ator que conquistava dia a dia maior popularidade: o jovem Procópio Ferreira. Além de excelente ator cômico, dava-se ao manejo das letras e, comumente, liam-se colaborações suas nas revistas de teatro.

O "Trianon", reunido no seu conjunto apreciável número de bons artistas, era considerado a "Boite elegante da Avenida" e os seus freqüentadores assistiram ainda a muitas outras peças de costumes — gênero que tinha então grande aceitação.

Vieram, a seguir, «Pisa Flôres» e «O Sonho do Teodoro».

A 11 de julho de 1919, Apolônia fêz-se sócia efetiva da Casa dos Artistas e residia na Av. Gomes Freire, n.º 92, bem próximo da maioria dos teatros em evidência.

*

* * *

Em sua fase das matronas, Apolônia, a admirável atriz natural que foi, apresentava um estilo muito apurado, escoimado de excessos, à primeira vista simples e fácil mas, em realidade, difícil e de resvaladia contextura. Era impressionante não apenas para o público mas para a própria gente de teatro, a vivacidade e os detalhes com que ela matizava o seu desempenho — elementos aparentemente insignificantes mas que davam brilho ao papel e ungiam o personagem de uma aura de poesia.

Apolônia, malgrado a idade e a saúde precária, não tateava em cena; estava no domínio de si mesma, desde que pisava as tábuaas do palco, segura e senhora incontestável de sua arte.

Assim como Fialho d'Almeida disse que Eleonora Duse e Novelli pertenciam à escola criminalista italiana, poderemos dizer que Apolônia era agora adepta da escola familiar brasileira. Esse o seu feitio, na brilhante fase do "Trianon", interpretando grande número de delicadas peças de costumes. Nenhuma outra atriz soube melhor que ela encarnar no palco o tipo maternal brasileiro, a ponto de tornar-se poéticamente sublime com tôdas as doçuras, tôdas as nobrezas de alma, sofrimentos e sorrisos de que são suscetíveis essas adoráveis criaturas que ela sabia expressar de maneira tocante.

Veemente nos lances mais dramáticos e esplêndidamente emotiva, nos sons labiais, principalmente, quando entrecortados de magoados ressentimentos, fazia comover até às lágrimas.

Quando se anunciou a Companhia Alexandre Azevedo, "A Fôlha", jornal de Medeiros e Albuquerque, tecendo longo comentário sobre a situação do nosso teatro, entre outras coisas dizia: "..... Conforta porém ver, entre o brilho de outros nomes o alto fulgor da arte de Apolônia Pinto, cuja gloriosa velhice vai emprestar à iniciativa uma dupla auréola de prestígio e de orgulho. O prestígio de uma figura que é no gênero a mais alta expressão da nossa arte dramática e o orgulho que é muito nosso, de ter o acanhado meio teatral brasileiro produzido tão vibrante e legítima afirmação do valor». (51)

O autor de "Jangada" e "Flôres de Sombra" ofereceu em sua residência, aos artistas do teatrinho do Avenida, um chá, improvisando-se uma hora de arte na qual Apolônia disse encantadoramente um monólogo de J. Brito.

*

*

*

A propósito de "Tinha de Ser...", de Mário Domingues e Mário Magalhães, o crítico gabou o trabalho de Apolônia: "... que interpretou com vantagem o seu papel, recebendo incondicionais aplausos...".

No cartaz do "Trianon", estiveram sucessivamente: "Terra Natal", de Oduvaldo Viana; "O Palácio da Marquesa", uma comédia espanhola, traduzida por João Soler; "As Sensitivas", de Cláudio de Souza, e a primeira representação de "A Inquilina de Botafogo", da autoria de Gastão Tojeiro, na festa artística de Apolônia, com Davina Fraga, Augusto Aníbal, Oscar Soares, Ferreira de Souza, Augusto Linhares, Palmeirim Silva, Pepita Abreu, Lucinda Lopes, José Soares, Restier Junior, Gervásio Guimarães etc. Apolônia recebeu nessa festa muitas flores e aplausos.

Alguns dias depois, para a festa de Pepita Abreu, representou "Sôror Mariana", de Júlio Dantas, com Lucilia Peres, Alice Ribeiro, Lucinda Lopes, Alexandre Azevedo e Oscar Soares.

(51) "A Fôlha", Rio, 4-II-1920.

Em maio de 1922, o "Trianon" foi arrendado por Odúvaldo, Viriato Corrêa e Viggiani. Além de Abigail Maia — a estréla — e Jorge Diniz — o galã — atuavam ainda Manuel Durães, Procópio e outros. Formou-se então a emprêsa Vigiani, Viriato & Cia., aparecendo como dama central, não Apolônia mas Gabriela Montani que depois se passou para o "Fênix", Cia. Alexandre Azevedo.

Quando Apolônia fêz sua entrada no "Trianon", os críticos registraram seu novo sucesso: "... Tôdas as atenções da platéia do "Trianon" eram para a Sra. Apolônia Pinto que interpretou com aquela sua naturalidade a Genoveva..." (52)

O centenário de «Manhãs de Sol», foi comemorado com festas e depois, em dezembro, apresentou-se «O Ministro do Supremo», de Ademar Gonzaga.

Para seus admiradores os benefícios de Apolônia eram sempre dias festivos e, em dezembro, quando ela realizou sua festa artística com "Há alguém demais", de Gastão Tojeiro, a crônica registrou: "A Sra. Apolônia Pinto recebeu, no fim do segundo ato, sob os aplausos da platéia que estava repleta de admiradores, ricos açafates de flôres que ela agradeceu, por entre beijos e sorrisos..." (53).

*

* * *

A comédia "Nossa Gente", de autoria de Viriato Corrêa, teve como intérpretes, além de outros, Antônio Serra, Lucília Peres, Procópio, Iracema de Alencar, Augusto Anibal, Ferreira de Souza. A crítica a esta peça exaltou o trabalho de Apolônia, principalmente em cenas do 1º e 3º atos.

Afigurava-se que o tempo não operava desgaste nas aptidões de Apolônia as quais davam a impressão de reviver e de se renovarem. Contava ela cerca de setenta anos quando foi publicada a seguinte nota de João Luso: "A senhora Apolônia Pinto é uma dessas artistas mais raras do que parece e sobretudo do que,

(52) "A Fôlha", Rio, 24-VIII-1920.

(53) "A Fôlha", Rio, 29-XII-1921.



Fotografia feita, ao chegar a Montevidéu a companhia de Oduvaldo Viana,
vendo-se Manoel Durães, Oduvaldo Viana, Aligail Maia e Apolônia Pinto
(1923)

no teatro, se julga, com as quais os papéis e as peças têm realmente a ganhar. Da velha escola, do velho tempo, em que se estudava devagar e se ensaiava a valer, até a peça estar não apenas sabida mas equilibrada, afinada, ajustada em todos os seus elementos e apurada nos seus menores efeitos, a Sra. Apolônia adaptou-se, todavia, ao teatro ligeiro e ao regime precipitado das sessões, sem quebrar a sua linha, sem sacrificar a sua dignidade de artista. Em todos os seus trabalhos se sente o nobre empenho de fazer o melhor possível, levantar, exaltar o valor da obra que lhe foi confiada. É certo que muitas vezes, a peça por frágil e superficial demais, se não presta a grandes trabalhos e interpretação — e até quanto menos os artistas procurem dar-lhe verossimilhança, lógica, relêvo, tanto melhor para ela... Entretanto, o artista de raça e educação — o artista de verdade — de qualquer desastre salva sua individualidade intacta, inatingível. É o caso da Sra. Apolônia Pinto. E é por isso que em nenhum trabalho ela deixa de se fazer admirar e assim, o seu nome se tem tornado cada vez maior e mais querido". (54)

Mais ou menos nessa época, certo autor disse: "É uma sorte escrever-se para Apolônia Pinto. Uma sorte e uma surpresa e — explicando melhor, acrescentou — "o autor escreve e imagina uma coisa e ela dá sempre uma interpretação melhor do que a esperada".

O seu conhecimento do palco havia atingido uma plenitude extraordinária. Quando um artista, no ensaio, conseguia sua aprovação, isso valia pela certeza do sucesso. Se, ao contrário, reprovasse, o artista consciente não se aventurava a fracassar.

*
* *

Em artigo, à guisa de colaboração para as festas que se preparavam em homenagem ao Rei Alberto I da Bélgica, que viria ao Brasil, um cronista sugeriu se organizasse uma récita brasileira, à altura do homenageado, para a qual fôssem reunidos os nossos melhores artistas, indicando então para o elenco os nomes dos

(54) "Revista da Semana", Rio, dezembro de 1921.

atores João Barbosa, Leopoldo Fróes e Átila de Moraes e das atrizes Apolônia Pinto, Lucilia Peres, Abigail Maia, Davina Fraga e mais algumas de valor.

Nem o tempo, colocando Apolônia nos papéis de dama central, que são por via de regra menos empolgantes, conseguiu livrar o seu nome de ser objeto de discussões, pelos periódicos.

O jornal "O Dia" lançou uma *enquête*, no sentido de ser organizada uma companhia representativa do melhor teatro nacional, para tomar parte nas comemorações do centenário de nossa independência política, no ano seguinte.

Publicada a opinião do Professor João Barbosa, marido da atriz Adelaide Coutinho e ator dos mais cotados por sua cultura e situação artística, uma revista teatral fez objeções a propósito do que ele respondera ao quinto quesito que perguntava se tínhamos pelo menos cinco atrizes boas e outros tantos atores capazes de representar, de fato, o teatro de um país, e pedia que citasse os nomes. O consultado assim se manifestou: "Sim, senhor, Lucilia Peres, Abigail Maia, Itália Fausta, Adelaide Coutinho, Apolônia Pinto e outras...".

O cronista, indignado, queria saber por que razão João Barbosa havia colocado Apolônia Pinto, uma verdadeira glória da arte nacional, em quinto lugar e acrescentou: "São pequeninas coisas que dizem muito...". (55)

Apolônia estava-se preparando financeiramente para quando lhe faltassem as forças para trabalhar. Possuía algumas casas e títulos que lhe haviam de assegurar subsistência relativamente confortável e, se tudo corresse como prosseguia, seriam desocupados os seus últimos dias.

*

* *

A estréia de Apolônia Pinto na Companhia Abigail Maia, dirigida por Oduvaldo Viana, no "Trianon", foi com a comédia "O Pomo da Discórdia", de Miguel Santos e Palmerim Silva, com

(55) "Teatro & Sport", Rio, 30-IV-1921, (as) E. Pra.

Abigail Maia, Graziela Diniz, Natalina Serra, Arthur de Oliveira, Procópio Ferreira, Manuel Durães e Jorge Diniz. Um comentarista do "Correio da Manhã" disse que o "Trianon" estêve festivo não só por ter peça nova em cartaz como por fazer *rentrée* ali a atriz Apolônia Pinto que é ainda a menina dos olhos da platéia.

Em maio, representava-se "Nossos Papás", de Ribeiro Couto, e, a seguir, "Onde Canta o Sabiá", de Gastão Tojeiro, que atingiu da primeira vez cerca de duas centenas de representações para, depois, ser escolhida como peça do festival em benefício da "Casa dos Artistas" cuja fundação era recente e imperiosas as dificuldades financeiras.

Nessa ocasião, Leopoldo Fróes ocupava o "Teatro Fênix" e havia lançado a cançoneta "Mimosa", de sua autoria, logrando uma popularidade enorme que se alastrou por todo o País.

Numa demonstração de teatro retrospectivo, foi levada à cena "O Demônio Familiar", de José de Alencar, em adaptação de Viriato Corrêa. Os tipos da época, apresentados com graça, leveza e naturalidade, deram um interessante espetáculo.

A emprêsa esmerou-se na reconstituição do ambiente de 1857 e com êsse intuito recorreu ao Doutor José Mariano Filho, para se suprir de mobiliário e adereços autênticos, apresentados em cenários de Jaime Silva.

Iniciando-se o ano das comemorações do centenário da independência política do Brasil, Apolônia estava no "Trianon", integrando o elenco da companhia sob direção artística de Oduvaldo.

Em fevereiro, depois de "Gente de Hoje", foi apresentada "A Linda Gaby", ainda da parceria Mário Magalhães e Mário Domingues e anunciada a primeira peça de Heitor Modesto. Sobre a estréia dêste autor, Otávio Rangel publicou a seguinte glosa :

"Ao caso atenção eu presto
Por ser um caso famoso:
Surgiu um autor talentoso
Que se intitula ... Modesto» (56)

Procurando Heitor Modesto, quando Apolônia já se havia retirado definitivamente da cena, pedimos-lhe que escrevesse algo que fôsse uma reminiscência, e o autor de "Boa Mamãe" escreveu gentilmente as linhas que, inéditas ainda, vão aqui na íntegra:

"Para mim, Apolônia Pinto tem de ser um símbolo no meu trabalho de autor teatral.

Foi para ela que escrevi "Boa Mamãe", a peça que tem uma expressão efetiva para minha vida íntima, de vez que a protagonista, interpretada por Apolônia Pinto, tomada como representativa da mulher brasileira que no papel de sogra se transforma no Anjo Bom da família, foi batizada com o nome de minha própria sogra, que é sem dúvida o modelo das sogras adoráveis.

Foi assim que escrevi «Boa Mamãe»:

Acabava de ter em cena no "Trianon", na Companhia Abigail Maia, uma comédia, "Gente de Hoje", na qual Apolônia interpretara com sucesso uma solteirona de 40 anos, ainda faceira. Apolônia, obrigada a calçar sapatos de salto alto, estava indignada comigo por causa de um calo d'água.

— Seu peste... dizia ela a fingir-se zangada — saiba que nunca mais hei de fazer uma peça sua.

Mas aquilo era troça. Logo no dia seguinte, chamando-me de parte, na hora do ensaio, falou-me mostrando-me uma carta:

— Vem aí a Lucinda Simões... Esta carta é dela. Diz que faz questão de ver-me representar... Eu pensei em fazer um papel a meu gôsto... e queria que você me arranjasse uma peça onde eu estivesse à vontade...

E como eu concordasse apressado e grato pela distinção que me conferia, ela explicou:

— Faça uma comédia leve... onde haja um bom papel de mãe brasileira... E' êsse o tipo que mais me agrada...

Pouco tempo depois estava em anúncio, para breve, a "Boa Mamãe", com Apolônia Pinto na protagonista. Entramos nos ensaios.

De repente, uma dificuldade. Não convém pormenores. Oduvaldo me chama. É preciso substituir a Apolônia no papel...

— Por quê? perguntei eu.

— Porque ela já fez três peças seguidas... além disso está muito doente da garganta...

— Mas a peça foi feita para ela...

Oduvaldo parecia não ter ouvido e prosseguia :

— Vou distribuir o papel a Branca de Lima...

— Não me convém...

— É boa artista e fará o papel a contento...

— Não me convém...

Um pouco impaciente com a minha recusa lacônica, ele deu de ombros.

— Terei então de adiar a peça... Ficará para mais tarde...

— Pode mesmo deixar de montá-la. Foi feita para ela e só ela a fará.

O diálogo aí tomou feição meio amargurada e meio irritada. Oduvaldo, que me tratava com afeição pessoal, lamentou os aborrecimentos constantes de um empresário que devia atender a tudo, responsável por tudo enquanto o autor apenas atendia à peça.

Eu podia esclarecer, talvez, o motivo da sua dificuldade no momento. Não quis. Preferi colocar logo a questão no devido plano. Perguntei-lhe:

— Se a peça fôsse sua... a quem daria o papel ? A Branca ou a Apolônia ?

Ele olhou-me, entendendo. E fechou o incidente dizendo :

— Vai então procurar a Apolônia e procura convencê-la de fazer o papel...

“Boa Mamãe” teve seu êxito. Apolônia foi admirável no papel. A declamação ao fechar o segundo ato emocionava muito, principalmente aos cearenses que enchiham a platéia... Quase todos choravam... é verdade choravam, com aquela imagem com-

parando o Ceará a Cristo... sempre belo mesmo pregado na cruz...

Lucinda Simões foi assistir à peça em companhia da filha e do genro. Bateu palmas entusiásticas a Apolônia, mas não teve uma palavra sóbre o autor e seu trabalho. Nem fêz questão de conhecê-lo... Eu estava um pouco despeitado com o descuido da grande artista portuguêsa. Mas um autor, meu amigo, explicou a falta de ética:

— Não te impressiones, a peça agradou em cheio... e por isso talvez a Lucinda amarrou a cara, ao apanhar o genro a trocar olhares com a filha...

Mas falemos agora de Apolônia. Tenho para mim que ela é uma remanescente da fase culminante de nosso meio teatral no fim do século XIX. Uma artista completa. Destacava-se mesmo depois de velha e surda de todo, pela disciplina em cena, pelo zêlo no preparo dos papéis. Ouvindo pouco, tinha o capricho de estudar tôda a peça, para apanhar as deixas. Vi certa vez esta passagem interessante: O ator que contracenava com ela esqueceu a fala e ficou num caroço... Apolônia, que sabia o diálogo inteiro, soprou-lhe a fala...

De uma feita levei ao seu camarim, no intervalo de um original meu que ela interpretava, um amigo de fora que desejava conhecê-la e cumprimentá-la.

Ele se entreteve um instante em cordial conversa com Apolônia e por fim quis saber de que Estado era ela.

— Eu, disse Apolônia tomado um ar orgulhoso, sou da terra onde se fala melhor o português...

— Então daqui mesmo... do Rio... falou o meu amigo.

Sai daí! Protestou ela, indignada. Que ignorância? Então não sabe que é no Maranhão onde se fala melhor a nossa língua?

Ela estava bem disposta nesse tempo. Com o excelente «maquillage» que fizera seu rôsto estava liso e róseo. Brinquei com ela para acalmar sua zanga com o meu amigo:

Estás uma pequena tão bonita que te vou dar um beijo...

Abraçando-a procurei beijá-la.

— Sai! não me estragues a mocidade que me custou tanto a fazer...

Mas seu trabalho nos últimos tempos era penoso. Faltava-lhe a saúde, a fadiga não poupava o resto de sua saúde já combalida. Ia para a cena com sacrifício. Para satisfazer aos admiradores. Seu nome no cartaz era uma garantia para o êxito da peça.

Nunca porém essa artista admirável se justificaria com a falta de saúde, com a velhice, com a surdez prejudicial aos efeitos cênicos, para deixar de levar o seu papel primorosamente ensaiado, sabidinho na ponta da língua. O seu papel e os dos outros...

Ainda nesse particular Apolônia Pinto foi uma artista modelar, digna de ser tomada como padrão para os que pisam nos palcos.

Seu afastamento definitivo da cena deve ser assinalado na história do teatro nacional como fecho não só de uma carreira gloriosa como de uma fase, porventura a mais brilhantes da arte cênica no país".

*
* *

Em abril, chegou ao Rio a Cia. Lucília Simões, trazendo em seu elenco a grande Lucinda Simões, velha amiga de Apolônia. Quando as duas se avistaram, depois de tantos anos, foi um recordar alegre e triste de fatos passados.

No mês seguinte, comemorou-se com um almôço, no pitoresco restaurante da Quinta da Boa Vista, o aniversário da companhia que tinha direção artística de Oduvaldo.

Quando se fazia a propaganda de "A Vida é um Sonho", dêsse autor, o cronista de "A Fôlha" teve uma idéia original: interrogar cada artista sobre o personagem que lhe cabia interpretar e, à pergunta que lhe teria sido feita, Apolônia respondeu:

"Eu faço uma feiticeira. As mulheres, quando não podem enfeitiçar com a frescura de sua mocidade, arranjam um galo preto para a mandinga. É o que vou fazer, sob a responsabilidade de Oduvaldo Viana...".

Quando se realizou a festa artística do autor, foi também prestada uma homenagem a Dário Nicodemi que se encontrava no Brasil.

Depois de «O Ministro do Supremo», foi à cena «Levada da Breca», de Abadie Faria Rosa, um grande êxito de Abigail Maia, na qual Apolônia fazia o papel de uma velhota ainda com idéia de casamento.

Estava anunciada a peça "Abat-jour", de Renato Viana, quando Oduvaldo e Abigail Maia se retiraram da emprêsa do "Trianon".

Reorganizada a companhia do teatrinho da Avenida, nêle ingressaram Leopoldo Fróes, Belmira de Almeida, Eugenia Brazão, Amélia de Oliveira, Teixeira Pinto e outros. A direção artística ficou a cargo do teatrólogo Viriato Corrêa, e o ensaiador era Eduardo Vieira.

Apolônia não tomou parte na peça com a qual se apresentaram; só depois reapareceu, com a reapresentação de «Flôres de Sombra» que se tornara uma de suas coroas de loiros.

Oduvaldo formou nova companhia e foi para Niterói, por pouco tempo, rumando depois para São Paulo.

Enquanto isso, no "Trianon", fizeram-se reapresentações de «O Simpático Jeremias», «Genro de muitas Sogras» e, em outubro, foi a estréia de "A Querida Vovô", de Antônio Guimarães.

Dois meses depois, Lucinda Simões fazia sua despedida, do teatro e do Brasil, no "Teatro Municipal". A grande atriz portuguesa quis associar a êsse acontecimento a sua velha colega dos primeiros anos, ao lado de Furtado Coelho. Lucinda, após cinqüenta e cinco anos de palco, encerrava sua invulgar carreira aos setenta e dois anos.

Depois das peças anunciadas, havia um ato variado em cujo início Lucinda, com Apolônia Pinto ao lado, foram glorificadas em cena aberta, tendo no palco inúmeros artistas português e brasileiros.

Dois dias depois, no "Trianon", realizou-se mais uma festa artística de Apolônia com "O Tio Salvador", servindo para



Apolônia Pinto cercada de colegas que foram cumprimentá-la. Vêem-se na fotografia, Henrique Machado, (?), Carlos Torres, Armando Rosas, Carlos Machado, Maria Grilo, Amelia de Oliveira, Apolônia Pinto, (?), Cordelia Ferreira

estrear na comédia a jovem atriz Itála Ferreira que vinha da revista.

*
* *

A Empresa Viggiani-Viriato, no "Trianon", desejando atrair para o seu elenco Procópio que, embora novo, já era querido das platéias e estava em São Paulo, telegrafou ao ator nesse sentido. Este, por uma questão de lealdade, deu conhecimento do ocorrido ao seu compadre, amigo e empresário Oduvaldo que havia muito andava desejoso de trazer para seu conjunto Apolônia Pinto, mas nenhuma medida tomara até então, por imposições da ética profissional. Resolvendo fazer uma pilhória com seu concorrente, telegrafou a Vigiani nestes termos: «Boas entradas Ano Novo. Compadre Procópio recebeu proposta e consultou-me, quatro contos acho pouco. Ele exige dez e dispensa Vieira, Artur, Jaime, bilheteiro e ajudante contra-regra. Chegando Itália lembrança Nicodemi. (as.) Oduvaldo. P. S. Procópio exige mais camarim carpete, cortinas e uma estréla na porta. Servindo proposta telegraфа. Não havendo dinheiro telegrama telefona ligação paga aqui. Procópio só poderá ir depois estréia Apolônia».

A êsse telegrama Vigiani respondeu: "Minhas entradas ano excelentes. Embarco sábado Giulio Cesare. Proposta Procópio pilhória caçoadada feita a ti e êle. Informarei Nicodemi tua próxima partida Paris onde seguirás trajetória dêsse ilustre escritor. Comunico reforma contrato "Trianon" mais cinco anos. Parabéns enriquecimento tua companhia mumiás Apolônicas. Da Europa remeterei últimas novidades teatrais a ti. Em minha ausência precisando cenários adereços dinheiro dirige Viriato. Sempre teu (as.) Vigiani.»

Depois de ter chegado a São Paulo um portador com nova proposta mais vantajosa para Procópio, Oduvaldo resolveu satisfazer o seu desejo de contratar Apolônia, ao mesmo tempo que tomava uma represália, como declarou à "Gazeta", em São Paulo: "... Foi então que eu, há muito sem poder conformar-me com a falta dessa grande atriz que é Apolônia Pinto mas que, por

lealdade, me achava coibido de trazer para meu elenco, resolvi embarcar para o Rio a fim de ir buscar a maior glória do nosso teatro..." (57).

Estando em São Paulo, onde teve conhecimento dos telegramas, Raul Pederneiras, quando chegou ao Rio, comentou-os pelo "Jornal do Brasil".

Ainda sobre esse fato é o comentário que se segue, transscrito de uma revista de teatro:

"O caso Apolônia Pinto"; disputa entre as empresas Odúvaldo Viana, de São Paulo e a dos Senhores Viriato & Vigiani, do "Trianon"... O nosso ponto de vista não é, em absoluto a defesa dessa ou daquela emprêsa: em matéria de negócios tôdas elas se utilizam dos mesmos meios, bons ou maus, honestos ou indecorosos ... Infelizmente, nesse caso, ou antes nesse incidente, um nome respeitável, de atriz e de mulher, andou por aí, arrastado, numa dolorosa "Via-Sacra" de perfídias como refletor de ódios e de intrigalhas: o da Sra. Apolônia Pinto, cuja velhice gloriosa é digna de tôda a estima

.....
Duas empresas estão no momento, em luta aberta, de conquista e de interesses e, nessa luta, por mais honestos ou infames, todos os meios lhes servem.

Nada mais natural que assim seja.

Cada qual luta com a arma que tem à mão; a espada dos cavalheiros ou o arcabuz dos bandidos..." (58)

*

* * *

O adjetivo sucesso, em se tratando de Apolônia Pinto, parece perder o seu caráter de exceção porque tantas vêzes ela o alcançou e temos necessidade de empregá-lo ao comentar e expor episódios de sua vida.

(57) "A Gazeta", São Paulo, 11-I-1923.

(58) "Teatro & Sport", Rio, 20-I-1923.

A energia prodigiosa da artista era freqüentemente motivo de admiração para quantos a conheciam de perto porque parecia desafiar a própria natureza.

Contou-me Oduvaldo Viana que, em excursão pelo Sul, levava Apolônia como dama central, e no Rio Grande do Sul ela apanhou uma forte gripe. Chamou-se o médico que, depois de examiná-la atentamente, recomendou, à parte, a Oduvaldo que tratasse de arranjar quanto antes uma atriz para substituí-la. E, explicando melhor, acrescentou: "a vida dela está por um fio; seu coração está em tal estado que poderá morrer de um momento para outro". Depois desse fato, Apolônia ainda viveu cerca de quatorze anos com disposição, bom humor, e jovialidade sempre gabada.

Havia no elenco de Oduvaldo uma atriz gorda, senhora de busto muito desenvolvido. Certa vez Apolônia conversava e, vendo-a passar, saiu-se com esta:

— Bonito rosto, não é? Pena é que o *avant-scène* seja tão desenvolvido — e, com um gesto, referiu-se ao busto.

*
* *

Quando o comediógrafo Oduvaldo Viana foi ao Prata, levando sua companhia de comédias, chegou a Montevidéu sem Apolônia Pinto que se juntou mais tarde ao conjunto brasileiro e, por essa razão, fêz sua estréia depois de apresentada a companhia, com a peça "1830", marcando com sua arte um elemento considerável no êxito da excursão.

Os periódicos locais assinalaram de início o seu valor, no mesmo ritmo elogioso de sempre, conforme passaremos a ver: "A peça que ontem subiu à cena serviu, poderíamos dizer, para apresentação da atriz característica da companhia que se comportou, malgrado a extrema comicidade de seu papel, com têda a delicadeza de uma artista de alta comédia — além da segurança nos recursos que emprega e da eficácia com que êstes chegam ao espectador...". (59)

(59) "El Telegrafo", 1923 — Uruguai.

Outro jornal, comentando com simpatia os brasileiros, disse que antes da chegada dessa companhia o teatro brasileiro era completamente desconhecido como, de resto, sucedia com os outros países ibero-americanos que vivem em "esplêndido isolamento", quando poderiam manter, por êsse meio, uma forte fraternidade.

«El Dia» noticiou a chegada da companhia brasileira, dizendo: "... Entre os artistas brasileiros viaja uma respeitabilíssima senhora que já completou setenta anos a qual desempenha os papéis de dama característica: a senhora Apolônia Pinto. Esta relíquia da arte cênica brasileira constitui, segundo o diretor, uma verdadeira glória do teatro, com a particularidade de que está completamente surda.

— E como então pode representar?

— Aprende seus papéis de memória e é tão vivaz que não necessita do ouvido para dar com precisão sua entrada. O público não chega a perceber o lamentável defeito físico que padece...".

A companhia em Montevidéu ocupava o "Teatro Urquiza" e foi apresentada pelo doutor Victor Perez Petit. Logo conquistou um público entusiasmado que não regateou aplausos, no que era seguido pela imprensa.

Em Buenos Aires, apresentada pelo escritor José Antônio Saldias, delegado da Sociedade Argentina de Autores, ocupou o teatro "Odeon" e fêz sua entréia com "Última Ilusão".

Por ocasião da apresentação de «Boa Mamãe», o cronista do "Diário del Plata" expôs com minúcias o seu comentário e, na forma que sucedia sempre, teve uma referência especial para Apolônia: "... e não terminaremos esta apreciação sem um elogio especialíssimo para a característica Apolônia Pinto.... que no gênero cômico tem um campo de ação fecundíssimo para cuja exploração está singularmente habilitada, pela graça espontânea, pela animação e pelo natural domínio cênico que põe em jôgo ...". (60)

"Manhãs de Sol" foi outra peça brasileira muito bem recebida e a "Revista de la Moda", registrando o espetáculo, abriu colunas

(60) "El Dia", outubro de 1923 — Buenos Aires.



*Apolônia Pinto em companhia de seu marido, o ator
Germano Alves, vendo-se na corrente de relógio deste
o medalhão de ónix que pertenceu ao poeta BOCAGE,
de propriedade de Apolônia — (1930)*

e, dentre outras coisas, disse: "... Apolônia Pinto, desde sua apresentação diante de nosso público, caracterizou com propriedade e naturalidade verdadeiramente admirável o seu papel de Irmã Gabriela, a velha religiosa que já tinha vivido muito e, ainda que fora da voragem das paixões do mundo e de suas misérias, seus anos e seu critério lhe permitiam apreciar todos os sentimentos do coração humano.

O trabalho desta veterana atriz da cena brasileira tem duplo mérito pois, sendo completamente surda, segue o diálogo com perfeita naturalidade, apesar de não ouvir seu interlocutor, fato que a obriga a saber as peças de memória, dado que não pode contar para nada com a eficaz intervenção do ponto que para ela não existe...". (61)

Além de muitos outros jornais e revistas que registraram os espetáculos da companhia brasileira, "La Razon", entre outras apreciações, não deixou de enaltecer o trabalho de Apolônia: "... E' justo frisar que a notável interpretação que à figura do personagem central da obra deu a característica senhora Apolônia Pinto, contribuiu de forma decisiva para o êxito da comédia..."

Voltando ao Brasil, depois de sua excursão ao Prata, a empresa de Oduvaldo Viana reapareceu em São Paulo, no "Teatro Sant'Ana" com "Última Ilusão", do autor empresário.

* * *

Pouco depois do meado de 1924, a Companhia Abigail Maia, no "Trianon" do Rio apresenta "Em família", de Florêncio Sanchez, tradução e adaptação ao ambiente carioca por Oduvaldo Viana e Danton Vampré, com Apolônia no papel de Mercedes. Esta peça, na excursão ao Sul e ao Prata, já havia proporcionado um sucesso marcante que não foi menor no Rio de Janeiro. Os outros artistas, intérpretes da peça do famoso teatrólogo uruguai, foram: Davina Fraga, Cordélia Ferreira, José Loureiro, Manuel Durães, Jorge Diniz, Abigail Maia e Sadi Cabral.

Mário Nunes, crítico teatral do "Jornal do Brasil", depois de minuciosa apreciação de conjunto sobre a peça e os artistas, em

(61) "Revista de la Moda", 14-X-1923 — Bueno Aires.

referência especial à interpretação de Apolônia, concluía dizendo: "... representou sobremodo humana e comovedoramente, de encher os olhos de lágrimas..." (62)

Nos primeiros meses do ano seguinte, como figura preeminente da Companhia Palmeirim Silva, representou no "Teatro São Paulo", da Capital Bandeirante, a peça argentina "O Grande Prêmio", de R. da Rosa e A. Discepolo, traduzida por Simões Coelho que era o diretor artístico do conjunto.

Constavam ainda do repertório: «Terra Natal» e «Manhãs de Sol», de Oduvaldo, "A Inquilina de Botafogo", "O Simpático Jерemias", de Gastão Tojeiro; "O Ministro do Supremo", de A. Gonzaga, peças que foram apresentadas no "Braz Politeama". Passando a companhia para o "São Pedro", tinha no conjunto, além dos artistas citados: Artur Costa, Diola Silva, Rute Colás, Coaracy Oliveira, Armando Colás, Graziela Diniz, Plácido Ferreira, Salustiano Carvalho (Salu), Guiomar Oliveira, Chaves Florence, Benjamim Artur, Auricelia Bernard, Raul e Olga Barreto.

Depois, a companhia sofreu modificações. Deu mais alguns espetáculos em São Paulo e foi excursionar pelo interior daquele Estado, sob o regime de assinaturas, em Guaratinguetá, Caçapava, São José dos Campos e Jacareí, nos teatros da emprêsa Albano Máximo.

Em meados de março, de volta à Capital paulista, a companhia foi ocupar o "Teatro Apolo" na rua Dom José de Barros. A estréia foi com "Pai Postiço", comédia espanhola, traduzida por Antônio Guimarães, tendo Apolônia no papel de Dona Carmem. Este espetáculo foi aproveitado para uma homenagem à famosa declamadora Berta Singerman.

A seguir verificou-se a primeira representação da comédia "Dona Iaiá", de Euclides de Andrade, redator do "Diário Popular", interpretando Apolônia o personagem que dá o título à peça.

Obtendo êxitos em peças repetidas, era perfeitamente comprehensível, mas fazer sucesso em novas criações, e como figura

(62) "Jornal do Brasil", Rio, 4-VII-1924.

principal só podia despertar grande sentimento de admiração, considerando sua idade e estado de saúde.

A "Fôlha da Noite", jornal ilustrado por Belmont, em simpática apreciação, teve para Apolônia uma daquelas referências que sempre suscitava seu nome: "... As melhores palmas recebeu-as a distinta atriz Apolônia Pinto, protagonista de "Dona Iaiá" que se apresentou magnífica de naturalidade, realçando nos mínimos detalhes o seu papel..." (63).

Depois de um repasse das peças de Oduvaldo e Ademar Gonzaga, foi apresentada a comédia argentina «Las de Barranco», cabendo a Apolônia o papel de Dona Maria que despertou muitos comentários entusiásticos como êste: "... é de salientar a atuação da Sra. Apolônia Pinto, a comedianta admirável, por mais de uma vez já tida como tal na opinião do nosso público.

Nessa personagem de Dona Maria, a Sra. Apolônia Pinto realizou uma incomparável criação artística e, por isso, recebeu da elegante e fina assistência calorosos aplausos..." (64).

Para uma apresentação de poucos dias, subiu à cena "Nini sabe o que faz", peça na qual Apolônia não tomava parte e, antes de uma semana, foi substituída pela encantadora comédia "Boa Mamãe", de Heitor Modesto, da qual foi a criadora como protagonista e com a qual já se tinha apresentado anteriormente em São Paulo. O êxito não se fêz esperar, dando lugar a um apreciável movimento de bilheteria.

A peça seguinte foi "Maridos em Corda Bamba", de Desvalliers, traduzida por João Soler; depois, «Intrigas da Oposição», de Henrique Orciuoli; "A Vizinha do lado", de André Brum, cabendo a Apolônia o papel de D. Adelaide; "Vida de Príncipe", farsa argentina, em 3 atos, de J. Fertini e A. Malfatti, adaptação de Lauro Lima, fazendo Apolônia a Generosa, uma mulher ranzinza.

Assim foi-se formando, em três meses, um repertório variado com o qual a companhia saiu para excursionar, deixando o "Teatro

(63) "Fôlha da Noite", São Paulo, 1-IV-1925.

(64) "Fôlha da Noite", São Paulo, 18-IV-1925.

Apolo" ao término da primeira quinzena de junho. Partiram em trem especial para Campinas onde foram ocupar o "Teatro Carlos Gomes", pretendendo visitar outras cidades do estado e, depois, seguir para o Sul.

*
*
*

Em comêço de novembro de 1925, anunciou-se a próxima estréia da Companhia Carmem de Azevedo — Palmeirim Silva, organizada e dirigida por Rafael Pinheiro, com a peça "O Livro do Homem", que depois passou a chamar-se "O Livro do Contínuo", de Ademar Gonzaga, tendo no elenco, além de dois artistas que davam nome à emprêsa, Ismênia dos Santos, neta de criação da falecida artista do mesmo nome, Olga Navarro, Rute Cols, Brandão Sobrinho, João Lino, Alvaro de Sousa, Eurico Silva, Mário Arozo, Armando Colás, J. Soares, Luiz Barreira e outros.

A estréia da companhia não foi no "Teatro Rialto", da Avenida, onde atuaria consecutivamente, mas no "Teatro Municipal", para se festejar condignamente o Jubileu Artístico de Apolônia Pinto. A festa se associaram, além do pessoal da companhia, outros artistas, intelectuais e um público numeroso que encheu o teatro «au grande complet». Anunciou-se que seria saudada, em nome dos artistas, por Rafael Pinheiro e Maria Dolores e seria o orador oficial Coelho Neto.

Ao descerrar-se o grande pano de bôca, no dia 3, estavam no palco o Prefeito Alaor Prata com outras autoridades, atores, atrizes, escritores, uma guarda de honra, uma banda de música, Coelho Neto, Príncipe dos Prosadores Brasileiros, dos mais expressivos representantes da Academia Brasileira de Letras e Apolônia que foi coroada de loiros em cena aberta.

Sem comentar a bela peça que foi o discurso do grande escritor, vamos transcrevê-lo, na íntegra : (65)

"A fantasia é o perfume da Realidade extraído pela imaginação. Não há aroma no espaço — se nós o sentimos é que ele nos vem de alguma flor, ainda que a não vejamos, por muito

(65) "Jornal do Comércio", Rio, 14-XI-1925.



*Apolônia Pinto em "Flôres de Sombra" apresentação de
1930*

alta em fronde ou escondida em silva. Assim também o que julgamos inspiração não é mais do que o afluxo de uma reminiscência, efluvio de uma realidade: procuremo-la na memória, como, pelo aroma, procuraríamos a flor na balsa, e havemos de encontrá-la. O que produzimos com o nome de poesia é tanto como o que destilam os químicos macerando a flor: perfume, ou essência da Realidade.

Se eu não tivesse, para confirmar as minhas palavras, essa que aqui cercamos carinhosamente e escrevesse o que lhe sei da vida, certo diríeis, sorrindo incrivelmente: Ficção de poeta. Para que tal não suponhais peço, rogo que ela me desminta sempre que eu incorra em infidelidade.

Apolônia nasceu em a noite de 21 de junho de 1854, em um camarim do Teatro São Luís, na capital do Maranhão. Belo comêço de novela, não há dúvida; interessante comêço de vida, digo eu.

Foi no atabalhô de uma caixa de teatro, na balbúrdia do movimento de cenários — vistas por um lado, móveis e acessórios por outro, bulha de maquinistas e carpinteiros, alarido e cantoria de atores, gritos frenéticos do contra-regra e ainda o confuso rumor da sala de espetáculo, que se abriu essa vida predestinada.

Os pássaros não tornam ao ninho em que nasceram, esquecem-no desde o primeiro vôo e até a árvore em que êle se suspendia. Apolônia manteve-se fiel ao berço: nêle lhe correu a infância; nêle se fêz adolescente; nêle lhe sorriu a mocidade e nêle, ainda agora, docemente envelhece. Vida como a das árvores, que nascem e morrem sobre as raízes.

Em 1866, justamente na data em que completava doze anos, achava-se ela na sua querênciia, que era o "Teatro São Luís", onde, então, se representava a peça: "As ciganas de Paris", quando correu que a "ingênuia", que ocupava o camarim de onde, em 1870, ela saíra em faixas, não podia representar o seu papel de virgem por ter dado à luz.. um menino ou uma menina.

Apolônia, que não faltava aos ensaios sabia de cor todos os papéis das peças. Valeu-se disso o empresário atônito cha-

mando-a para substituir a puérpera e tão bem se portou a estreante que, desde logo, ficou inscrita no elenco da companhia.

Tal camarim, se houvesse justiça, depois do bis natalício, coisa muito de teatro, deveria ter sido levado à categoria de Maternidade. Em vez da promoção teve sorte contrária — com a reforma do teatro foi abaixo. Esse é o destino de tôdas as tradições entre nós.

Do Maranhão saiu Apolônia à aventura com três dons: mocidade, beleza e talento. Era uma outra Mademoiselle de l'Étoile, como a que tanto alvoroça o *Roman comique de Scarron*.

Em 1870, com 16 anos, estreou no "Teatro S. Luís" desta cidade, sob os auspícios de Furtado Coelho, fazendo A morgadinha de Val Flor. Tinha de sobra para vencer: 16 anos, beleza, talento, graça ou dengue, que é mais nosso, e o sorriso, o feiticeiro sorriso que o Tempo inexorável respeitou, porque eu ainda o vejo, sob as leves rugas da anciania, como uma flor sob a neve; sorriso que andou em versos e que provocou mais discórdia em lares do que o pomo de Paris, no Ida. entre deusas.

Até a mim custou caro tal sorriso. Lembro-me do olhar sobrecenho de meu pai, quando aí por meados de 1880, ao voltar de uma representação do "Anjo da meia-noite", em vez de referir-me à peça, não fiz mais do que falar dos olhos travessos e do sorriso alegre do Anjo, que era... quem aqui está. Tais louvores custaram-me um domingo de prisão, a copiar verbos irregulares. Verbos... se os copiei!...

Mal podia cuidar Apolônia, então em plena glória, que um fedelho sofria por culpa dos seus olhos e do seu sorriso. E quantos, quantos, como eu, foram vítimas de tais feitiços! Enfim...

Não consta que Apolônia houvesse cursado Conservatório: nasceu no teatro e nêle se fêz.

As verdadeiras vocações artísticas são como as árvores florais que não pedem cultivadores para crescer e frondejar. Trazem o dom em si, como os cedros e os jequitibás trazem a pujança. Quem os instrui e guia, o próprio teatro — fazem-se no ambiente e com alternativas de fortunas e insucessos, de ovações e indiferença, sobem, vencem e impõem-se à glória, como



Apolônia Pinto, num desenho a bico de pena, por Seth

as árvores da mata, ora ao sol, ora aos temporais, acariciadas pelo luar ou feridas do raio, desenvolvem-se em colossos que parecem topetar com as nuvens.

Jardineiros são para plantas de ornato — árvores de parque, flôres de jardim: os gigantes vivem por si na opulência florestal, ao tempo.

Quantas figuras terá ela interpretado desde a noite da sua improvisada estréia! quantas paixões terá traduzido, quanto terá feito sofrer, quanto terá feito sorrir nessa vida protéica de contínuas metamorfoses, mudando dalma e de feição como se muda de roupa!

Vida de espelho a refletir imagens, e se aqui surgissem tôdas as que ela representou que multidão teríamos conosco, turba de efêmeros que viveram como vive a sombra do corpo que a projeta.

E do mundo em que ela viveu, que resta? Falando apenas das mulheres que com ela participaram de triunfos e dissabores, onde param? Terminaram a parte que lhes cabia, não no Teatro de ficção, mas neste, em que todos nós, com sorte variá, representamos a comédia da Vida — e foram-se. Ismênia dos Santos, Leolinda Amoedo, Helena Cavalier, Clélia, a característica, incomparável nas matronas brasileiras, Fany Vernaud, inexcedível nas roceirinhas, Balbina Maia, Gabriela Montani, a velha Elisa e tantas, tantas! cujos nomes já nem soam na memória.

Dêsse grupo sobrevive apenas Apolônia, remanescente do tempo em que tínhamos uma cena nobre e as platéias enchiam-se para aplaudir, não só autores, como os que lhes interpretavam as obras originais ou traduzidas de Molière, Augier, Sardou, Labiche, Etchegaray, Dumas, Pailleron, mestres antigos e contemporâneos. E tais autores chamavam-se: José de Alencar, Macedo, Joaquim Serra, Quintino Bocayuva, Artur e Aluizio Azevedo, França Júnior, Valentim Magalhães, Moreira Sampaio, Figueiredo Coimbra, Oscar Pederneiras...

Em noites de "primeira" de peça nacional, desde a Berlinda do Imperador, o *coupé* ministerial, o *landau*, a calecha, até a traquitana que vinha aos solavancos, aos rangidos de molas perrás das alturas agrestes da Tijuca, das profundas da Gávea ou das

Águas Férreas, as imediações dos teatros ficavam atravancadas de seges. O povo afluía, como em romagem, com grandes gáudio dos cambistas, lucro para os floristas e até para os vendedores de aves, porque, em certas noites de mais ardor, admiradores faziam soltadas de pombos enastrados de fitas e, ao estrondo das palmas, juntava-se o estrépito das asas. Nesse tempo ainda os poetas usavam cabeleiras oleosas e recitavam, aos berros e esmurraracando o espaço, versos que, em seguida, espalhavam em papéis de côres.

Quantas vêzes vi eu no auge das ovações cavalheiros em mangas de camisa por haverem atirado os casacos aos pés de atrizes, pretexto para os irem buscar no camarim da festejada.

Quando Furtado Coelho, Dias Braga, Eugênio de Magalhães, Martins, Xisto Bahia, Ismênia, Jesuína ou essa mesma Apolônia comoviam o público as manifestações, nas quais entravam as palmas da Família Imperial, valiam por apoteoses.

A mesma opereta, então na "Fênix Dramática", era um espetáculo de arte porque, além da montagem, em que tanto se esmerava Jacinto Heler, além da afinação da orquestra, regida por Henrique Alves de Mesquita, os papéis eram desempenhados por Francisco Corrêa Vasques, Pinto, Lisboa, André, Rose Meryss, Viliot, Delmary, Delsol e êsse extraordinário Guilherme de Aguiar que, no Tio Gaspar d'"Os sinos de Corneville", causava a Paula Ney a impressão de — "um gigante a dançar de urso, em feira". Ao abraçá-lo o grande Giovanni Emanuel, assim o elogiou:

"É pena que o meu amigo estrague coturnos tão altos em palco de opereta".

Velharias, dirão. Sim, velharias, não há dúvida, porque hoje temos revistas que farte, jazz-bands e outras novidades.

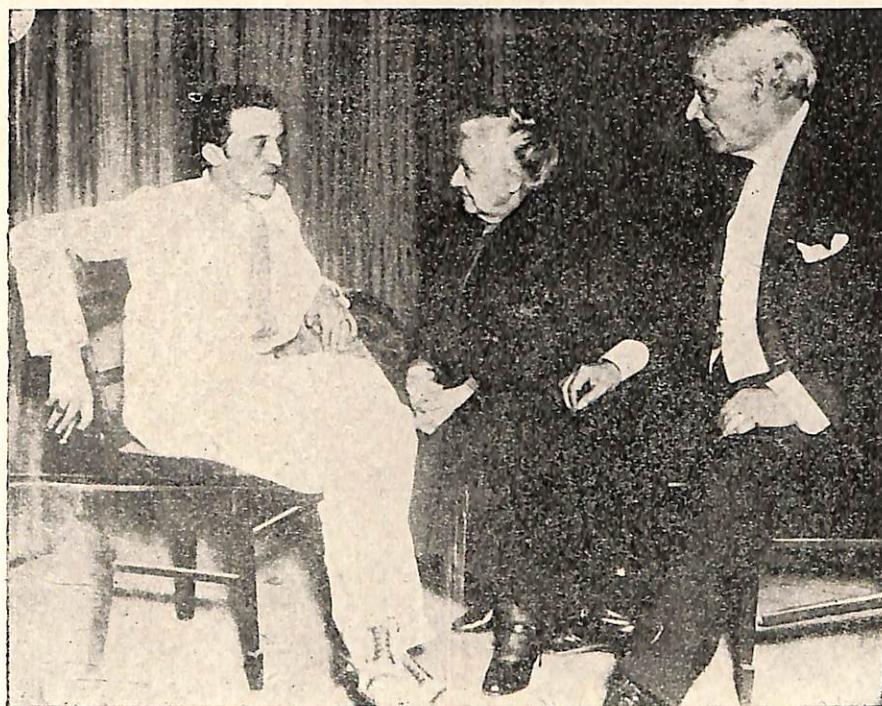
...nessun maggior dolore,

Che ricordarsi del tempo felice.

Nella miseria...

E foi feliz êsse tempo? Que o digam os que o viveram.

Sim, foi, porque não há ventura maior que a mocidade. A própria cidade era ingênua e tímida, direi até: infantil — andava



1 — *Fotografia no palco do Teatro Fênix, em companhia de Germano Alves, ao ser entrevistada por Edmundo Lys, em 1930*

de tranças soltas e vestido curto, não tão curto, como o de agora... É verdade que ela tem crescido muito e o vestido que, então, lhe chegava ao meio da perna, hoje vai por aí acima. Enfim...

Nem tudo, porém, desapareceu — o que era dama, eterno, subsiste e esse pouco, com o trato que ora lhe dão e de que é exemplo esta cerimônia meiga, talvez germe e medre como a semente pequenina que se faz árvore frondosa. É o culto tradicional do passado que se manifesta em respeito pelas relíquias e veneração pelos que, de algum modo, concorreram para o nosso progresso material e moral e para a elevação da nossa cultura desbravando selvas, fecundando maninhos, roteando estradas, estendendo vias de comunicação, lavrando, pastoreando, mineando, construindo, fabricando ou com a ciência beneficiando a vida ou com a arte celebrando a beleza e incendendo o entusiasmo.

Na Arte tens lugar de destaque, minha adorável conterrânea, e em um dos seus ramos mais difíceis, que é o teatro, porque nêle o artista há de ser, a um tempo, estatuário compondo o físico à feição da personagem, pintor no caracterizar-se, orador na elocução nítida e estreme, músico na modulação da palavra e, o que é mais, quase um Deus: criando almas.

E tudo isso fizeste e excelentemente. Dizia a grande Madeleine Roan :

"Mais nous vivons deux fois, mais nous ressuscitons, nous autres qui commençons par les coquettes et finissons par les mères".

O mesmo, senão mais, podes dizer, Apolônia, porque vieste de degrau ainda mais baixo, o berço, e chegaste ao cimo, onde se assentam as avós, as suaves velhinhos que interpretas com tanta naturalidade que, se as encarnas em cena, afiguras-te-nos uma dessas virtuosas relíquias dos nossos lares e a peça reveste-se de misticismo, tornando-se como que um ato de religião doméstica.

A ti, salvado único que nos ficou de outrora e que ainda te manténs ativa no Presente, vai uma criança, símbolo do Futuro, levar o prêmio a que tens direito. Em cada fôlha da láurea deverá

haver um nome inscrito para que as que partiram participassem da homenagem que lhes prestamos, não sobre túmulo, mas em uma vida, na qual resumimos as de tôdas as mulheres, cariátides, que foram, do nosso Teatro.

Encontrem-se os dois extremos, ilumine-se a tarde com o fulgor da manhã, abrace-se a alvorada com o crepúsculo...

Senhoras, senhores, artistas, Mocidade, todos os que vos aqui achais, de pé ante a que, trazendo da pia o nome de Apolônia, foi verdadeiramente uma sacerdotisa da Arte e da Beleza honrando e glorificando o seu onomástico: Apolo."

Terminado o discurso que foi delirantemente aplaudido, Apolônia, erguendo-se, num misto de modéstia e majestade, cumprimenta o orador, que lhe beija a mão, avança até o proscênio e agradece os aplausos do público que, de pé, parecia possuído de um entusiasmo frenético, como se não quisesse parar de aplaudir. Apolônia, sob forte emoção avança mais um pouco, chorando e rindo, enquanto sobre ela chovem flôres, jogadas de todos os lados, juncando o soalho do palco de um tapete multicolor e perfumado.

Confirmara-se o apotegma de Lucinda Simões, quando predisse que ela havia de ser a maior atriz do Brasil.

Nessa noite, ao voltar para casa, tinha o automóvel alcatifado de flôres, entre as quais uma quantidade de embrulhos artísticos, contendo presentes; lembranças de amigos, colegas, dos mais modestos empregados do teatro e admiradores, levando ainda a coroa de loiros, trabalhada em bronze.

No dia seguinte, continuou a receber homenagens de colegas, admiradores e entidades culturais, e a Companhia Carmem de Azevedo — Palmeirim Silva iniciou seus espetáculos regulares no "Teatro Rialto" com a peça de Armando Gonzaga. A seguir, "Moças de Hoje", de Abdon Milanez e "Os Maridos na Corda Bamba".



É sabido que os povos possuem feição própria, decorrente de suas condições étnicas das quais resulta o espírito do povo que

muito pode influir no das elites e, como o artista de teatro é um intérprete de alma do povo, principalmente em se tratando de peças de costumes como eram os temas preferidos pelos nossos autores de então, é compreensível o aspecto que caracterizou mais fortemente o trabalho da artista, nessa fase.

A concepção cênica de Apolônia Pinto, desde que foi consciente, não poderia ser a mesma de uma Eleonora Duse, italiana, ou uma Rejane, francesa, ambas produto de outras terras, de outra gente. Idêntico fenômeno observamos em outras artes e, por isso, erraria quem pretendesse encontrar na pintura de Franz Post, além do valor documentário, as qualidades características da paisagem nacional, como sejam côr e luz, de um Batista da Costa ou Vicente Leite, artistas que sentiram o nosso sol e o nosso colorido, desde os mais verdes anos.

Há ainda a considerar que havia no Brasil uma forte corrente de nacionalismo artístico, e no teatro a tendência era para os temas trazidos da vida brasileira, através de comédias cuja temática se buscava na história e nos costumes nacionais. Era, portanto, evidentemente natural que da mesma fonte partisse a linha interpretativa da artista, resultando os tipos eminentemente brasileiros, até a sublimação, que compôs Apolônia na velhice, tornando sua interpretação repleta daquilo que Joaquim Ribeiro chamou "alma nacional", em seus estudos folclóricos.

Se os arroubos do drama de grandes lances perdiam a predileção do público, era preciso apresentar bem aquilo que se exibia, sem descer ao banal.

Raros foram os períodos em que Apolônia não marcou a crônica de sua carreira com uma criação que não fôsse novo e autêntico sucesso.

Foi uma grande atriz do Brasil e não sei de outra que melhor tenha trazido para as luzes das gambiarras êsse tipo suave, todo bondade, todo renúncia e indulgência das mães brasileiras. Interpretando um personagem aparentemente vulgar, ela não se limitava à síntese esquemática mas formava um trabalho com densidade, mostrando todo o conteúdo poético e psicológico.

Não foram de menor interesse que os da mocidade os papéis interpretados por Apolônia, ao atingir a anciania. Mesmo nessa fase, na qual o artista não conta mais com os encantos da juventude, ela foi interessante e variava, de tipo para tipo, sem se repetir: em "Gente de Hoje", era a Esmeralda, uma solteirona namoradeira e desfrutável, e para o interpretar ela se mostrava completamente outra, com graça e garridice, numa movimentação extraordinária; em "Levada da Breca", uma viúva rejuvenescida para o amor; em "Boa Mamãe", era a dona Nonoca, personificação da harmonia, em tôdas as suas modalidades, gênero no qual se tornou aliás impecável, deliciosa, na sua calma de boa velhinha como se fôsse a própria personificação da bondade e do bom senso; em "1830", interpreta uma velha mãe nobre e rigorosa que muito zela pelo futuro da filha e pela honra da família; em "Terra Natal", era a dona Maria Eugênia, matrona amiga de sua terra e tradições e, assim, sempre com a precipua intenção de fazer o melhor possível.

Já nos temos referido à sua prodigiosa memória que sempre deu motivo a episódios interessantes, mas nunca é demais relatar um novo acontecimento sobre essa particularidade de Apolônia Pinto. Gastão Pereira da Silva em seu livro "Doentes Célebres" consigna o seguinte episódio: "Conta-se que certa vez, ao ter um jovem autor lido para ela uma comédia de sua autoria, ficara ele encabuladíssimo quando a atriz, depois de ter ouvido a leitura, lhe diz:

— Eu acho a sua peça muito bonita, mas... só tem um defeito!

— Um defeito? (Os autores nuncam admitem defeitos nas suas peças...)

— Sim, meu filho, um defeito! confirma Apolônia, num tom maternal.

E, diante da atitude de surpresa do novo escritor:

— Trata-se de um plágio!

— De um plágio? Mas... isto não é possível! (Os autores nunca admitem os plágios... dêles).



2 — Fotografia no palco do Teatro Rival, quando, saudada pelo jornalista Reis Perdigão, recebia significativa homenagem da Companhia Dulcina-Odilon, em 1934.



Mas, a grande intérprete não se perturba e voltando-se mais carinhosamente ainda para o rapaz, repete, de memória, "falas" inteiras do citado original.

Quando, no entanto, o comediógrafo, que era um estreante, vai retirar-se, muito aborrecido e muito triste, Apolônia bate-lhe seguidamente no ombro, tranqüilizando-o :

— Estou brincando, meu filho... A peça é sua...

E, concluindo o pensamento diz :

— Eu é que guardei as "falas" na memória !"

A versatilidade do talento de Apolônia Pinto facultou-lhe os meios de se fazer grande artista em todos os gêneros. *Vaudeville*, comédia de costumes, comédia dramática, mágica, drama e tragédia grega, em todos êsses gêneros ela se apresentou e logrou os louvores do público e da crítica. De tal modo se impunha à admiração geral, por seu raro domínio cênico, que das poucas vêzes em que foi colocada em segundo plano, os cronistas teatrais, reproduzindo a opinião das platéias, reclamaram fôsse ela posta a ocupar o lugar ao qual fazia jus por suas aptidões.

A grande recompensa que o artista do teatro tem pelo seu trabalho muitas vêzes árduo, são os aplausos, as palmas de uma platéia entusiasmada. Apolônia, porém, dessa consagração só percebia o gesto; o som do aplauso frenético havia muito não lhe tocava os sentidos. Por isso mesmo era-lhe maior a emoção, quando lia os louvores que a imprensa não lhe regateava, abrindo colunas para glorificá-la, publicando tôdas as suas fotografias com os mais destacados elogios.

Por não se descuidar no estudo dos seus papéis pôde manter renovada a conquista de loiros, no "Trianon", em Montevidéu e Buenos Aires, enfrentando as platéias mais diversas. Embora não lhe louvassem mais os encantos físicos, era-lhe enaltecida a arte e o engenho.

Muito embora o reconhecido talento artístico, a par de uma experiência de longa data, Apolônia nunca deixou de ser uma atriz disciplinada, respeitando e acatando a linha de representação dada pelo diretor artístico, mesmo quando não estivesse inteira-

mente de acôrdo ou já houvesse discretamente sugerido alguma alteração, sem resultado.

Dêsse eficaz espírito de disciplina lhe vinha em grande parte a tão famosa naturalidade e convicção que dava às suas interpretações um admirável cunho de sinceridade. Tudo porque se mantinha em permanente atenção não sómente com relação ao seu trabalho, mas também com o dos outros, sem fraquejar, nem gesticular frouxamente, razão por que jamais caía no trivial e mantinha superiormente o estilo necessário a um trabalho de interpretação, sempre correlato com os fatores que concorrem para a relatividade do naturalismo cênico.

* * *

O Professor Otávio Rangel, a quem deve bons serviços o Teatro Brasileiro, atendendo a nosso pedido, também nos deu um breve depoimento sobre a insigne Apolônia Pinto:

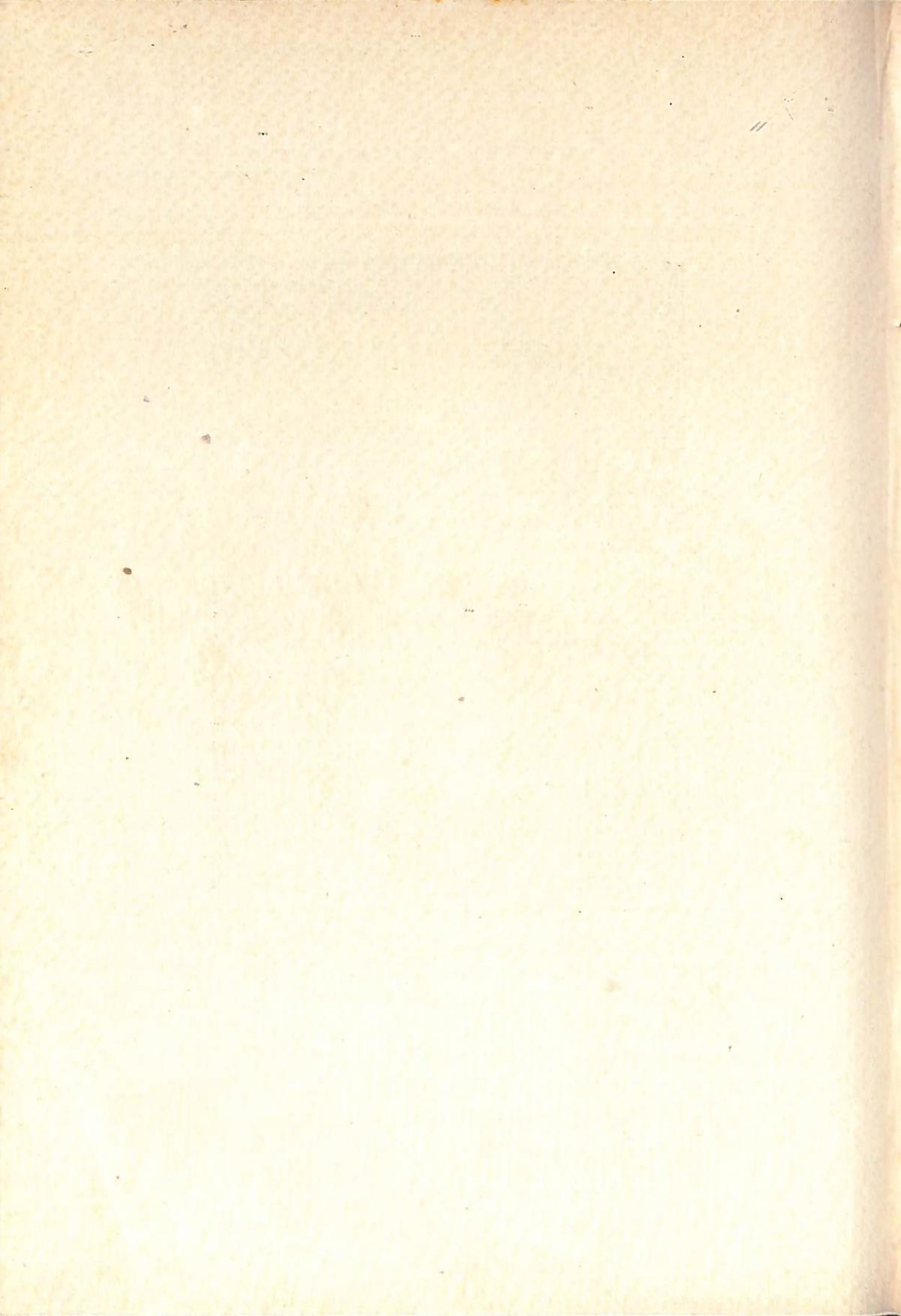
“A rara genialidade da atriz patrícia atingia o radiosso apogeu quando, idólatra dos astros, átomo em relação a êles, num inicio de caminhada pelas obscuras veredas da Arte, não perdia de vista uma única constelação do zodíaco teatral, deixando-me estontejar ao seu mago fascínio. Apolônia, em plena pujança, destacava-se então, com um brilho diferente, dentre as de maior grandeza.

Já quase no “Terminus” da sua rota triunfal, tive-a, no teatro Apolo da capital paulista, como intérprete de uma simples rábula da minha comédia “Quem pode com o amor ?” onde, dando expansão à maleabilidade do seu talento, encarnou uma caipira setuagenária, de difícil composição — a Tia Zefa — com seu todo de roceira e muitíssimo de fibra dramática. Arrebatou o público até às lágrimas na cena em que, diante do ipê auriflorido, recordava uma passagem romântica da sua remota juventude.

Na noite da “première”, a essa altura do drama, não me contive, invadi o palco e beijei-lhe as mãos perante a pleitéia que, no seu arrebatamento, nos ovacionava. Guardo até hoje, no fundo



Apolônia Pinto, no seu quarto do Retiro dos Artistas



dalma, como um laurel indelével a exornar minha carreira de autor, êsse inesquecível episódio.

Apolônia Pinto que tanto dignificou e engrandeceu o Teatro do Brasil, não apenas dentro das suas fronteiras, mas também em Portugal e nas Repúblicas do Prata, jamais, em tôda sua longa e gloriosa vida, deixou de patentear como primorosa artista de tão divina Arte, os eternos privilégios de inteligência e cultura da terra maranhense que hoje, mais do que nunca, a tem carinhosamente em seu seio".

* * *

Jorge Diniz, ator português, há muitos anos radicado no Brasil e portador de belas credenciais em sua arte, também nos deu o seu depoimento sobre Apolônia, nas linhas seguintes :

"Vi representar Apolônia Pinto, pela primeira vez em 1920. Foi na comédia de Oduvaldo Viana, "Terra Natal". Ainda hoje guardo a funda impressão que me causou a grande artista. Apolônia transmitia, naquela peça, com tanta emoção, tanta naturalidade e tanta verdade os sentimentos da boa velhinha sertaneja, ora fazendo rir a platéia ora fazendo-a chorar que eu voltei do espetáculo emocionado e feliz, com aquela felicidade que a gente sente e não sabe explicar; um bem que nos invade, nos domina e subjuga.

Pude então observar de perto como era simples e natural a sua forma de representar. Apolônia não recorria a artifícios para impressionar o público, era humana, era sincera. Com um simples olhar ela dizia uma frase inteira. Muitas vezes as palavras quase não se lhe ouviam mas o público compreendia tudo que ela queria exprimir. Era uma grande, uma verdadeira artista! Em Montevidéu, na peça de Paulo Gonçalves "1830", Apolônia, com um simples olhar, arrancou da platéia uma formidável gargalhada, seguida de uma estrondosa salva de palmas !

Para demonstrar quanto Apolônia era natural representando, vou recordar um fato que se deu na Companhia Abigail Maia: Representava-se a comédia de Heitor Modesto, "Gente de Hoje".

No intervalo do 2º para o 3º ato, um crítico teatral foi procurar Oduvaldo Viana, diretor da referida companhia, e disse-lhe, indignado: "Você viu, Oduvaldo, a falta de respeito de Apolônia pelo público? Naquela cena com o Brandão Sobrinho perdeu-se completamente, com um ataque de riso! Isso é imperdoável numa artista que deve respeito aos colegas e ao público!"

Oduvaldo respondeu-lhe, muito simplesmente: "Meu velho, aquela risada que você ouviu e julga ser uma falta é, ao contrário, uma prova do grande talento de Apolônia. Aquela riso ininterrupto, que quase a sufoca é da peça. Está na rubrica do autor. O crítico ficou assombrado e exclamou: "Como se pode ser assim tão natural?"

Apolônia era tão grande no drama como na comédia.

Outro fato digno de nota, é ter sabido envelhecer. Na idade em que algumas de suas colegas ainda pretendiam fazer ingênuas ela se dedicou aos papéis de dama central. Por isso foi grande até quando as fôrças lhe permitiram apresentar-se em público".

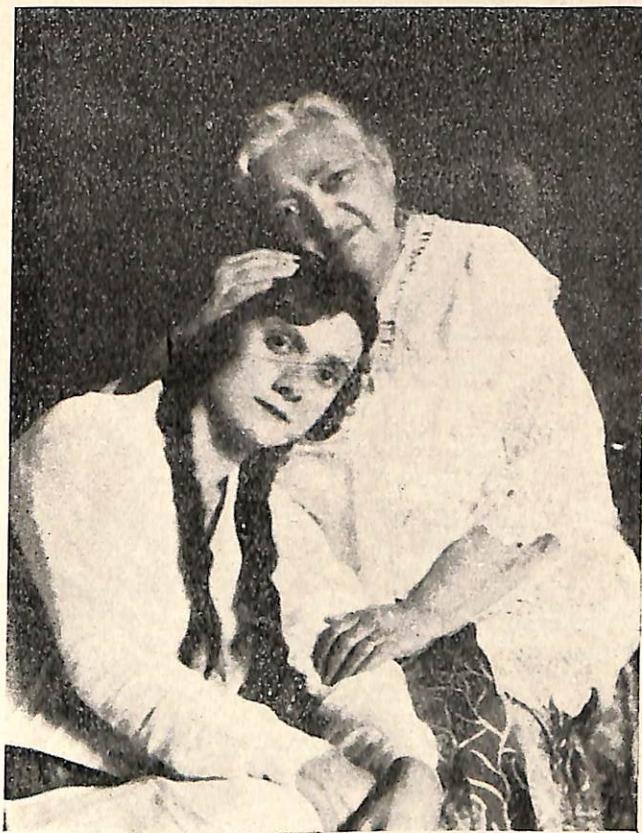
*

* *

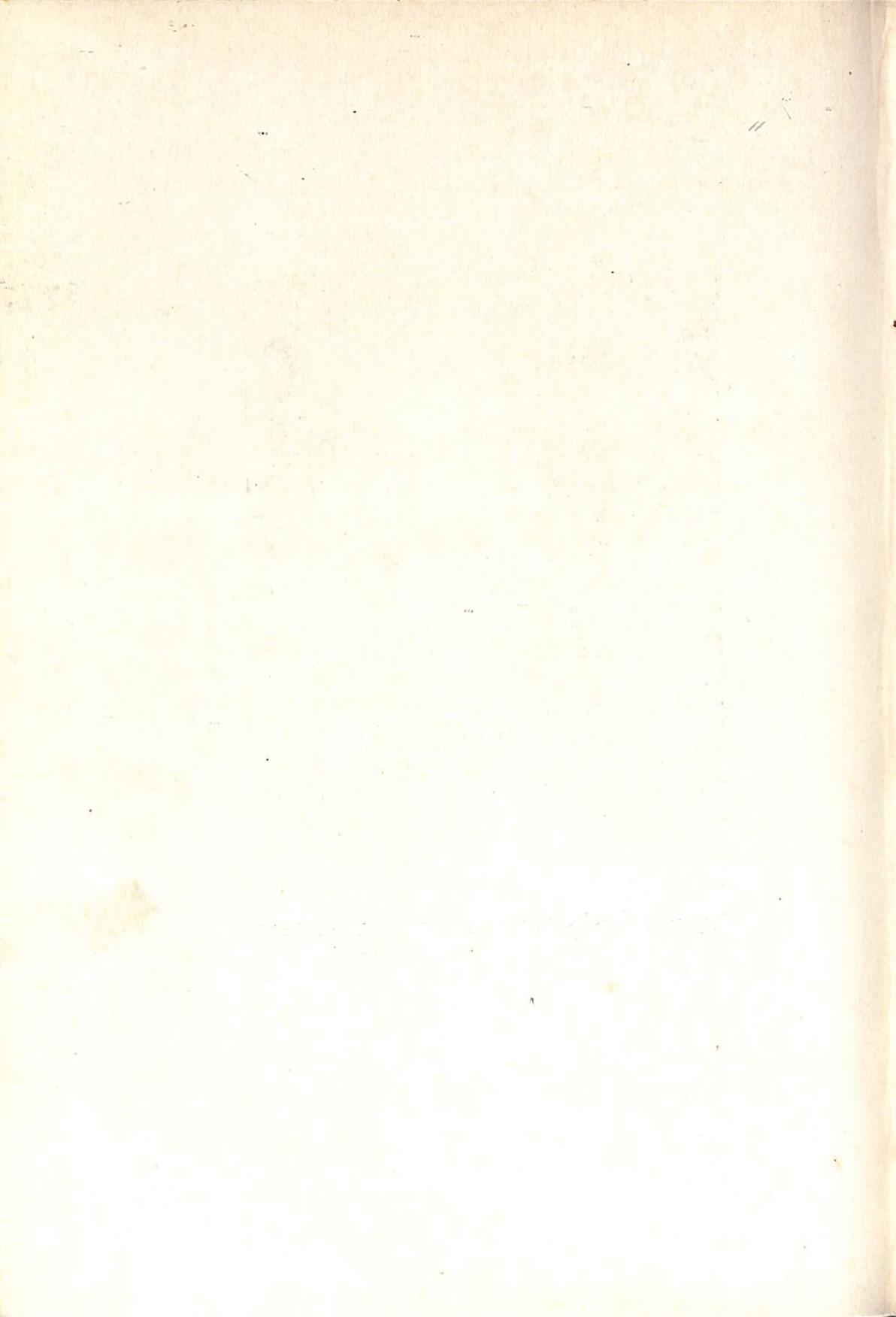
Admitindo que o artista é agraciado pelo dom, capaz de o tornar um ser extraordinário da vida intensa com a aptidão de produzir artisticamente, sem esgotar reservas e sem se deixar ressentir nesse poder de transmutação, nem pela vicissitudes, nem pelos outros fatôres que desencorajariam um ser vulgar, nós veremos na energia de Apolônia Pinto um evidente sintoma do seu excepcional temperamento de artista.

O seu último período de atividades profissionais, do qual não se retirou incapacitada, é uma prova evidente de como suplantava as ultrajes do tempo sobre a condição humana. E tal coisa só é dada aos eleitos.

Empolgando sempre, despertando renovados entusiasmos, Apolônia tinha a mocidade espiritual dos que não se prendem, saudosos ou incapazes, às formas preteridas e nisso podemos encontrar a chave de sua inalterável juventude espiritual.



Apolônia Pinto — Em "Flôres de Sombra", com Amália Capitani, em 1930, no Teatro Fênix



Não eram sómente os humoristas do passado que, no diapasão de louvor, comum à crítica, lhe dedicavam páginas de entusiasmo. Também os humoristas novos se influenciavam pelo sortilégio daquela artista admirável, e Feliciano Ventura (66), com seu fácil humorismo, escreveu sobre a grande atriz :

*“Ó Apolônia Pinto, excelsa artista,
Ante tua grandeza, eu vejo e sinto
Que és maior do que a Rússia bolchevista
E que, perto de ti, a Polônia é ... Pinto.”*

Não diminuía a popularidade de Apolônia. Num sábado de junho, precisou ir até o largo de São Francisco. As ruas estavam cheias de gente ocupada e de outras que apenas andavam pelo centro da cidade por ser dia de movimento.

Apolônia, no seu vestido escuro com penteado despretensioso e chapéu discreto, era a própria imagem daquelas matronas apresentadas no palco, mas nem por isso passava despercebida; confundindo-se com a multidão, a cada passo era reconhecida e cumprimentada com respeito e afeição. Ao passar pela porta da Confeitaria Colombo, um grupo, que conversava, parou a conversação, abrindo alas para lhe dar passagem e, como todos acompanhavam com o olhar a grande artista, um jovem recém-chegado da província, perguntou quem era.

— E' Apolônia Pinto... Respondeu alguém admirado de haver quem a desconhecesse.

Seguiu à resposta uma torrente de elogios àquela atriz admirável; comentaram-se detalhes de suas criações mais recentes quando um velho mundano de flor à lapela interrompeu os mais novos.

— Para maior entusiasmo de vocês, eu gostaria que a tivessem visto como eu vi, tôda ternura com longas tranças na Margarida, de “O Fausto”, engracadíssima, em *travesti*, no Nhô-Nhô; vemente, no drama, fazendo os papéis de Clara e Zoé, completamente diferentes, em “Raça Maldita”; em “As Doutoras”, uma de

(66) Pseudônimo do médico e poeta Fernando Ribamar Viana.

suas grandes criações; à Luiz XV, em "A Avó" com Dias Braga. E fazendo uma pausa, com um sorriso esboçado: Aquilo, sim, vocês deviam ter visto, para não esquecer mais...

Então, um outro, freqüentador das caixas de teatro, passou a contar episódios sôbre Apolônia e personagens relacionadas com ela.

Em torno de sua pessoa circulam, de boca em boca, uma infinidade de anedotas cheias de sabor cômico. Umas autênticas, outras apócrifas como é comum, em se tratando de uma figura popular.

O ator Cândido Nazareth que por mais de uma vez estêve na direção da Casa dos Artistas disse-nos algures, falando de Apolônia, que poucas souberam interpretar tão bem o tipo simpático de mãe brasileira.

Uma atriz não entra para a história da arte por meia dúzia de papéis interpretados. Qualquer aficionado do palco, sob orientação de um bom ensaiador, poderá mostrar-se satisfatòriamente em dois ou três papéis.

Não é o sucesso esporádico nem uma criação isolada que dá entrada na história do teatro.

Uma atriz se faz merecedora da glorificação histórica, na arte teatral, quando marcou o seu nome longamente, em letras de ouro, na evolução cênica ou quando, como Apolônia, influiu decisivamente na literatura teatral do seu tempo e contribuiu com a presença de sua arte, para o aperfeiçoamento dos novos.

A vida artística de Apolônia Pinto marca qualquer coisa mais que simples coleção inumerável de sucessos; tem maior significação para o teatro brasileiro, porque dentre os motivos já apresentados, antes e melhor que outra atriz, trouxe para a consagração cênica o tipo venerável das mães brasileiras.

Evidentemente os seus contemporâneos perceberam o valor da atriz. De outro modo, não lhe teriam confiado as responsabilidades com as quais arcou, nem teriam consagrado e glorificado de maneira singular; as gerações futuras entretanto poderão apreciar mais convenientemente o seu papel na cena brasileira, embora não a tendo visto.

O entusiasmo pela artista não se restringia a um círculo de iniciados.

Não é difícil constatar quão numerosos eram os seus admiradores, em tôdas as camadas: letrados, medianamente ilustrados e os menos esclarecidos, se tornavam seus admiradores, desde que lhes fôsse dada a ventura de vê-la representar.

Da bibliografia sôbre Apolônia Pinto constam elementos suficientes para atestar tudo quanto acabamos de dizer. Desde apreciações de conhecedores do assunto como Lucinda Simões, João Luso, Coelho Neto, Eduardo Vitorino e outros, ao caixeirinho anônimo que reservava do exíguo ordenado o preço do seu ingresso.

A essa altura, diante da imensa popularidade de Apolônia, no passado e no presente, um editor propôs publicar-lhe as memórias. Se ela quisesse, mandar-lhe-ia uma taquigrafa e era só ditar. Apolônia porém recusou-se, alegando não ter dado ainda por encerrada sua carreira.

Mesmo praticamente afastada do palco, não perdia o contacto com as atividades artísticas do Rio nesse sentido; tôdas mereciam sua atenção e, quando De Chocolat fundou a primeira companhia negra de revistas, imediatamente lhe enviou uma mensagem de estímulo.

Tôda aquela energia, capaz de desafiar a eversão da vitalidade, aos setenta e seis anos, não podia ser eviterna. Sobreveio o desgaste das fôrças físicas como não podia deixar de ser, muito embora o espírito e a memória ainda se conservassem em boa forma.

Declinavam as energias e, quando mais precisava de conforto, maiores iam se tornando as dificuldades financeiras.

Várias vêzes apelara para um ou outro amigo, no sentido de ser organizado um festival, em seu benefício, mas as decepções e os desapontamentos se sucediam.

Via crescer as aperturas sem poder dar uma solução eficaz. Em vão Germano procurou uma colocação, depois de perdido o emprêgo que tinha como zelador do teatro República. Ninguém

queria tomar a seu serviço um homem tão idoso, os lugares eram sempre preenchidos pelos mais jovens.

Nos últimos tempos viviam quase exclusivamente do ordenado de Germano e dos proventos de festivais esporádicos. Desde que começaram a faltar estas fontes de renda, o orçamento era cada vez mais exíguo.

A grande atriz Dulcina de Moraes que ocupava o "Teatro Rival", em memorável temporada, costumava dar vesperais dedicadas aos estados e, quando tocou a vez do Maranhão, ali se prestou significativa homenagem a Apolônia Pinto; foi essa a última vez que a eminente atriz pisou um palco, sendo saudada pelo jornalista Reis Perdigão em cena aberta.

Tornou-se penoso o viver dos dois velhos, praticamente sem recursos, devido a uma letra de que foi avalista o Germano, e sem terem a quem recorrer, até que alguns amigos mais chegados, penalizados de ver a grande Apolônia Pinto naquela situação, convenceram os dois a se recolherem aos cuidados da Casa dos Artistas, no Retiro de Jacarepaguá.

Aos poucos foram melhorando de saúde; pelos cuidados recebidos e assistência assídua, foi-se elevando o moral combalido.

Reanimados e refeitos, voltou-lhes a nostalgia do ambiente perdido e, embora nada lhes faltasse, era grande o desejo de sentirem novamente o burborinho da cidade.

Foi nesta altura que o jornalista e crítico teatral José Palhano levantou a idéia de se abrir uma subscrição, no sentido de adquirir uma casa para Apolônia Pinto. A idéia teve enorme repercussão, abriam-se colunas nos jornais e muitos eram os donativos. Logo, nos primeiros dias, a Sra. Gabriela Besanzoni Lage se prontificou a fornecer os tijolos e deu avultada soma; a atriz Otilia Amorim veio de São Paulo trazendo sua contribuição e fazendo uma visita que muito alegrou Apolônia. Assim, a idéia da casa se ia concretizando e tomando vulto. Se nos últimos tempos a fortuna abandonou-a, a Glória não a esqueceu e se traduziu pelo interesse público com respeito à iniciativa de José Palhano, em benefício da veneranda artista cujos cabelos completamente alvos eram como auréola, de beleza nova.

Um dia, sabendo mais detalhadamente das vicissitudes da Casa dos Artistas, Apolônia Pinto não vacilou em passar uma procuração, entregando-lhe umas ações do Banco Português, os valores de mais vulto que possuía.

Diz a sabedoria popular que recordar é viver outra vez. Se é verdade, quantas emoções teria experimentado Apolônia, no vórtice de suas recordações, ao entardecer, no seu quarto modesto do Retiro dos Artistas. Quantos aspectos da brilhante carreira teriam sido revividos, pelo caleidoscópio da imaginação. Pessoas, fatos, lugares, acontecimentos bons e maus, tristes e alegres, tudo teria vindo, num repasse turbilhonante. Quantas passagens, desde muito guardadas no fundo da memória, teriam ressurgido, dando lugar a um sorriso ou a uma lágrima?

Quieta e afastada do centro urbano, Apolônia sempre recebia visitas no Retiro dos Artistas. Muitas vezes visitei-a e dessas visitas surgiu a idéia dêste livro.

Em um domingo, a caravana foi mais numerosa. Fomos juntos: José Palhano, Catulo da Paixão Cearense, Dilu Melo, Guimarães Martins, João de Deus, uma corista, Elói de Castro com a senhora e mais uns dois rapazes. Levavam-se flores e frutas para Apolônia.

Ao chegarmos, recebidos pelo Administrador, cumprimentamos alguns velhos artistas que andavam por ali perto e fomos onde estava Apolônia. A primeira impressão foi de estarmos diante de uma avôzinha, suave e triste. Afável e acolhedora, pouco a pouco se foi animando, até ninguém mais poder tomar palavra porque ela trazia a todos encantados com seu espírito, sua prosa cheia de verve.

Nessa ocasião ouvi de Apolônia o desejo de que por sua morte a coroa de loiros que recebeu quando se comemorou o seu jubileu fosse colocada em um nicho no camarim onde ela nasceu.

Depois de um lanche frugal, descemos ao jardim, e Apolônia, interessando-se por todos e por tudo, sentou-se à sombra de uma acácia. O céu, em tons transparentes de nácar, estava em tôda sua beleza, ao entardecer. Uma rajada mais forte agitou a ramaria e

uma chuva de pétalas veio cair sobre aquêles veneráveis cabelos brancos...

*
* *

Inexorável porém é a velha Parca, e Germano, que andava adoentado, exalou o último suspiro como se estivesse cansado dos reveses que o atormentavam ultimamente.

Foi um quadro comovedor, quando Apolônia, depois de olhar longamente para o corpo inerte de Germano, curvou a cabeça alvinha para dar-lhe um longo e último beijo, colocando entre suas mãos uma saudade roxa, triste como estava sua alma naquela tarde brumosa... (67)

*
* *

Pela manhã, sentava-se junto à janela com sua caixinha de costuras, colocava os óculos e ficava cerzindo algumas peças de roupa. De vez em quando acudia-lhe alguma lembrança, parava a costura e com o olhar no infinito rememorava, perdida no poliorama da memória. Eram êsses agora os seus melhores momentos.

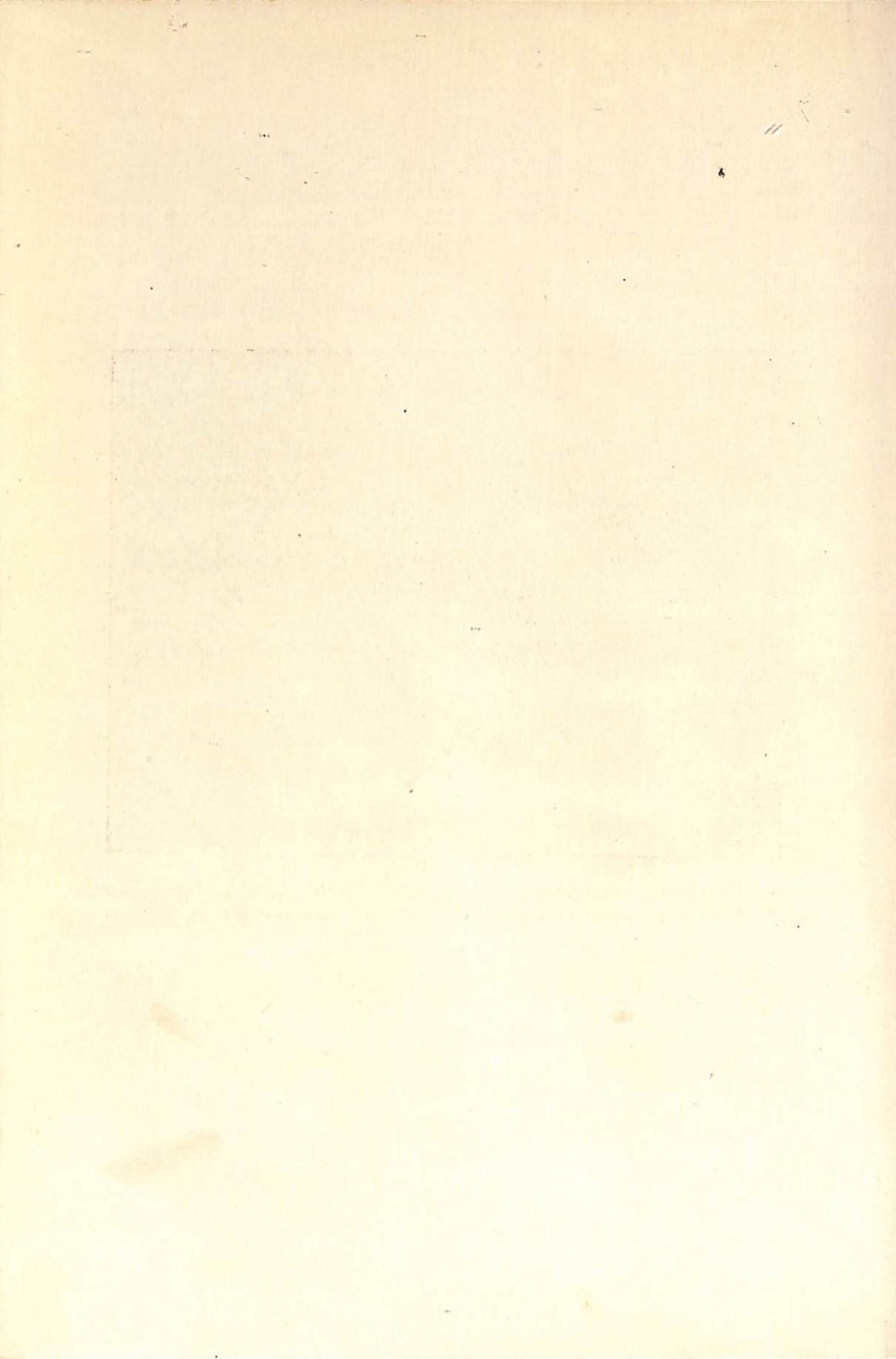
Nesses instantes de êxtase, a brisa soprando de leve, agitava-lhe os cabelos alvos como as nuvens distantes enquanto os pássaros iam, adejando em chilros que ela não ouvia... Parecia até que aquelas avezinhas tinham aprendido a conhecer a velhinha simpática, de fisionomia suave como avôzinha que se beija com saudade prévia.

No dia em que Apolônia completou oitenta e três anos, recebeu uma mensagem de aprêço e admiração, assinada por escritores e artistas de tôdas as companhias em atividade no Rio de Janeiro. Ao receber o pergaminho com artística iluminura e escrito em caracteres góticos, depois dos têrmos do texto, passou a ler as assinaturas que eram as seguintes: Vicente Celestino, Lu Marival, Catulo da Paixão Cearense, Procópio Ferreira, Amadeu Celestino, Lígia Sarmento, Jaime Costa, Arlindo Costa, Idameneu Alexan-

(67) Germano Alves faleceu a 29-XI-1936.



Apolônia Pinto, num instantâneo tomado quando já estava no Retiro dos Artistas, pelo qual se pode apreciar a expressiva máscara da atriz



drino dos Reis, Osvaldo Louzada, Luiza Nazareth, Cesar Ladeira, Barnabé Campos, Eduardo Vieira, Janes Heins, Herbert Moses, Osvaldo Paixão, Antônio Ribeiro, R. L. de Bastos, Vitor de Sá, M. L. de Magalhães, Renato Travassos, Vera Maia, Gastão Pereira da Silva, Rodolfo Mayer, Aldemirando Reis, Edgard Evangelista, J. J. Costa, José Janssen, Durval de Magalhães, Francisco Dias Fortes, Dalila Carvalho, Nelson F. da Costa, Cora Costa, Nelma Costa, Atilio Milano, Arthur Sanchez, José J. Venery, Custódio Mesquita, Zilka Sallaberry, Carolina Braga, Manoelino Teixeira, Palmeirim Silva, Durval Magalhães Lima, Elói Cordeiro, Antônio Gaspar, Pedro Celestino, Hamilcar Láuria Coelho, Franklin da Costa, Alberto Nunes Filho, Elói de Castro, Idamerim Alexandre dos Reis, Reis Perdigão, Henrique Gonzalez, Manoel Machado, Rui de Freitas e outros.

Muitos daqueles nomes lhe eram desconhecidos, outros porém estavam ligados às suas últimas interpretações e ela, com a cabeça pendida, foi sentindo os olhos marejarem-se, até não poder mais ler, e sentir deslizarem pelos sulcos das rugas duas lágrimas cristalinas.

Mais forte então lhe vieram as saudades do palco e o desejo de rever os teatros onde tantos louvores havia conquistado, e deixou-se ficar longo tempo esquecida de si mesma com o olhar distante.

Agora, para ela, a vida era só recordação.

Uma longa vida e um dilatado período de atividades artísticas aproximavam-se do fim. Quanta coisa sucedeu, quanta transformação operada na arte e na rotina da vida civilizada. Técnicas insuspeitadas tornaram-se indispensáveis, dentro desse período. Vulgarizou-se o uso da eletricidade, inventou-se o motor a gasolina, aperfeiçoou-se o uso da máquina a vapor, surgiram e entraram para o rol das necessidades o telefone, o automóvel, a aviação, o rádio e tantas coisas que antes seriam classificadas de fantasias impossíveis, como relegar para plano quase secundário a bravura da infantaria, em face dos novos engenhos das últimas guerras. Castas poderosas como a nobreza perdiam cada vez mais a sua influência e situação privilegiada.

Tudo isso sucedeu e Apolônia continuou incólume, como se fôsse inatingível, resistindo com sua arte à renovação dos elencos, ao fulgor ofuscante de meteoros que luziam extraordinariamente e logo desapareciam dos meios teatrais. Das peças em cinco e seis atos, às de três. Do espetáculo completo, único por noite, ao teatro por seções. É que sua arte tinha a essência divina das perfeições atingidas pela espécie humana.

Não lhe faltaram motivos capazes de desanimar, nem mesmo os prognósticos de um anulamento total quando se manifestou a surdez, mas nada disso a demovia de sua convicção, de sua consciência profissional e continuava no passo tranqüilo e firme, pela senda luminosa da glória.

Pelos acontecimentos que vimos, quando a hipostenia dominou aquela natureza privilegiada, levou a térmo uma das vidas mais preciosas para o teatro brasileiro e para nossos foros de cultura, mas soaram as trombetas da Glória, para o epínicio e a consagração a que fêz jus, por seus feitos.

Aquêle grande coração já tinha sofrido muitas emoções e as últimas cutiladas lhe haviam consumido o resto de energias. Cada vez mais esgotadas, pela idade, e pelos reveses, era esperado o desfecho, a qualquer momento.

A 24 de novembro de 1937 expirou Apolônia Pinto, no seu leito solitário do Retiro dos Artistas, onde não lhe faltaram os últimos cuidados.

Silenciou uma das vozes mais preciosas do nosso teatro dramático e imobilizou-se a mímica tantas vêzes aplaudida.

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em sessão de 27 de novembro de 1937, prestou à memória de Apolônia Pinto várias homenagens e fêz inserir em ata um voto de profundo pesar, e o Senhor Paulo de Magalhães, presidente em exercício, ocupando o microfone da "Rádio Mayrink Veiga", disse o seguinte:

"Um grande laço de crepe encima a bôca de cena do Teatro Brasileiro.

O pano desceu sôbre a vida de Apolônia Pinto cuja carreira artística foi uma permanente salva de palmas.

E quando alguém perguntar pelos maiores Artistas brasileiros
a Glória responderá:

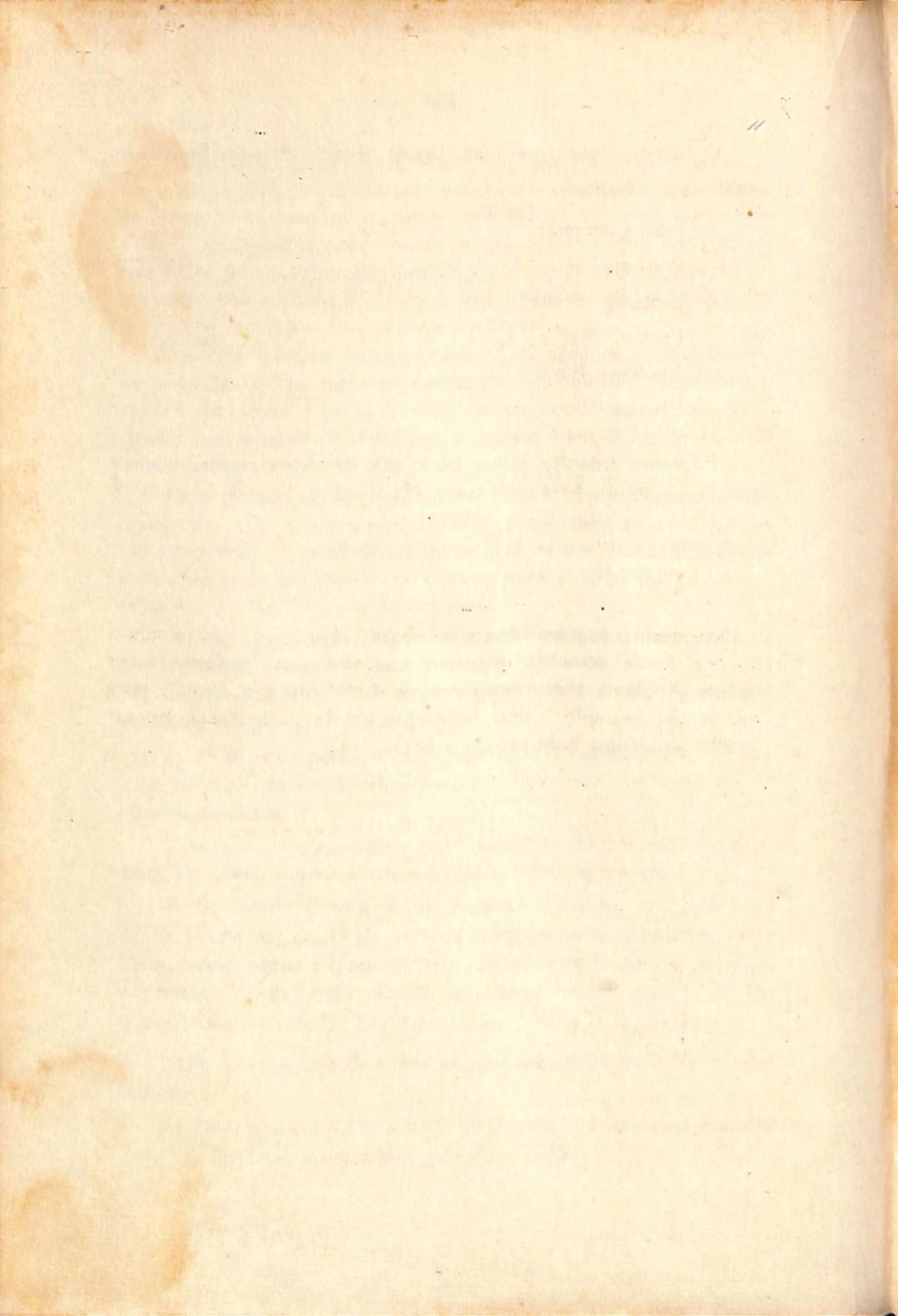
— João Caetano !
— Presente !
— Leopoldo Fróes !
— Presente !
— Apolônia Pinto !
— Presente !

Fazemos ardentes votos para que das suas cinzas, renasça
uma nova Fênix para o Teatro Nacional".

*

* * *

Fica nestas páginas despretensiosas algo para os amantes
do teatro, de gerações que não a conheceram, poderem saber
quanto Apolônia Pinto enriqueceu e dignificou sua Arte, e para
que o seu exemplo, como farol iluminando à distância, oriente
aqueles dos quais tudo espera a nossa cena.



TEATROS E EMPRÉSAS EM QUE ATUOU
APOLÔNIA PINTO

<i>Ano</i>	<i>Teatro</i>	<i>Empréesa</i>
1870/71	Teatro S. Luís	Furtado Coelho
1871	S. Pedro de Alcântara	Germano Oliveira
1871	Ginásio Dramático	Ismênia dos Santos
1872	Teatro S. Luís	Furtado Coelho
1872	Fênix Dramática	Jacinto Heller
1872	Teatro Ginásio	J. Vale
1873	Teatro Ginásio	F. S. Bricio
1873	Teatro S. Luís	Vitorino Rosa
1873	Teatro Ginásio	Vitorino Rosa
1873/74	Fênix Dramática	Jacinto Heller
1874	Fênix Dramática	Ator Martins
1875	Teatro Vaudeville	Ator Martins
1875	Teatro S. Padro de Alcântara	Ator Martins
1875	Teatro S. Padro de Alcântara	G. da Silveira
1875/76	Teatro D. Pedro II	J. A. Vale
1876	Teatro Fênix Dramática	J. Heller
1876	Teatro Fênix Dramática	Ator Vasquez
1877	Teatro S. Luís	Ismênia dos Santos
1877	Teatro S. Luís	J. A. Vale
1878	Teatro Cassino	Furtado Coelho
1878	Teatro Ginásio	Furtado Coelho
1879/80	Excursão ao Norte	Empresária
1881	Teatro Príncipe Imperial	Empréesa Dramática
1881	Teatro S. Luis	Ismênia dos Santos
1881	Teatro Sant'Ana	Ismênia dos Santos
1882	Teatro Fênix Dramática	Ator Tôrres
1882	Teatro Lucinda	Empresária
1882	Teatro Lucinda	Ator Tôrres
1883	Teatro S. Luís	Empresária
1885	Teatro Lucinda	Furtado Coelho
1890	Teatro Lucinda	J. Heller.
	Teatro Sant'Ana	

1890	Teatro Recreio Dramático	Dias Braga
1890	Teatro Lucinda	Furtado Coelho
1891	Teatro Apolo	Dias Braga
1892/94	Teatro Recreio Dramático	Dias Braga
1895/96	— Excursão ao Sul	Empresária
1896/98	— Excursão ao Norte	Empresária
1899	— Excursão ao Sul	Empresária
1905	Águia de Ouro (Pôrto) Ginásio (Lisboa)	Ator Valle
1908/10	Excursão pelo Brasil	Germano & Oliveira
1910	El-Dourado (Pôrto Alegre) São Pedro (Pôrto Alegre)	Germano & Joaquim Oliveira
	Excursão	Germano & Joaquim Oliveira
1916	Teatro da Natureza	Alexandre Azevedo, Cristiano de Sousa e Luis Galhardo
1917-1920	Trianon	Cia. Leopoldo Fróes
1920	Trianon	Cia. Alexandre Azevedo
1920-1922	Trianon	Viriato, Vigiani & Cia.
1923	Excursão pelo Brasil, Uruguai e Argentina	Cia. Abigail Maia
1924	Trianon	Cia. Abigail Maia
1925	Teatro São Paulo	Cia. Palmerim Silva
1925	Interior de São Paulo	Cia. Palmerim Silva
1925	Brás-Politeama (S. Paulo)	Cia. Palmerim Silva
1925	São Pedro	Cia. Palmerim Silva
1925	Interior de São Paulo	Cia. Palmerim Silva
1925	Teatro Apolo	Cia. Palmerim Silva
1925	Excursão	Cia. Palmerim Silva
1925	Teatro Municipal, Rio	Cia. Carmem de Azevedo e Palmerim Silva
1925	Teatro Rialto	Cia. Carmem de Azevedo e Palmerim Silva
1926	Friburgo	Cia. Carmem de Azevedo e Palmerim Silva

PEÇAS NAS QUAIS ATUOU APOLÔNIA PINTO

- "As Ciganas de Paris".
"A Morgadinha do Val Flor" — drama de Pinheiro Chagas.
"Heloisa e Abeylard".
"Os Solteirões" — comédia em 5 atos de Vitorien Sardou.
"O Jogo de libras" — drama em 4 atos, adaptação de Joaquim Serra.
"Os Filhos do Capitão Grant" — drama de Jules Verne e Demnery.
"Berta de Castigo" — comédia musicada em 1 ato.
"Susana".
"Pecadora ou Mãe Arrependida" — drama em 5 atos de Ernesto Biester.
"Noites da Índia" — drama de Demnery.
"Trunfo às Avessas" — Opereta de França Junior, música de H. Mesquita.
"O Telégrafo Elétrico" — comédia musicada por Carlos Gomes.
"Cinqüenta Contos" — comédia em 5 atos de Augusto de Castro.
"O Ultraíze" — drama em 5 atos.
"A Tentação de Satanás" — drama em 5 atos.
"O Milagre de N. S. de Nazareth" — lenda religiosa em 5 atos.
"Os Homens de Mármore".
"O Fausto" — drama de Demnery com prólogo, 11 quadros, adaptação de G. Gutierrez da Silva.
"A Cauda do Diabo" — comédia em 3 atos com música.
"Nossas aliadas" — comédia em 3 atos.
"A pêra de Satanás" — mágica em 22 quadros de E. Garrido e Furtado Coelho.
"Os três chapéus" — comédia em 3 atos de L. Hennequin, tradução de Augusto de Castro.
"A filha de Maria Angu" — paródia de "As filhas de Mme. Angot", por Arthur Azevedo.
"O desfalque" — comédia em 3 atos de J. Piza e Arthur Gusmão.
"Demi-monde" — drama em 5 atos de A. Dumas Filho.
"A Princesa George" — drama em 3 atos, de A. Dumas Filho.

- "Vaz Teles & Cia." — adaptação de "Gravau Minard & Cia.", de Sardou
tradução por Augusto de Castro.
- "O fechamento das portas", de Augusto de Castro.
- "O nono mandamento" — trad. de "Les femmes des voisins", de Sardou, trad.
de A. Castro.
- "A Rainha Cinolina" — opereta em 3 atos.
- "Aventuras de um viajante" — comédia.
- "Mulheres do mercado" — tradução de "Mes dames de la hale" por Joaquim
Serra.
- "As duas órfãs" — drama em 5 atos de Demmery.
- "Defeito de familia" — H. de Mesquita.
- "As entrevistas noturnas" — comédia musicada em 1 ato de A. Araujo.
- "A saloia" — drama em 4 atos.
- "O poder do ouro" — drama em 4 atos de Dias Guimarães.
- "Orfeu na roça" — parodia de "Orfée aux enfers" pelo ator Vasques.
- "Ninhada de meu sôgro" — comédia em 3 atos de A. de Castro.
- "Moços velhos" — comédia em 3 atos de Rangel Lima.
- "Curar por informações" — comédia em 1 ato.
- "Santinha do pau carunchoso" — comédia em 3 atos de José Maria Cunha
Moniz.
- "A tia Maria" — comédia em 2 atos.
- "Como se conhece o vilão" — comédia em 3 atos de Rangel Lima.
- "As mexicanas" — comédia musicada em 2 atos.
- "O urso azul" — 2 atos de E. Garrido, música de Ciriaco Cardoso.
- "Esperteza de rato" — comédia em um ato do repertório do ator Vale.
- "A espadelada" — comédia em 1 ato de Costa Lima.
- "Filha do mar" — drama de Lucotte.
- "Mestre Jerônimo" — comédia-drama de Rangel Lima e A. Abranches.
- "Honra e glória" — drama em 3 atos.
- "Amor londrino" — comédia.
- "Helena" — comédia em 5 atos de Pinheiro Chagas.
- "O conde Monte Cristo" — drama, 5 atos, do romance de A. Damas Par.
- "O anjo da meia noite" — drama.
- "Estranguladoras de Paris" — drama.
- "O palhaço" — drama em 5 atos de Demmery.
- "O badejo" — comédia em 3 atos de Arthur Azevedo.
- "Filha única" — drama em 5 atos de Dr. Teobaldo Ciconi.
- "Brasileiros e portuguêses" — drama em 5 atos.

- “Casadinha de fresco” — comédia, tradução de “La petite mariée” de Letervier e A. Vanloo, tradução de Arthur Azevedo.
- “Mané Côco” — comédia em 1 ato.
- “Joana do Arco” — Ópera burlesca, 3 atos de Alfredo Ataíde, música de G. Cardim.
- “Os apóstolos do bem” — drama em 5 atos e 6 quadros de E. Sonnestre e E. Bourgoin, tradução do ator Amoêdo.
- “A varina” — comédia em 5 atos de Fernando Caldeira com música.
- “Estátua de carne” — drama com 1 prólogo em 5 atos.
- “A mocidade de Figaro” — comédia em 3 atos de V. Sardou, trad. de E. Garrido.
- “A condessa de Sannecey” — drama em 3 atos de Macêdo.
- “Mel e Fel” — comédia em 1 ato de Mendes Leal.
- “Cavaleiros do nevoeiro” — drama em 5 atos e 10 quadros.
- “Pedro Sem que muito teve e agora não tem” — drama com 1 prólogo e 5 atos de Luiz Antonio Bourgoin.
- “Senhora Aubert” — drama em 4 atos de Edouard Plouvier, trad. de Visconti Coaracy.
- “A batalha das damas” — comédia em 3 atos.
- “A doída de Montmayour” — drama em 5 atos de Anicet Bourgeois e Miduo Masson.
- “Amôres de Paris”.
- “O Mudo” — comédia musicada de Maurício.
- “O espectro ou a caverna da morte” — drama em 1 prólogo, 4 atos de M. Martins Lourenço.
- “Os últimos momentos do tirano Lopez” — apoteose em 2 atos de A. Pinto Páca.
- “Os homens que riem” — drama de Cesar Lacerdão.
- “O vigário de Warkelfield” — drama em 5 atos de E. Nus e Tesserat, trad. de M. Zagallo.
- “Eva” — drama em 3 atos, trad. de P. Guimarães.
- “Mestre Francisco” — comédia em 1 ato.
- “Generosidade de um português” — drama em 4 atos de Amaro Malaquias.
- “As duas pragas” — drama de costumes em 5 atos de França Junior.
- “Elixir dos namorados” — comédia em 1 ato.
- “Casamento do descasca milho” — comédia musicada em 1 ato.
- “Os íntimos” — drama em 4 atos de V. Sardou, trad. de Mário Pena.
- “A honra de um taverneiro” — drama do ator Vasques.
- “Os campônios”

- "O amor e o diabo" — mágica em 3 atos e 9 quadros, musicada.
- "Uma mulher por duas horas" — comédia.
- "Otelo, o tocador de realejo" — paródia ao "Otelo".
- "Um rei feito a fôrça" — comédia em 2 atos.
- "O armário diabólico" — comédia em 2 atos.
- "O novo Orfeu nos infernos" — ópera mitológica, 4 atos de E. Garrido.
- "Inglêses na costa" — comédia de França Junior.
- "São Torquato".
- "O Jovem Telêmaco" — E. Garrido.
- "A princesa dos cabelos de ouro".
- "Cartouche ou o rei dos ladrões" — drama musicado de E. Garrido.
- "A mocidade do rei Henrique" — adaptação do romance de Ponsom du Terrail por Mendonça Ferreira, música de Ciriaco Cardoso.
- "Estréla do norte ou D. Pedro, Imperador da Rússia" — comédia drama militar em 3 atos com música de Ciriaco Cardoso.
- "Risos e prantos" — drama.
- "União Ibérica" — comédia musicada.
- "A grand Duquesa de Gerolstein" — ópera burlesca de Ofembach, em 3 atos e 4 quadros, tradução de E. Garrido.
- "Os três amôres" — drama de costumes em 4 atos de L. A. Bourgain.
- "O pacto infernal" — drama de Honoré de Balzac, trad. de E. Garrido.
- "A cauda do Diabo" — comédia em 3 atos A. Castro.
- "Risos e prantos" — comédia drama 5 atos de Augusto de Castro.
- "O viveiro de Frei Anselmo" — ópera cômica em 1 ato.
- "O marido da doida" — drama.
- "Ali-Babá" — drama de Demnery inspirado nos Contos das Mil e Uma Noites, musicado por H. de Mesquita.
- "Lágrimas de Maria".
- "Cosimo, o principe caiador".
- "A estrangeira" — drama em 3 atos de Dumas Filho.
- "Os apóstolos do bem" — drama em 5 atos e 6 quadros de E. Sennestre e E. Bourgeois, tradução do ator Amoêdo.
- "Por causa dos festejos reais" — comédia em 1 ato (alusiva à coroação de D. Pedro II).
- "A pobreza envergonhada" — drama em 5 atos de Mendes Leal.
- "O correio de Lyon".
- "O correio do Czar".
- "O bom anjo da meia-noite" — drama.

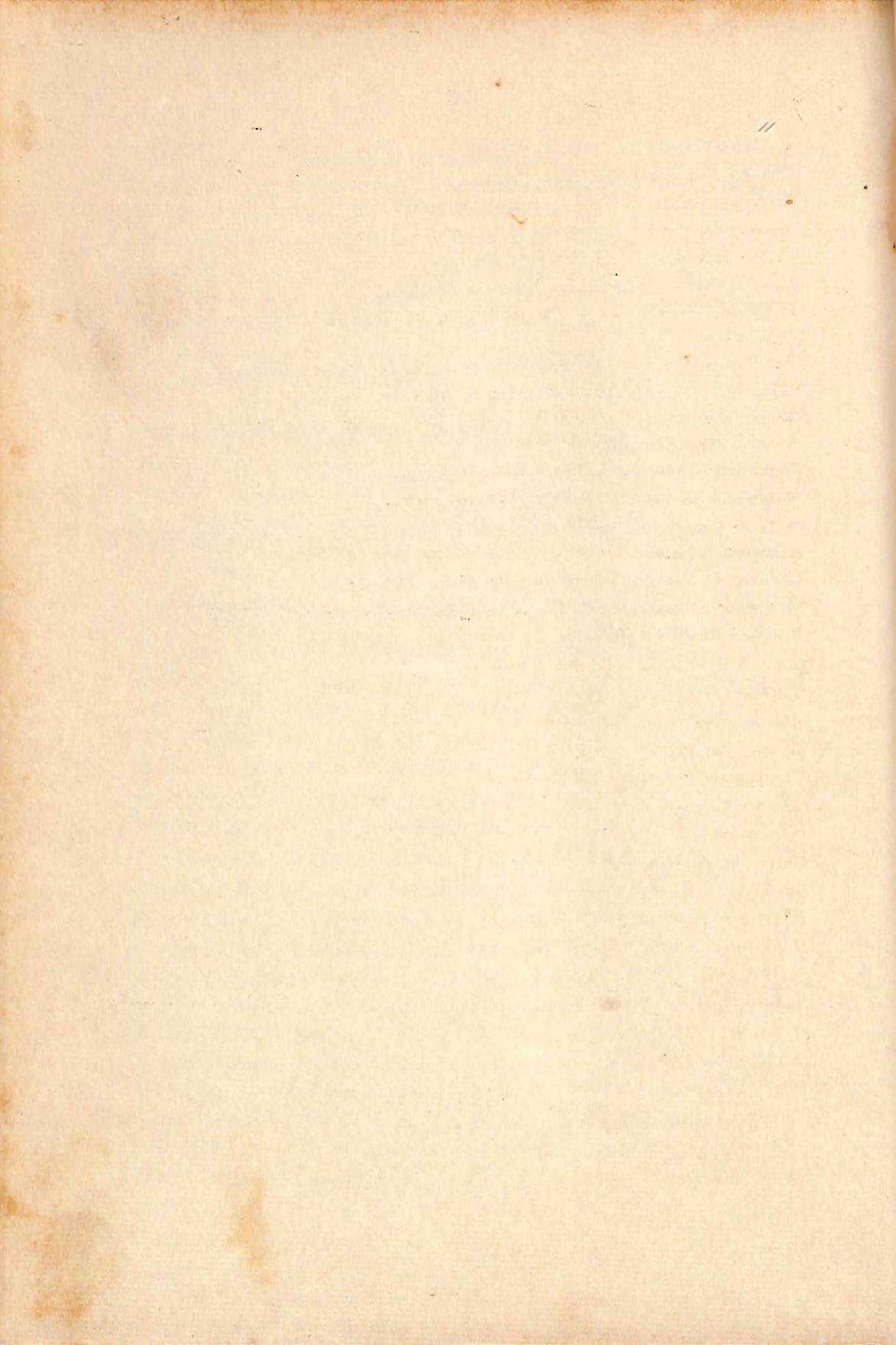
- "Viagem à volta do mundo em 80 dias" — Jules Verne e Demnery.
- "O primo Basilio" — adaptação do romance de Eça de Queiroz por Cardoso de Menezes.
- "Kean" — drama em 5 atos e 6 quadros de Alexandre Dumas pai.
- "O romance de um moço pobre" — drama em 5 atos de Octave Feuillet.
- "O Remorso vivo" — drama por Vieira de Castro, Joaquim Serra, Machado de Assis, Ferreira de Menezes e Furtado Coelho.
- "Os dominós côn de rosa" — comédia em 3 atos tradução de E. Garrido.
- "Os saltimbancos" — drama em 5 atos de A. Ennes.
- "O outro sexo".
- "A bôca do inferno" — drama.
- "A família Danicheff" — drama de Pedro Newski.
- "O homem de palha" — comédia em 3 atos de A. Valabregue, tradução de Figueiredo Coimbra.
- "Dr. Josefino Bichard" — comédia em 3 atos, tradução de Figueiredo Coimbra.
- "Sganarello" — comédia em versos de Molliére, trad. de Arthur Azevedo.
- "Nhô-Nhô" — comédia em 3 atos de Hennequim e Najac. trad. de Arthur Azevedo.
- "Ir buscar lá..." — comédia em 1 ato.
- "As pupilas do Senhor Reitor" — drama em 5 atos e 7 quadros, de Ernesto Biester.
- "A Taberna" — drama em 5 atos, extraído do romance de E. Zola por Busnach e Gastineau, trad. de Ferreira de Araújo.
- "Filha do mar" — drama em 5 atos de Leon Lucotte.
- "Uma causa célebre" — 1 prólogo, 4 atos e 6 quadros de Demnery, tradução de Pinheiro Chagas.
- "O engraxate" — drama em versos de Soares de Souza Junior.
- "Pra obsequiar o meu amigo" — drama.
- "A cruz vermelha" — drama fantástico com prólogo em 5 atos.
- "O Gigante Golias" — drama.
- "Paulo e Virgínia" — drama em 4 atos e 5 quadros, do romance de Bertrand de Saint Pierre.
- "O matricida" — drama em 5 atos, 7 quadros de A. Bilot e Dautin.
- "Os herdeiros de Caim" — drama em 5 atos e 6 quadros de Demnery.
- "O homem de palha" — comédia em 3 atos de Velabregue, trad. de Figueiredo Coimbra.
- "A cabana do Tio Tomás" — drama de Demnery.

- “O beijo de ‘Satanás’” — mágica em 5 atos e 10 quadros de J. A. Muniz,
música de Alvarenga.
- “Os vagabundos de Paris” — drama em 5 atos de Demnery.
- “Helena” — drama de Pinheiro Chagas.
- “Um drama em alto-mar” — drama de J. Manuz e Alvarenga.
- “Sogra... nem pintada” — comédia de Bayard.
- “O cadastro da polícia” — drama de Léon Goseon.
- “A casta Susana” — comédia.
- “Os salteadores de Paris” — drama.
- “As doutoras” — comédia em 4 atos de França Junior.
- “Espôso e Juiz” — drama em 5 atos de Jules de Mertgold, tradução de
Achiles Varejão.
- “A Faísca” — comédia.
- “O Crime do padre Amaro” — adaptação do romance de Eça de Queiroz.
- “Os mistérios do convento” — drama de Navarro de Andrade.
- “Os melros brancos” — *pochade* de Chivot e Durut, trad. de Joaquim
Serra.
- “Os enjeitados” — drama em 4 atos de Antônio Ennes.
- “A cruz da morta” — drama em 5 atos e 7 quadros.
- “Fé, esperança e caridade” — drama em 5 atos de M. Rosier.
- “A avó” — drama em 5 atos e 6 quadros de Demnery.
- “O olho do gato” — drama policial em 5 atos e 13 quadros de Xavier de
Montepin e Jules Darney, trad. de Figueiredo Coimbra.
- “O drama do povo” — drama em 5 atos de Pinheiros Chagas.
- “O comissário de polícia” — comédia em 4 atos de Gersásio Lobato.
- “O remorso vivo” — drama fantástico em 1 prólogo, 4 atos e 8 quadros
e apoteose de Joaquim Serra, Furtado Coelho, Machado de Assis, mú-
sica de A. Napoleão.
- “A Cavalaria Rústicana” — drama de G. Verga em tradução de Filinto de
Almeida.
- “Dalila” — drama em 5 atos de Octave Feuillet.
- “O Grand-Geleoto” — drama em versos de Echegaray, trad. de Valentin Ma-
galhães e Filinto de Almeida.
- “D. Sebastião, Rei de Portugal” — drama histórico em 5 atos de Luiz Gual-
tieri e Antonio Scalvini.
- “A honra dos operários” — drama em 3 atos de Ernesto Biester.
- “Guerra às mulheres” — comédia em 1 ato de Alfredo Olindense.
- “A polícia negra” — drama em 5 atos de Demnery.

- "Mariana, a vivandeira do 32" — drama em 5 atos de Anicet Bourgeois, trad. de Furtado Coelho.
- "A Botija"
- "Uma noite perdida" — drama pelo ator Moniz.
- "Os ladrões do mar" — drama marítimo em 5 atos com música de José Romano.
- "Papai" — comédia em 3 atos de Eugenio Leterlier e Vanloon.
- "Amor de perdição" — drama em 5 atos, do romance de Camilo Castelo Branco.
- "A mártir" — drama em 5 atos de Demnery.
- "Os mistérios de Paris" — drama em 5 anos de Demnery.
- "A Tosca" — drama de Vitorien Sardou.
- "A Lagartixa" — *vaudeville*, de George Fedéau.
- "Mulher e Mãe" — drama de Eudoro Berlink.
- "O Pescador de Baleias" — drama.
- "Amor e Ovos" — *vaudeville* de Gastão Tojeiro.
- "Amor e Ódio" — drama.
- "A Mão Negra" — drama-policial.
- "As Alegrias do Lar" — *vaudeville* de Eduardo Garrido.
- "Amanhã" — drama socialista.
- "A Revolta do Minas Gerais" — episódio cômico, 1 ato de Carlos Cavaco.
- "Antígona" — tragédia de Sófocles, tradução de Carlos Maul.
- "Orestes" — tragédia de Eurípedes.
- "Delicioso Casamento" — comédia, 3 atos de Sacha Guitry.
- "Flôres de Sombra" — comédia, 3 atos de Cláudio de Sousa.
- "Nelly Rosier" — comédia, 3 atos de Henequin & Bilhaud.
- "A Ceia dos Cardeais" — comédia, 1 ato de Júlio Dantas.
- "As Velhinhas" — comédia, 1 ato de Oscar Guanabarino.
- "Adeus Mocidade" — comédia, 3 atos de N. Oxila.
- "A Bisbilhoteira" — comédia, de Schvalback.
- "Beijo nas Trevas" — *grand-guignol* de Maurice Leves, tradução de E. Wanderinger.
- "O Cordão" — burleta de Artur Azevedo.
- "O Simpático Jeremias" — sátira de Gastão Tojeiro.
- "Outono e Primavera" — comédia de Cláudio de Sousa.
- "No Tempo Antigo" — comédia, 3 atos de Antonio Guimarães.
- "O Coração Manda" — comédia.
- "Eu arranjo tudo" — comédia, 3 atos de Cláudio de Sousa.
- "O Homem das Mangas" — *vaudeville*.
- "Nas Águas..." — comédia de Carlos Bittencourt e Lui Palmerim.

- "Dois a Zero" — comédia de Cardoso de Menezes.
- "Genro de Muitas Sogras" — comédia de Artur Azevedo e M. Sampaio.
- "A Idéia Ideal" — comédia de Paul Gavault.
- "Mulheres Nervosas" — comédia, 1 ato de Brum & Foche.
- "Rivais de George Walsh" — comédia, 3 atos de Gastão Tojeiro.
- "Um Filho da América" — comédia, 3 atos de P. Weber e M. Gebillon.
- "Véspera de Reis" — comédia, 1 ato de Artur Azevedo.
- "Tipos de atualidade" — comédia de França Junior.
- "Os Maridos da Viúva" — comédia.
- "A Viuvinha do Cinema" — comédia.
- "Nossa Terra" — comédia, 3 atos de Abadie Faria Rosa.
- "O Marido de minha Noiva" — peça espanhola, adaptada por Rego Barros.
- "Jangada" — comédia, 3 atos de Cláudio de Sousa.
- "Longe dos Olhos" — comédia, 3 atos de Abadie Faria Rosa.
- "Pisa Flôres" — *vaudeville* de André Sylvan e Jean Gascagne, tradução de G. Tojeiro.
- "O Coração Manda" — comédia de Francis Croisset, tradução de Antonio Guimarães.
- "Os Sonhos do Teodoro" — comédia, 3 atos de Gastão Tojeiro.
- "Tinha de Ser" — comédia, 3 atos de Mario Magalhães e Mário Domingues.
- "Nossos papás" — comédia, 3 atos de Ribeiro Couto.
- "Onde Canta o Sabiá" — comédia, 3 atos de Gastão Tojeiro.
- "O Pomo de discórdia" — comédia de Miguel Santos.
- "O Demônio Familiar" — comédia de José de Alencar.
- "A Linda Gaby" — comédia de Heitor Modesto.
- "O Ministro do Supremo" — comédia em 3 atos de Armando Gonzaga.
- "Levada da Breca" — comédia, 3 atos de Abadie Faria Rosa.
- "A Boa Mamãe" — comédia em 3 atos de Heitor Modesto.
- "Gente de Hoje" — comédia, 3 atos de Heitor Modesto.
- "A Vida é um Sonho" — 3 atos de Oduvaldo Viana.
- "1830" — comédia em versos de Paulo Gonçalves.
- "A Casa do Tio Pedro" — de Oduvaldo Viana.
- "Terra Natal" — comédia de Oduvaldo Viana.
- "Nossa Gente" — comédia de Viriato Corrêa.
- "Vocês Acabam Casando" — comédia de Serra Pinto e Luis Drumond.
- "O Pomo da Discórdia" — Miguel Santos e Antonio Lamego.
- "Modesto Filomeno" — Gastão Tojeiro.

- “A Cadeira n.º 13” — peça americana.
“Chá do Sabugueiro” — Raul Pederneira.
“O Amigo da Paz” — de Armando Gonzaga.
“A Querida Vovô” — Antonio Guimarães.
“O Tio Salvador” — de Armando Gonzaga.
“Em Família” — comédia de Florêncio Sanches.
“O Grande Prêmio” — de R. da Rosa e A. Discepolo, tradução de Simões Coelho.
“Pai Postiço” — comédia espanhola, tradução de Antonio Guimarães.
“Dona Iaiá” — comédia de Euclides de Andrade.
“As meninas Simões” (Las da Barranco) por Gregorio de la Ferrère, tradução de Danton Vampré.
“Intrigas da Oposição” — comédia de Henrique Orciuoli.
“A Vizinha do lado” — comédia de André Brum.
“Vida de Príncipe” — peça, 3 atos, de J. Festini e A. Malfatti, adaptação de Louro Lima.
“O Livro do Homem” — comédia de Abdon Milanês.
“Teu amor e uma cabana...” — sainete de Alberto Novion, tradução e adaptação de Reis Perdigão.



BIBLIOGRAFIA

- Livro de Prata* — Coelho Neto.
Atores de outras eras — Lafayete Silva.
Atores e atrizes — Eduardo Vitorino.
Figuras de Teatro — Lafayete Silva.
História do Teatro Brasileiro — Lafayete Silva.
O Teatro no Brasil — Mucio Paixão.
História do Teatro Brasileiro — Carlos Sussekind de Mendonça.
Colunas da Noite — Filinto da Almeida.
Memórias — Lucinda Simões.
Espírito Alheio — Mucio da Paixão.
Carteira do Artista — Souza Bastos.
Galeria Teatral — Visconti Coaracy.
Alguns aspectos do Teatro Carioca — Mucio da Paixão.
Assim falou Pólidoro — João Luso.
Trinta anos de teatro — Rego Barros.
Doentes Célebres — Gastão Pereira da Silva.
Números de:
Gazeta de Notícias
Jornal do Comércio
A Semana Teatral — 1894.
A Semana — 1885-1895.
O Mequetrefe — 1875-1891.
Revista Ilustrada — 1888.
O Mosquito — 1869-1877.
O Figaro — 1876-1878.
Vida Fluminense
Comédia popular — 1877.
O Besouro — 1878-1879.
Revista Mundial — 1894-1895.

- O Álbum* — 1893-1895.
O País.
A Cidade (Recife) — 1894.
O Democrata (Belém) 1895.
Jornal de Notícias (Bahia) 1897.
Almanaque dos teatros — 1896.
Revista do Instituto Histórico
Gazeta da Tarde (Pôrto Alegre) 1895-1896.
A Fôlha (Rio).
Correio do Povo (Pôrto Alegre, 1910).
Teatro & Sport (Rio).
Comédia (Rio).
Dom Quixote (Rio).
A Fôlha (Rio)
Revista da Semana, (Rio).
A Gazeta, (São Paulo).
El Telegrafo (Uruguai).
El Dia (Buenos Aires).
La Razon (Buenos Aires).
Revista de La Moda (Buenos Aires).
Jornal do Brasil (Rio).
Fôlha da Noite (São Paulo).
Jornal do Comércio (Rio).

MEMENTO DA VIDA DE APOLÔNIA PINTO

- 1854 — Nasce, em São Luis do Maranhão, a 21 de junho.
- 1866 — Estréia, no mesmo teatro em que nasceu.
- 1870 — Estréia, no Rio de Janeiro com "A Morgadinha do Val Flor", a 1 de janeiro contratada por Furtado Coelho. Interpreta a Margarida de "O Fausto".
- 1872 — Novamente contratada por Furtado Coelho. Contratada pelo ator Valle.
- 1873 — Segundo contrato por Heller.
- 1875 — Novamente contratada pelo ator Valle como primeira atriz.
- 1876 — Terceiro contrato pelo Heller.
- 1877 — Contratada pelo ator Vasques. Contratada pela Ismênia. Faz com grande sucesso o papel de Luisa em "As duas órfãs", e o de Mimi em "A doida de Montmayour".
- 1878 — Novamente com Furtado Coelho. Cria o papel de Luisa em "O primo Basílio", de Eça de Queiroz.
- 1879 — Excursão ao Norte como empresária.
- 1881 — Novamente contratada por Ismênia dos Santos.
- 1882 — Faz com grande sucesso os dois personagens Clara e Zoé, em "Raça Maldita". Organiza sua primeira emprêsa no Rio, no Teatro Lucinda.
- 1885 — Novamente empresária, no Teatro Lucinda.
- 1889 — Primeira atriz da Companhia Dias Braga. Cria o papel de Luisa, a médica em "As doutoras", de França Junior.
- 1890 — Primeira atriz da emprêsa de Furtado Coelho. Faz sucesso no papel em "Dalila", de Octave Feuillet.
- 1891 — Novamente primeira atriz da Emprêsa Dias Braga.
- 1892 — Grande sucesso no papel de Mercedes de "O Conde de Monte Cristo" na mesma emprêsa. Cria o papel de Helena, em "O Defunto", de Filinto de Almeida.

- 1893 — Cria o papel de Santuza em "A cavalaria rusticana". Excursão a São Paulo.
- 1895 — Primeira viagem a Portugal.
- 1896 — Excursão ao Sul.
- 1896 — 1897 — Excursão ao Norte.
- 1899 — Excursão ao Sul.
- 1905 — Excursão a Portugal.
- 1908 — 1910 — Excursão pelo Brasil.
- 1916 — Teatro da Natureza, Rio.
- 1917 — 1922 — Trianon.
- 1923 — Excursão ao Prata.
- 1925 — Jubileu.
- 1937 — Falecimento.

ICONOGRAFIA SÔBRE APOLÔNIA PINTO

- I. Fotografia, de 1870.
- II. Retrato a creiom, capa da revista "Vida Fluminense", 15 de junho de 1872.
- III. Fotografia, no papel de *Margarida* de "O Fausto", em 1873.
- IV. Fotografia, de 1885.
- V. Fotografia, em "Os Mistérios do Convento", 1887.
- VI. Fotografia, de 1888.
- VII. Fotografia, quando primeira dama da Companhia Dias Braga, em 1893.
- VIII. Fotografia feita no Rio Grande do Sul, em 1895.
- IX. Retrato a nanquim, por L. Amaral, publicado no "Almanaque dos Teatros", em 1896.
- X. Fotografia, de 1920.
- XI. Caricatura, de Raul Pederneiras, em 1922.
- XII. Fotografia feita ao chegar a Montevidéu, em companhia de Abigail Maia, Manoel Durães e Oduvaldo Viana, em 1923.
- XIII. Fotografia de uma cena de "Flôres de Sombra", com Amália Cipitani, em 1930.
- XIV. No terraço do Teatro Fênix, em companhia de colegas que foram cumprimentá-la.
- XV. Fotografia, em companhia do marido, o ator Germano Alves, em 1930.
- XVI. Fotografia, no papel de D. Cristina, de "Flôres de Sombra", de Claudio de Sousa, em 1930.
- XVII. Apolônia Pinto, num desenho a bico de pena, por Seth.
- XVIII. Fotografia no palco do Teatro Fênix, em companhia de Germano Alves, ao ser entrevistada por Edmundo Lys, em 1930.
- XIX. Fotografia no palco do Teatro Rival, quando saudada pelo jornalista Reis Perdigão recebia significativa homenagem da Companhia Dulcina-Odilon, em 1934.
- XX. Fotografia feita no "Retiro dos Artistas".
- XXI. No Retiro dos Artistas.

**Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1953**

